



*VLADIMIR* **NABOKOV**

TRUCUŢIAŞI TOROŞI, BAVŞTEŞI

# A defesa Lujin

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais*

***lutando por dinheiro e poder, então  
nossa sociedade poderá enfim evoluir a  
um novo nível."***



VLADIMIR NABOKOV

*A DEFESA LUJIN*

Tradução do inglês:  
JORIO DAUSTER

Copyright © 1984 by Vladimir Nabokov

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial

*Este livro foi publicado mediante acordo com o Espírito de Vladimir Nabokov*

A edição brasileira tomou como base a edição americana de  
*Zacharys Lyana*, traduzida por Michael Scammell  
com a colaboração de Vladimir Nabokov

Título original da edição americana  
*The defense*

Capa:

*Rita da Costa Aguiar sobre projeto gráfico original de Chôá Kidi*

Imagens de capa

*Hulton-Deutsch Collection / Corbis / LatinStock (no topo)*

*Brian David Searns / Corbis / LatinStock (ambiente)*

*Ilustração de Rita da Costa Aguiar (círculo)*

Preparação:

*Maria Cecília Cavapreso*

Revisão:

*Ana Maria Barbosa*

*Cláudia Nunes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Brasileira de Catálogo - Brasília

N.º de reg. Min. da. 1059-1072

A. 8569a (1984) / Vladimir Nabokov. Edição de 1984  
Lançad. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Título original: The defense  
CDD 920-65-253-152.7

1. Romance norte-americano. I. Título.

07-10852

1-10413

Imagem para catálogo decorativo  
Sociedade Literária Wotrzenburga 815

**2008**

Todos os direitos desta edição reservados à

COMPANHIA DAS LETRAS

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 33

04522-002 — São Paulo, SP

Telefone (11) 5707-5500

Fax (11) 5707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Para Vera*

# Contracapa

Contra a expectativa do pai, que o queria violinista ou pintor, o pequeno Lujin revela-se um enxadrista prodigioso. O menino cresce afastado de seu país, a Rússia em plena revolução bolchevique; e a falta de referências contribui para que construa um universo à parte e aprenda a decodificar o mundo pelas regras do xadrez. Durante uma partida decisiva, Lujin é surpreendido pelo oponente com uma jogada inesperada e banal. O lance



desencadeia uma crise da qual terá dificuldade para se recuperar — e sua vida se torna uma sucessão de estratégias delirantes em que real e imaginário perdem os contornos, e a existência se reduz a um grande tabuleiro de xadrez.

Publicado em 1930, este livro prefigura alguns dos temas-chave das décadas seguintes, como os limites do racionalismo e a formação da identidade em tempos de guerra. Terceiro romance de Vladimir Nabokov, *A defesa Lujin* revela não apenas um eminente prosador do século XX, como também um de seus mais argutos intérpretes.

Na abertura de *A defesa Lujin*, o personagem central é enviado pela primeira vez à escola e fica sabendo que a partir de então seria chamado pelo nome

da família. O garoto se assusta: ao adotar o sobrenome que havia notabilizado o pai escritor, Lujin vê-se obrigado a abandonar a infância e a assumir responsabilidades para as quais não se julgava preparado. Apesar das notas medíocres e da falta de amigos, Lujin não demora a demonstrar extremo talento para o jogo de xadrez. Levado pelas mãos de seu empresário e tutor, o enxadrista prodígio participa de campeonatos pela Europa, sem dela conhecer mais do que quartos de hotel e salões de jogos.

Em um mundo que não cessa de exigir respostas firmes e imediatas, a incapacidade de adaptação torna-se a tônica na trajetória do protagonista, marcada por um alheamento que o faz perder gradualmente os vínculos com a

razão. Lujin torna-se um adulto apático e sombrio, sem nenhum preparo para enfrentar a Europa daqueles anos.

É evidente aqui a preocupação de Nabokov em lidar com questões cruciais de seu tempo: a construção da memória em época de catástrofe, a convulsão de um continente iludido pela crença na racionalidade e na técnica, o desamparo causado pelo exílio. Ficam igualmente claros, nos delirantes volteios mentais do protagonista, ecos da melhor tradição da literatura russa, que levou ao paroxismo a exploração da inferioridade dos personagens.

Nabokov questiona neste livro o papel destinado à arte em períodos de turbulência política. Por mais intensos que fossem os sonhos do pai em transformar o

filho num músico ou pintor, o destino reservado ao garoto é o de estrategista, capaz de pensar a existência apenas como um grande tabuleiro de xadrez, numa tentativa vã de evitar o xeque-mate.

Como mostra com primor em *Lolita*, quase trinta anos mais tarde, a ideia de uma infância idílica e inocente é ilusória: os tempos sombrios, sugere a melancólica trajetória de Lujin, também alcançam a primeira idade.

Vladimir Nabokov nasceu em São Petersburgo, em 1899. Exilado de sua Rússia natal em 1919, seguiu para a Inglaterra, onde estudou literatura francesa e russa no Trinity College, em Cambridge. Viveu ainda em Berlim e Paris, antes de emigrar para os Estados Unidos, em 1940. Em 1961, mudou-se

para Montreux, na Suíça, onde morreu em 1977.

# Prefácio

O título em russo deste romance é *Zachtchita Lujina*, que significa “A defesa Lujin”, referência a uma tática no jogo de xadrez supostamente inventada por meu personagem, o grande mestre Lujin: seu nome rima com a palavra inglesa *illusion*, se pronunciada de forma suficientemente gutural para aprofundar o som do “u”. Comecei a escrevê-lo na primavera de 1929, em Le Boulou — uma pequena estação de veraneio nos Pireneus

orientais onde eu caçava borboletas —, e o terminei em Berlim no mesmo ano. Lembro com especial nitidez de uma grande rocha inclinada nas colinas cobertas de tojos e azevinhos onde pela primeira vez me ocorreu o tema central do livro. Poderia acrescentar algumas informações curiosas se me levasse mais a sério.

Sob o pseudônimo V. Sirin, *Zachtchita Lujina* saiu na revista trimestral para emigrados russos *Sovremennye Zapiski* (Paris) e logo depois foi publicado em forma de livro pela editora de emigrados *Slovo* (Berlim, 1930). Aquela edição em brochura, com 234 páginas no formato 14 x 21 cm e a capa de um preto fosco com letras douradas, é hoje rara e pode se tornar

ainda mais rara.

O pobre Lujin teve de esperar 35 anos por uma edição em inglês. Verdade que, no final da década de 1930, houve um alvoroço promissor quando um editor americano mostrou interesse na obra, mas, tendo ele revelado ser daquele tipo que sonha em se tornar a musa masculina de seu autor, nosso breve relacionamento terminou de chofre, quando sugeriu que eu substituísse o xadrez pela música e fizesse de Lujin um violinista louco.

Relendo agora o romance, repetindo as jogadas do enredo, sinto-me um pouco como Anderssen ao relembrar com ternura seu sacrifício das duas torres na partida com o nobre e infeliz Kieseritsky — condenado a aceitá-lo um sem-número de vezes numa infinidade de manuais de



xadrez e tendo como único monumento um ponto de interrogação. Não foi fácil compor minha história, porém tive grande prazer em aproveitar essa ou aquela imagem ou cena a fim de introduzir um padrão fatal na vida de Lujin e dotar a descrição de um jardim, de uma viagem ou de uma sequência de acontecimentos banais com a aparência de um jogo cerebral e, em particular nos últimos capítulos, de um ataque de xadrez que vai demolindo os elementos mais profundos da sanidade mental do pobre coitado. Nesse sentido, gostaria de poupar o tempo e os esforços daqueles que ganham alguns trocados fazendo crítica literária—e em geral das pessoas que movem os lábios ao ler e das quais não se esperaria que enfrentassem um romance sem diálogos

quando podem entrever tanta coisa no prefácio —, chamando a atenção para a primeira vez em que aparece o tema da janela coberta de geada (associado com o suicídio de Lujin, ou melhor, com seu “sui-xeque-mate”) já no capítulo 11, ou para a forma patética como meu macambúzio grande mestre relembra suas viagens profissionais não no que diz respeito a etiquetas de bagagem desbotadas de sol e projeções de lanterna mágica, e sim aos ladrilhos de vários banheiros de hotel e toaletes de corredor — aquele chão com quadrados brancos e azuis onde descobriu e analisou, do alto de seu trono, as continuações imaginárias da partida em curso; ou um desenho provocadoramente assimétrico, chamado nas lojas de “ágata”, com um movimento

do cavalo em três losangos de cores berrantes que interrompe, aqui e ali, o colorido neutro do linóleo de quadrados regulares que se estende entre o *Pensador* de Rodin e a porta; ou certos retângulos pretos e amarelos, grandes e reluzentes, cuja coluna em forma de H havia sido cruelmente cortada pelo ocre vertical do cano de água quente; ou aquele toailete palaciano em cujas belas lajotas de mármore ele reconheceu, intactos, os sombrios contornos da exata posição sobre a qual meditara profundamente, com o queixo pousado no punho, certa noite muitos anos atrás. Mas os efeitos de xadrez que semeei ao longo do livro podem ser observados não apenas nessas cenas individuais, pois sua concatenação está presente na própria estrutura deste

romance encantador. Assim, lá para o fim do capítulo 4 faço um movimento inesperado no canto do tabuleiro, dezesseis anos se passam no espaço de um parágrafo, e Lujin, de repente promovido à condição de um adulto gasto e transferido para uma estação de veraneio na Alemanha, é visto numa mesa de jardim, apontando com a bengala para uma janela de hotel da qual se recorda (mas não o último quadrado de vidro de sua vida) e falando com alguém (uma mulher, a julgar pela bolsa sobre a mesa de ferro) que só vamos conhecer no capítulo 6. O tema retrospectivo iniciado no capítulo 4 aos poucos faz surgir a imagem do falecido pai de Lujin, cujo próprio passado é tratado no capítulo 5 quando ele, por sua vez, rememora o

começo da carreira de enxadrista do filho e a estiliza mentalmente a fim de transformá-la numa narrativa sentimental para jovens leitores. Retornamos ao hotel no capítulo 6 e deparamos com Lujin ainda manuseando a bolsa e se dirigindo a sua companheira, até então pouco nítida, mas que nesse momento sai das sombras, afasta a bolsa, menciona a morte do pai de Lujin e se torna uma parte distinta da trama. Toda a sequência de lances nesses três capítulos estruturantes traz à mente — ou deveria trazer — certo tipo de problema de xadrez em que o objetivo não consiste apenas em alcançar o xeque-mate em determinado número de jogadas, e sim em algo semelhante a uma autópsia, pois quem o soluciona tem de provar, mediante o estudo retrospectivo das posições no

diagrama, que o último lance das pretas *não podia* ter sido o roque ou *deveria* ter sido a captura do peão branco *en passant*.

Neste prefácio elementar, não é necessário nos alongarmos sobre os aspectos mais complexos de minhas peças de xadrez e estratégias de jogo. No entanto, cumpre dizer que, de todos os meus romances em russo, *A defesa Lujin* é aquele que contém e irradia mais “calor” — o que pode parecer estranho considerando-se quão supremamente abstrato se imagina ser o xadrez. Na verdade, Lujin tem sido visto com carinho até mesmo por quem não entende nada de xadrez e/ou detesta todos os meus outros livros. Ele é desajeitado, pouco asseado, feio — mas, como rapidamente observa minha gentil senhorita (ela própria muito

simpática), há algo nele que transcende tanto a aspereza de sua pele acinzentada quanto a aridez de sua genialidade recôndita.

Nos prefácios que venho escrevendo ultimamente para as edições em língua inglesa de meus romances em russo (e outras virão), costumo enviar algumas palavras de estímulo à delegação vienense. Este prefácio não será uma exceção. Os analistas e os analisados apreciarão, assim espero, alguns detalhes referentes ao tratamento a que Lujin é submetido após seu colapso nervoso (tal como a insinuação terapêutica de que um enxadrista vê mamãe na sua rainha e papai no rei do adversário), e o freudianozinho que confunde uma gazua com a chave de um romance sem dúvida continuará a

identificar meus personagens com a noção simplória que tem de meus pais, de minhas namoradas e das várias personas que já encarnei. Em benefício de tais detetives, acho melhor confessar logo que dei a Lujin minha preceptora francesa, meu jogo de xadrez de bolso, meu temperamento dócil e o caroço do pêssego que colhi no meu jardim murado.

VLADIMIR NABOKOV

Montreux, 15 de dezembro de 1963



# 1

O que mais o impressionou foi o fato de que, a partir de segunda-feira, ele seria chamado de Lujin. Com um sorriso nos lábios, seu pai — o verdadeiro Lujin, o Lujin mais velho, o escritor — foi embora esfregando as mãos (já besuntadas com creme hidratante para a noite) e voltou ao quarto de dormir arrastando os chinelos de camurça. Sua esposa estava deitada. Ergueu-se sobre os cotovelos e perguntou: “E então? Como foi a coisa?”. Ele tirou o

robe cinzento e respondeu: “Tudo bem. Aceitou calmamente. Ufa... tirei um peso dos ombros”. “Que bom”, disse sua mulher, voltando a se cobrir devagar com o lençol de seda. “Graças a Deus, graças a Deus...”

De fato era um alívio. Durante todo o verão — um breve verão no campo, que consistia essencialmente de três odores: lilás, feno recém-cortado e folhas mortas —, eles haviam discutido sobre quando e como lhe dar a notícia, adiando sempre a decisão, até o fim de agosto. Tinham se movido com apreensão a seu redor em círculos cada vez mais estreitos, mas bastava ele levantar a cabeça para que o pai, com fingido interesse, começasse a dar umas batidinhas com o dedo no mostruário do barômetro, cujo ponteiro

sempre indicava uma tempestade, enquanto a mãe escapava de mansinho para os fundos da casa, deixando todas as portas abertas e esquecendo em cima do piano a braçada de jacintos azuis que pensava pôr nas jarras. A corpulenta preceptora francesa, que costumava ler em voz alta para ele.

O conde de Monte Cristo (interrompendo a leitura para exclamar com grande emoção “pobre Dantès, pobre Dantès!”), propôs aos pais que ela mesma pegaria o touro pelos chifres, embora morresse de medo daquele touro. O pobre, pobre Dantès não inspirava no menino a menor compaixão e, observando os suspiros pedagógicos da preceptora, ele apenas apertava os olhos e triturava com a borracha o papel de desenho ao

tentar retratar da forma mais medonha possível o avantajado busto dela.

Muito tempo depois, num inesperado ano de lucidez e encantamento, era com um prazer estonteante que ele recordava aquelas horas de leitura na varanda, a qual parecia flutuar em meio aos ruídos vindos do jardim. A lembrança era saturada de sol e do gosto da tinta adocicada dos bastões de alcaçuz que a preceptora cortava com golpes de canivete e o convencia a manter por algum tempo sob a língua. E as tachinhas que ele pusera certa vez no assento de palha, destinado a receber com estalidos sucessivos o obeso traseiro da francesa, eram, olhando para trás, equivalentes à luz do sol, aos sons do jardim e ao mosquito que se grudava no seu joelho

esfolado enquanto erguia com êxtase o abdome rubescente. Um menino de dez anos conhece bem cada um de seus joelhos, até o último detalhe — o calombo que foi coçado até sangrar, as riscas brancas das unhas na pele bronzeada e todos aqueles arranhões que são as assinaturas dos grãos de areia, pedregulhos e gravetos cortantes. O mosquito tratava de escapar de seu tapa; a preceptora lhe pedia que parasse de se mexer tanto. Num frenesi de concentração, pondo à mostra os dentes desalinhados (que um dentista de São Petersburgo tinha unido com um fio de platina) e baixando a cabeça com um redemoinho de cabelos no topo, ele coçava e coçava o lugar da picada com todos os cinco dedos — e lentamente, com um horror crescente, a

preceptora se debruçava sobre o caderno de desenho chegando cada vez mais perto da incrível caricatura.

“Não, é melhor que eu mesmo conte”, reagiu Lujin pai, sem muita convicção, à sugestão dela. “Vou lhe dizer depois, deixemos que tome o ditado em paz. ‘O chefe da seção abriu uma exceção no início da sessão’, ditou Lujin pai em voz pausada, andando de um lado para o outro da sala de estudo. E seu filho, praticamente deitado sobre a mesa e expondo os dentes em seus andaimes metálicos, escrevia deixando espaços em branco no lugar das palavras “seção”, “exceção” e “sessão”. Em aritmética as coisas iam melhor: havia algo de misteriosamente encantador no fato de que um número de muitos algarismos, ao qual

se chegara com dificuldade, no momento decisivo — e após muitas aventuras — podia ser dividido por dezenove sem deixar nenhum resto.

Lujin pai temia que, ao se dar conta de que era necessário aprender os nomes de Sineus e Truvor — fundadores da Rússia, mas personagens dos quais de fato nada era sabido —, assim como a lista de palavras russas que contêm a letra “yat” e os principais rios do país, o menino faria o mesmo escândalo de dois anos atrás, quando devagar e pesadamente, ao som das escadas que rangiam e dos assoalhos que gemiam sob o peso de grandes baús, enchendo toda a casa com sua presença, a preceptora francesa tinha aparecido pela primeira vez. Todavia, nada do gênero aconteceu: ouviu com toda a calma e

somente quando o pai, tentando ressaltar os pormenores mais interessantes e atraentes, lhe disse que seria chamado por seu sobrenome, como o são os adultos, é que seu filho enrubesceu, começou a piscar, jogou-se de costas sobre a cama, abrindo a boca e sacudindo a cabeça (“Não se contorça desse jeito”, disse o pai apreensivo, notando a confusão do menino e esperando a chegada das lágrimas). Mas ele não caiu no pranto e, em vez disso, enfiou o rosto no travesseiro, fazendo sons explosivos com os lábios. Levantando-se de repente — o rosto amarfanhado, vermelho, os olhos brilhando —, perguntou num jorro de palavras se em casa também o chamariam de Lujin.

E agora, naquele dia encoberto e



tenso, a caminho da estação para pegar o trem de volta a São Petersburgo, Lujin pai, sentado ao lado da esposa na carruagem aberta, olhou para o filho — pronto a sorrir imediatamente se ele voltasse em sua direção o rosto que teimava em manter virado para o outro lado — e se perguntou por que razão o menino ficara de repente tão “retesado”, como sua mulher costumava dizer. Estava sentado no assento dianteiro, de frente para o casal, enrolado numa capa escura de tweed e usando um boné de marinheiro meio de banda na cabeça, mas que ninguém ousaria endireitar naquele momento. Olhava para o lado, vendo passar os grossos troncos das bétulas enfileiradas ao longo de uma vala cheia de suas folhas.

“Você não está com frio?”, perguntou a mãe quando a estrada embicou rumo ao rio e uma lufada de vento fez ondular a asa de pássaro cinzenta que lhe enfeitava o chapéu. “Estou sim”, disse o menino, olhando para o rio. Com uma espécie de miado, ela inclinou-se para a frente e já ia ajeitar a capa do filho, mas, reparando em seu olhar, recolheu rapidamente a mão e apenas indicou com um movimento dos dedos que ele devia fechar melhor o agasalho. O menino nem se mexeu. Franzindo os lábios para soltar a *voilette* da boca — um gesto habitual, quase um tique —, ela olhou para o marido num pedido mudo de ajuda. Ele também usava uma capa de lã; as mãos, protegidas por grossas luvas, descansavam sobre uma manta axadrezada que caía docemente

para formar um vale e voltava a se elevar até atingir a cintura de Lujin filho.

“Lujin”, disse o pai com fingida jovialidade, “ei, Lujin?”, e carinhosamente cutucou o filho com a perna por baixo da manta. O menino encolheu os joelhos. Surgiram as cabanas de troncos dos camponeses, com seus telhados cobertos de espesso musgo de um verde vibrante, e logo depois a velha e familiar placa com os dizeres quase apagados (nome da aldeia e número das “almas” que abrigava), seguida do poço comunitário com seu balde, sua lama negra e uma aldeã de pernas brancas. Transposta a aldeia, os cavalos subiram a colina a passo, e atrás deles, mais abaixo, apareceu a segunda carruagem na qual vinham bem apertadinhas a preceptora e a

governanta, que se detestavam com todas as forças. O cocheiro estalou os lábios e os cavalos voltaram a trotar. No céu descolorido, um corvo voou lentamente sobre o campo recém-ceifado.

A estação ficava a dois quilômetros e meio da mansão, no ponto em que o caminho, após atravessar tranquilamente um bosque de pinheiros que ecoava os sons da carruagem, cruza a estrada de rodagem para São Petersburgo e os trilhos da via férrea, se a cancela estiver erguida, seguindo rumo ao desconhecido. “Se quiser, pode ir brincar com as marionetes”, disse Lujin pai buscando ser simpático quando o filho pulou da carruagem e fixou o olhar no chão, movendo o pescoço irritado pela capa de lã. Sem dizer uma palavra, o menino

pegou a moeda de dez copeques que lhe foi oferecida. A preceptora e a governanta desceram com dificuldade da segunda carruagem, cada qual por um lado. O pai tirou as luvas. A mãe, afastando o véu, ficou observando o carregador atarracado que recolhia as mantas. Uma súbita rajada levantou as crinas dos cavalos e enfunou as mangas carmesins do cocheiro.

Encontrando-se sozinho na plataforma da estação, Lujin caminhou até o mostruário onde cinco bonequinhos com as pernas nuas e pendentes aguardavam a queda de uma moeda a fim de ganharem vida e fazerem piruetas; naquele dia, porém, a expectativa deles se frustrou porque a máquina estava quebrada e a moeda se perdeu. Lujin esperou um pouco e, dando meia-volta, foi até a beirada da

plataforma. À direita, sentada sobre um enorme fardo, uma garotinha comia uma maçã verde, o cotovelo apoiado na palma da mão. À esquerda, um homem que usava perneiras e trazia na mão um chicote olhava para a distante fímbria da floresta, onde dentro de alguns minutos apareceria o sinal precursor do trem — uma golfada de fumaça branca. Em frente, do outro lado dos trilhos e junto a um vagão de segunda classe amarelado (que, ao lhe tirarem as rodas, havia deitado raízes no solo e se transformado numa habitação), um mujique cortava lenha. De repente, tudo foi obscurecido por uma névoa de lágrimas que lhe queimavam as pálpebras; era impossível suportar o que estava por acontecer — o pai com um leque de passagens nas mãos, a mãe contando as

malas com os olhos, o trem chegando  
veloz, o carregador encostando a  
escadinha junto à porta do vagão para  
facilitar a entrada dos passageiros. Olhou  
ao redor. A garotinha ainda comia a maçã;  
o homem de perneiras fitava o horizonte;  
tudo estava calmo. Caminhou até o final  
da plataforma da estação como se  
estivesse passeando e só então começou a  
mover-se com grande rapidez. Desceu aos  
pulos alguns degraus e enveredou por uma  
trilha de terra batida, deixando para trás o  
jardim do chefe da estação, uma cerca,  
uma portinhola, um renque de pinheiros e  
mais além uma pequena ravina, até chegar  
à densa floresta.

De início correu em linha reta, sendo  
chicoteado pelas samambaias e  
escorregando nas folhas avermelhadas

dos lírios-do-vale. Com o boné preso atrás do pescoço apenas pelo elástico, os joelhos muito quentes dentro das meias de lã que costumava usar na cidade, ele chorava enquanto corria, balbuciando xingamentos infantis quando um graveto o atingia na testa, até que parou, ofegante, e se pôs de cócoras com a capa cobrindo as pernas.

Só hoje, no dia em que voltavam para a cidade — um dia que nunca era agradável porque a casa ficava cheia de correntes de ar e a gente sentia tanta inveja do jardineiro, que não ia a lugar nenhum —, ele se dera conta do imenso horror que significava a mudança de que seu pai tinha falado. Os retornos para casa no outono em anos anteriores pareciam agora o suprassumo da felicidade. Nunca



mais se repetiriam seus passeios matinais com a preceptora — sempre seguindo pelas mesmas ruas, ao longo do Nevsky e de volta à casa pelo cais. Passeios felizes. Às vezes ela sugeria que começassem pelo cais, mas ele sempre recusava — não tanto porque desde a mais tenra infância gostasse de se ater a rotinas, mas porque tinha verdadeiro pavor do canhão na fortaleza de Pedro e Paulo, daquela imensa percussão trovejante que fazia tremer os vidros das janelas das casas e era capaz de estourar os tímpanos de qualquer pessoa — e sempre dava um jeito (graças a manobras imperceptíveis) de estar no Nevsky ao meio-dia, tão longe quanto possível do canhão, cuja detonação, caso fosse outro o sentido do passeio, o teria alcançado exatamente

diante do Palácio de Inverno. Nunca mais gozaria também daqueles deliciosos devaneios após o almoço, quando se espichava no sofá sob a manta que imitava pele de tigre; às duas em ponto tomava leite na xícara de prata, o que lhe dava um gosto especial; às três, saíam para uma volta no landau de capota aberta. Em troca disso tudo, estava para chegar algo novo, desconhecido e portanto pavoroso, um mundo impossível, inaceitável, onde haveria cinco aulas das nove às três e um montão de meninos ainda mais assustadores do que aqueles que recentemente, num dia de julho, o haviam cercado na ponte perto da casa de campo, apontando pistolas de brinquedo e atirando projéteis em forma de varetas cujas pontas de borracha haviam sido

perfidamente arrancadas.

A floresta estava silenciosa e úmida. Tendo chorado até não poder mais, brincou durante algum tempo com um besouro que mexia nervosamente as antenas, divertindo-se depois ao esmagá-lo com uma pedra para tentar reproduzir o succulento estalido inicial. Notou então que começara a choviscar. Levantou-se, encontrou uma trilha conhecida e, tropeçando nas raízes, saiu correndo no sentido da mansão com vagos pensamentos de vingança: esconder-se-ia lá e passaria o inverno comendo queijo e geleia apanhados na despensa. A trilha serpenteou por uns dez minutos através da floresta, desceu rumo ao rio (cuja superfície estava pontilhada de círculos feitos pelas gotas de chuva), e cinco

minutos depois apareceu a serraria, a ponte para pedestres em que a gente afundava até os tornozelos na serragem, o caminho de subida e por fim a mansão mais além das moitas de lilases, agora desfolhadas. Esgueirou-se por uma parede, viu que a janela da sala de visitas estava aberta, subiu pela calha até a cornija (cuja tinta verde já estava descascando) e rolou por cima do parapeito. Uma vez na sala de visitas, parou e ficou à escuta. Um daguerreótipo de seu avô materno — costeletas negras e violino em punho — fitava-o do alto, mas desapareceu por completo, dissolvendo-se no vidro, tão logo ele olhou o retrato de lado — uma melancólica brincadeira que nunca dispensava ao entrar na sala. Enquanto pensava no que fazer, o lábio

superior ficou empurrando o fio de platina para cima e para baixo dos dentes dianteiros. Abriu então a porta cautelosamente e, assustando-se com o eco vibrante que já se instalara na casa tão cedo após a partida de seus donos, disparou pelo corredor e dali escada acima rumo ao sótão. Tratava-se de um sótão especial, com uma janela pequena pela qual se podia ver a escada e o brilho castanho do corrimão, que fazia uma curva elegante para baixo até se perder na penumbra. A casa estava em absoluto silêncio. Pouco depois, vindo do térreo, do escritório de seu pai, subiu o tilintar abafado de um telefone. Com pequenos intervalos, o tilintar continuou por um bom tempo. Depois fez-se silêncio novamente.

Acomodou-se em cima de uma caixa. Perto dela havia outra caixa semelhante, porém aberta e com livros dentro. Uma bicicleta de mulher, com a rede verde da roda traseira rasgada, estava posta num canto de cabeça para baixo, entre um enorme baú e uma tábua não aplainada encostada à parede. Passados alguns minutos, Lujin entediou-se, tal como acontece quando enrolam uma flanela em volta do pescoço da gente e nos impedem de sair. Remexeu nos livros empoeirados, deixando neles marcas escuras. Além dos livros, na caixa aberta havia uma peteca com uma única pena, uma grande fotografia (de uma banda militar), um tabuleiro de xadrez rachado e outras coisas não muito interessantes.

Assim se passou uma hora. De

repente, ouviu o barulho de vozes e o ranger da porta da frente. Dando uma olhada cautelosa pela janelinha, viu lá embaixo seu pai, que subiu a escada com a desenvoltura de um jovem; porém, antes de alcançar o patamar, desceu às pressas, jogando os joelhos para os lados. As vozes eram agora bem claras; lá estava o mordomo, o cocheiro, o vigia. Um minuto depois a escada voltou a se animar: dessa vez sua mãe subiu depressa, erguendo a saia, mas também parou antes do patamar, debruçando-se sobre o corrimão antes de descer em passos ligeiros e com os braços bem abertos. Por fim, transcorrido mais um minuto, todos subiram como se formassem um destacamento policial — a calva de seu pai reluzia, o pássaro no chapéu de sua mãe balançava como um

pato num laguinho agitado, os cabelos grisalhos e cortados à escovinha do mordomo subiam e desciam em cadência; na retaguarda, inclinando-se a todo momento por sobre o corrimão, vinham o cocheiro, o vigia, sabe-se lá por que Akulina (encarregada de ordenhar as vacas) e finalmente um camponês de barba negra que trabalhava no moinho, futuro habitante de futuros pesadelos. E foi ele, o mais forte, que levou Lujin do sótão para a carruagem.



# 2

Lujin pai, o Lujin que escrevia livros, pensava com frequência no que o filho iria ser. Em seus livros (com exceção de um romance há muito esquecido e intitulado Eflúvios, todos eles escritos para jovens alunos do curso secundário e publicados com capas tão resistentes quanto chamativas), constantemente surgia a imagem de um rapaz louro, ao mesmo tempo “obstinado” e “sonhador”, que se tornaria um violinista ou um pintor sem

jamais perder sua beleza moral. Embora pouco perceptível, uma centelha secreta de talento distinguia seu filho de todas as crianças que, em sua opinião, estavam fadadas a se tornar pessoas inteiramente ordinárias (pois existe esse tipo de gente). Lembrando-se sempre de que seu falecido sogro fora um compositor (conquanto algo árido e propenso, na idade madura, aos esplendores duvidosos do virtuosismo), mais de uma vez, num sonho agradável que se assemelhava a uma litografia, ele descia à noite com uma vela até a sala de visitas onde uma criança-prodígio, vestindo um longo camisolão branco, tocava num enorme piano negro.

Achava que todos deviam ver como seu filho era excepcional, que um estranho talvez pudesse entender isso melhor do

que ele próprio. A escola que selecionara para o filho era famosa em especial pela atenção que dedicava à chamada “vida interior” dos alunos, assim como por sua visão humanista, benevolência e acuidade psicológica. Segundo a tradição, em seus primórdios os professores costumavam brincar com os alunos durante o recreio: o mestre de física, olhando por cima do ombro, preparava uma bola de neve bem compacta; o instrutor de matemática, correndo para chegar a uma base, era atingido nas costelas por uma bolinha muito dura no jogo de *lapta* (beisebol russo); e até o diretor lá estaria, encorajando as equipes com gritos alegres. Essas partidas em comum já não se realizavam, porém a fama idílica permanecia viva. O chefe de estudos da

classe de seu filho era o professor de literatura russa, bom amigo de Lujin e, diga-se de passagem, razoável poeta lírico, autor de uma coletânea de imitações de Anacreonte. “Venha me visitar”, ele dissera no dia em que Lujin levara o filho pela primeira vez à escola. “Qualquer quinta-feira por volta do meio-dia.” Lujin foi visitá-lo. As escadas estavam desertas e silenciosas.

Atravessando o hall para chegar à sala de professores, ouviu o coro abafado de gargalhadas estrondosas que vinha da segunda classe. No silêncio que se seguiu, seus passos ressoaram com uma sonoridade acentuada no assoalho amarelo do comprido hall. Na sala de professores, sentado a uma grande mesa coberta de feltro (que o fez lembrar de

antigos exames), seu amigo escrevia uma carta.

Ele não havia conversado com o professor desde que seu filho entrara para a escola, e agora, visitando-o um mês depois, sentia-se dominado por um misto de expectativa, ansiedade e timidez — as mesmas emoções que sentira quando, vestindo o uniforme de universitário, tinha ido se encontrar com o editor de uma revista literária para quem enviara pouco antes seu primeiro conto. Agora, como então, em vez das palavras de elogiosa admiração que vagamente esperava (como quando a gente desperta numa cidade estranha, antevendo, com os olhos ainda fechados, uma manhã extraordinariamente ensolarada), em vez de todas aquelas palavras que de muito bom grado ele

próprio teria fornecido não fora pela esperança de que seriam ditas por seu interlocutor, ouviu frases frias e insossas que provavam que o professor entendia seu filho ainda menos do que ele. Quanto ao talento oculto, nem uma única palavra. Inclinando o rosto pálido e barbudo com um sulco rosado de cada lado do nariz, o professor removeu cuidadosamente o teimoso pincenê e, esfregando os olhos com a palma da mão, abriu a conversa dizendo que o menino era capaz de obter resultados melhores do que vinha obtendo, que parecia não se dar bem com os colegas, que não corria muito durante o recreio... “O rapaz sem dúvida é bem-dotado”, disse ele, parando de esfregar os olhos, “mas notamos certa letargia.” Nesse momento, uma sineta disparou num

andar inferior e foi subindo até se alastrar por todo o prédio com uma estridência insuportável. Depois, houve dois ou três segundos do mais absoluto silêncio e, de súbito, tudo despertou e se transformou em barulho: tampas de carteiras foram fechadas com estrondo, o hall se encheu de vozes e do tropel de passos. “Hora do recreio”, disse o professor. “Se quiser, podemos descer até o pátio, onde os meninos vão brincar.”

Os alunos surgiram rapidamente pela escadaria de pedra, agarrando-se ao corrimão e deixando que as solas das sandálias escorregassem pelas bordas dos degraus bem polidas pelo uso. No andar térreo, amontoando-se no sombrio vestíbulo, trocaram de calçados, alguns deles, sentados nos largos peitoris das

janelas, bufando enquanto amarravam às pressas os cordões dos sapatos. De repente avistou o filho, que, todo encolhido, tirava com ar de desgosto as botas de dentro de um saco de pano. Um menino de cabelos muito louros esbarrou nele ao passar correndo, e, ao se esquivar, Lujin encontrou os olhos do pai, que lhe sorriu enquanto, com o lado da mão, fazia o vinco de costume no topo de sua alta *chapka* de astracã. Lujin semicerrou as pálpebras e afastou o olhar como se não o tivesse visto. Acocorado no chão de costas para o pai, ocupou-se em calçar as botas; os que já estavam prontos passavam por cima dele e, a cada empurrão, ele se encolhia ainda mais, como se quisesse se esconder num canto escuro. Quando enfim saiu — vestindo um



comprido casacão cinza e um bonezinho de astracã (que era seguidamente derrubado por um garoto truncudo) —, seu pai já se encontrava junto ao portão na outra extremidade do pátio, olhando ainda com ar esperançoso na direção dele. Ao lado do pai estava o professor de literatura e, quando a grande bola cinzenta de borracha que os meninos usavam para jogar futebol por acaso rolou a seus pés, ele instintivamente fez menção de seguir a simpática tradição da escola, mas, em vez de chutá-la, ficou trocando de pés, desajeitado, e quase perdeu uma das galochas, o que o fez soltar uma boa gargalhada. Lujin pai o amparou pelo cotovelo e o filho, aproveitando a oportunidade, voltou para o vestíbulo, onde tudo agora estava tranquilo e o

zelador, oculto pelas fileiras de casacos, bocejava beatificamente. Através do vidro da porta, entre os raios de ferro fundido da grade em forma de estrela, viu quando o pai de repente tirou a luva, se despediu rápido do professor e desapareceu portão afora. Só então ele voltou a se esgueirar para o pátio e, contornando com todo o cuidado os jogadores, seguiu pela esquerda até chegar a um monte de lenha sob uma arcada. Lá, levantando a gola do casaco, sentou-se sobre uma pilha de toras de madeira.

Assim sentado ele passou uns duzentos e cinquenta longos períodos de recreio até ser levado para fora do país. Às vezes o professor aparecia de repente: “Por que você está sempre sentado aí,

Lujin? Devia correr com os outros rapazes”. Lujin levantava-se da pilha de lenha, tentando encontrar um ponto equidistante de três colegas de turma que eram particularmente ferozes naquela hora e desviar-se da bola chutada com estrondo, até que, tendo se assegurado de que o professor estava longe, voltava para a pilha. Escolhera aquele cantinho logo no primeiro dia, naquele dia terrível em que se sentira cercado de tanto ódio e de tanta curiosidade zombeteira que um nevoeiro ardente havia toldado seus olhos, e tudo que ele olhava — devido à maldita necessidade de olhar para alguma coisa — sofria complexas metamorfoses ópticas. A página quadriculada com linhas azuis ficou indistinta; os números brancos no quadro-negro se contraíam e se

expandiam sem cessar; a voz do professor de aritmética foi ficando mais e mais oca e incompreensível, como se ele estivesse se afastando; e o vizinho de carteira, um monstro de perfídia já com pelos no rosto, dizia com indisfarçável satisfação: “E agora ele vai chorar”. Mas Lujin não chorou uma única vez, nem mesmo no banheiro, quando vários colegas se juntaram para enfiar sua cabeça no vaso baixo onde reluziam borbulhas amarelas. “Rapazes”, tinha dito o professor numa das primeiras aulas, “o novo colega de vocês é filho de um escritor. Que, se ainda não leram, devem tratar de ler.” E, em grandes letras, escreveu no quadro-negro, apertando tanto que o giz se esfarelou sob seus dedos com ruído: As aventuras de Tony, Editora Silvestrov. Nos dois ou três

meses seguintes seus colegas o chamaram de Tony. Com um ar de mistério, o brutamontes de pelo no rosto trouxe o livro para a sala e, durante a aula, o mostrou às escondidas para os outros, lançando olhares significativos na direção de sua vítima. Terminada a aula, começou a ler em voz alta do meio do livro, mutilando intencionalmente as palavras. Petrichtchev, que olhava por cima do ombro do brutamontes, quis impedi-lo de virar uma página, a qual se rasgou. Krebs grasnou: “Meu pai diz que ele é um escritor de segunda categoria”. Gromov gritou: “Deixa o Tony ler para nós!”. “Melhor dar um pedaço para cada um”, disse com entusiasmo o palhaço da turma, apoderando-se do simpático volume de capa vermelha e dourada após uma luta

encarniçada. Voaram páginas por toda a sala. Uma delas continha o desenho de um estudante de olhos reluzentes dando sua merenda para um vira-lata numa esquina. No dia seguinte Lujin encontrou o desenho cuidadosamente pregado com tachinhas sob a tampa de sua escrivaninha.

Logo depois, contudo, o deixaram em paz; só o apelido vez por outra pipocava, mas, como ele obstinadamente se recusava a responder, também isso acabou morrendo. Pararam de perceber sua presença, não lhe dirigiam a palavra, e até mesmo o único menino bem-comportado (um tipo presente em qualquer turma, assim como há sempre um aluno gorducho, um parrudo e um piadista) se mantinha distante, temendo compartilhar de sua situação desprezível. Esse mesmo

menino comportado — que seis anos depois, no início da Primeira Grande Guerra, recebeu a Cruz de São Jorge por uma incursão de reconhecimento extremamente perigosa e mais tarde perdeu um braço na Guerra Civil —, ao tentar lembrar-se (na década de 20 do presente século) como Lujin era na escola, só foi capaz de visualizá-lo de costas, sentado à sua frente com orelhas de abano, afastando-se para os fundos do hall a fim de escapar do tumulto ou partindo para casa num trenó de aluguel — as mãos enfiadas nos bolsos, nas costas uma grande mochila de couro branco com malhas pretas, a neve caindo... Bem que o aluno comportado tentou passar à frente de Lujin e ver seu rosto, mas aquela neve especial do

esquecimento, abundante e silenciosa, cobriu sua memória com um véu branco e opaco. E o menino tranquilo de então, agora um irrequieto emigrado, disse ao olhar a foto no jornal: “Imagine, simplesmente não consigo me lembrar da cara dele... Simplesmente não consigo...”.

Mas Lujin pai, espiando pela janela por volta das quatro da tarde, via o tremó se aproximando e o rosto do filho como uma mancha pálida. O menino habitualmente vinha direto ao escritório, sapecava um beijo no ar ao encostar seu rosto no do pai e dava meia-volta de imediato. “Espere”, o pai dizia, “espere. Me diga como foi hoje. Você foi chamado ao quadro-negro?”

Olhava com avidez o filho, que desviava o rosto, querendo pegá-lo pelos



ombros, sacudi-lo, plantar sonoros beijos na bochecha pálida, nos olhos, na têmpora frágil e côncava. Durante todo aquele primeiro inverno na escola, o anêmico Lujin exalava um triste cheiro de alho devido às injeções de arsênico prescritas pelo médico. O fio de platina havia sido retirado, mas, por força do hábito, ele continuava a repuxar o lábio superior e deixar os dentes à mostra. Vestia um paletó cinzento de corte inglês, com uma espécie de cinto nas costas, e calças largas abotoadas abaixo dos joelhos. Ficava de pé junto à escrivaninha, equilibrando-se numa só perna, e seu pai não ousava fazer nada contra sua impenetrável rabugice. Por fim o menino ia embora, arrastando a mochila pelo tapete; Lujin pai apoiava o cotovelo na

escrivaninha, onde estava escrevendo uma de suas histórias costumeiras num caderno de exercícios azul (um capricho que, talvez, algum futuro biógrafo saberia apreciar), e escutava o monólogo na sala de jantar contígua, a voz da mulher persuadindo o silêncio a tomar uma xícara de chocolate. Um silêncio assustador, pensava o pai. Ele não está bem, tem uma vida interior muito sofrida... Quem sabe não deveríamos tê-lo mandado para a escola. Por outro lado, ele tem de se acostumar à companhia de outros garotos... Um enigma, um enigma...

“Bom, então coma um pouco de bolo”, continuava em tom tristonho a voz do outro lado da parede, seguida mais uma vez pelo silêncio. Às vezes, contudo, acontecia algo horrível: de repente, sem

nenhum motivo claro, outra voz respondia, rouca e estridente, e a porta era batida como se soprada por um vendaval. Então Lujin pai pulava da cadeira e corria para a sala de jantar, empunhando a caneta como um dardo. Mãos trêmulas, a mulher endireitava uma xícara e um pires virados, verificando se tinham alguma rachadura. “Estava perguntando a ele sobre a escola”, dizia, sem olhar para o marido. “Ele não queria responder, e então, como um louco...” Ambos ficavam escutando. A preceptora francesa havia partido para Paris no outono e agora ninguém sabia o que ele fazia no quarto. O papel de parede lá era branco, com uma faixa azul no alto onde se sucediam gansos cinzentos e filhotinhos de cachorro cor de mel. Um ganso avançava num

cachorrinho trinta e oito vezes em volta de todo o quarto. Sobre uma étagère havia um globo e um esquilo empalhado, comprado num domingo de Ramos. Uma locomotiva verde de dar corda espreitava por baixo dos babados de uma poltrona. Era um quarto claro e bonito. Papel de parede alegre, objetos alegres.

Também havia livros. Livros escritos pelo pai, com encadernações vermelhas e douradas, as letras em alto-relevo, e uma dedicatória escrita à mão na primeira página: Espero sinceramente que meu filho sempre tratará os animais e as pessoas assim como Tony os trata, seguida de um grande ponto de exclamação. Ou então: Meu filho, escrevi este livro pensando no seu futuro. Essas dedicatórias inspiravam nele um vago

sentimento de vergonha do pai, e os livros eram tão maçantes quanto O músico cego, de Korolenko, ou A fragata Palias, de Gontcharov. Um grande volume de Puchkin, com a figura de um jovem de lábios grossos e cabelos encaracolados, jamais foi aberto. Para compensar, havia dois livros presenteados por sua tia pelos quais ele se apaixonou por toda a vida, guardando-os na memória como se estivessem sob uma lente de aumento e vivenciando-os com tamanha intensidade que, ao relê-los vinte anos depois, só reencontrou neles uma árida paráfrase, uma edição condensada, como se houvessem sido superados pela imagem irreproduzível e imortal que ele preservara. Mas não era a sede por peregrinações longínquas que o forçava a

seguir as pegadas de Phileas Fogg, nem uma inclinação juvenil por aventuras misteriosas que o atraía àquela casa da rua Baker, onde o detetive magro e alto de nariz aquilino, após se injetar uma dose de cocaína, tocava violino com ar sonhador. Só muito mais tarde ele compreendeu que o arrebatamento que esses dois livros lhe haviam causado vinha da forma exata e implacável como seus roteiros se desenvolviam: Phileas, o manequim de cartola, levando adiante sua viagem complexa e elegante com sacrifícios justificáveis, ora montando um elefante comprado por um milhão, ora a bordo de um navio em que metade do madeirame tinha de ser queimado como combustível; e Sherlock, emprestando à lógica o encanto de um devaneio,

Sherlock compoendo uma monografia acerca da cinza de todos os tipos conhecidos de charutos e, tendo a cinza como talismã, avançando por um labirinto cristalino de todas as deduções possíveis até chegar à única e radiosa conclusão. Durante algum tempo, o mágico que seus pais contrataram para fazer uma exibição no dia de Natal de certa forma conseguiu incorporar as imagens de Fogg e Holmes, e o estranho prazer que Lujin sentiu naquele dia o fez esquecer todos os aborrecimentos que acompanharam o espetáculo. Uma vez que os pedidos — embora raros e cautelosos — para “convidar seus colegas” nunca davam em nada, Lujin pai, confiante de que estava unindo o útil ao agradável, entrou em contato com dois conhecidos cujos filhos

frequentavam a mesma escola e convidou também os filhos de um parente distante, dois garotos balofos e quietinhos e uma menina pálida com uma grossa trança de cabelos pretos. Todos os meninos convidados usavam roupa de marinheiro e cheiravam a brilhantina. Dois deles Lujin reconheceu com horror como sendo Bersenev e Rosen, do terceiro ano, que na escola estavam sempre mal-ajambrados e tinham um comportamento violento. “Bem, aqui estamos”, disse Lujin pai, segurando alegremente o filho pelo ombro, que foi se desvencilhando devagar de sua mão. “Agora vou deixar vocês sozinhos. Tratem de se conhecer e de brincar um pouco — mais tarde vou chamá-los, temos uma surpresa para vocês.” Meia hora depois foi chamá-los. O quarto estava em



silêncio. Sentada num canto, a menininha folheava o suplemento da revista *Niva* (*O Milharal*) procurando pelas fotografias. Bersenev e Rosen, pouco à vontade, estavam sentados no sofá, ambos muito vermelhos e com os cabelos reluzentes de tanta brilhantina. Os sobrinhos gorduchos andavam para lá e para cá examinando sem maior interesse as gravuras inglesas penduradas nas paredes, o globo, o esquilo e um pedômetro, quebrado havia muito e abandonado sobre a mesa. O próprio Lujin, também vestido de marinheiro, com um apito pendurado no peito por um cordão branco, estava sentado numa cadeira dura junto à janela, de cara amarrada e roendo a unha do polegar. Mas o mágico compensou tudo, e mesmo quando, no dia seguinte, Bersenev

e Rosen, revertendo sua conduta abjeta, aproximaram-se dele no hall da escola e fizeram profundas reverências — para logo depois soltarem gargalhadas vulgares e se afastarem de braços dados e saracoteando —, nem essas zombarias foram capazes de desfazer o encantamento. A um pedido seu, formulado em tom emburrado — naquela época ele só conseguia falar alguma coisa franzindo as sobrancelhas —, sua mãe lhe trouxe do bazar uma grande caixa pintada na cor de mogno e um livro de truques em cuja capa aparecia um cavaleiro vestido a rigor, o peito coberto de medalhas, erguendo um coelho pelas orelhas. Dentro da caixa havia outras menores, com fundos -falsos, uma varinha de condão enfeitada com papel estrelado, um baralho

de cartas de má qualidade em que as figuras eram metade valetes ou metade reis e metade carneiros em uniformes, uma cartola dobrável com compartimentos e uma corda com objetos de madeira nas pontas cuja função não era clara. Havia também envelopinhos bonitos contendo pós para tingir a água de azul, vermelho ou verde. O livro era muito mais divertido, e Lujin não teve dificuldade em aprender diversos truques de cartas que passava horas mostrando a si mesmo diante do espelho. Extraiu disso um misterioso prazer, a vaga promessa de delícias ainda insondáveis, da forma precisa e engenhosa como um truque era realizado, mas ainda assim lhe faltava algo, era incapaz de descobrir aquele segredo que o mágico sem dúvida

dominava para poder arrancar um rublo do ar ou retirar o sete de paus, tacitamente escolhido pela plateia, do ouvido de um Rosen constrangido. Os complexos acessórios descritos no livro o irritavam. O segredo que o atraía era feito de simplicidade, de uma simplicidade harmoniosa, passível de causar uma impressão muito mais poderosa do que a mais intrincada mágica.

O boletim escolar enviado na época do Natal continha, sob a rubrica de “observações gerais”, comentários muito detalhados acerca daquilo que, pleonasticamente, era chamado de letargia, apatia, sonolência e indolência do menino. As notas eram substituídas por adjetivos: “insatisfatório” em russo e diversos “apenas satisfatório” em várias

matérias, incluindo matemática.

Entretanto, justo nessa época Lujin se sentira extraordinariamente atraído por uma coletânea de problemas intitulada “Matemática Divertida”, pelo mau comportamento fantástico dos números e pelas travessuras imprevisíveis das linhas geométricas, por tudo aquilo que os manuais escolares não revelavam. Sentia um misto de prazer e horror ao ver como uma linha oblíqua, fazendo uma rotação semelhante à dos raios de uma roda, escorregava para cima sobre uma linha vertical quando se tratava de exemplificar os mistérios do paralelismo. A vertical era infinita, como todas as linhas, e a oblíqua, também infinita, subindo cada vez mais à medida que seu ângulo se reduzia, estava fadada a mover-se para

sempre, pois, como não podia se descolar da outra, o ponto de intercessão das duas, juntamente com a alma de Lujin, planava cada vez mais alto numa trajetória sem fim. No entanto, com a ajuda de uma régua, ele as forçava a separar-se: simplesmente as redesenhava como paralelas, o que lhe dava a sensação de que, no infinito, onde obrigara a linha inclinada a saltar para fora, havia ocorrido uma catástrofe inimaginável, um inexplicável milagre — e ele se deixava ficar por longo tempo naquelas alturas celestes onde as linhas terrestres enlouquecem.

Durante algum tempo encontrou um alívio ilusório nos quebra-cabeças. De início foram aqueles feitos para crianças, com peças grandes e reentrâncias

arredondadas como biscoitos de manteiga, as quais se engrenavam tão solidamente que era possível erguer seções inteiras do quebra-cabeça sem desmontá-las.

Naquele ano, porém, chegou da Inglaterra a moda dos puzzles (quebra-cabeças) para adultos — chamados de “poozels” na melhor casa de brinquedos de São Petersburgo —, que eram recortados de modo muito engenhoso: peças de todos os formatos, de um pequeno círculo (mais tarde encaixado num céu azul) até as combinações mais complexas de golfos, promontórios, istmos e astuciosas projeções, que não permitiam prever onde se encaixariam — se faziam parte do couro malhado de uma vaca quase completa, ou se aquela beirada escura contra o fundo verde era a sombra do

cajado de um pastor cuja orelha e parte da cabeça estavam claramente visíveis numa peça mais reveladora. E, quando aparecia gradualmente à esquerda a anca da vaca e, à direita, contra a folhagem, a mão do pastor segurando um cachimbo, enquanto o espaço acima se cobria de azul-celeste e acolhia o pequeno círculo, Lujin sentia uma emoção maravilhosa diante da combinação precisa das peças multicoloridas que, no último momento, formavam uma imagem inteligível. Alguns desses quebra-cabeças custavam muito caro e consistiam de milhares de peças; eram trazidos por sua jovem tia, uma mulher ruiva sempre alegre e carinhosa — e ele passava horas debruçado sobre a mesa de jogo da sala de estar, medindo com os olhos cada saliência antes de



tentar encaixá-la nesta ou naquela reentrância, procurando determinar antecipadamente, mediante sinais quase imperceptíveis, a essência da figura a ser formada. Do aposento ao lado, de onde chegava o burburinho dos convidados, sua tia implorava: “Pelo amor de Deus, não perca nenhuma peça!”. Vez por outra seu pai entrava, olhava para o quebra-cabeça e estendia uma das mãos na direção da mesa, dizendo: “Olha, essa sem dúvida vai aqui”. E Lujin, sem levantar os olhos, murmurava: “Bobagem, bobagem, não atrapalha”, com o que seu pai roçava cautelosamente os lábios no tufo de cabelo que encimava a cabeça de Lujin e saía — passando pelas cadeiras douradas, pelo vasto espelho, pela reprodução de *Frineia no banho* e pelo piano, um grande

e silencioso piano com os pés apoiados em grossos vidros isolantes e ajaezado com um pano brocado.

# 3

Somente em abril, durante as férias da Páscoa, chegou para Lujin aquele dia inevitável em que o mundo a sua volta se apagou, como se alguém houvesse desligado o interruptor, e uma única coisa ficou brilhando intensamente em meio às trevas, uma maravilha recém-nascida, uma ilhota resplandecente na qual a partir de então toda sua vida estava destinada a se concentrar. A felicidade, que ele agarrou com unhas e dentes, havia chegado para

ficar: aquele dia de abril ficou cristalizado para sempre, enquanto, em outro plano, as estações se sucediam, primavera na cidade, verão no campo — correntes indistintas que pouco o afetavam.

Tudo começou de forma inocente. No aniversário da morte de seu sogro, Lujin pai organizou uma soirée musical em casa. Ele próprio não entendia grande coisa de música. Nutria uma paixão secreta e vergonhosa pela *Traviata* e, nos concertos, só no início escutava o piano, contentando-se depois em ficar olhando as mãos do pianista refletidas no verniz negro. Mas, quisesse ou não, teve de organizar o sarau em que seriam tocadas peças de seu falecido sogro: na verdade, os jornais havia muito não falavam dele

— o olvido era completo, sufocante, terminal —, e sua mulher repetia sem parar, com um sorrisinho trêmulo, que era tudo intriga, intriga, intriga, que muita gente tinha invejado o gênio de seu pai enquanto ele estava vivo e queria agora apagar sua fama póstuma. Usando um vestido negro decotado e uma soberba gargantilha de diamantes, com uma expressão permanente de sonolenta afabilidade estampada no rosto branco e balofo, ela recebia os convidados sem grandes manifestações, murmurando para cada um breves palavras de boas-vindas. Dominada pela timidez, não parava de procurar com os olhos pelo marido, que se pavoneava para lá e para cá, o peitilho engomado projetando-se como uma couraça para fora do colete — um

cavalheiro cordial e discreto, desfrutando com modéstia as primeiras e tímidas vibrações da venerabilidade literária. “Outra vez nua em pelo”, suspirou o editor de uma revista de arte olhando de passagem a figura de Frineia, particularmente vivida devido à luz intensa. Nesse momento, o jovem Lujin surgiu entre as pernas do editor, que lhe fez um afago na cabeça. O menino se afastou bruscamente. “Como está crescidinho!”, disse uma mulher a suas costas. Ele se escondeu atrás das abas de uma casaca. “Não, me desculpe”, trovejou uma voz acima de sua cabeça, “não podemos exigir uma coisa dessas de nossa imprensa.” Nada crescidinho, e até mesmo bem pequeno para a idade, ele perambulou entre os convidados tentando

encontrar um canto tranquilo. Às vezes alguém o pegava pelo ombro e fazia perguntas idiotas. A sala de visitas parecia cheia demais por causa das cadeiras douradas que haviam sido dispostas em fileiras. Um homem entrou trazendo cuidadosamente uma estante para partituras.

Em estágios imperceptíveis, Lujin esgueirou-se até o escritório do pai e, sem acender as luzes, acomodou-se no divã que ficava num canto. Da distante sala de visitas, atravessando dois aposentos, chegava o doce lamento de um violino.

Sonolento, abraçando os joelhos, ficou ouvindo a música e olhando uma réstia de luz rendilhada entre as cortinas mal fechadas através da qual um lampião a gás lançava da rua um brilho branco

tingido de lilás. Vez por outra uma tênue cintilação corria pelo teto num arco misterioso e um ponto reluzente aparecia sobre a escrivaninha — ele não sabia o que era aquilo, talvez uma faceta do grande ovo de cristal que servia de peso de papel ou o reflexo no vidro de um porta-retratos. Estava quase cochilando quando, de repente, sobressaltou-se com o tinir do telefone em cima da escrivaninha, ficando então claro que o ponto cintilante se localizava no suporte do aparelho.

Vindo da sala de jantar, o mordomo acendeu ao passar um abajur que só iluminava a escrivaninha, levou o fone ao ouvido e, sem reparar em Lujin, foi embora após colocá-lo cuidadosamente sobre o mata-borrão emoldurado de couro. Voltou um minuto depois



acompanhado de um senhor que, tendo penetrado no círculo de luz, pegou o fone e, com a outra mão, tateou em busca do espaldar da cadeira da escrivaninha. O criado fechou a porta atrás de si, fazendo cessar o murmúrio longínquo da música. “Alô”, disse o cavalheiro. De seu canto escuro, Lujin olhava para ele temeroso de se mexer e perplexo com o fato de um estranho se refestelar tão comodamente na escrivaninha de seu pai. “Não, já toquei”, disse ele olhando para cima, enquanto sua mão branca e inquieta bulia com algum objeto sobre a mesa. Uma carruagem de aluguel passou lá fora fazendo um ruído oco no calçamento de madeira. “Acho que sim”, disse o senhor. Lujin reparou em seu perfil — nariz de marfim, cabelos negros, sobrancelhas grossas. “Francamente, não

sei por que você está me chamando aqui”, disse baixinho, continuando a mexer em alguma coisa sobre a mesa. “Se foi só para se certificar... Sua bobinha”, ele riu e começou a balançar para a frente e para trás, com a regularidade de um metrônomo, o pé calçado num sapato de verniz. Ajeitou depois habilmente o fone entre o ombro e a orelha e, respondendo de tempos em tempos “sim”, “não” e “talvez”, usou as duas mãos para apanhar o objeto com que vinha brincando. Era uma caixa envernizada que seu pai ganhara de presente alguns dias antes. Lujin filho ainda não tivera a oportunidade de ver o que havia nela e agora seguia as mãos do estranho com curiosidade. Mas o cavalheiro não abriu logo a caixa. “Eu também”, disse ele.

“Muitas vezes, muitas vezes. Boa noite, mocinha.” Tendo repostado o fone no gancho, suspirou e abriu a caixa. Entretanto, havia se virado de tal maneira que, encoberto pelo ombro negro, Lujin nada podia ver. O menino moveu-se com cautela, mas uma almofada escorregou para o chão e o senhor rapidamente olhou ao redor. “O que é que você está fazendo aqui?”, perguntou, localizando Lujin no canto escuro. “Ai, ai, ai, que coisa mais feia ficar escutando escondido!” Lujin continuou calado. “Qual é o seu nome?”, perguntou o senhor em tom amistoso. Lujin deslizou para fora do sofá e se aproximou. Várias figuras esculpidas estavam acondicionadas na caixa, bem juntinhas umas das outras. “Excelentes peças de xadrez”, disse o cavalheiro.

. “Seu pai joga?” “Não sei”, respondeu Lujin. “E você, sabe jogar?” Lujin fez que não com a cabeça. “Pena, devia aprender. Aos dez anos eu já era um bom jogador. Quantos anos você tem?”

A porta foi aberta com cuidado. Lujin pai entrou — na ponta dos pés. Como tinha se preparado para encontrar o violinista ainda falando ao telefone, pensara em sussurrar com grande tato: “Continue, continue, mas quando terminar os convidados gostariam muito de ouvi-lo outra vez”. “Continue, continue”, disse mecanicamente, parando de chofre ao ver o filho. “Não, não, já acabei”, respondeu o violinista, levantando-se. “Peças excelentes. O senhor joga?” “Sofrivelmente”, respondeu Lujin pai. (“O que você está fazendo aqui? Venha

também ouvir a música...”) “Que jogo, que jogo”, disse o violinista, fechando a caixa com carinho. “Combinações que são verdadeiras melodias. Sabe, na verdade eu consigo ouvir os lances.” “Na minha opinião, é preciso ter um grande talento matemático para jogar xadrez”, disse Lujin pai. “E, por falar nisso, eu... Estão esperando pelo senhor, maestro.”

“Preferia jogar uma partida”, observou o violinista com um sorriso, dirigindo-se para a porta. “O jogo dos deuses. Possibilidades infinitas.” “Uma invenção muito antiga”, comentou Lujin pai e, voltando-se para o filho: “Qual é o problema? Venha conosco!”. Mas antes de chegar à sala de visitas o menino deu um jeito de ir ficando pela sala de jantar, onde a mesa estava coberta de

salgadinhos. Encheu um prato de sanduíches e o levou para o quarto. Comeu enquanto tirava a roupa e continuou a comer na cama. Já tinha apagado a luz quando sua mãe entrou e se debruçou sobre ele, os diamantes em volta do pescoço reluzindo à meia-luz. Fingiu que dormia. Ela se foi, mas, para não fazer o menor ruído, levou um tempão fechando a porta.

Lujin acordou no dia seguinte num estado de excitação incompreensível. Era uma manhã de abril clara e ventosa, o pavimento de madeira das ruas brilhava fortemente; perto do Arco do Palácio, retesada elasticamente, uma enorme bandeira vermelha, azul e branca fazia com que o céu, visto através dela, ganhasse três matizes diferentes: malva,

anil e azul-claro. Como sempre nos feriados, saía para caminhar com o pai, mas já não eram passeios iguais aos da infância: o canhão do meio-dia já não o amedrontava e a conversa era insuportável, pois, tomando como pretexto o concerto da noite anterior, seu pai não parava de insinuar que seria uma boa ideia dedicar-se à música. No almoço foram servidos o resto do queijo cremoso típico da Páscoa (agora reduzido a um pequeno cone achatado com um toque acinzentado no topo redondo) e, ainda intocado, um bolo com frutas cristalizadas. Sua tia, uma mulher meiga e ruiva que era na verdade prima em segundo grau de sua mãe, estava muito alegre, jogando migalhas de bolo por cima da mesa e contando que, por vinte e

cinco rublos, Latham ia levá-la para dar uma volta no seu monoplane Antoinette — o qual, aliás, fazia cinco dias que não conseguia decolar, enquanto Voisin circulava em torno do aeródromo com a regularidade de um relógio e voava tão baixo que, ao inclinar o avião acima das arquibancadas, podiam se ver até os chumaços de algodão no ouvido do piloto. Por alguma razão, aquela manhã e aquele almoço ficaram gravados com uma nitidez incomum na memória de Lujin, assim como a gente se lembra do dia anterior a uma grande viagem. Seu pai disse que, depois do almoço, seria uma boa ideia ir de carro até as ilhas mais além do Neva, onde as clareiras estavam atapetadas de anêmo-nas. Enquanto falava, a jovem tia conseguiu jogar uma migalha bem na boca



dele. Sua mãe, que não dissera uma palavra, levantou-se de repente após o segundo prato, tentando esconder a face contorcida no esforço de conter as lágrimas, e saiu às pressas da sala de jantar, repetindo baixinho “Não é nada, nada, isso passa num minuto”. Lujin pai jogou o guardanapo na mesa e seguiu atrás dela. Lujin nunca descobriu exatamente o que tinha acontecido, mas, passando pelo corredor em companhia da tia, ouviu os soluços abafados que vinham do quarto da mãe e a voz do pai, em tom de protesto, repetindo em voz alta a frase “imaginando coisas”.

“Vamos para algum lugar”, sussurrou sua tia, parecendo embaraçada e nervosa. Entraram no escritório, onde minúsculas partículas de pó dançavam no feixe de

raios de sol que iluminava uma poltrona excessivamente estofada. Ela acendeu um cigarro, e dobras diáfanas de fumaça começaram a flutuar no cone de luz. Era a única pessoa em cuja presença ele não se sentia inibido, e tudo agora era particularmente agradável: um estranho silêncio na casa e uma expectativa indefinida. “Bem, vamos jogar alguma coisa”, disse sua tia de supetão, pegando-o pela nuca. “Que pescoço mais fino você tem, dá para pegar com uma só mão...” “Você sabe jogar xadrez?”, perguntou Lujin como quem não quer nada e, liberando a cabeça, roçou o lado do rosto na deliciosa seda azul brilhante da manga da blusa dela. “Um jogo de cartas seria melhor”, ela respondeu distraidamente. Uma porta bateu em algum lugar. Ela teve

um sobressalto e se voltou na direção do barulho, à escuta. “Não, quero jogar xadrez”, disse Lujin. “É complicado, meu querido, não dá para aprender assim num instante.” O menino caminhou até a escrivaninha e encontrou a caixa, que fora deixada atrás de um porta-retrato. A tia levantou-se para pegar um cinzeiro e, com ar pensativo, ficou murmurando: “Isso seria terrível, isso seria terrível...”. “Aqui está”, disse Lujin, depositando a caixa sobre uma mesinha turca marchetada. “Precisamos também do tabuleiro. E, sabe de uma coisa, seria melhor que eu te ensinasse a jogar damas, é mais simples.” “Não, xadrez”, disse Lujin, desenrolando um tabuleiro de oleado.

“Primeiro vamos arrumar as peças da maneira correta”, começou sua tia com um

suspiro. “Branças aqui, pretas ali. Rei e rainha juntos. Estes são os bispos. Estes são os cavalos. E estas, nos cantos, as torres. Agora...” De repente imobilizou-se, segurando uma peça no ar e olhando para a porta.

“Espere”, disse ansiosa. “Acho que deixei meu lenço na sala de jantar. Volto num instante.” Abriu a porta, porém retornou imediatamente. “Deixa estar”, disse, sentando-se de novo. “Não, não arrume as peças sem mim, vai fazer tudo errado. Este é um peão. Agora, veja como elas se movem. O cavalo, obviamente, galopa.” Sentado no tapete, o ombro encostado no joelho dela, Lujin não desgrudou os olhos da mão com o fino bracelete de platina que levantava as peças e as punha de novo sobre o

tabuleiro. “A rainha é a que tem mais mobilidade”, comentou ele com satisfação, ajeitando a peça com o dedo para que ocupasse o centro exato do quadrado. “E é assim que uma peça come a outra”, explicou a tia. “Como se empurrasse a outra e tomasse seu lugar. Os peões fazem isso na diagonal. Quando você ameaça o rei mas ele tem para onde ir, isso se chama dar um xeque; quando ele não pode fugir, então é xeque-mate. Por isso, seu objetivo é pegar meu rei, enquanto eu tenho de pegar o seu. Você vê quanto tempo toma para explicar? Talvez a gente possa jogar outro dia, está bem?” “Não, agora”, disse Lujin — e de repente beijou-lhe a mão. “Isso foi muito simpático de sua parte”, disse a tia em tom meigo, “nunca esperei um carinho

desses... No fundo você é mesmo um bom menino.” “Por favor, vamos jogar”, pediu Lujin e, arrastando-se de joelhos pelo tapete, pôs-se diante da mesinha. Nesse momento, contudo, ela se ergueu do sofá com tamanha precipitação que a saia varreu o tabuleiro, derrubando várias peças. Seu pai estava de pé na soleira da porta.

“Vá para o quarto”, ele disse, olhando de relance para o filho. Lujin, que pela primeira vez na vida era expulso de algum lugar, continuou de joelhos, tomado da mais absoluta surpresa. “Está me ouvindo?”, perguntou o pai. Lujin corou e começou a procurar as peças caídas no tapete. “Rápido!”, ordenou o pai com uma voz trovejante que jamais usara. A tia foi enfiando as peças na caixa de qualquer

jeito. As mãos dela tremiam. Um peão se recusou a entrar. “Pegue isto, leve tudo”, ela disse. O menino enrolou lentamente o tabuleiro de oleado e, com o rosto obscurecido por um sentimento de profunda afronta, pegou a caixa. Não pôde fechar a porta atrás de si porque suas mãos estavam ocupadas. O pai deu alguns passos rápidos e bateu a porta com tanta força que Lujin deixou cair o tabuleiro, o qual de pronto se desenrolou; teve de pôr a caixa no chão e enrolá-lo de novo. Do outro lado da porta do escritório, o silêncio foi quebrado pelo estalar de uma poltrona sob o peso de seu pai e, depois, pelos sussurros interrogativos e resfolegantes da tia. Concluindo com desgosto que todo mundo tinha ficado louco naquele dia, Lujin foi para o quarto.

Lá, imediatamente arrumou as peças como a tia lhe ensinara e as examinou por longo tempo, tentando descobrir alguma coisa; feito isso, recolocou-as com todo o cuidado na caixa. Desde aquele dia as peças ficaram em seu poder, e demorou muito para que seu pai desse falta delas. Desde aquele dia seu quarto passou a guardar um brinquedo fascinante e misterioso, cujo uso ele ainda não aprendera. E desde aquele dia sua tia nunca mais foi visitá-los.

Mais ou menos uma semana depois, houve um intervalo inesperado entre a primeira e a terceira aulas: o professor de geografia estava resfriado. Passados cinco minutos após a sineta sem que ninguém entrasse na sala, uma tamanha premonição de felicidade se espalhou



entre os alunos que seus corações não resistiriam caso a porta de vidro se abrisse agora e o professor de geografia, como era de hábito, entrasse às carreiras. Só Lujin permanecia indiferente. Curvado sobre a carteira, apontava um lápis, tentando fazer a ponta tão aguçada quanto a de um alfinete. A excitação crescia a seu redor, a felicidade coletiva parecia prestes a se concretizar. Às vezes, contudo, ocorriam decepções insuportáveis: em lugar do professor adoentado, o pequeno e feroz instrutor de matemática esgueirava-se para dentro da sala e, após fechar a porta sem fazer o menor ruído, começava com um sorriso maldoso a escolher pedaços de giz no caixilho sob o quadro-negro. Entretanto, outros dez minutos se passaram e ninguém

deu as caras. A barulheira aumentou. Por puro excesso de felicidade, algum aluno bateu com a tampa da carteira. O inspetor apareceu como num passe de mágica. “Silêncio absoluto”, disse ele. “Quero um silêncio absoluto. Valentin Ivanovitch está doente. Ocupem-se com qualquer coisa. Mas exijo um silêncio absoluto.” Foi embora. Grandes nuvens fofas brilhavam lá fora. Algo gorgolejava e gotejava; os pardais pipilavam. Hora bem-aventurada, hora encantada. Lujin, apático, começou a apontar outro lápis. Gromov contava alguma história em voz rouca, pronunciando com grande prazer palavras obscenas que Lujin desconhecia. Petrichtchev implorou a todos que lhe explicassem por que a soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da

hipotenusa. E, de repente, Lujin ouviu perfeitamente às suas costas um ruído especial, de madeira se chocando, que fez subir uma onda de calor por seu corpo, o coração disparando. Voltou-se para trás com cautela. Krebs e o único aluno comportado da turma arrumavam com presteza pequenas e leves peças de xadrez num tabuleiro de quinze por quinze centímetros colocado no banco entre eles. Estavam sentados de maneira extremamente desconfortável, meio de lado. Esquecendo-se de terminar de apontar o lápis, Lujin aproximou-se. Os jogadores nem notaram sua presença. O garoto comportado, ao tentar muitos anos mais tarde lembrar-se do colega chamado Lujin, jamais recordou aquela partida fortuita de xadrez, disputada numa hora

vaga. Misturando as datas, extraiu do passado a leve recordação de Lujin ter ganhado um campeonato na escola: havia algo no fundo de sua memória, mas não conseguia saber o quê.

“Lá se vai o canhão”, disse Krebs. Lujin acompanhou a mão dele, pensando, com um breve frêmito de pânico, que sua tia não lhe havia ensinado o nome de todas as peças. Mas “canhão” comprovou ser um sinônimo de “torre”. “Não vi que você podia comer, foi isso”, disse o outro. “Está bem, volta a jogada”, disse Krebs.

Morto de inveja, com um misto de raiva e frustração, Lujin ficou acompanhando a partida, tentando perceber aquelas harmonias de que o músico falara e sentindo vagamente que, de certa maneira, ele compreendia o jogo

melhor que seus dois colegas, embora desconhecendo inteiramente como armar as jogadas, por que razão tal coisa era boa e tal outra ruim, o que devia fazer para penetrar no campo do rei adversário sem sofrer perdas. E viu uma jogada que o agradou muito por sua elegância: o rei de Kreb deu um passo na direção da peça que ele chamava de canhão e o canhão pulou por cima do rei. Viu depois o outro rei sair de trás de seus peões (um tinha sido retirado, como um dente) e começar a andar sem rumo de um lado para o outro. “Xeque”, dizia Krebs, “xeque” (e o rei, fustigado, pulava para o lado); “você não pode ir para lá nem para cá. Xeque, vou comer sua rainha, xeque.” Nesse ponto ele próprio perdeu uma peça e insistiu em voltar a jogada. O valentão da

turma deu um piparote na parte de trás da cabeça de Lujin e, ao mesmo tempo, derrubou com a outra mão o tabuleiro. Pela segunda vez na vida, Lujin observou quão instável era o jogo de xadrez.

Na manhã seguinte, ainda deitado na cama, tomou uma decisão sem precedente. Em geral, ia para a escola numa carruagem de aluguel e sempre estudava com cuidado o número do fiacre, dividindo-o de uma forma especial a fim de guardá-lo melhor na memória e o recuperar em caso de necessidade. Mas, naquele dia, não foi até a escola e, de tão excitado, esqueceu de memorizar o número; olhando assustado para todos os lados, desceu na rua Karavannaya e, num trajeto que o afastava da área da escola, chegou à rua Sergievskaya. No caminho,

deu de cara com o professor de geografia, que, sobraçando uma pasta, caminhava célere rumo à escola assoando o nariz e expectorando sem cessar. Lujin desviou-se de modo tão brusco que um objeto misterioso fez um ruído surdo em sua mochila. Somente quando o professor passou zunindo por ele qual um vento cego, Lujin percebeu que estava diante da vitrine de um salão de beleza e que as cabeças de três mulheres de cera, com narinas rosadas e cabelos frisados, o encaravam fixamente. Respirou fundo e caminhou mais rápido pela calçada molhada, tentando, de maneira inconsciente, ajustar os passos de modo a que seu calcanhar sempre pisasse na junta entre duas lajes do calçamento. Mas as lajes eram de tamanhos diferentes, o que

dificultou sua caminhada. A fim de evitar a tentação, desceu para a rua e enfrentou a lama na beira da calçada. Por fim avistou a casa que procurava, cor de ameixa, com as estátuas de velhos homens nus esforçando-se para sustentar uma varanda e vitrais coloridos na porta da frente.

Atravessou o portão, passando por uma coluna de pedra que exibia as estrias brancas deixadas pelos pombos, cruzou correndo o pátio interno onde dois homens de mangas arregaçadas lavavam uma carruagem reluzente, subiu uma escadaria e tocou a campainha. “Ela ainda está dormindo”, disse a empregada, lançando-lhe um olhar de surpresa.

“Espere aqui, sim? Vou avisar a senhora.” Lujin desvencilhou-se da mochila num gesto rotineiro e a pôs sobre a mesa, onde



também estavam um tinteiro de porcelana, um mata-borrão incrustado de contas e um retrato de seu pai que nunca vira (segurando um livro com uma das mãos, o indicador da outra mão encostado na têmpora). Não tendo nada melhor a fazer, começou a contar as cores do tapete. Só estivera naquele aposento uma única vez, no Natal anterior, quando, a conselho do pai, levara para sua tia uma grande caixa de bombons, metade dos quais ele próprio comera, rearrumando o resto de modo a parecer que nada tinha sido tocado. Até bem recentemente, sua tia costumava ir à casa deles todo dia, mas agora deixara de visitá-los e havia algo no ar, alguma proibição indefinível, que o impedia de fazer perguntas sobre o assunto. Tendo contado nove matizes diferentes, desviou

o olhar para um biombo de seda com bordados de juncos e cegonhas. Começara a pensar se havia cegonhas iguais do outro lado quando enfim sua tia chegou — o cabelo ainda despenteado e vestindo um tipo de quimono florido com mangas que pareciam asas. “De onde você veio?”, ela exclamou. “O que houve com a escola? Ah, você é um menino tão engraçado...”

Duas horas depois Lujin se encontrava de novo na rua. A mochila, agora vazia, estava tão leve que saltitava em seus ombros. Tinha de encontrar algum jeito de matar o tempo até a hora em que costumava voltar para casa. Passeou pelo parque Tavritcheski, começando a se irritar com a mochila vazia. Em primeiro lugar, a coisa que deixara por precaução com sua tia podia se perder antes da

próxima visita e, em segundo lugar, aquilo sempre poderia ser útil em casa durante a noite. Resolveu agir de outro modo no futuro.

“Assuntos de família”, respondeu no dia seguinte quando o professor perguntou sem grande interesse por que não comparecera à escola. Na quinta-feira saiu mais cedo da escola e faltou três dias seguidos, explicando depois que tivera uma inflamação de garganta. Na quarta-feira teve uma recaída. No sábado chegou tarde para a primeira aula, embora tivesse saído de casa antes da hora habitual. No domingo, surpreendeu a mãe ao anunciar que havia sido convidado para a casa de um amigo — e só regressou cinco horas depois. Na quarta, as aulas terminaram mais cedo (foi um daqueles dias

maravilhosos de fins de abril, azuis e poeirentos, quando vai se encerrando o período escolar e uma imensa indolência toma conta dos alunos), mas só voltou para casa bem mais tarde do que de costume. E então faltou durante toda uma semana — uma semana de inebriante felicidade. O professor telefonou para sua casa a fim de saber o que estava acontecendo com ele. Seu pai atendeu o telefone.

Quando Lujin entrou em casa, por volta das quatro da tarde, o pai o aguardava lívido, os olhos esbugalhados, enquanto a mãe, respirando com dificuldade, parecia haver perdido a língua até começar a rir histericamente, soltando gemidos e gritinhos. Após alguns momentos de confusão, Lujin pai levou-o

sem dizer uma palavra para o escritório e lá, com os braços cruzados sobre o peito, pediu uma explicação. Sobraçando a pesada e preciosa mochila, Lujin olhou para o chão, calculando se sua tia seria capaz de traí-lo. “Faça o favor de me dar uma explicação”, repetiu seu pai. Ela era incapaz de cometer uma traição e, de qualquer modo, como poderia saber que ele tinha sido apanhado? “Você se recusa?”, perguntou o pai. Além do mais, ela até parecia gostar de suas gazetas. “Então me escute”, disse o pai em tom conciliador, “vamos conversar como amigos.”

Lujin suspirou e sentou-se no braço de uma cadeira, continuando a olhar para o chão. “Como amigos”, repetiu o pai em voz ainda mais apaziguadora. “Quer dizer

que você faltou à escola várias vezes. Agora quero saber onde andou e o que tem feito. Posso até entender, por exemplo, que o tempo tem estado bonito e as pessoas sintam vontade de passear.”

“Isso mesmo, sinto muita vontade de passear”, disse Lujin com indiferença, mais e mais entediado. O pai queria saber exatamente por onde ele tinha andado e desde quando sentia essa necessidade de passear. Lembrou-lhe então que todo homem tem deveres como cidadão, como membro de uma família, como soldado, mas também como estudante. Lujin bocejou. “Vá para o quarto!”, disse o pai perdendo as esperanças e, quando o menino se foi, ficou por um bom tempo de pé no centro do escritório, olhando para a porta com um horror mudo. Sua mulher,

que escutara tudo do aposento vizinho, entrou, sentou-se na beira do divã e mais uma vez debulhou-se em lágrimas. “Ele está nos enganando”, ela ficou repetindo, “como você também me engana. Estou cercada de mentiras.” Lujin pai apenas deu de ombros e pensou como a vida era triste, como era difícil cumprir com seus deveres, não se encontrarem mais, não telefonar, não ir àquele lugar que o atraía irresistivelmente... e agora esse problema com o filho... aquela coisa estranha, aquela teimosia... Uma situação muito triste, tudo muito triste...

# 4

No antigo escritório do avô, que mesmo nos dias de maior calor era o lugar mais úmido da casa de campo (embora fosse costume deixar escancaradas as janelas que se abriam diretamente sobre um bosque de pinheiros sombrios e melancólicos, cuja folhagem, de tão densa e intrincada, tornava impossível dizer onde começava uma árvore e a outra acabava), naquele aposento pouco visitado em que somente um menino de



bronze com seu violino quebrava a nudez da escrivaninha, uma estante de livros sem fechadura continha os grossos volumes de uma revista ilustrada que deixara de circular fazia muito tempo. Lujin os folheava rapidamente até chegar à página em que, entre um poema de Korinfski coroado por uma vinheta em forma de lira e a seção de curiosidades — com informações acerca do avanço dos pântanos, dos americanos excêntricos e do comprimento do intestino humano —, constava a reprodução de um tabuleiro de xadrez. Nenhuma imagem detinha a mão de Lujin ao folhear os volumes — nem as famosas cataratas do Niágara, nem as famintas crianças indianas (pequenos esqueletos barrigudos), nem a tentativa de assassinato do rei da Espanha. A vida do

mundo passava com um farfalhar apressado até parar de súbito diante do precioso diagrama com seus problemas, aberturas, partidas inteiras.

No início das férias de verão, sentira profunda falta da tia e do cavalheiro com o buquê de flores — em especial daquele velho senhor que cheirava a violetas ou a lírios do vale, dependendo das flores que havia trazido para ela. Em geral ele chegava na hora certa — poucos minutos depois que a tia de Lujin tivesse dado uma olhada no relógio e saído de casa. “Não faz mal, vamos esperar um pouco”, dizia o visitante, removendo o papel úmido do buquê, enquanto Lujin puxava uma poltrona para que ele se sentasse diante da mesa onde as peças de xadrez já haviam sido arrumadas. A aparição do

velho portador de flores havia permitido que Lujin escapasse de uma situação bastante embaraçosa. Depois de faltar à escola três ou quatro vezes, ficou óbvio que a tia não tinha realmente a menor aptidão para o xadrez. À medida que a partida evoluía, suas peças se amontoavam numa barafunda indecorosa da qual, de repente, despontava um rei indefeso. Mas o velhinho jogava divinamente. Na primeira vez em que a tia, calçando as luvas, dissera rapidamente: “É pena que eu tenha de sair, mas você pode ficar e jogar xadrez com meu sobrinho, obrigada pelos maravilhosos lírios-do-vale”, e que o velho senhor se sentara e suspirara: “Faz muito tempo que toquei... vamos, rapaz, esquerda ou direita?”, naquela primeira

vez, quando após algumas poucas jogadas suas orelhas estavam em fogo e não havia por onde avançar, Lujin teve a impressão de que se tratava de um jogo totalmente diferente daquele que a tia lhe ensinara. Um aroma delicioso pairava sobre o tabuleiro. O velho senhor chamava os bispos de ajudantes e as torres de roques. Sempre que fazia uma jogada fatal para seu oponente, imediatamente voltava atrás e, como se quisesse exibir o mecanismo de um instrumento caríssimo, mostrava de que forma o adversário deveria ter jogado a fim de evitar o desastre. Venceu as quinze primeiras partidas sem o menor esforço, sem refletir sobre os movimentos que fazia, mas, durante a décima sexta partida, de repente começou a raciocinar e ganhou com dificuldade. No último dia,

no dia em que chegou com uma moita inteira de lilases que não cabia em nenhum vaso e a tia do menino correu para lá e para cá dentro do quarto na ponta dos pés antes de escapar pela porta dos fundos, após uma longa e excitante batalha durante a qual o velho senhor mostrou ser capaz de arfar pelo nariz, Lujin percebeu que alguma coisa se havia liberado dentro dele, que algo se aclarara — e a miopia mental que dolorosamente toldava sua visão enxadrística desapareceu como por encanto. “Bem, bem, é um empate”, disse o velho senhor. Moveu a rainha algumas vezes, indo e voltando, como se mexesse a alavanca de uma máquina estragada, e repetiu: “É um empate. Xeque perpétuo”. Lujin também testou a alavanca para ver se o mecanismo

funcionava, tentou aqui, tentou acolá e depois ficou parado, olhando fixo para o tabuleiro. “Você vai longe”, disse o velho senhor. “Você vai longe se continuar assim. Tremendo progresso! Nunca vi nada igual... É, você vai muito, muito longe...”

Foi o velhinho quem explicou a Lujin o método bastante simples de notação das jogadas e, reproduzindo as partidas publicadas na revista, ele em breve descobriu possuir uma qualidade que antes invejara, ao ouvir seu pai dizer a alguém sentado à mesa que ele era incapaz de entender como seu sogro podia ler uma partitura durante horas e ouvir mentalmente todos os movimentos da música apenas correndo os olhos sobre as notas, ora sorrindo, ora franzindo o cenho,

às vezes voltando atrás como um leitor que confere determinado detalhe de um romance — um nome, a época do ano. “Deve ser um imenso prazer”, seu pai tinha dito, “assimilar a música em seu estado natural.” Era um prazer semelhante que o próprio Lujin começava agora a sentir ao percorrer com fluência as letras e os números que representavam cada jogada. Aprendeu de início a jogar novamente as partidas imortais de antigos torneios, lançando rápidos olhares sobre as indicações e movendo em silêncio as peças no tabuleiro. Vez por outra, tal ou qual jogada, acompanhada no texto de um ponto de exclamação ou de interrogação (dependendo se era magistral ou execrável), vinha seguida de várias jogadas entre parênteses, uma vez que a

jogada notável se abria como o delta de um rio e cada estuário precisava ser seguido até o fim antes que o observador retornasse ao canal principal. Lujin aos poucos deixou de reproduzir no tabuleiro essas continuações possíveis, que explicavam a essência da maestria ou do erro, pois agora era capaz de perceber a melodia dos movimentos apenas seguindo mentalmente a sequência de símbolos e sinais. Da mesma forma, podia “ler” uma partida já estudada anteriormente sem usar o tabuleiro — habilidade ainda mais agradável porque, graças a ela, não precisava mover as peças enquanto prestava atenção para saber se alguém estava chegando. Verdade que a porta era trancada à chave e ele só a abria a contragosto, após a maçaneta de cobre ter



sido abaixada muitas vezes — e Lujin pai, vindo ver o que o filho fazia naquele quarto úmido e desabitado, encontrava-o inquieto e mal-humorado, as orelhas vermelhas; como sobre a escrivaninha se amontoavam os volumes encadernados das revistas, Lujin pai era tomado pela suspeita de que o filho podia estar procurando fotografias de mulheres nuas. “Por que você se tranca desse jeito?”, costumava perguntar (e o menino enfiava a cabeça entre os ombros e, com apavorante nitidez, imaginava que seu pai ia olhar embaixo do sofá e descobrir o jogo de xadrez). “O ar aqui está realmente gelado. E o que há de tão interessante nessas revistas velhas? Vamos ver se há cogumelos vermelhos debaixo dos pinheiros.”

Sim, lá havia aqueles boletos vermelhos, os comestíveis. Agulhas verdes dos pinheiros grudavam-se nas delicadas cabeças cor de tijolo e, às vezes, uma folha de grama deixava neles um traço fino e longo. As partes de baixo eram cheias de furinhos, abrigando ocasionalmente uma lesma amarela. Lujin pai, antes de colocar o boleto na cesta, usava o canivete para retirar o musgo e a terra que aderiam ao talo salpicado de manchas cinzentas. O filho o seguia a alguns passos de distância, mantendo as mãos atrás das costas como um pequeno ancião; além de não procurar pelos cogumelos, recusava-se a admirar aqueles que o pai, com um grunhido de satisfação, arrancava do solo. Vez por outra, pálida e balofa, num lúgubre vestido branco que

não lhe caía bem, a sra. Lujin aparecia no final da aleia e corria ao encontro deles, atravessando faixas de luz e de sombra, enquanto as folhas secas sempre presentes nas florestas nórdicas farfalhavam sob os saltos altos e meio tortos de suas chinelas brancas. Certo dia de julho, ela escorregou nos degraus da varanda e torceu o tornozelo, ficando acamada por longo tempo — ou no quarto pouco iluminado, ou na varanda —, usando um penhoar cor-de-rosa, o rosto pesadamente empoado, e tendo sempre a seu lado, numa mesinha baixa, uma pequena tigela de prata cheia de *boules-de-gomme*. O pé logo melhorou, mas ela continuou a passar reclinada a maior parte do tempo, como se tivesse decidido que aquela era sua sina, que a vida não tinha mais nada a lhe

oferecer. O verão foi anormalmente quente, os mosquitos não davam trégua, e durante todo o dia subiam do rio os gritos estridentes das jovens camponesas. Num daqueles dias opressivos e voluptuosos, bem cedo ainda pela manhã, antes mesmo que as mutucas começassem a atormentar o cavalo preto besuntado com um unguento de odor pungente, Lujin pai subiu na caleche e foi levado à estação para passar o dia na cidade. “Pelo menos seja razoável, é essencial que eu veja Silvestrov”, ele havia dito à esposa na noite anterior, envergando o roupão cor de camundongo e andando de um lado para o outro no quarto de dormir. “Realmente, você tem cada uma! Não consegue entender que isso é importante? Por mim, eu nem iria.” Mas sua mulher continuou

com o rosto enfiado no travesseiro, as costas gordas e indefesas tremelicando a cada soluço. Apesar disso, de manhã ele partiu — e seu filho, de pé no jardim, viu o busto do cocheiro e o chapéu do pai passando acima da linha denteada dos pinheiros ainda novos que separavam o jardim da estrada.

Lujin estava de péssimo humor naquele dia. Como todas as partidas nas velhas revistas tinham sido estudadas e todos os problemas resolvidos, era obrigado a jogar contra si próprio, mas isso terminava sempre numa troca de todas as peças e num empate sem graça. E fazia um calor insuportável. A varanda projetava uma sombra negra triangular na areia brilhante. A aleia estava salpicada de manchas de sol, e aquelas manchas,

vistas com os olhos semicerrados, tomavam a aparência de quadrados uniformes brancos e pretos. A sombra nítida de uma treliça jazia sob um banco de jardim. Os grandes vasos que se erguiam sobre pedestais de pedra nos quatro cantos do terraço ameaçavam-se mutuamente nas extremidades das diagonais. As andorinhas voavam alto, seu voo lembrando o movimento de uma tesoura ao cortar um molde. Sem saber o que fazer, seguiu por um caminho que descia para o rio, de cuja margem oposta vinham gritinhos de êxtase e vislumbres de corpos nus. Escondeu-se atrás de um tronco e, o coração acelerado, ficou espiando às escondidas aquelas formas brancas. Um pássaro agitou a folhagem, e Lujin, levando um susto, afastou-se

rapidamente do rio e voltou para casa. Almoçou sozinho com a governanta, uma velha taciturna de tez amarelada, que sempre exalava um leve cheiro de café. Mais tarde, refestelado no sofá da sala de visitas, ficou ouvindo, sonolento, uma série de ruídos tênues: o pipilar de um papa-figo no jardim, o zunir de um abelhão que entrara pela janela, o tilintar de pratos na bandeja que vinha sendo trazida do quarto de sua mãe. E todos esses sons límpidos sofriam estranha transformação em seu devaneio, assumindo complexas formas reluzentes contra um pano de fundo negro. Ao tentar desemaranhá-las, caiu no sono. Foi despertado pelos passos da criada que sua mãe mandara buscar por ele. O quarto de dormir era triste e sombrio; a mãe puxou-

o para si, mas ele resistiu e se esquivou com tamanha obstinação que ela foi obrigada a largá-lo. “Venha aqui, me conte alguma coisa”, ela disse baixinho. O menino sacudiu os ombros e coçou o joelho com o dedo. “Você não quer me contar nada?”, ela perguntou, a voz ainda mais baixa. Ele olhou para a mesinha de cabeceira, serviu-se de uma *boule-de-gomme* começou a chupar, pegando depois uma segunda, uma terceira, outras mais, até que sua boca ficou cheia de bolas doces que se entrechocavam ruidosamente. “Pegue mais, pegue quantas você quiser”, ela murmurou e, retirando o braço de sob as cobertas, tentou tocá-lo, fazer-lhe um carinho? “Você não ficou nem um pouquinho bronzeado este ano”, ela disse após uma pausa. “Mas talvez eu



simplesmente não consiga enxergar, a luz aqui está tão fraca, tudo parece azulado. Levante as venezianas, por favor. Ah, não, espere. Depois.” Tendo acabado de chupar suas *boules-de-gomme*, ele pediu permissão para sair. Ela perguntou o que ele ia fazer, se não queria ir até a estação esperar o pai, que chegava no trem das sete. “Deixa eu ir embora”, ele disse, “aqui está cheirando a remédio.”

Tentou escorregar pela escada como os colegas faziam na escola — e ele próprio jamais fizera —, mas os degraus eram altos demais. Debaixo da escada, num armário que nunca havia explorado por inteiro, procurou por revistas. Descobriu um exemplar e lá encontrou a seção de damas, com círculos idiotas e desajeitados nos diagramas dos

tabuleiros, mas nada de xadrez.

Continuando a remexer no armário, esbarrou várias vezes num imenso álbum cheio de flores secas de edelvais e folhas arroxeadas, com anotações feitas em tinta violeta-clara numa caligrafia fina e infantil que em nada lembrava a letra atual de sua mãe: *Davos 1885; Gatchina 1886*. Acocorado entre os livros espalhados a seu redor, começou a arrancar raivosamente as folhas e flores, espirrando por causa da poeira que delas se desprendia. Foi ficando tão escuro debaixo da escada que as páginas da revista que ele havia voltado a folhear começaram a se tornar indistintas e, às vezes, uma pequena gravura o enganava por se parecer com um problema de xadrez. Empurrou os livros de volta nas

gavetas de qualquer maneira e caminhou sem pressa até a sala de visitas, pensando que devia passar muito das sete horas, pois o mordomo já estava acendendo os lampiões de querosene. Apoiada numa bengala e no corrimão, sua mãe, vestindo o penhoar cor de malva, desceu pesadamente as escadas com uma expressão assustada no rosto. “Não entendo por que seu pai ainda não chegou”, ela disse e, movendo-se com dificuldade, foi até a varanda e ficou olhando a estrada por entre os troncos de pinheiro que o sol poente pincelava com tons vivos de cobre.

Ele só chegou por volta das dez, dizendo que perdera o trem, que estivera muito ocupado, que jantara com seu editor — não, não, nada de sopa, muito

obrigado. Riu muito, falou em voz alta, comeu de forma ruidosa —, e Lujin teve a forte sensação de que o pai o olhava o tempo todo como se estupefato com sua presença. Antes de terminado o jantar, foi servido o chá da noite. A mãe, o cotovelo fincado na mesa, sem dizer uma palavra, mantinha os olhos baixos fixados no prato de framboesas à sua frente e, quanto mais alegres se tornavam as histórias do marido, mais seus olhos se fechavam. Por fim ela se levantou e saiu em silêncio, dando a Lujin a impressão de que isso já havia acontecido. O menino ficou sozinho na varanda com o pai e temeu erguer a cabeça, continuando a sentir sobre ele aquele olhar estranho e inquisitivo.

“Como é que você passou o dia hoje?”, perguntou o pai de repente.

“Andou fazendo o quê?” “Nada”, respondeu Lujin. “E o que é que o senhor planeja fazer agora?”, perguntou Lujin pai no mesmo tom de falsa jovialidade. “Quer ir para a cama ou prefere ficar aqui comigo?” O menino matou um mosquito e com grande cautela, sem levantar a cabeça, deu uma olhadela de relance na direção do pai. Havia uma migalha em sua barba e, nos olhos, uma desagradável expressão de zombaria. “Sabe de uma coisa?”, disse o pai, fazendo cair a migalha, “sabe de uma coisa? Vamos jogar um joguinho qualquer. Por exemplo, que tal se eu te ensinasse a jogar xadrez?”

Viu que o filho começou a enrubescer e, sentindo pena dele, imediatamente acrescentou: “Ou um jogo de cartas, tem um baralho ali na gaveta da mesa”. “Mas

não temos um jogo de xadrez”, disse Lujin em voz rouca, voltando a dar uma olhadela cautelosa na direção do pai. “Os bons ficaram na cidade”, disse ele placidamente, “mas acho que há uns velhos no sótão. Vamos lá ver.”

E na verdade, sob a luz do lampião que seu pai erguia bem alto, Lujin, em meio a uma porção de quinquilharias, achou um tabuleiro numa caixa e de novo teve a sensação de que isso já havia acontecido — aquela caixa aberta com um prego saindo pelo lado, aqueles livros empoeirados, aquele tabuleiro de madeira rachado no meio. Apareceu também uma caixinha com tampa de correr contendo um conjunto de minúsculas peças. E, enquanto procurava pelo jogo e o levava para a varanda, Lujin ficou se perguntando

se seu pai mencionara o xadrez por acaso ou se reparara em alguma coisa — e a explicação mais óbvia não lhe ocorreu, assim como com frequência, ao se resolver um problema, a solução passa por alguma jogada que parecia proibida, impossível, excluída naturalmente da gama de movimentos previsíveis.

E agora, depois de removida com um pedaço de jornal a poeira que cobria o tabuleiro e enquanto o jogo era armado sobre a mesa entre o lampião e as framboesas, já não se via no rosto do pai a expressão zombeteira, e Lujin, esquecendo o medo, esquecendo o segredo, de repente sentiu-se invadido por um misto de excitação e orgulho ao se dar conta de que, se quisesse, podia exhibir sua arte. O pai começou a arrumar as peças.

Um dos peões foi substituído por um pequeno e ridículo objeto de cor violeta com o formato de uma garrafinha; no lugar de uma das torres entrou uma peça do jogo de damas; os cavalos tinham perdido a cabeça, e a única que restara na caixa depois que foi esvaziada (sobrando um pequeno dado e uma ficha vermelha) não se adaptou a nenhum dos cavalos. Quando tudo estava pronto, Lujin enfim se decidiu e murmurou: “Já sei jogar um pouco”.

“Quem te ensinou?”, perguntou o pai sem levantar a cabeça. “Aprendi na escola”, respondeu Lujin. “Alguns garotos sabiam jogar.” “Ah! Muito bem”, disse o pai, e acrescentou (citando o duelista de Puchkin que estava fadado a morrer):

“Começemos, se você assim deseja”.

Ele jogava xadrez desde a juventude,



mas só de tempos em tempos e sem maiores preocupações, com adversários ocasionais — em noites serenas a bordo de um vapor que navegava pelo Volga, num sanatório no exterior onde seu irmão agonizava muitos anos atrás, ali mesmo na casa de campo com o médico da aldeia, homem pouco sociável que volta e meia deixava de visitá-los —, e todas essas partidas fortuitas, repletas de descuidos e meditações estéreis, ofereciam-lhe pouco mais do que um instante de relaxamento ou apenas um meio de preservar decentemente o silêncio na companhia de uma pessoa com quem era difícil sustentar uma boa conversa; em suma, partidas rápidas e pouco complicadas, que não se notabilizavam pela ambição ou pela inspiração, e que ele sempre iniciava do

mesmo modo, sem prestar maior atenção aos lances de seu oponente. Embora não se importasse de perder, secretamente achava que era um jogador bem razoável que só perdia por desatenção, por bondade ou pelo desejo de animar o jogo com ataques ousados. Achava também que, com um mínimo de esforço e sem o menor conhecimento teórico, era possível rechaçar qualquer artimanha aprendida nos manuais. A paixão do filho pelo xadrez havia lhe causado enorme espanto, surgira de forma tão inesperada — e ao mesmo tempo tão inevitável —, e era estranho e assustador estar sentado na varanda bem iluminada, em meio às trevas de uma noite de verão, frente à frente com aquele menino cuja testa tensa parecia crescer e inchar tão logo ele se debruçou

sobre as peças — tudo aquilo era tão estranho e assustador que Lujin pai foi incapaz de pensar na partida e, conquanto fingisse estar concentrado, sua atenção saltava das vagas lembranças da jornada ilícita em São Petersburgo (a qual lhe deixara um resíduo de vergonha que preferia não investigar) para os gestos ágeis e certos com que o filho movia essa ou aquela peça. Poucos minutos após o início da partida, o menino disse: “Se você fizer isso aqui é mate e, se jogar ali, vai perder a rainha”. Confuso, Lujin pai voltou atrás na jogada e começou a raciocinar de verdade, inclinando a cabeça para a esquerda e depois para a direita, esticando lentamente os dedos na direção da rainha e os afastando num repelão, como se tivessem se queimado,

enquanto o filho com toda a calma, e com um senso de arrumação que lhe era estranho, guardava na caixa as peças postas fora de ação. Por fim, Lujin pai fez a jogada, após a qual suas posições passaram a ser devastadas até que ele soltou um riso forçado e derrubou o rei em sinal de rendição. Perdeu de forma semelhante três partidas e compreendeu que, caso jogasse outras dez, o resultado seria exatamente o mesmo, embora não fosse capaz de parar. Logo no início da quarta partida Lujin empurrou de volta a peça jogada pelo pai e, balançando a cabeça, disse numa voz confiante, sem nenhuma inflexão infantil: “A pior resposta. Tchigorin sugere que o peão seja comido”. E, tendo perdido também essa partida com uma rapidez inconcebível e

desmoralizante, Lujin pai riu de novo e, com a mão trêmula, começou a verter leite num copo de vidro facetado, no fundo do qual jazia um caroço de framboesa, que então subiu à superfície e, dando voltas, não se deixou apanhar. O menino guardou o tabuleiro e a caixa numa mesa de vime no canto da varanda e, tendo sussurrado um fleumático “boa noite”, fechou a porta atrás de si sem fazer o menor ruído.

“Bem, bem, eu devia ter esperado algo do gênero”, disse Lujin pai, enxugando a ponta dos dedos com um lenço. “Ele não joga xadrez só para se divertir, vê-se que está celebrando um ritual sagrado.”

Uma mariposa gorda e peluda, de olhos reluzentes, caiu sobre a mesa depois de esbarrar no lampião. Uma brisa

percorreu o jardim. Do carrilhão na sala de visitas chegaram doze sonoras badaladas.

“Bobagem”, disse ele, “é tudo minha imaginação. Muitos jovens são excelentes jogadores de xadrez. Não há nada de surpreendente nisso. A coisa toda está mexendo com meus nervos, só isso. Ela errou — não devia tê-lo estimulado. Bem, não faz mal...”

Pensou com tristeza que daqui a pouco teria de mentir, protestar, apaziguar — e já passava da meia-noite...

“Quero dormir”, ele disse, embora permanecesse sentado na poltrona.

E, bem cedo na manhã seguinte, no recanto mais escuro e coberto de musgo do denso bosque que ficava atrás do jardim, Lujin enterrou a preciosa caixa de

peças de xadrez de seu pai, certo de que essa era a maneira mais simples de evitar qualquer tipo de complicação, pois agora havia outras peças que podia usar à vista de todos. O pai, incapaz de sufocar seu interesse pelo assunto, foi ver o taciturno médico da aldeia, que jogava xadrez bem melhor do que ele, e à noite, após o jantar, rindo e esfregando as mãos, fazendo o possível para ignorar que tudo aquilo estava errado — embora não soubesse por quê —, fez com que o filho e o médico se sentassem na varanda em torno da mesa de vime, arrumou ele próprio as peças (pedindo desculpas pelo objeto de cor violeta), acomodou-se ao lado dos jogadores e começou a acompanhar a partida com avidez. Franzindo as espessas sobrancelhas e atormentando o nariz

carnudo com a manzorra coberta de pelos, o doutor refletia longamente sobre cada jogada e, de vez em quando, inclinava-se para trás na cadeira como se visse melhor à distância, arregalava os olhos e então se atirava pesadamente à frente, as mãos plantadas sobre os joelhos. Perdeu — e soltou um grunhido tão alto que a cadeira de vime estalou em unísono. “Mas olhe, olhe!”, exclamou Lujin pai. “Se você jogasse ali tudo estava salvo, sua posição é até melhor.” “Não vê que estou em xeque?”, rosnou o médico com sua voz grave, começando a arrumar as peças de novo. E, quando acompanhou o médico no jardim escuro até chegarem ao caminho iluminado pelos pirilampos que descia rumo à ponte, Lujin pai escutou as palavras por que tanto ansiara em outra



ocasião, mas agora aquelas palavras o oprimiram muito — preferia não tê-las ouvido.

O médico começou a vir todas as noites e, como era de fato um jogador de primeira categoria, extraía um enorme prazer daquelas derrotas incessantes. Trouxe para Lujin um manual de xadrez, embora o aconselhasse a não se deixar influenciar muito por ele, não se cansar e ler o livro ao ar livre. Falou dos grandes mestres que tinha tido a oportunidade de ver jogar, de um torneio recente e também do passado do jogo, surgindo aí um rajá algo duvidoso e o grande Philidor, que era também um músico de talento. Às vezes, com um sorriso soturno, trazia o que chamava de um “bom-bom” — um problema engenhoso recortado de alguma

publicação. Lujin o analisava durante alguns minutos, descobria a solução e, com uma expressão extraordinária no rosto e um brilho de felicidade nos olhos, exclamava em tom afetado: “Que beleza! Que beleza!”. Mas a ideia de ele próprio formular problemas não o atraía. Sentia vagamente que isso representaria um desperdício inútil da força imperiosa, combativa e estuante que sentia dentro de si sempre que o doutor, com pequenos solavancos da mão cabeluda, movia o rei para uma casa mais e mais afastada até que, por fim, assentia com a cabeça e lá ficava imóvel, enquanto Lujin pai, sempre presente, sempre ansiando por um milagre — a derrota do filho —, ficava ao mesmo tempo assustado e felicíssimo com a vitória do menino (sofrendo com essa

complicada mescla de sentimentos), pegava um cavalo ou uma torre dizendo em voz alta que nem tudo estava perdido, e jogava até o fim uma partida já irremediavelmente comprometida.

E foi assim que tudo começou. Entre a série de noites na varanda e o dia em que a fotografia de Lujin apareceu numa revista de São Petersburgo, foi como se nada tivesse acontecido, nem a chuva fina de outono caindo sobre os ásteres da casa de campo, nem a viagem de regresso à cidade, nem a volta à escola. A fotografia foi publicada num dia de outubro logo após sua primeira e inesquecível exibição num clube de xadrez. E tudo mais que ocorreu entre o retorno à cidade e a foto — dois meses ao todo — foi tão indistinto e confuso que mais tarde, ao lembrar

essa época, Lujin era incapaz de dizer exatamente quando, por exemplo, teve lugar a festa de confraternização na escola durante a qual, num canto onde passava quase despercebido dos colegas, ele derrotara com toda a tranquilidade o professor de geografia, um amador de renome, ou quando seu pai convidou para jantar um judeu de cabelos grisalhos, um gênio enxadrístico já senil que, vitorioso em todas as cidades do mundo, vivia agora na pobreza e sem nada para fazer, quase cego, doente do coração, tendo perdido para sempre sua chama, seu domínio do jogo, sua sorte... De uma coisa, porém, Lujin lembrava-se muito bem: o medo que sentira na escola, o medo de que soubessem de seu dom e o ridicularizassem, motivo pelo qual,

guiado por essa recordação infalível, estava convencido de que, após a partida disputada durante o evento social, não devia ter voltado à escola, pois, guardando bem vivos na memória os sofrimentos por que passara na infância, era incapaz de imaginar a sensação horrível que teria sentido ao entrar na sala de aula na manhã seguinte a fim de enfrentar aqueles olhares penetrantes e inquisitivos. Por outro lado, lembrava-se de que, após a publicação da fotografia, recusara-se a voltar à escola, embora fosse impossível desatar na memória o nó que unia o evento social e a fotografia, impossível dizer o que acontecera antes e o que acontecera depois. Foi seu pai quem lhe mostrou a revista com a foto tirada um ano antes na casa de campo: uma árvore

no jardim e ele ao lado, sombras de folhagem na testa, uma expressão mal-humorada no rosto ligeiramente inclinado, aqueles shorts brancos apertados que sempre se desabotoavam na frente. Em vez da alegria que seu pai esperava provocar, Lujin não manifestou nenhuma emoção — embora sentisse uma grande satisfação secreta: aquilo significava o fim da escola. Durante uma semana inteira suplicaram para que ele voltasse. Sua mãe, é óbvio, chorou. Seu pai ameaçou confiscar o jogo de xadrez novo — peças enormes num tabuleiro de marroquim. E, de repente, tudo se arranhou naturalmente. Ele fugiu de casa — vestindo o casaco de outono, porque o de inverno havia sido escondido após uma tentativa de fuga malsucedida — e, sem saber para onde ir

(caía uma neve fina que o fustigava e se acumulava nas cornijas, de onde o vento a varria a fim de reencenar interminavelmente uma nevasca em miniatura), acabou diante da casa da tia, a quem não via desde a primavera. Encontrou-a de saída, usando um chapéu preto e segurando um buquê de flores enrolado em papel, a caminho de um enterro. “Seu velho parceiro morreu”, disse. “Venha comigo.” Irritado porque não iria se aquecer, irritado com a neve que caía e com as lágrimas sentimentais que luziam através do véu da tia, Lujin deu uma meia-volta brusca e se afastou. Após andar durante cerca de uma hora, rumou para casa. Não se recordava desse regresso — e, coisa ainda mais curiosa, nunca teve certeza de que as coisas

haviam acontecido assim mesmo; talvez sua memória houvesse mais tarde se apropriado de muito daquilo que só ocorreu no delírio —, pois delirou durante toda uma semana e, como era extremamente frágil e sensível, os médicos presumiram que ele não resistiria. Não era a primeira vez que ficava doente e, ao reconstituir anos depois a sensação daquela doença em particular, involuntariamente lembrava-se de outras, das muitas que tinham marcado sua infância: lembrava-se em especial de quando era bem pequeno, brincando sozinho e se enrolando no tapete que imitava pele de tigre para se fazer passar por um rei — pobre criança! —, e esse era o papel de que mais gostava, porque o manto imaginário o protegia dos acessos



de frio causados pela febre, adiando tanto quanto possível o momento inevitável em que alguém encostaria a mão em sua testa, tomaria a temperatura e o cobriria de cobertores na cama. Na verdade, nunca tinha havido nada comparável à enfermidade impregnada de xadrez que o acometeu naquele mês de outubro. O judeu grisalho que costumava ganhar de Tchigorin; o cadáver do admirador de sua tia, coberto de flores dos pés à cabeça; a expressão alegre e hipócrita de seu pai ao lhe trazer a revista; o professor de geografia petrificado com o súbito xeque-mate; a sala enfumaçada do clube de xadrez onde um monte de universitários se amontoava em torno dele; o rosto bem escanhado do músico que, curiosamente, prendia o fone, como um violino, entre o

ombro e o queixo — todas essas imagens frequentaram seu delírio e assumiram a forma de uma partida monstruosa, jogada num tabuleiro fantasmagórico e instável que se desintegrava sem cessar.

Uma vez curado, o menino, mais alto e mais magro, foi levado para o exterior, inicialmente para a costa do Adriático, onde ficava horas a fio deitado ao sol no terraço de um jardim jogando mentalmente uma partida atrás da outra, coisa que ninguém podia impedi-lo de fazer. Mais tarde foi para uma estação de águas na Alemanha, onde seu pai o levava para passear nas trilhas flanqueadas por cercas feitas com galhos retorcidos de faia. Dezesseis anos depois, quando retornou à cidadezinha, reconheceu os anões de cerâmica com suas longas barbas entre os

canteiros de flores, as alamedas de cascalho colorido do jardim à frente do hotel (que tinha ficado maior e mais bonito), bem como o bosque escuro e úmido na colina e as marcações em várias cores (cada qual indicando determinado passeio) feitas num tronco de faia ou numa pedra a fim de que o caminhante não perdesse o rumo nas encruzilhadas. Nas lojas perto da fonte vendiam-se os mesmos pesos de papel com paisagens azul-esmeralda e apliques de madrepérola sob o vidro convexo, sem dúvida a mesma orquestra tocava pot-pourris de óperas no coreto do parque e os mesmos bordos lançavam suas sombras agitadas sobre as mesinhas em torno das quais as pessoas tomavam café e comiam fatias triangulares de torta de maçã com creme batido.

“Olha, está vendo aquelas janelas?”, disse ele, apontando com a bengala para uma ala do hotel. “Foi ali que disputei um belo torneio. Alguns dos mais respeitados jogadores alemães participaram. Eu era um menino de catorze anos. Terceiro lugar, isso mesmo, terceiro lugar.”

Pousou de novo as mãos sobre o cabo da grossa bengala no gesto triste — e mais apropriado para um velho — que agora se tornara um hábito, inclinando a cabeça como se escutasse uma música vinda de longe.

“O quê? Pôr o chapéu? Você acha que o sol está de rachar? Me parece inútil. Para que se preocupar com isso? Estamos sentados na sombra.”

Não obstante, pegou o chapéu de palha que lhe era oferecido por cima da

mesinha, tamborilou no fundo onde uma mancha escura cobria o nome do chapeleiro e o pôs na cabeça com um sorriso torto: o lado direito do rosto e o canto da boca se ergueram ligeiramente, deixando à mostra os dentes ruins e amarelados pelo tabaco. Esse era seu único sorriso. Difícil dizer que estava apenas entrando em sua quarta década: das asas do nariz desciam dois profundos sulcos que cortavam a carne balofa, os ombros eram encurvados, por todo o corpo se espalhava uma adiposidade malsã; e, quando se levantou de repente, erguendo os cotovelos para defender-se de uma vespa, via-se que era muito corpulento — nada no pequeno Lujin permitia prever essa gordura doentia, esse ar indolente. “Mas por que ela resolveu

me perseguir?”, exclamou numa voz fina e lamuriosa, continuando a manter um dos cotovelos erguido e lutando para pegar o lenço com a outra mão. Tendo completado um último círculo, a vespa partiu, enquanto ele a seguia com os olhos por longo tempo, sacudindo mecanicamente o lenço. Ajeitou depois com mais firmeza a cadeira de ferro no chão de cascalho, pegou a bengala que caíra ao solo e voltou a sentar-se, ofegante.

“Por que você está rindo? As vespas são insetos extremamente desagradáveis.” Franzindo a testa, olhou para a mesa. Ao lado de sua cigarreira havia uma bolsa semicircular de seda preta. Apanhou-a distraidamente e começou a brincar com o fecho.

“Não fecha direito”, ele disse sem

levantar os olhos. “Um belo dia vai cair tudo de dentro dela.”

Ele suspirou, deixou de lado a bolsa e acrescentou no mesmo tom de voz: “É verdade, os mais respeitados jogadores alemães. E um austríaco. Meu falecido pai deu azar. Estava certo de que não havia por aqui nenhum interesse especial pelo xadrez e chegamos bem nas vésperas de um torneio”.

Algumas coisas tinham sido reconstruídas e mudadas de lugar, a ala do hotel estava diferente. Tinham vivido no segundo andar e decidido ficar por lá até o final do ano, retornando então à Rússia — e o fantasma da escola, que o pai não ousava mencionar, voltara a surgir diante dele. Sua mãe partiu muito antes, no início do verão. Disse que sentia uma falta louca

do campo russo, e a forma dolorida e melancólica com que alongava a primeira sílaba da palavra “louca” foi praticamente a única entonação dela que Lujin guardou na memória. Mas foi relutante, sem saber de fato se devia ir ou ficar. Já fazia algum tempo que vinha sentindo uma estranha sensação de afastamento do filho, como se a vida o tivesse tangido para um local distante e o ser que ela amava não era aquele rapazote, o prodígio enxadrístico de que falavam os jornais, mas o menininho febril e insuportável que à menor provocação se atirava ao chão, urrando e batendo com os pés. E tudo era tão triste e tão desnecessário — os lilases ralos (e que nada tinham de russo) no jardim da estação da estrada de ferro, as lâmpadas em forma de tulipa no carro-



dormitório do Nord-Express, aquela sensação de aperto no peito, de sufocação, talvez uma angina, talvez apenas, como dizia o marido, seus nervos. Foi embora e não escreveu. Seu pai foi ficando mais alegre e mudou-se para um quarto menor. E então, num dia de julho, quando Lujin filho voltava de outro hotel — onde vivia um daqueles lúgubres velhinhos que eram seus parceiros de jogo —, por acaso, na luz brilhante do sol poente, viu de relance seu pai junto à cerca de madeira de uma trilha na colina. Estava acompanhado de uma senhora, e como essa senhora era certamente a jovem tia ruiva de São Petersburgo, Lujin se sentiu muito surpreso e algo envergonhado, nada dizendo ao pai. Alguns dias depois, bem cedo pela manhã,

ouviu o pai se aproximando rápido pelo corredor, aparentemente rindo muito alto. A porta foi aberta com um repelão e ele entrou trazendo na mão uma tira de papel, como se quisesse mantê-la tão longe do corpo quanto possível. As lágrimas rolavam por sua face e ao longo do nariz como se ele tivesse jogado água no rosto, e repetia sem parar em meio aos soluços: “O que é isso? O que é isso? Só pode ser um engano, eles se enganaram” — e continuava a manter longe de si o telegrama.

# 5

Ele jogou em São Petersburgo, Moscou, Nijni Novgorod, Kiev, Odessa. Por essa época apareceu um certo Valentinov, misto de preceptor e empresário. Lujin pai usava uma braçadeira preta após a morte da mulher e dizia aos jornalistas das províncias que jamais teria conhecido tão profundamente seu país natal se não tivesse tido como filho um prodígio.

Defrontou-se nos torneios com os

melhores jogadores russos.

Frequentemente enfrentava até vinte amadores em partidas simultâneas. Às vezes jogava às cegas. Lujin pai, muitos anos depois (quando cada contribuição para os jornais de emigrados lhe parecia ser seu canto do cisne — e só Deus sabe quantos cantos houve, cheios de lirismo e erros tipográficos), pensou escrever um breve romance precisamente sobre um menino que jogava xadrez e era levado de cidade em cidade pelo pai (na história, o padrasto). Começou a escrevê-lo em 1928 — ao voltar para casa depois de uma reunião do Sindicato de Escritores Exilados à qual só ele compareceu. A ideia do livro ocorreu-lhe de forma tão inesperada quanto vivida, enquanto aguardava na sala de reuniões de um

restaurante berlinense. Como de hábito, chegara bem cedo, manifestara surpresa pelo fato de que as mesas não tinham sido postas lado a lado para formar uma longa bancada, mandara que o garçom o fizesse imediatamente e pedira chá acompanhado de uma dose de conhaque. A sala estava limpa e bem iluminada, com uma natureza-morta na parede representando pêssegos suculentos em torno de uma melancia da qual uma fatia já fora cortada. Uma toalha limpa inflou-se preguiçosamente e veio pousar sobre as mesas unidas. Ele pôs um torrão de açúcar no chá e, olhando as bolhas subirem para a superfície, aqueceu contra o copo as mãos exangues e sempre frias. No bar, um violino e um piano tocavam seleções da *Traviata* — e a música melodiosa, o

conhaque, a brancura da toalha limpa, tudo isso fez Lujin pai mergulhar numa grande melancolia, mas uma melancolia tão doce que ele nem ousava se mexer. Lá ficou sentado, um cotovelo apoiado sobre a mesa, o dedo contra a têmpora—um velho macilento, de olhos avermelhados, vestindo um colete de tricô sob o paletó marrom. A música prosseguia, a sala vazia continuava inundada de luz, a rubra ferida da melancia não cessava de brilhar — porém ninguém chegava para a reunião. Consultou várias vezes o relógio, mas o chá e a música o envolveram numa atmosfera de tamanha suavidade que se esqueceu da hora e, sentado tranquilamente, pôs-se a pensar sobre uma coisa e outra — a máquina de escrever que comprara de segunda mão, o Teatro

Marinsky, o filho que só de raro em raro vinha a Berlim. E, de repente, percebeu que já se passara uma hora, que a toalha permanecia branca e vazia... E, naquela solidão luminosa que lhe pareceu quase mística, sentado à mesa preparada para uma reunião que não ocorreu, decidiu de súbito que, após uma longa ausência, a inspiração literária voltara a visitá-lo.

Hora de fazer um balanço, ele pensou, olhando em volta da sala vazia — toalha, papel de parede azul, natureza-morta — como se olha o aposento onde nasceu um personagem famoso. E Lujin pai convidou mentalmente seu futuro biógrafo (o qual, paradoxalmente, se tornava mais e mais incorpóreo e distante à medida que se aproximava o momento de vê-lo entrar em ação) a examinar com atenção a sala onde

por acaso fora concebido o romance O gambito. Tomou o resto do chá de um gole, vestiu o casaco, pôs o chapéu, soube pelo garçom que era terça-feira e não quarta, sorriu com uma ponta de prazer ao se dar conta de sua distração e, tão logo chegou em casa, removeu a tampa preta de metal da máquina de escrever.

A imagem mais vivida que surgiu diante de seus olhos foi uma lembrança (ligeiramente retocada pela imaginação do escritor): um salão bem iluminado, duas fileiras de mesas, tabuleiros de xadrez sobre as mesas. Uma pessoa está sentada diante de cada mesa e, atrás dela, um grupo de espectadores, de pé, espicha o pescoço para ver melhor. No espaço entre as mesas, sem olhar para ninguém, passa então rapidamente um menino —



vestido como o filho do tsar num elegante uniforme branco de marinheiro. Para diante de cada tabuleiro, executa de imediato uma jogada ou reflete por alguns segundos, inclinando a cabeça coroada pelos cabelos de um castanho dourado. Um observador que nada soubesse sobre as partidas simultâneas de xadrez ficaria totalmente perplexo ao ver aqueles senhores idosos e trajados de preto, sentados com ar taciturno diante de tabuleiros cobertos de curiosas figurinhas, enquanto um garoto ágil e bem vestido, cuja presença ali é inexplicável, passa de uma mesa a outra em meio a um silêncio tenso e estranho, o único a se mover entre tantos personagens petrificados...

O escritor Lujin não foi capaz de reparar quão estilizada era sua

recordação. Nem notou que emprestara ao filho traços mais característicos de um prodígio musical do que enxadrístico, algo ao mesmo tempo doentio e angelical: olhos estranhamente velados, cabelos encaracolados, uma palidez translúcida. Mas agora se viu confrontado com certas dificuldades: essa imagem do filho, expurgada de todos os elementos espúrios e levada aos limites da ternura, tinha de ser enquadrada num contexto físico. Uma coisa decidiu sem a menor dúvida: não deixaria que esse menino crescesse, não o transformaria naquele ser macambúzio que às vezes o visitava em Berlim, respondia às perguntas com monossílabos, lá ficava sentado com os olhos semicerrados e depois partia deixando um envelope com dinheiro no peitoril da

janela.

“Ele vai morrer jovem”, disse em voz alta, caminhando sem cessar pelo quarto e em torno da máquina de escrever destampada, cujas teclas o observavam com suas pupilas de luz refletida. “Sim, ele vai morrer jovem, sua morte será lógica e muito comovente. Morrerá na cama enquanto joga sua última partida.” Ficou tão entusiasmado com essa ideia que lamentou não poder começar a escrever o livro pelo fim. Porém, na verdade, por que não podia fazer isso? Não custava tentar... Começou a guiar o pensamento para trás — da morte tão tocante e tão emblemática rumo às vagas origens do personagem principal, mas logo teve algumas dúvidas e sentou-se à escrivaninha para pensar melhor.

O dom de seu filho só se desenvolvera plenamente depois da guerra, quando o Wunderkind se transformou em mestre. Em 1914, às vésperas da guerra que tornava tão difícil a tarefa de criar um enredo literário enxuto, ele mais uma vez fora para o exterior com o filho, juntamente com Valentinov. Lujin havia sido convidado a jogar em Viena, Budapeste e Roma. A fama do menino russo, que já tinha derrotado um ou dois jogadores cujos nomes constam dos manuais de xadrez, crescia com tamanha rapidez que até mesmo seu modesto renome literário também era citado de passagem nos jornais estrangeiros. Os três encontravam-se na Suíça quando o arquiduque austríaco foi assassinado. Com base em considerações meramente acidentais (a

ideia de que o ar de montanha era bom para o filho... a opinião de Valentinov de que agora a Rússia não teria tempo para pensar em xadrez, enquanto essa era a única coisa que mantinha seu filho vivo... a impressão de que a guerra não duraria muito), ele tinha retornado sozinho para São Petersburgo. Após alguns meses não aguentou mais e chamou o filho de volta. Numa carta estranha e pomposa, cujos circunlóquios pareciam espelhar o percurso complexo que ela percorrera para chegar a suas mãos, Valentinov informou-o de que seu filho não desejava regressar. Lujin escreveu de novo, e a resposta, igualmente empolada e cortês, não veio de Tarasp, mas de Nápoles. Ele começou a odiar Valentinov. Viveu dias de extraordinária angústia. Ocorreram

complicações absurdas com a transferência de dinheiro. Contudo, numa carta posterior, Valentinov propôs assumir todos os custos da manutenção do menino — acertariam as contas mais tarde. O tempo passou. No papel inesperado de correspondente de guerra, ele foi parar no Cáucaso. Os dias de angústia e de ódio intenso por Valentinov (que, no entanto, escrevia com afinco) foram seguidos por dias de paz mental, causada pelo sentimento de que a vida no exterior era boa para o filho — melhor do que seria na Rússia (justamente o que Valentinov não se cansava de afirmar).

Agora, uma década e meia depois, aqueles anos de guerra comprovaram ser um obstáculo exasperador. Pareciam usurpar sua liberdade de criação, pois, em

qualquer livro acerca do desenvolvimento gradual de determinada personalidade humana, o autor era obrigado a mencionar a guerra — e nem mesmo se podia evitar o problema com a morte do personagem na juventude. A imagem de seu filho estava cercada de pessoas e circunstâncias que, infelizmente, só podiam ser concebidas contra o pano de fundo da guerra e que não existiriam fora desse contexto. Com a revolução era ainda pior. Era opinião geral que ela influenciara a vida de todos os russos: um escritor não podia permitir que seu personagem central a atravessasse sem se queimar, impossível deixá-la de lado. Isso equivalia a uma autêntica violação do livre-arbítrio do autor. Na verdade, como a revolução poderia afetar seu filho? No

tão esperado dia do outono de 1917, Valentinov apareceu tão alegre, falastrão e magnificamente bem vestido quanto antes, vindo atrás dele um jovem gorducho com um bigode ainda ralo. Houve um momento de tristeza, embaraço e estranha decepção. O filho mal falou e ficou olhando de esguelha para a janela (“Está com medo de que haja tiros”, explicou Valentinov baixinho). De início, tudo isso dava a impressão de ser um pesadelo — mas a gente se acostuma com qualquer coisa. Valentinov continuou a declarar que tudo que lhe fosse devido podia ser acertado mais tarde “entre amigos”. Verificou-se que ele tinha importantes negócios secretos e dinheiro bem guardado em todos os bancos da Europa aliada. O jovem Lujin começou a



frequentar um clube de xadrez muitíssimo discreto que florescera com todo o vigor em pleno caos social. Na primavera, junto com Valentinov, ele desapareceu — partindo mais uma vez para o exterior.

Depois disso, as recordações estritamente pessoais que lhe vinham à mente sem ser invocadas eram de todo inúteis — fome, prisão, esse tipo de coisa e, de repente, o exílio legal, a bendita expulsão, o convés amarelo e limpo do navio, a brisa do Báltico, a discussão com o professor Vasilenko sobre a imortalidade da alma.

De tudo aquilo, daquela mixórdia grosseira que se grudava a sua pena e desabava de todos os recantos da memória, degradando cada recordação e bloqueando o pensamento livre, ele se

sentiu compelido a extirpar a figura de Valentinov — cuidadosamente, pedaço por pedaço — a fim de pô-lo por inteiro no futuro livro. Homem de inegável talento, como era caracterizado por aqueles que se propunham a dizer algo ruim sobre ele; sujeito estranho, um faz-tudo, indispensável na organização de espetáculos teatrais de amadores, engenheiro, soberbo matemático, entusiasta de xadrez e damas, segundo sua própria definição uma “pessoa divertidíssima”. Tinha olhos castanhos maravilhosos e um riso extraordinariamente cativante. Usava no dedo indicador um anel com uma caveira e insinuava ter lutado alguns duelos. Certa época deu aulas de ginástica na escola de Lujin, impressionando alunos e

professores com o fato de que uma senhora misteriosa costumava buscá-lo numa limusine. Inventou um surpreendente método de pavimentação metálica que foi testado em São Petersburgo, no Nevsky, perto da catedral de Kazan. Formulou vários problemas de xadrez muito engenhosos e foi o primeiro expoente daquilo que passou a ser chamado de “tema russo”. Tinha vinte e oito anos quando eclodiu a guerra e não sofria de nenhuma enfermidade. De alguma forma, a anêmica palavra “desertor” não se ajustava bem àquele homem alegre, robusto e ágil, embora não haja nenhuma outra que descreva sua situação. Ninguém jamais soube o que fez no exterior durante a guerra.

E, assim, o escritor Lujin decidiu

utilizá-lo por inteiro: graças a sua presença, qualquer história adquiria uma vivacidade extraordinária, um sabor de aventura. Mas a parte mais importante ainda precisava ser inventada. Tudo o que tinha até então era o colorido — rico e intenso, sem dúvida, porém flutuando em manchas isoladas; faltava ainda encontrar um desenho definitivo, uma linha precisa. Pela primeira vez o escritor Lujin começara involuntariamente com as cores.

E, quanto mais brilhantes essas cores se tornavam em sua mente, mais difícil era sentar-se diante da máquina de escrever. Um mês se passou, depois outro, começou o verão — e ele continuava a embelezar com as tintas mais festivas um tema que ainda permanecia invisível. Por vezes lhe parecia que o livro já tinha sido escrito,

ele via com nitidez o tipo escolhido, as provas de paquê com hieróglifos vermelhos nas margens, mais tarde as páginas impressas, tão frescas, crepitando sob seus dedos; e, mais além, um nevoeiro maravilhoso, deliciosas recompensas por todos os seus fracassos, por toda a inconstância da fama. Visitou seus numerosos conhecidos e falou longamente, com imenso entusiasmo, do livro em gestação. Um jornal de emigrados publicou uma nota anunciando que, após longo silêncio, ele trabalhava num novo romance. E essa nota, que ele próprio escrevera e enviara à redação, foi lida três vezes com grande emoção antes de ser recortada e guardada na sua carteira de notas. Ele começou a comparecer com mais frequência às noitadas literárias,

imaginando que todos o olhavam com curiosidade e respeito. Em certo traiçoeiro dia de verão, ao procurar em vão por boletos num bosque nos subúrbios, ficou encharcado devido a uma chuvarada repentina. Na manhã seguinte, caiu de cama. Sua enfermidade foi breve e solitária, o fim nada tranquilo. O conselho do Sindicato de Escritores Emigrados honrou sua memória com um minuto de silêncio.

# 6

“Vai cair tudo aí de dentro, pode ter certeza”, disse Lujin pegando de novo a bolsa.

Ela esticou rapidamente a mão e afastou a bolsa, batendo com ela na mesa como se quisesse enfatizar a proibição. “Você tem que estar sempre mexendo em alguma coisa”, disse em tom amistoso.

Lujin olhou para sua mão, estendendo os dedos e voltando a dobrá-los. As unhas, amareladas pela nicotina, tinham

cutículas irregulares; pequenas rugas carnudas marcavam as juntas dos dedos e alguns poucos pelos cresciam mais abaixo. Pôs a mão sobre a mesa junto à dela, de um branco leitoso e aspecto macio, com unhas curtas e bem cuidadas.

“Sinto não ter conhecido seu pai”, disse ela após uma pausa. “Deve ter sido um homem muito bom e zeloso, que gostava muito de você.”

Lujin ficou em silêncio.

“Me conta mais — como era sua vida aqui? Você se comportava mesmo como qualquer garotinho, correndo e fazendo travessuras?”

Ele voltou a pousar as duas mãos sobre o cabo da bengala e, pela expressão do rosto, pela forma com que as pesadas pálpebras quase se fecharam e a boca se



entreabriu ligeiramente, como se fosse bocejar, ela concluiu que Lujin tinha se entediado, que estava cansado de relemburar o passado. E, de qualquer modo, suas reminiscências eram muito frias: ela ficou intrigada com o fato de que, tendo perdido o pai havia apenas um mês, Lujin era capaz de olhar sem uma lágrima para o hotel onde tinham vivido durante sua meninice. No entanto, mesmo em sua indiferença, nas palavras canhestras e nos movimentos desajeitados de sua alma (que parecia estar se revirando sonolentemente para voltar a dormir logo depois), ela imaginava entrever algo patético, um encanto difícil de definir que sentira desde o dia em que se conheceram. Havia um quê de mistério na circunstância de que, malgrado a

evidente tepidez da relação com o pai, ele tivesse escolhido justamente aquela estação de águas e justamente aquele hotel, como se esperasse receber dos objetos e paisagens de outrora o frêmito de emoção que era incapaz de sentir sem um auxílio externo. E chegara de forma imponente, num dia cinzento e fresco, sob uma chuva fina, usando um execrável e surrado chapéu preto e enormes galochas. Vendo pela janela aquela figura descer pesadamente do ônibus do hotel, ela sentira que o recém-chegado devia ser alguém muito especial, diferente de qualquer outro hóspede. Na mesma noite soube quem ele era. Todos no restaurante olhavam para o homem corpulento e melancólico que comia com sofreguidão e maus modos, às vezes perdido em

pensamentos, passando o dedo na toalha. Ela não jogava xadrez e não tinha o menor interesse pelos torneios de xadrez, porém o nome dele não lhe era de todo estranho, ficara gravado inconscientemente em sua memória, embora não se lembrasse quando o tinha ouvido pela primeira vez. Um industrial alemão que sofria de prisão de ventre crônica e gostava de falar sobre o assunto, homem de intelecto limitado mas simpático, agradável e vestido com bom gosto, de repente esqueceu a constipação e, na galeria onde bebiam a água curativa, contou-lhe vários fatos espantosos sobre o cavalheiro taciturno que, tendo trocado o surrado chapéu de feltro por um velho chapéu de palha, estava agora postado diante de uma pequena vitrine embutida numa das

colunas e examinava as bugigangas artesanais postas à venda. “Seu compatriota”, disse o industrial, apontando Lujin com um movimento da sobrancelha, “é um enxadrista famoso. Está vindo de Paris para o torneio que começa em Berlim daqui a dois meses. Se vencer, vai desafiar o campeão mundial. O pai dele morreu há pouco. Está tudo aqui no jornal.”

Ela queria conhecê-lo, falar russo — tão atraída se sentia por sua falta de jeito, seu ar taciturno, o colarinho curto e virado que o fazia parecer um músico... Ficou satisfeita por ele não ter reparado nela nem inventado alguma desculpa para lhe falar, como faziam todos os outros solteiros no hotel. Ela não era especialmente bonita, faltava algo em suas

feições delicadas e regulares, como se a natureza não tivesse dado o último e decisivo toque que a teria tornado bonita, mantendo inalterados seus traços, mas lhes emprestando um significado inefável. Contudo, tinha vinte e cinco anos, seus cabelos curtos (como ditava a moda) eram bem tratados e atraentes, e o jeito com que movia a cabeça traía uma sugestão de harmonia latente, uma promessa de beleza genuína que no último instante não era cumprida. Seus vestidos, extremamente simples e bem cortados, expunham os braços e o pescoço como se desejasse exibir um pouco de seu tenro frescor. Era rica — o pai havia perdido uma fortuna na Rússia e acumulara outra na Alemanha. A mãe estava para chegar à estação de águas, mas, desde o advento de Lujin,

desagradava-a a ideia do rebuliço que ela causaria.

Conheceu-o três dias após a chegada de Lujin, assim como essas coisas acontecem nos velhos romances ou nos filmes: a mocinha deixa cair o lenço e o galã o apanha — com a única diferença de que os papéis foram trocados. Lujin caminhava à frente dela por uma trilha e deixou cair, um após o outro: um grande lenço quadriculado extremamente sujo ao qual se haviam grudado detritos de todo tipo; um cigarro quebrado e amassado sem metade do fumo; uma noz; e um franco francês. Recolhendo apenas o lenço e a moeda, ela se aproximou aos poucos, esperando, curiosa, alguma perda adicional. Com a bengala que levava na mão direita, Lujin tocava de passagem em

cada tronco de árvore e em cada banco, enquanto cavoucava no bolso com a mão esquerda; por fim parou, virou pelo avesso o bolso do paletó, deixou cair mais uma moeda e começou a examinar o enorme buraco no forro. “Passou direto”, disse em alemão, tomando o lenço que ela lhe estendeu. “Isso também”, disse ela em russo. “Material ordinário”, continuou ele sem erguer os olhos, sem mudar para o russo e sem mostrar a menor surpresa, como se a devolução de suas coisas fosse muito natural. “Ah, não ponha tudo de volta aí”, disse ela com uma risada repentina. Só então ele levantou a cabeça e lhe lançou um olhar sombrio. Seu rosto pálido e balofo, com as bochechas mal escanhoadas e cortadas aqui e ali pela navalha, foi tomado por uma curiosa

expressão de espanto. Tinha olhos maravilhosos: estreitos, até mesmo um pouco oblíquos e como se salpicados de pó por baixo das pesadas pálpebras; mas aquela poeira aveludada era transpassada por um brilho úmido e azulado que continha algo de insano e atraente. “Não deixe tudo cair outra vez”, ela disse ao se afastar, sentindo que o olhar de Lujin a seguia. À noite, ao entrar no restaurante, ela não pôde deixar de lhe sorrir de longe, recebendo de volta o mesmo sorriso torto e melancólico com que Lujin vez por outra brindava o gato do hotel quando ele se esgueirava silenciosamente pelo chão de mesa em mesa. E no dia seguinte, entre as grutas, fontes e anões de barro do jardim do hotel, Lujin foi ao encontro dela e, com sua voz triste e grave, começou a



agradecê-la pelo lenço e pela moeda (e desde então, de uma forma vaga e quase inconsciente, manteve-se alerta para ver se ela não deixava cair nada — como se tentasse restabelecer alguma misteriosa simetria). “Não há de quê, não há de quê”, ela respondeu, acrescentando palavras semelhantes, parentes pobres das palavras verdadeiras — e quantas delas existem, essas palavrinhas descartáveis que são faladas às pressas e preenchem temporariamente o vazio! Usando tais palavras e sentindo como eram insípidas, perguntou se ele gostava do lugar, se pretendia ficar por muito tempo e se tomava as águas. Depois, totalmente consciente de como a pergunta era idiota, mas incapaz de se conter, perguntou há quanto tempo ele jogava xadrez. Lujin não

respondeu e virou o rosto, deixando-a tão sem jeito que ela começou a recitar todas as previsões meteorológicas para ontem, hoje e amanhã. Ele permaneceu em silêncio e ela também se calou, dedicando-se a remexer na bolsa, buscando desesperadamente um assunto de conversa e encontrando apenas um pente quebrado. De repente, Lujin encarou-a e disse: “Dezoito anos, três meses e quatro dias”. A resposta lhe trouxe um profundo alívio, além de lisonjeá-la por sua extraordinária precisão. No entanto, não tardou a ficar algo irritada com o fato de que Lujin não fazia nenhuma pergunta, como se não lhe desse maior importância.

Um artista, um grande artista, ela pensava com frequência ao contemplar

seu perfil maciço, o corpo rotundo e encurvado, a mecha de cabelos pretos grudada na testa sempre úmida de suor. E, talvez precisamente por não entender nada do assunto, o xadrez lhe parecia ser mais do que um jogo de salão ou um passatempo agradável, ganhando a aura de uma arte misteriosa, comparável a qualquer outra reconhecida como tal. Ela nunca mantivera contato com gente daquele tipo — não tinha com quem compará-lo, exceto com os excêntricos inspirados, músicos e poetas, de que fazemos uma imagem tão clara e tão vaga quanto a de um imperador romano, um juiz do tribunal da Inquisição ou um avarento de comédia. Sua memória continha uma galeria modesta e fracamente iluminada de todas as pessoas que de alguma forma

a haviam impressionado. Lá estavam suas reminiscências do tempo de estudante — a escola de meninas de São Petersburgo com a fachada coberta de fartas heras que se estendia por uma rua pequena, poeirenta e sem bondes; e o professor de geografia — que também lecionava numa escola de meninos —, um homem de olhos grandes com uma testa muito branca e cabelos desgrenhados; dizia-se que sofria de tuberculose, que certa vez fora recebido pelo dalai-lama e que estava apaixonado por uma das alunas do último ano, sobrinha da diretora, uma senhora de cabelos brancos e olhos azuis cujo escritóriozinho imaculadamente arrumado era ainda mais acolhedor por causa do papel de parede azul e do aquecedor holandês de porcelana branca. E era

justamente contra um pano de fundo azul e cercado de uma atmosfera também azul que o professor de geografia ficara impresso em sua memória: ele entrava às pressas e ruidosamente na sala de aula, com seu jeito sempre impulsivo, e então se dissolvia e desaparecia, cedendo lugar a outra pessoa, que também lhe pareceu diferente do resto. A aparição dessa pessoa foi precedida de longas advertências por parte da diretora para que ninguém risse, para que ninguém risse em hipótese alguma. Isso aconteceu no primeiro ano do regime soviético: das quarenta alunas da classe, só restavam dezessete, e todo dia elas perguntavam aos professores se haveria aula, recebendo sempre a mesma resposta: “Ainda não vieram as instruções finais”.

A diretora proibira qualquer risadinha quando viesse o representante do Comissariado para a Educação Popular, o que quer que ele dissesse, o que quer que fizesse. E ele acabou vindo e ganhando um lugar permanente na sua memória como um ser extraordinariamente engraçado, o visitante de um mundo diferente, um mundo absurdo. Embora coxo, era muito dinâmico e agitado, com olhos vivos e reluzentes. As garotas estavam espremidas no salão silencioso enquanto ele andava de um lado para o outro, manquejando energicamente, fazendo meias-voltas com uma agilidade simiesca. Claudicante, passava diante delas arrastando agilmente o sapato de sola dupla e cortando com a mão direita o ar em fatias regulares ou alisando-o como

se fosse um tecido. Falou em voz rápida e durante um bom tempo sobre as aulas de sociologia que iria dar e sobre a iminente fusão com uma escola de meninos — e o riso sufocado fazia doer as mandíbulas das garotas, provocava espasmos em suas gargantas. Mais tarde, na Finlândia, que ficara registrada em seu coração como algo mais russo do que a Rússia, talvez porque o chalé de madeira, os pinheiros e o barco branco no lago, enegrecido pelo reflexo das coníferas, eram especialmente russos, tendo um valor ainda maior por serem algo proibido do outro lado da fronteira. Naquela Finlândia que ainda era um local de férias, ainda parte da vida de São Petersburgo, ela viu várias vezes, de longe, um escritor célebre, homem muito pálido com uma barbicha bastante

conspícua, que não cessava de olhar para o céu onde já começavam a circular os assustadores aviões inimigos.

Estranhamente, em sua memória ele ficou ao lado do oficial russo que mais tarde perdeu um braço na Crimeia durante a guerra civil — um rapaz extremamente tímido e reservado com quem ela costumava jogar tênis no verão e esquiar no inverno. Junto com essa reminiscência hibernai, vinha à tona uma cena noturna em que aparecia a casa de campo do célebre escritor, onde ele veio a morrer, bem como o caminho aberto entre os bancos de neve iluminados pelos lampiões elétricos, faixas espectrais na neve escura. Esses homens, de ocupações variadas, davam a suas lembranças coloridos diferentes (geógrafo azul,



comissário cáqui, o sobretudo negro do escritor e um jovem todo de branco atirando para o alto um cone de pinheiro com sua raquete de tênis) e eram seguidos por imagens fugazes: a vida de emigrados em Berlim, os bailes de caridade, as reuniões de monarquistas e um bocado de gente idêntica — todas essas coisas ainda tão próximas que sua memória era incapaz de focalizá-las e separar o que tinha valor do que era irrelevante. Além do mais, não havia tempo agora para fazer essa seleção, tamanho o espaço tomado por aquele homem taciturno, fabuloso e enigmático, o homem mais atraente que conhecera. A própria arte que ele dominava e todas as suas manifestações eram envoltas em mistério. Logo ficou sabendo que à noite, depois do jantar, ele

trabalhava até altas horas. Mas esse trabalho estava acima de sua capacidade de imaginação, pois não havia nada a que pudesse relacioná-lo, nem um cavalete nem um piano, e era justamente um símbolo específico daquela arte que seus pensamentos buscavam. O quarto de Lujin era no térreo, e os fumantes de charuto, andando nas trevas do jardim, às vezes entreviam seu abajur e seu rosto inclinado. Alguém lhe disse que ele se sentava diante de um tabuleiro vazio. Querendo ver com seus próprios olhos, certa noite, logo após conversarem pela primeira vez, seguiu pela aleia flanqueada por oleandros até a janela de seu quarto. No entanto, encabulada, passou direto sem olhar e foi sair na alameda principal, onde podia ouvir a música vinda do cassino.

Incapaz de dominar a curiosidade, voltou até a janela, mas então fazendo barulho deliberado no cascalho para convencer-se de que não o estava espionando. A janela se encontrava aberta, a veneziana levantada, e, no aposento iluminado, ela o viu tirar o paletó, contrair os músculos do pescoço e bocejar. No lento e maciço movimento dos ombros de Lujin, cuja imagem continuou a erguer-se e a girar diante de seus olhos enquanto voltava às pressas para o terraço iluminado do hotel, ela sentiu a presença de um cansaço imenso após um trabalho tão insondável quanto miraculoso.

Lujin estava cansado de fato. Vinha jogando ultimamente com demasiada frequência e de forma pouco sistemática; sua fadiga resultava em especial das

partidas jogadas às cegas, um espetáculo muito bem remunerado a que ele se prestava de boa vontade. Essas partidas lhe davam imenso prazer, pois não tinha de lidar com as peças visíveis, audíveis e palpáveis que, pelo formato antiquado e pela concretude da madeira, sempre o perturbavam por serem apenas um grosseiro e precário invólucro das forças invisíveis e fantásticas do xadrez.

Jogando às cegas, podia sentir essas diversas forças em sua pureza original. Não via então nem a crina esculpida dos cavalos nem as cabeças reluzentes dos peões, porém sentia com toda clareza que essa ou aquela casa estava ocupada por uma força bem definida, concentrada, de tal modo que visualizava o movimento de uma peça como uma descarga, um choque,

o clarão de um relâmpago — e todo o tabuleiro vibrava com uma tensão que ele comandava, aqui acumulando a energia elétrica, ali a liberando. Jogava dessa forma contra quinze, vinte, trinta adversários, e, naturalmente, o simples número de tabuleiros era importante, porque determinava a duração total do espetáculo, mas o desgaste físico não era nada quando comparado à fadiga mental, fruto perverso da tensão e do êxtase inerentes ao jogo, que ele conduzia numa dimensão celestial onde suas ferramentas eram valores incorpóreos. Também encontrava certo consolo nas vitórias que essas partidas às cegas lhe proporcionavam, pois nos últimos anos não vinha tendo sorte nos torneios internacionais: uma barreira

fantasmagórica se erguera, impedindo-o de vencer. Pouco antes de se separarem, Valentinov previra isso. “Brilhe enquanto puder”, disse após aquele inesquecível torneio em Londres, o primeiro depois de terminada a guerra, quando o jogador russo de vinte anos saíra vitorioso.

“Enquanto puder”, repetiu Valentinov com ar malicioso, “porque você não será um menino-prodígio por muito mais tempo.”

E isso era importantíssimo para Valentinov. Estava interessado em Lujin exclusivamente enquanto ele fosse excepcional, um fenômeno, algo estranho mas tão encantador como as pernas tortas de um dachshund. Durante todo o tempo em que viveu com Lujin, nunca deixou de encorajar e desenvolver seu dom, sem se preocupar um só instante com Lujin como

pessoa — pessoa essa que não apenas Valentinov, e sim a própria vida, parecia ter deixado de lado. Valentinov o exhibia nos meios de gente rica como um monstro curioso, fazendo contatos úteis através dele e organizando inumeráveis torneios. Só quando começou a suspeitar de que o prodígio estava se tornando apenas um jovem enxadrista foi que o levou de volta para seu pai na Rússia, embora algum tempo depois, como se Lujin nada mais fosse do que um objeto de valor, o tivesse levado outra vez para o exterior por acreditar que tinha cometido um erro e que a aberração ainda podia ser útil por um ou dois anos mais. Terminado esse prazo, presenteou Lujin com algum dinheiro, tal como se faz com uma amante que perdeu seus encantos, e desapareceu,

encontrando uma nova diversão na indústria cinematográfica, esse misterioso negócio astrológico em que os videntes leem roteiros e vivem à procura de estrelas. Tendo se transferido para aquele círculo de vigaristas vistosos, bem-falantes e cheios de si, com suas conversas fiadas sobre a filosofia da sétima arte, o gosto das massas e a intimidade da câmara, além dos excelentes rendimentos por eles auferidos, Valentinov desapareceu do mundo de Lujin, o que para ele foi um alívio, aquele tipo estranho de alívio que se sente ao acabar um caso de amor infeliz.

Afeiçoara-se a Valentinov desde o começo, durante as turnês enxadrísticas pela Rússia, e mais tarde o via como um filho vê um pai frívolo, frio e esquivo a



quem não se pode dizer nunca o quanto ele é amado. Valentinov só se interessava por ele como jogador de xadrez. Às vezes fazia lembrar o tipo de treinador que paira acima de um atleta e lhe impõe um regime preciso com impiedosa rigidez. Assim, Valentinov concordava em que um enxadrista fumasse (já que havia algo de oriental tanto no xadrez quanto no fumo), mas sob hipótese alguma lhe era permitido tomar álcool, motivo pelo qual durante todo o tempo em que estiveram juntos, nos restaurantes de grandes hotéis — hotéis enormes que a guerra deixara vazios —, nos cafés, nas pensões suíças e trattorias italianas, ele sempre mandava servir água mineral ao jovem Lujin. A comida que escolhia para ele era leve, a fim de que seu cérebro pudesse funcionar

sem entraves, mas, sabe-se lá por quê (talvez também devido a uma vaga conexão com o Oriente), estimulava muito a paixão de Lujin por doces. Além disso, tinha uma teoria peculiar segundo a qual o desenvolvimento do dom de Lujin estava ligado ao desenvolvimento do desejo sexual e que, no caso dele, o xadrez dava vazão aos impulsos eróticos. Por isso, temeroso de que Lujin dissipasse seu precioso poder liberando por meios naturais a benéfica tensão interna, Valentinov o mantinha distante das mulheres e se regozijava com seu casto acabrunhamento. Havia algo degradante em tudo isso: relembrando aqueles tempos, Lujin surpreendeu-se ao observar que os dois jamais haviam trocado uma só palavra amiga, carregada de calor

humano. No entanto, quando Valentinov desapareceu três anos após a saída definitiva da Rússia, daquela terra que se tornara tão desagradável, Lujin foi tomado de um sentimento de vazio, de falta de apoio. Depois, reconhecendo a inevitabilidade do que tinha acontecido, suspirou, virou a página e voltou a concentrar seus pensamentos no tabuleiro de xadrez. Terminada a guerra, o número de torneios aumentou. Ele jogou em Manchester, onde o decrépito campeão da Inglaterra forçou o empate após uma luta de dois dias; em Amsterdam, onde perdeu a partida decisiva por exceder o limite de tempo, como ficou claro quando seu oponente, com um grunhido de excitação, baixou com um tapa a trava do cronômetro de Lujin; em Roma, onde Turati pela

primeira vez usou triunfalmente sua célebre abertura; e em muitas outras cidades que para ele eram idênticas — hotel, táxi, o salão de algum café ou clube. Aquelas cidades, aquelas fileiras regulares de lampiões enevoados que desfilavam de ambos os lados e, num avanço repentino, cercavam um cavalo de pedra numa praça sem nome, eram um invólucro tão habitual e inútil quanto as peças de madeira e o tabuleiro com casas pretas e brancas, e ele aceitava essa vida exterior como algo inevitável mas de todo desinteressante. No modo de vestir-se e no comportamento cotidiano ele também agia em resposta a motivações extremamente vagas, não parando para pensar em nada, só de raro em raro mudando a roupa de cama, dando corda

automaticamente à noite no relógio, barbeando-se com a mesma gilete até que ela parasse de cortar, comendo qualquer coisa em horas irregulares. Por força de uma inércia melancólica, continuava a pedir no jantar a mesma água mineral que lhe causava uma sensação de efervescência no nariz e uma leve coceira no canto dos olhos, como se derramasse lágrimas pelo desaparecimento de Valentinov. Só raramente se dava conta de sua própria existência, quando, por exemplo, a falta de ar — vingança de um corpo pesado — o forçava a parar de boca aberta numa escada, ou quando tinha dor de dente, ou quando, tarde da noite, em meio às elucubrações enxadrísticas, uma mão estendida que sacudia uma caixa de fósforos não conseguia produzir o som

de chocalho, e o cigarro, que parecia ter sido enfiado por alguém em sua boca sem que disso ele se apercebesse, de repente crescia e se firmava, sólido, desalmado e estático, e toda sua vida se concentrava no desejo único de fumar, embora só Deus soubesse quantos cigarros já havia consumido maquinalmente. Em geral, a vida a seu redor era tão opaca e lhe exigia tão pouco esforço que às vezes parecia que alguém — um empresário misterioso e invisível — continuava a levá-lo de torneio em torneio; ocasionalmente, porém, ocorriam momentos estranhos quando o silêncio à sua volta se tornava imenso e, ao olhar no corredor do hotel, ele só via sapatos e mais sapatos diante de cada porta enquanto a solidão rugia em seus ouvidos. Quando o pai ainda era

vivo, Lujin costumava pensar com angústia nas idas a Berlim pela necessidade de visitá-lo, de ajudá-lo, de falar com ele — pois aquele velho de cara alegre e colete tricotado, dando-lhe batidinhas sem jeito no ombro, era de todo intolerável, como uma recordação vergonhosa da qual a gente tenta se livrar fazendo uma careta e resmungando entre os dentes. Não foi de Paris para o enterro do pai, temendo, acima de tudo, os cadáveres, os caixões, as coroas de flores e a responsabilidade que tudo isso implicava — mas tempos depois visitou o cemitério e perambulou sob a chuva entre os túmulos com as galochas completamente enlameadas. Não tendo encontrado o de seu pai, avistou atrás de algumas árvores um homem que devia ser

o zelador, mas um estranho sentimento de inércia e timidez o impediu de pedir informações; levantou a gola e, caminhando pesadamente por um terreno baldio, retornou ao táxi que o esperava. A morte do pai não interrompeu seu trabalho. Preparava-se para o torneio de Berlim com o objetivo específico de encontrar a melhor defesa contra a complexa abertura do italiano Turati, o mais temível entre seus futuros oponentes. Esse jogador, que representava a escola mais moderna do xadrez, abria a partida movimentando as peças nos flancos do tabuleiro, não ocupando o centro com peões, mas exercendo sobre ele uma perigosíssima influência a partir dos lados. Desdenhando a segurança confortável do roque, Turati buscava criar



as relações mais inesperadas e extravagantes entre suas peças. Lujin já o enfrentara uma vez e perdera, o que o havia amargurado muito, porque o italiano, devido a seu estilo de jogo e sua predileção por combinações fascinantes, tinha uma mentalidade enxadrística similar à sua — só que Turati fora mais longe. O jogo de Lujin, que na adolescência havia causado espanto graças à sua audácia sem precedentes e ao desprezo pelos supostos princípios básicos do xadrez, parecia agora um tanto ultrapassado em comparação com o brilhante radicalismo de Turati. O problema de Lujin era semelhante ao do escritor ou compositor que, tendo assimilado os avanços mais recentes em seu campo artístico no começo da

carreira, causando com isso uma sensação passageira pela originalidade de seus recursos, de súbito percebe que ocorreu uma mudança imperceptível à sua volta, que outros, saídos sabe-se lá de onde, o deixaram para trás na aplicação daqueles próprios recursos com que até recentemente ele abria novos caminhos. O artista se sente então roubado, vê apenas imitadores ingratos nos jovens arrojados que o superaram, raras vezes compreendendo ser sua a culpa, que foi ele quem ficou petrificado numa forma de expressão artística que, outrora inovadora, havia parado no tempo.

Recapitulando dezoito ou mais anos de xadrez, Lujin via um acúmulo de triunfos no começo e depois uma estranha calma, curtas séries de vitórias aqui e

ali, mas em geral empates irritantes e desesperadores graças aos quais ganhara pouco a pouco a reputação de ser um jogador prosaico, impenetrável e cauteloso. E isso era estranho. Quanto mais audaciosa sua imaginação, quanto mais vigoroso seu espírito inventivo durante o trabalho secreto que executava entre uma partida e outra, mais opressivo se tornava o sentimento de impotência ao ter início o torneio, mais e mais tímidas e prudentes eram suas táticas. Havia muito Lujin ingressara nas fileiras dos grandes mestres internacionais, sendo bastante conhecido e citado em todos os manuais de xadrez. Alinhando-se entre os cinco ou seis candidatos ao título de campeão mundial, Lujin devia essa reputação notável a seus resultados iniciais, que

havam lançado sobre ele um fecho de luz, a auréola dos eleitos, o resplendor da glória. A morte do pai lhe serviu como um marco a partir do qual pôde avaliar o caminho já percorrido. Olhando para trás e se dando conta, com um sobressalto, de quão lento tinha sido seu progresso recente, lançou-se com lúgubre paixão em novos cálculos, inventando e já intuindo vagamente a harmonia dos movimentos de que necessitava: uma defesa fulgurante. Não se sentira bem aquela noite no hotel de Berlim após a visita ao cemitério: palpitações cardíacas e pensamentos esdrúxulos, a sensação de que seu cérebro tinha se entorpecido e ficado coberto de verniz. O médico que consultou na manhã seguinte recomendou descanso, que fosse para algum lugar tranquilo “onde haja

muito verde”, disse o doutor. E Lujin, cancelando uma prometida exibição de xadrez às cegas, partiu para o local óbvio, que de imediato surgira diante de seus olhos quando o médico se referiu ao verde; na realidade, sentiu-se de certo modo grato à sua memória prestativa por ter indicado tão eficientemente a estação de águas necessária e haver tomado todas as providências para instalá-lo num hotel que o esperava de braços abertos.

De fato se sentiu melhor naquele cenário verdejante, que era razoavelmente bonito e transmitia uma sensação de segurança e tranquilidade. E de repente, como ocorre num parque de diversões quando se rompe uma tela de papel pintado e surge um rosto sorridente, apareceu sabe-se lá de onde uma pessoa

tão inesperada quanto familiar, cuja voz parecia ter soado em surdina ao longo de toda sua vida conquanto só agora tivesse irrompido em meio à escuridão circundante. Tentando desvendar em sua mente essa impressão de algo muito familiar, ele se recordou, com total irrelevância e assombrosa clareza, do rosto de uma jovem prostituta de ombros nus e meias pretas, de pé no umbral de uma porta iluminada na escura rua lateral de uma cidade sem nome. E, de alguma forma ridícula, pareceu-lhe que se tratava dela, que viera agora vestida nos trinques e um pouco menos bonita, como se houvesse retirado a maquiagem chamativa e por isso se tornado mais acessível. Essa foi sua primeira impressão ao vê-la, quando reparou, surpreso, que estava de

fato falando com ela. Aborreceu-se um pouco por ela não ser tão bonita quanto poderia ser a julgar pelos estranhos sinais oníricos espalhados em seu passado. Conformou-se com isso e gradualmente começou a esquecer os vagos protótipos dela, sentindo-se confiante e orgulhoso pelo fato de que aqui estava conversando com ele, passando tempo com ele, sorrindo para ele, uma pessoa em carne e osso. E naquele dia, no terraço do jardim, onde vespas amarelas e reluzentes aterrissavam nas mesas de ferro e moviam suas antenas abaixadas — no dia em que contou como já se hospedara naquele hotel quando criança —, Lujin iniciou uma série de manobras singelas cujo sentido ele próprio só percebia muito vagamente: uma declaração de amor bem

peculiar. “Continue, conte-me mais”, ela repetiu, apesar de haver notado o ar taciturno e melancólico com que ele havia se calado.

Permaneceu sentado, apoiando-se na bengala e pensando que, com um movimento de cavalo daquela tília na encosta banhada de sol, seria possível tomar o poste de telefone mais adiante, ao mesmo tempo em que tentava se lembrar do que vinha falando. Um garçom, trazendo penduradas nos dedos várias canecas de cerveja vazias, contornou em passos rápidos a ala do hotel, e Lujin se recordou aliviado de que falava do torneio realizado justamente naquela parte do edifício. Sentiu-se inquieto, afogueado, o chapéu apertando as têmporas, numa agitação ainda incompreensível. “Vamos”,



disse ele. “Vou lhe mostrar. Deve estar vazio agora. E mais fresco.” Com passos pesados e puxando atrás de si a bengala, que rilhava no cascalho do caminho e repicou na soleira da porta, entrou na frente. Como é mal-educado, ela pensou, balançando a cabeça, mas logo se repreendeu por fazer uma interpretação errônea: o comportamento dele nada tinha a ver com a educação que recebera.

“Olha, acho que é por aqui”, disse Lujin, abrindo uma porta lateral. As chamas brilhavam num forno, um homem gordo de branco gritava alguma coisa, e uma pilha de pratos passou correndo sobre pernas humanas. “Não, é mais adiante”, disse Lujin, seguindo pelo corredor. Abriu outra porta e quase caiu: degraus que desciam até uma área ocupada por alguns arbustos,

um monte de entulho e uma galinha apreensiva, que já se afastava aos repelões. “Está errado, deve ser aqui para a direita.” Tirou o chapéu, sentindo que gotas escaldantes de suor lhe cobriam a testa. Ah, como era nítida a imagem daquele salão fresco, vazio e espaçoso, mas quão difícil encontrá-lo! “Vamos tentar essa porta aqui”, disse ele.

A porta estava trancada. Abaixou a maçaneta várias vezes. “Quem é?”, gritou de repente uma voz rouca, acompanhada de um rangido da cama. “Engano, engano”, resmungou Lujin, avançando mais alguns passos. Olhou então para trás e parou: estava sozinho. “Onde é que ela se meteu?”, disse em voz alta, arrastando os pés ao se voltar para um lado e para o outro. Corredor. Janela dando para um

jardim. Armário na parede com escaninhos numerados. Uma campainha soou. Num dos escaninhos apareceu um número torto. Sentiu-se confuso, perturbado, como se houvesse se perdido num pesadelo — e caminhou rapidamente de volta, repetindo baixinho:

“Brincadeiras de mau gosto, brincadeiras de mau gosto”. Viu-se de surpresa no jardim, onde duas pessoas sentadas num banco o olharam com curiosidade. Ouvindo uma risada do alto, ergueu o rosto. Na pequena varanda de seu quarto, com os cotovelos apoiados no balaústre e as palmas das mãos sustentando o rosto, ela ria e balançava a cabeça num gesto de repreensão jovial. Ficou olhando seu rosto cheio, o chapéu empurrado para trás, querendo ver o que ele faria. “Não

consegui te acompanhar”, ela exclamou, endireitando o corpo e abrindo os braços como se isso reforçasse a explicação. Lujin baixou a cabeça e entrou no prédio. Ela imaginou que dentro de um minuto ele bateria na porta e decidiu que não o deixaria entrar alegando que o quarto estava desarrumado. Mas ele não bateu. Quando desceu para o jantar, não o encontrou no restaurante. Deve ter se ofendido, ela concluiu, indo para a cama mais cedo que de costume. De manhã, saiu para passear e procurou ver se ele a esperava no jardim, lendo o jornal sentado num banco como era seu hábito. Não estava no jardim nem na galeria, e foi passear sozinha. Quando ele mais uma vez não apareceu na hora do jantar e sua mesa foi tomada por um casal de velhos que a

desejava havia tempo, perguntou na portaria se o sr. Lujin estava doente. “O senhor Lujin foi para Berlim hoje de manhã”, respondeu a funcionária.

Uma hora depois a bagagem dele voltou ao hotel. O porteiro e um carregador, com a indiferença tradicional, levaram para o quarto as malas que pouco tempo antes haviam tirado de lá. Lujin retornou da estação ferroviária a pé — um senhor corpulento e lúgubre, infernizado pelo calor, os sapatos cobertos de poeira. Sentou-se em todos os bancos que viu, vez por outra colhendo uma amora-preta e fazendo uma careta ao comer a frutinha azeda. Ao caminhar pela estrada, reparou num garoto alourado que, trazendo nas mãos uma garrafa de cerveja vazia, o seguia com passos curtos e se deixava

ficar para trás de propósito, olhando-o com a insuportável concentração das crianças. Lujin parou. O menino também. Lujin voltou a andar, o menino também. Lujin então perdeu a paciência e o ameaçou com a bengala. O menino se imobilizou, sorrindo com um misto de surpresa e alegria. “Vou...”, disse Lujin com sua voz grossa, avançando na direção dele com a bengala erguida. O garoto deu um salto e saiu correndo. Resmungando e respirando com dificuldade pelo nariz, Lujin retomou a caminhada.

Imediatamente uma pedrinha atirada com grande precisão atingiu-o na omoplata esquerda. Ele soltou um grito e se voltou para trás. Ninguém... estrada vazia, bosques, urzes. “Eu te mato”, gritou em alemão, apressando o passo, andando em

zigzague como (segundo havia lido em algum lugar) fazem as pessoas que temem receber um tiro pelas costas e repetindo a inútil ameaça. Estava exausto, resfolegante e quase chorando quando por fim chegou ao hotel. “Mudei de ideia”, disse, dirigindo-se ao balcão da portaria. “Vou continuar no hotel, mudei de ideia...”

“Ela com certeza está no quarto”, disse Lujin subindo as escadas. Avançou porta adentro como se a tivesse aberto com uma cabeçada e, vendo-a de relance reclinada no divã num vestido cor-de-rosa, disse apressado: “Bom dia, bom dia”. Pôs-se a andar pelo quarto achando que tudo ia às mil maravilhas, de uma forma simpática e espirituosa, embora ao mesmo tempo sufocasse de excitação. “E por isso, dando sequência ao que foi dito

anteriormente, cumpre-me informá-la de que você será minha esposa, imploro que aceite, não consegui partir, tudo agora será diferente e maravilhoso.” Nessa altura, sentou-se numa cadeira próxima ao aquecedor e, cobrindo o rosto com as mãos, caiu no pranto.

Depois, abrindo bem uma das mãos para cobrir todo o rosto, começou com a outra a procurar pelo lenço e, através das festas trêmulas e molhadas entre os dedos, percebeu em imagem dupla uma indistinta mancha rosa que se movia ruidosamente em sua direção. “Chega, chega, para com isso”, ela repetia em tom consolador. “Um homem tão grande e chorando assim.” Ele pegou-a pelo cotovelo e beijou algo frio e duro — seu relógio de pulso. Ela tirou o chapéu de palha que Lujin trazia na



cabeça e afagou-lhe a testa, recuando às pressas para escapar de suas tentativas desajeitadas de agarrá-la. Lujin trombeteou no lenço uma vez, e outra mais, produzindo um som líquido. Tendo enxugado olhos, bochechas e boca, suspirou aliviado e recostou-se no aquecedor, os olhos úmidos e brilhantes olhando fixos para a frente. Foi então que ela se deu conta claramente de que aquele homem, gostasse dele ou não, não era alguém capaz de ser posto sem mais nem menos para fora de sua vida, que na verdade ele já se instalara lá de vez, solidamente e por longo tempo. Mas pensou também como poderia apresentar aquele homem a seu pai e sua mãe, como visualizá-lo na sala de visitas da família — um homem vindo de outra dimensão,

com uma forma e coloração particulares que não eram compatíveis com nada e com ninguém.

De início ela tentou ajustá-lo mentalmente à sua família, ao meio social em que vivia e até à mobília do apartamento: fez um Lujin imaginário entrar nos aposentos, falar com sua mãe, comer a kulebiaka feita em casa e ficar refletido no suntuoso samovar comprado no exterior — porém essas visitas fictícias acabavam numa catástrofe pavorosa, pois Lujin, com um movimento desastrado do ombro, punha abaixo a casa como se ela não passasse de um frágil cenário que, ao tombar, exalava um mero suspiro de poeira. O apartamento, caro e decorado luxuosamente, ficava no primeiro andar de um enorme prédio de

Berlim. Outra vez ricos, seus pais decidiram seguir à risca o estilo russo de decoração, que de certa forma associavam à caligrafia ornamental eslávica, aos cartões-postais em que as filhas de boiardos aparecem em poses melancólicas, a caixinhas de verniz com pirogravuras berrantes de troicas ou papafigos e às revistas de arte admiravelmente produzidas e há muito extintas, com fotografias maravilhosas de velhas mansões e porcelanas russas. Seu pai costumava dizer aos amigos que, após as reuniões e conversas de negócio com gente de origem duvidosa, era muito agradável poder mergulhar num ambiente genuinamente russo e comer a genuína comida russa. Durante certo tempo, tinham tido como cozinheiro um ordenança

genuinamente russo por eles retirado de um abrigo para emigrados perto de Berlim, mas, sem nenhuma razão aparente, ele se tornara muitíssimo rude e fora substituído por uma moça polaco-alemã. A mãe, imponente matrona de braços roliços, costumava se definir carinhosamente como *enfant terrible* e *cossaca* (fruto de vagas e errôneas reminiscências de *Guerra e paz*) —, desempenhava de forma soberba o papel de dona de casa russa, tinha um fraco pela teosofia e denunciava o rádio como uma invenção de judeus. Embora muito amável, não possuía o menor tato. Amava sinceramente a Rússia postiça que havia criado a seu redor, conquanto às vezes sentisse um tédio insuportável sem saber com certeza o que lhe estava faltando,

pois, como costumava dizer, havia trazido com ela sua própria Rússia. A filha não dava a menor importância ao apartamento cheio de bugigangas, tão diferente da tranquila casa de São Petersburgo onde a mobília e os objetos tinham alma própria, onde o armário de ícones abrigava um inesquecível reflexo grená e misteriosas flores de laranjeira, onde havia um gato gordo e inteligente bordado no encosto de seda de uma poltrona, e onde mil quinquilharias, cheiros e nuances de cor faziam um todo encantador, comovente e completamente insubstituível.

Os jovens russos que os visitavam em Berlim a consideravam uma moça boazinha, porém não muito interessante, enquanto sua mãe (baixando a voz e dando um sorrisinho de escárnio) dizia que ela

representava na família “a intelligentsia e a literatura vanguardista” — talvez porque soubesse de cor alguns poemas do “simbolista” Balmont que encontrara numa antologia ou por alguma outra razão inexplicável para os mortais. O pai gostava de sua independência, de sua calma, do modo peculiar como baixava os olhos ao sorrir. Mas ninguém ainda fora capaz de alcançar o que ela tinha de mais cativante: sua misteriosa capacidade de só apreender na vida o que a havia atraído ou atormentado na infância, quando o instinto da alma é infalível; de procurar tudo aquilo que era engraçado ou emocionante; de sentir sempre uma doce e intolerável compaixão pelos seres indefesos e infelizes; de pressentir que em algum lugar da Sicília, a centenas de

milhares de quilômetros de distância, um burrico de pernas finas e barriga peluda estava sendo surrado brutalmente. Caso encontrasse uma criatura sendo maltratada, sofria uma espécie de eclipse — quando inexplicavelmente a noite cai, há uma chuva de cinzas e aparecem manchas de sangue nas paredes — e parecia que, se não ajudasse de imediato, se naquele momento mesmo não interrompesse a tortura (cuja mera existência era impossível explicar num mundo feito para a felicidade), seu coração seria incapaz de suportar, ela morreria. Por isso, vivia numa perpétua e secreta agitação, antecipando constantemente um novo encantamento ou uma nova ansiedade. Dizia-se dela que adorava cachorros e estava sempre pronta

a emprestar dinheiro — e, ouvindo esses rumores triviais, ela se sentia como quando criança, naquele jogo em que a pessoa sai do aposento e os outros falam sobre ela, e ao voltar tem de adivinhar quem disse o quê. Entre os participantes da brincadeira, entre os amiguinhos a quem se juntava após passar algum tempo na sala ao lado (onde a pessoa ficava sentada até ser chamada e conscienciosamente cantava algo para não ouvir nada — ou abria um livro qualquer ao acaso e, como numa caixa de surpresas, diante de seus olhos saltava alguma passagem do livro, o final de um diálogo incompreensível), entre aqueles cuja opinião tinha de adivinhar havia agora um homem muito taciturno, difícil de influenciar e que pensava sabe-se lá o



quê sobre ela. Suspeitava que ele simplesmente não tinha nenhuma opinião, não fazia a menor ideia do meio social dela e das circunstâncias de sua vida, sendo por isso capaz de lhe dizer alguma coisa horrível.

Decidindo que se ausentara por tempo suficiente, ela passou a mão de leve na parte de trás da cabeça, ajeitando os cabelos, e voltou sorrindo para o saguão. Tendo sido apresentados pouco antes, Lujin e sua mãe estavam sentados em poltronas de vime sob uma palmeira plantada num grande vaso. Lujin, com o cenho franzido, examinava o execrável chapéu de palha que segurava no colo. Preocupava-a o que ele pudesse estar dizendo a seu respeito (se, na verdade, estava dizendo algo) e a impressão que

vinha causando em sua mãe. No dia anterior, tão logo ela chegara e começara a se queixar de que a janela do quarto dava para o norte e que o abajur da mesinha de cabeceira não funcionava, a filha lhe havia relatado, tentando manter o mesmo tom de voz, como fizera amizade com o famoso jogador de xadrez Lujin. “Sem dúvida um pseudônimo”, disse a mãe, remexendo na frásqueira. “Seu nome verdadeiro deve ser Rubinstein ou Abramson.” “Muito, muito famoso”, continuou a filha, “e muito simpático.” “Me ajuda a encontrar o sabonete”, disse a mãe. E agora, tendo apresentado os dois e os deixado a sós a pretexto de encomendar limonadas para todos, voltou ao saguão com uma tal sensação de horror, de como eram irreparáveis as

catástrofes já ocorridas, que ainda de longe começou a falar em voz alta, mas tropeçou na borda do tapete e soltou uma risada, balançando os braços para retomar o equilíbrio. O modo absurdo com que ele girava o chapéu nas mãos, o silêncio, os olhos surpresos e brilhantes de sua mãe, a repentina lembrança de como ele havia soluçado no outro dia, seus braços envolvendo o aquecedor... tudo isso era muito difícil de suportar, mas subitamente Lujin ergueu a cabeça, a boca contorceu-se naquele sorriso tristonho que ela tão bem conhecia — e de pronto seu medo se foi e o desastre potencial lhe pareceu algo extraordinariamente divertido, que não teria mudado nada. Como se estivesse esperando por sua chegada para retirar-se, Lujin resmungou algo, pôs-se de pé e

fez um aceno peculiar com a cabeça (“grosseiro”, ela pensou com alegria, traduzindo o gesto no idioma de sua mãe) antes de dirigir-se à escada. No caminho, deu com o garçom que trazia três copos de limonada numa bandeja. Parou-o, pegou um dos copos e, mantendo-o cuidadosamente diante do corpo, imitando com as sobrancelhas as flutuações do líquido, começou a subir os degraus em passos lentos. Quando desapareceu numa volta da escada, ela começou a tirar com exagerado esmero o fino papel que envolvia o canudinho de palha. “Que sujeito grosseiro!”, disse sua mãe em voz alta, dando à filha aquele tipo de satisfação que a pessoa sente ao confirmar no dicionário o significado de uma palavra estrangeira cujo sentido já intuía.

“Não é uma pessoa de verdade”, continuou a mãe entre irritada e perplexa. “O que ele é? Certamente não é uma pessoa de verdade. Me chamou de senhora, só senhora, como se eu fosse uma vendedora de loja. Só Deus sabe o que ele é. E garanto que tem um passaporte soviético. Um bolchevista, nada mais que um bolchevista. Fiquei sentada aqui como uma idiota. E a conversinha dele... Aliás, os punhos da camisa dele estão imundos. Você reparou? Sujos e puídos.”

“Que conversinha?”, perguntou ela, sorrindo e mantendo os olhos baixos. “‘Sim, senhora, não, senhora.’ ‘Este hotel tem uma excelente atmosfera.’ Atmosfera! Que palavra, hein? Perguntei a ele — só para dizer alguma coisa — se tinha saído da Rússia havia muito tempo. Ele

simplesmente ficou em silêncio. Então comentou que você gosta de ‘bebidas refrescantes’. Veja bem, bebidas refrescantes! E que cara, que cara! Não, não, vamos ficar bem longe desse tipo de gente...”

Continuando a brincadeira das opiniões, ela correu atrás de Lujin. Por conta da trapalhada de sua saída, o quarto anterior havia sido dado a outra pessoa e ele fora alojado num andar mais alto. Estava sentado, os cotovelos sobre a mesa, com um ar muito triste, enquanto um cigarro que não fora de todo apagado no cinzeiro lutava para emitir alguma fumaça. O chão e a mesa estavam cobertos de pedaços de papel com anotações a lápis. Por um instante ela imaginou que fossem contas e se assustou com a quantidade. Ao

abrir a porta, uma lufada de vento entrou pela janela, e Lujin, saindo de seu devaneio, catou as folhas do chão e as dobrou cuidadosamente, sorrindo para ela e piscando os olhos. “Tudo bem? Como foi a coisa?”, ela perguntou. “Vai tomar jeito durante a partida”, disse Lujin, “só estou anotando algumas possibilidades.” Ela teve a sensação de que havia errado de porta, entrado num quarto em que não tencionava entrar, mas tudo era simpático naquele mundo inesperado e ela não desejava ir para o outro mundo onde imperava a brincadeira das opiniões. No entanto, em vez de continuar a falar sobre xadrez, Lujin aproximou-se dela arrastando a cadeira em que estava sentado, agarrou-a pela cintura com mãos trêmulas de ternura e, sem saber o que

fazer, tentou sentá-la sobre os joelhos. Ela o empurrou pelos ombros e afastou o rosto, como se estivesse olhando os pedaços de papel. “O que é isso?”, perguntou. “Nada, nada”, disse Lujin, “anotações sobre várias partidas.” “Me solta”, ela exigiu em tom agudo.

“Anotações sobre várias partidas, anotações...”, repetiu Lujin, apertando-a contra si, os olhos semicerrados cravados no pescoço dela. Um espasmo repentino retorceu-lhe o rosto e por um momento seus olhos perderam o foco; suas feições então relaxaram de modo estranho, as mãos se desprenderam e ela se afastou, irritada sem saber exatamente por que estava zangada e surpresa por ele tê-la soltado. Lujin limpou a garganta e acendeu um cigarro com avidez, olhando-



a com uma expressão incompreensivelmente travessa. “Sinto muito ter vindo”, ela disse. “Primeiro, porque interrompi seu trabalho...” “Nem um pouco”, retrucou Lujin com inesperada alacridade, batendo com as mãos nos joelhos.

“Em segundo lugar, queria saber o que você achou dela.”

“Uma senhora da mais alta sociedade”, respondeu Lujin, “isso se vê logo.”

“Olha”, ela exclamou, ainda bem irritada, “você teve alguma educação? Onde é que estudou? Já encontrou gente antes, já conversou com alguém?”

“Viajei muito”, disse Lujin. “Aqui e ali. Um pouquinho por toda parte.”

“Onde estou? Quem é ele? O que vai

acontecer agora?”, ela se perguntou olhando ao redor do quarto, a mesa coberta de pedaços de papel, a cama amarfanhada, a bacia de rosto (na qual fora deixada uma gilete enferrujada) e uma gaveta semiaberta de dentro da qual, como uma cobra, se esgueirava uma gravata verde com bolinhas vermelhas. E, sentado no centro dessa triste bagunça, estava o mais insondável dos homens, devotado a uma arte fantasmagórica, e ela tentou parar, entender todos os defeitos e peculiaridades dele, dizer-se de uma vez por todas que não era o homem certo para ela — e ao mesmo tempo estava preocupada com o comportamento que ele teria na igreja e como ficaria de fraque.

# 7

Obviamente, continuaram a se encontrar. A pobre senhora começou a notar com horror que sua filha e o sombrio sr. Lujin eram inseparáveis — entre os dois havia conversas, olhares e emanções que ela era incapaz de avaliar com precisão; isso lhe pareceu tão perigoso que, dominando sua repugnância, decidiu manter Lujin tão perto dela quanto possível, em parte a fim de conhecê-lo melhor, mas sobretudo para que sua filha

não desaparecesse com tanta frequência. A profissão de Lujin era trivial, absurda... A existência de tais profissões só era explicável por conta dessas malditas novidades, pela ânsia moderna de estabelecer recordes insensatos (aqueles aviões que querem chegar até o sol, maratonas, jogos olímpicos...). Parecia-lhe que, no passado, na Rússia de sua mocidade, um homem que se ocupasse exclusivamente com o xadrez seria um fenômeno impensável. Entretanto, mesmo nos dias de hoje isso era tão estranho que lhe veio uma vaga suspeita de que talvez o xadrez fosse um disfarce, uma dissimulação, que talvez Lujin se ocupasse de algo bem diferente. E ela sentia um aperto no coração ao imaginar que atividades obscuras e criminosas —

quem sabe maçônicas — o velhaco ocultava sob a aparência de dedicar-se a um inocente passatempo. Pouco a pouco, contudo, essa suspeita se desvaneceu. Como esperar alguma esperteza de tamanho idiota? Além disso, ele era genuinamente famoso. Ela ficou pasma, e algo irritada, com o fato de que um nome podia ser conhecido por tanta gente e totalmente desconhecido por ela (ou apenas como uma tênue lembrança, ligada a um parente distante que fora amigo de certo Lujin, proprietário de terras de São Petersburgo). Os alemães que viviam no hotel, enfrentando heroicamente a dificuldade de assimilar uma consoante sibilante em língua estrangeira, pronunciavam o nome dele com reverência. Sua filha mostrou-lhe o último

número de uma revista ilustrada berlinense onde, na seção de quebra-cabeças e palavras cruzadas, tinha sido publicada uma partida vencida recentemente por Lujin, a qual, sabe-se lá por quê, era considerada notável. “Mas como é possível que um homem se dedique a uma bobagem dessas?”, ela exclamou, olhando perplexa para a filha, “desperdiçar a vida assim à toa? Olha, você teve um tio que também levava jeito para todo tipo de jogos — xadrez, cartas, bilhar —, mas ao menos tinha um emprego, uma carreira e tudo.” “Ele também tem uma carreira”, retrucou a filha, “e é realmente muito conhecido. Ninguém tem culpa se você nunca se interessou por xadrez.” “Os mágicos também podem ser bem conhecidos”, ela

disse com mau humor, mas, refletindo melhor, admitiu que a reputação de Lujin justificava em parte sua existência. Existência que, no entanto, era realmente opressiva. O que mais a aborrecia era o fato de que ele sempre encontrava um jeito de dar-lhe as costas ao sentar. “Ele até fala com as costas”, queixou-se com a filha. “Com as costas! Não fala como um ser humano. Estou te dizendo, ali tem algo de muito anormal.” Jamais Lujin lhe dirigiu uma pergunta, jamais tentou manter de pé uma conversa claudicante. Houve caminhadas inesquecíveis pelas aleias salpicadas de sol, onde aqui e ali algum gênio prestativo havia colocado bancos nas sombras mais agradáveis — caminhadas realmente inesquecíveis durante as quais cada passo de Lujin lhe

parecia um insulto. Malgrado sua corpulência e falta de fôlego, ele de repente acelerava a marcha e deixava para trás as companheiras, enquanto a mãe, apertando os lábios, olhava para a filha e jurava num sussurro raivoso que, se aquela corrida em busca do recorde continuasse, ela voltaria imediatamente — imediatamente, ouviu bem — para casa. “Lujin”, a moça então o chamava, “Lujin, vai mais devagar senão você fica cansado.” (E o fato de que a filha o chamava pelo sobrenome também era desagradável, porém, quando falou nisso, a outra respondeu com uma risada: “As personagens de Turguenev faziam isso. Será que sou pior do que elas?”.) Lujin subitamente se virava, dava um sorriso torto e se deixava cair num banco. A seu



lado costumava haver um cesto de lixo de arame. Ele sempre vasculhava os bolsos, achava alguma folha de papel, rasgava-a em pedacinhos regulares e os jogava no cesto, após o que soltava algumas casquinadas. Exemplo típico de seu senso de humor.

Não obstante, apesar das caminhadas a três, Lujin e a filha conseguiam achar tempo para ficar sozinhos e, após cada escapadela, a enraivecida senhora perguntava: “E então, andaram se beijando? Hem, beijando? Tenho certeza de que andam se beijando”. Mas a moça apenas suspirava e se fingia aborrecida: “Ah, mamãe, como é que você pode dizer uma coisa dessas...”. “Beijos longos e caprichados”, a senhora decidiu, e escreveu para o marido dizendo que

estava triste e preocupada pelo fato de que a filha deles vinha mantendo um namoro impossível com um sujeito taciturno e perigoso. O marido aconselhou-a a voltar para Berlim ou ir para outra estação de águas. “Não entendeu nada”, ela refletiu. “Ah, bem, não importa. Tudo isso acaba logo. Nosso amigo vai embora.”

E, de repente, três dias antes da partida dele para Berlim aconteceu uma coisinha que, se não mudou de todo sua atitude para com Lujin, ao menos mexeu um pouco com ela. Os três haviam saído para uma caminhada. Era uma tarde sem vento de agosto, o pôr-do-sol magnífico lembrava uma laranja cor de sangue espremida até a última gota. “Estou sentindo um pouco de frio”, ela disse.

“Me traz um agasalho.” A filha fez que sim com a cabeça, disse “hã, hã” sem tirar da boca o talo de capim que vinha chupando e voltou para o hotel com passadas rápidas, balançando ligeiramente os braços.

“Tenho uma filha bonita, não é mesmo? Belas pernas.”

Lujin curvou a cabeça numa reverência.

“Então, o senhor está mesmo de partida na segunda-feira? E depois do torneio volta para Paris?”

Lujin inclinou de novo a cabeça.

“Mas não vai ficar muito tempo em Paris, não é mesmo? Vão lhe convidar para jogar em algum outro lugar, não é mesmo?”

Foi então que a coisa aconteceu. Lujin

olhou ao redor e ergueu a bengala.

“Esta aleia”, disse ele. “Pense nesta aleia. Eu vinha por ela. E imagine quem eu encontrei. Quem foi? Um personagem mitológico. Cupido. Mas não com uma flecha... com uma pedrinha. Ele me acertou.”

“O que é que está dizendo?”, ela perguntou, alarmada.

“Não, por favor, por favor”, exclamou Lujin levantando um dedo. “Preciso lhe falar.”

Aproximou-se dela e entreabriu a boca de uma forma estranha, fazendo com que seu rosto adquirisse uma expressão incomum de ternura martirizada.

“A senhora é uma pessoa boa e sensível”, disse Lujin lentamente. “Tenho a honra, sim, a honra de lhe pedir a mão

dela.”

Voltou-se de costas, como se houvesse terminado um discurso perante uma grande plateia, e começou a fazer um desenho na areia com a ponta da bengala.

“Aqui está o xale”, disse a filha ofegante, chegando por trás e cobrindo-lhe os ombros.

“Ah, não, estou com calor, não preciso disto, para que vou querer um xale...”

O passeio daquela tarde foi especialmente silencioso. Por sua cabeça passaram todas as palavras que teria de dizer a Lujin — insinuações sobre a questão financeira —, ele provavelmente não tinha muitas posses, ocupava o quarto mais barato do hotel. E uma conversa muito séria com a filha. Um casamento inconcebível, uma aventura das mais

idiotas. Apesar de tudo isso, sentia-se lisonjeada por Lujin ter se dirigido a ela em primeiro lugar e de modo tão sincero, tão antiquado.

“Aconteceu, meus parabéns”, disse ela à noite para a filha. “Não faça essa cara de inocente, você sabe muito bem do que estou falando. Nosso amigo quer casar com você.”

“Sinto muito que ele tenha lhe contado”, respondeu a filha. “Isso só interessa a ele e a mim.”

“Aceitar o primeiro safado que aparece...”, começou a senhora, ofendida.

“Não começa”, disse a filha calmamente. “Você não tem nada a ver com isso.”

E o que parecia uma empreitada inimaginável começou a ganhar corpo

com surpreendente rapidez. Na véspera de sua partida, vestindo um camisolão, Lujin chegou à pequena varanda do quarto e contemplou a lua que, trêmula, se libertava de uma negra folhagem. Pensou na inesperada evolução de sua defesa contra a abertura de Turati e, em meio às elucubrações enxadrísticas, ouviu a voz que ainda soava em seus ouvidos, cortando-o em grandes diagonais e ocupando todas as posições estratégicas. Eram os ecos da conversa que acabara de ter com ela: sentada outra vez em seu colo, ela prometera — prometera — que dentro de dois ou três dias voltaria para Berlim, indo sozinha caso a mãe decidisse ficar. E segurá-la no colo não era nada comparado à certeza de que ela o seguiria e não desapareceria, como certos sonhos

que de repente se desfazem porque a reluzente cúpula do despertador penetra por dentro deles. Apertando o ombro contra seu peito, ela tentou, com um dedo cauteloso, levantar a pálpebra dele, e a ligeira pressão sobre o globo ocular fez saltar ali uma estranha luz negra, assim como seu cavalo negro saltaria para tomar o peão caso Turati o avançasse na sétima jogada, tal como fizera na última partida. Obviamente, o cavalo estaria perdido, mas esse sacrifício seria recompensado por um ataque sutil das peças pretas, abrindo-lhe maiores possibilidades. Havia sem dúvida certa fraqueza no flanco da rainha, talvez nem mesmo uma fraqueza, e sim uma ligeira dúvida de que tudo não passasse da mais pura fantasia, fogos de artifício, que não resistiriam,



como não resistiria seu coração, pois talvez, afinal de contas, aquela voz em seus ouvidos o estava enganando e não ficaria com ele. Mas a lua surgiu por trás dos ramos negros e angulosos, uma lua cheia, redonda — vivida confirmação da vitória —, e quando Lujin por fim saiu da varanda e voltou ao quarto, havia no chão um enorme quadrado de luar e, dentro dele, sua própria sombra.

# 8

Aquilo a que sua noiva era tão indiferente provocou em Lujin uma impressão que ninguém poderia prever. Ele visitou o famoso apartamento, onde o próprio ar parecia colorido com espúrias emanções do folclore russo, tão logo ganhou seu primeiro ponto ao derrotar um húngaro muitíssimo tenaz; na verdade, a partida fora interrompida após quarenta jogadas, mas a continuação lhe era perfeitamente clara. A um chofer de táxi

para o qual nem olhou, Lujin leu o endereço que constava do cartão-postal (“Chegamos. *Idyom vas vetcherom.* Esperamos você esta noite.”) e, tendo feito o trajeto sem se dar conta da distância percorrida, tentou puxar com cuidado a argola das mandíbulas de ferro do leão. A campainha disparou imediatamente e a porta se abriu. “O quê? Sem sobretudo? Não vou deixar você entrar...”, mas ele já ultrapassara o umbral e sacudia os braços, balançando a cabeça para vencer a falta de ar. “Ufa, ufa”, resfolegou, preparando-se para um maravilhoso abraço, porém de repente notou que sua mão esquerda, já estendida para o lado, empunhava uma bengala desnecessária e a outra segurava a carteira de dinheiro, que obviamente ele

tinha na mão desde que pagara o táxi. “Usando outra vez esse chapéu preto monstruoso... Bem, o que está fazendo parado aí? Por aqui.” A bengala mergulhou com segurança num receptáculo em forma de vaso; a carteira, na segunda arremetida, encontrou o bolso certo; o chapéu foi pendurado num gancho. “Aqui estou”, disse Lujin, “Ufa, ufa.” Já na outra extremidade do hall de entrada, ela empurrou uma porta de lado, o braço nu estendido ao longo do batente, inclinando a cabeça e sorrindo para Lujin. E bem acima da porta havia um grande quadro de cores berrantes. Lujin, que normalmente não reparava nessas coisas, olhou-o com atenção porque a forte iluminação dava ainda mais brilho às cores, que o atingiram como um raio de

sol. Uma camponesa, com um lenço de cabeça vermelho que lhe cobria toda a testa, comia uma maçã enquanto sua sombra negra numa cerca comia uma maçã um pouco maior. “Uma baba russa”, disse Lujin com satisfação, abrindo-se num largo sorriso. “Muito bem, entre. Veja se não esbarra nesta mesa.” Entrou na sala de visitas e foi tomado por uma sensação de extremo prazer. Sob o colete de veludo que por alguma razão sempre usava durante os torneios, um riso terno sacudiu seu ventre. O candelabro com pingentes de cristal translúcido respondeu com uma vibração curiosamente familiar. No assoalho amarelo, que refletia as pernas das poltronas no estilo Empire, uma pele de urso branco com as patas bem afastadas espichava-se em frente ao

piano, como se voasse no reluzente abismo do chão. Pequenas mesas, estantes e consolos abrigavam todo tipo de bugigangas espavorosas, enquanto algo semelhante a grandes e pesadas moedas de prata brilhava numa vitrine e uma pena de pavão despontava por trás da moldura de um espelho. As paredes estavam cheias de quadros — outras camponesas com lenços floridos na cabeça, um guerreiro com uma couraça dourada montando um cavalo de tiro branco, cabanas de troncos de madeira cobertas por edredons de neve azul... Para Lujin, tudo isso se fundiu numa massa brilhante e comovente de cor, da qual um objeto se destacava momentaneamente — um alce de porcelana ou um ícone de olhos escuros — para logo depois reintegrar-se àquele

alegre redemoinho diante de seus olhos. E, tropeçando na pele de urso, ele por acaso levantou uma ponta e verificou que toda a peça era forrada com um tecido vermelho. Não tendo frequentado uma casa russa nos últimos dez anos e se encontrando num apartamento onde uma Rússia espalhafatosa era exibida sem pudores, Lujin experimentou um júbilo infantil, o desejo de bater palmas, pois nunca na vida se sentira tão à vontade, num lugar tão aconchegante. “Ficou aí depois da Páscoa”, disse ele convicto, apontando com o dedo mínimo para um grande ovo de madeira com desenhos dourados (prêmio ganho na tômbola de um baile de caridade). Nesse instante, uma porta dupla branca se abriu de golpe e um cavalheiro de porte muito ereto, com o

cabelo à escovinha e de pincenê, entrou com passos rápidos na sala, uma das mãos já estendida. “Bem-vindo”, disse. “Prazer em conhecê-lo.” E então, como um prestidigitador, abriu uma cigareira feita à mão que trazia na tampa uma águia do tempo de Alexandre I. “Com ponteiras”, observou Lujin, olhando para a cigareira com os olhos entrecerrados. “Não fumo cigarros com ponteiras. Mas olhe...” Começou a remexer nos bolsos, pescando alguns cigarros grossos que escapuliam do maço. Deixou cair vários, que foram agilmente recolhidos pelo cavalheiro. “Queridinha”, disse ele, “traga um cinzeiro. Sente-se, por favor. Perdoe-me... hã... não sei seu nome e patônimo.” Um cinzeiro de cristal surgiu entre os dois, mas, resolvendo servir-se dele ao mesmo



tempo, fizeram com que as extremidades dos cigarros se chocassem. “J’adoube”<sup>1</sup>, disse bem-humorado o enxadrista, endireitando o cigarro que ficara torto. “Não faz mal, não faz mal”, disse o outro rapidamente, expelindo dois jatos de fumaça pelas narinas de repente afiladas. “Muito bem, aqui está o senhor em nossa boa e velha Berlim. Minha filha me disse que veio para um torneio.” Liberou um punho de manga engomado, pôs uma das mãos no quadril e continuou: “Aliás, quis saber, existe alguma jogada no xadrez que sempre garanta a vitória? Não sei se me compreende, mas o que queria saber... desculpe... como é seu nome e sobrenome?”. “Compreendo”, disse Lujin, dedicando-se por instantes a uma conscienciosa reflexão. “O senhor sabe,

temos jogadas sutis e jogadas de força. Numa jogada de força...” “Ah, bom, então é assim”, concordou o cavaleiro. “Numa jogada de força”, continuou Lujin em voz alta, entusiasmando-se, “obtem-se logo uma vantagem indiscutível. Um xeque duplo, por exemplo, permitindo a tomada de uma peça importante, ou, então, quando um peão se transforma em rainha. E por aí vai. Por aí vai. Numa jogada sutil...” “Compreendo, compreendo”, disse o cavaleiro, “quantos dias mais ou menos dura o torneio?” “Uma jogada sutil implica astúcia, subversão, complicação”, prosseguiu Lujin, tentando ser agradável mas também pegando gosto pela coisa. “Tomemos uma determinada posição. As brancas...” Parou para pensar, olhando fixo para o cinzeiro. “Infelizmente”, disse

o anfitrião, nervoso, “não entendo nada de xadrez. Só perguntei... Mas não faz mal, não importa. Daqui a pouco vamos para a sala de jantar. Diga-me, benzinho, o chá está pronto?” “Sim!”, exclamou Lujin, “tomemos simplesmente o final da partida no ponto em que foi interrompida hoje. Brancas: rei C3, torre A1, cavalo D5, peões B3 e C4. Pretas...” “Coisa complicada, o xadrez”, interpôs o cavalheiro, levantando-se num salto para tentar conter a enxurrada de letras e números que tinham algo a ver com a cor preta. “Tratemos agora de supor”, disse Lujin, determinado, “que as pretas fazem a melhor jogada possível nessa situação, de E6 para G5. A isso eu respondo com a seguinte jogada sutil...” Lujin apertou os olhos e quase num sussurro, franzindo os

lábios como se fosse dar um beijo cuidadoso, pronunciou não apenas algumas palavras ou a descrição de uma jogada, porém algo muito mais terno e infinitamente frágil. Exibiu a mesma expressão — a expressão de alguém que sopra uma peninha do rosto de um bebê — quando, no dia seguinte, executou aquela jogada no tabuleiro. O húngaro, empalidecido após uma noite insone em que havia estudado todas as variantes (conducentes a um empate) sem atinar com aquela combinação oculta, debruçou-se sobre o tabuleiro em profunda meditação, enquanto Lujin, com uma tossezinha afetada, anotava carinhosamente sua jogada numa folha de papel. O húngaro abandonou a partida logo depois e Lujin sentou-se para jogar

com um russo. Como o embate começou de forma interessante, de pronto um sólido círculo de espectadores se formou em torno da mesa deles. A curiosidade, a pressão, o estalar de juntas, as respirações descompassadas e sobretudo os cochichos — interrompidos vez por outra por um psiu ainda mais alto e mais irritante — frequentemente atormentavam Lujin. Caso não mergulhasse ainda mais fundo nas profundezas do xadrez, ele se perturbava muito com esses estalidos e farfalhadas, com o calor e o cheiro desagradáveis que vinham daquela gente espremida a seu redor. Pelo canto do olho, viu as pernas dos espectadores e sentiu uma irritação especial ao reparar que, em meio a todas aquelas calças escuras, havia um par de pés de mulher

calçando sapatos azuis encimados por reluzentes meias de cor cinza. Aqueles pés obviamente não entendiam nada do jogo, era de se perguntar por que teriam vindo... Aqueles sapatos pontudos com tiras transversais ou coisa que o valha estariam melhor fazendo clíqueti-clíqueti numa calçada... tão longe quanto possível dali. Quando parava seu relógio, anotava uma jogada ou punha de lado uma peça tomada, olhava de esguelha para aqueles pés femininos imóveis e só uma hora e meia depois, quando venceu a partida e se pôs de pé puxando o colete para baixo, Lujin viu que aqueles pés pertenciam a sua noiva. Sentiu-se extremamente feliz por ela tê-lo visto vencer e esperou com avidez que os tabuleiros fossem retirados e que toda aquela gente barulhenta saísse

para poder acariciá-la. Mas os tabuleiros não desapareceram logo, e até mesmo quando surgiu a bem iluminada sala de jantar, com seu enorme e resplandecente samovar de latão, quadrados indistintos transpareciam através da toalha branca de mesa e quadrados semelhantes — cor de chocolate e de creme — eram sem dúvida visíveis no bolo glaçado. A mãe da noiva recebeu-o com a mesma indulgência condescendente e ligeiramente irônica com que o cumprimentara na noite anterior, quando sua chegada pusera fim à conversa sobre xadrez — e a pessoa com quem ele tinha falado, obviamente o marido dela, começou então a lhe contar tudo acerca da propriedade de campo modelar que possuía na Rússia. “Vamos para o quarto”, sussurrou Lujin em voz

rouquenha para a noiva, que mordeu o lábio com uma expressão de surpresa. “Vamos”, ele repetiu. Mas ela habilmente lhe serviu no prato de vidro uma geleia de framboesas celestial, de um vermelho deslumbrante e de uma doçura untuosa, que corria pela língua como um fogo granular e envolvia os dentes com uma película aromática e açucarada. O efeito foi imediato. “*Merci, merci*”, Lujin agradeceu, curvando a cabeça ao receber uma segunda porção, e em meio a um silêncio sepulcral estalou outra vez os lábios, lambendo a colher ainda quente do chá com medo de perder uma só gota da deliciosa iguaria. Quando por fim conseguiu o que desejava e se viu a sós com ela — não, é verdade, no quarto de dormir, mas na espalhafatosa sala de



visitas —, puxou-a para si e se sentou pesadamente, segurando-a pelos pulsos. No entanto, ela libertou-se sem dizer uma palavra, deu meia-volta e foi se acomodar numa almofada. “Ainda não decidi se vou casar com você. Lembre-se disso.” “Já está tudo decidido”, disse Lujin. “Se não quiserem deixar, usamos da força para fazer com que eles assinem.” “Assinarem o quê?”, perguntou ela, surpresa. “Sei lá... Mas parece que precisamos de alguma assinatura.” “Bobão, bobão”, ela repetiu várias vezes. “De uma ignorância impenetrável e incorrigível. O que é que eu vou fazer com você, como lidar com você? E que cara de cansaço! Tenho certeza que não faz bem para você jogar tanto assim.” “*Ach wo*”, disse Lujin, “só umas partidinhas.” “E de noite você

continua pensando. Não devia fazer isso. Você sabe, já é muito tarde. Vá para casa. Você precisa dormir, isso sim."

Entretanto, ele continuou sentado no sofá listrado e ela refletiu com tristeza sobre o tipo de conversa que costumavam ter — um toque aqui, uma pontada ali, palavras desconexas. Não a beijara direito uma única vez, era tudo esquisito e sem jeito, quando a tocava nenhum movimento dele se parecia com um abraço normal. Mas aquela devoção desamparada em seu olhar, a luz misteriosa que o iluminava quando curvado sobre o tabuleiro... E, no dia seguinte, ela sentiu de novo a ânsia de visitar aqueles aposentos silenciosos no segundo andar de um grande restaurante numa rua estreita e barulhenta. Dessa vez, Lujin logo reparou nela: conversava em

voz baixa com um homem bem barbeado, de ombros largos, cujo cabelo cortado à escovinha parecia cobrir sua cabeça como uma touca, terminando num topetinho; seus lábios grossos prendiam um charuto apagado, que ele chupava sofregamente. Um artista contratado por algum jornal, erguendo e baixando a cabeça como um boneco de latão, bosquejava rapidamente o perfil do fumante de charuto. Dando uma olhadela de passagem no caderno de desenho, ela viu, ao lado daquele Turati apenas esboçado, um Lujin já terminado — nariz exageradamente melancólico, queixo duplo pontilhado de preto e na têmpora a mecha de sempre, que ela chamava de cachinho. Turati sentou-se para jogar com um grande mestre alemão, e Lujin, aproximando-se dela com ar

lúgubre e um sorriso sem graça, começou a desfiar uma lengalenga incoerente. Deuse conta, surpresa, de que era um pedido para que ela fosse embora. “Fico feliz, muito feliz, *post factum?*”, explicou Lujin em tom suplicante, “mas na hora mesmo... na hora mesmo me perturba.” Seguiu-a com os olhos quando ela se afastou obediente entre as fileiras de mesas de xadrez e, após assentir vigorosamente com a cabeça para si próprio, caminhou até o tabuleiro onde naquele momento se instalava seu novo adversário, um inglês de cabelos grisalhos que sempre jogava com grande sangue-frio e sempre perdia. Também não teve sorte daquela vez, e Lujin ganhou mais um ponto, obtendo um empate no dia seguinte e depois outra vitória — e a essa altura não distinguia

mais a fronteira entre o xadrez e a casa da noiva, como se o filme tivesse sido acelerado e o que antes era uma sucessão de cenas se tomara um vago bruxulear.

Avançou passo a passo com Turati. Turati marcava um ponto, ele marcava um ponto. Turati empatava, ele empatava. Foram seguindo assim com suas próprias partidas, como se galgassem os lados de um triângulo isósceles a fim de, no momento decisivo, se encontrarem no ápice.

As noites eram algo trepidantes. Ele simplesmente era incapaz de forçar-se a não pensar em xadrez e, embora sentisse vontade de dormir, o sono não conseguia penetrar em seu cérebro; bem que procurava alguma brecha, porém todas as entradas estavam guardadas por uma

sentinela enxadrística e ele tinha a sensação angustiante de que o sono estava logo ali, bem pertinho, mas do lado de fora do crânio: o Lujin que estava exausto dormitava por todo o quarto, mas o Lujin que visualizava um tabuleiro de xadrez permanecia desperto e não podia se fundir com seu bem-aventurado duplo. Pior ainda: depois de cada etapa do torneio era com dificuldade cada vez maior que escapava rastejante do mundo dos conceitos do xadrez, a tal ponto que uma dolorosa divisão começou a se manifestar até mesmo durante o dia. Após uma partida de três horas, sua cabeça doía de forma estranha, não por inteiro, mas por partes, em quadrados pretos de dor, e durante alguns segundos ele não tinha como achar a porta, obscurecida por uma

mancha negra, ou lembrar o endereço da casa tão apreciada. Por sorte, seu bolso ainda preservava o velho cartão-postal, dobrado em dois e já se rasgando ao longo da dobra (“... *vas vetcherom...*” “esperamos por você esta noite”).

Continuava a sentir uma grande alegria ao entrar naquela casa cheia de badulaques russos, mas essa alegria também era irregular. Num dia vago, chegou mais cedo que de costume e só a mãe estava em casa. Ela decidiu retomar a conversa que tinham tido ao pôr-do-sol no bosque de faias e, superestimando sua muito louvada capacidade de dizer o que pensava (devido à qual os jovens que visitavam a casa a consideravam tremendamente inteligente e lhe devotavam um grande temor), caiu em cima de Lujin, passando-

lhe de início um carão por causa das guimbas de cigarro encontradas em todas as jarras e até nas mandíbulas do urso esparramado no assoalho, sugerindo depois que, naquela tarde de sábado mesmo, ele tomasse um banho na casa deles após as abluções semanais do marido. “Permito-me dizer que o senhor não se lava com frequência”, disse sem rebuços. “Não com muita frequência, não é? É melhor admitir.” Lujin, com ar soturno, sacudiu os ombros sem tirar os olhos do chão, onde estava ocorrendo um ligeiro movimento que só ele podia perceber, uma malevolente diferenciação de sombras. “E, de modo geral”, continuou ela, “o senhor precisa se controlar.” Tendo posto o ouvinte no estado de espírito desejado, passou então



ao assunto principal. “Me diga, imagino que o senhor já abusou de minha filhinha, não foi? Pessoas como o senhor são grandes libertinos. Mas minha filha é recatada, não é como essas moças de hoje em dia. Me diga, o senhor é um libertino, não é?” “Não, senhora”, respondeu Lujin com um suspiro, franzindo a testa e passando rapidamente a sola do sapato no chão a fim de obliterar uma formação já bastante distinta. “Ora, eu não o conheço nem um pouco”, continuou a voz sonora. “Vou ter que fazer indagações sobre o senhor — isso mesmo, indagações — para saber se o senhor não tem uma dessas doenças especiais.” “Falta de ar”, disse Lujin, “e também um pouquinho de reumatismo.” “Não estou falando disso”, ela interrompeu, irritada. “Trata-se de um

assunto sério. O senhor evidentemente se considera noivo, vem para cá e fica horas sozinho com ela. Mas acho que ainda é muito cedo para falar em casamento.” “E, no ano passado, tive hemorroidas”, reportou Lujin em tom tristonho. “Olhe, estou falando com o senhor sobre coisas extremamente importantes. É bem provável que o senhor gostaria de casar com ela hoje mesmo. Eu o conheço bem. Na hora em que ela estiver com um barrigão, o senhor vai logo começar a maltratá-la.” Tendo eliminado uma sombra num lugar, Lujin notou com desespero que, longe de onde estava sentado, uma nova combinação se formava no assoalho. “Se o senhor tiver o menor interesse em conhecer minha opinião, então devo lhe dizer que

considero esse casamento ridículo. O senhor provavelmente pensa que vai ser sustentado por meu marido. Admita isto: pensa ou não pensa que vai ser assim?”

“Estou passando por algumas dificuldades. Vou precisar de muito pouco. E uma revista me ofereceu editar a seção de xadrez...” Nesse ponto, aquelas coisas desagradáveis no chão se tomaram tão atrevidas que Lujin esticou a mão involuntariamente para salvar a sombra do rei da ameaça de um peão luminoso. A partir daquele dia, evitou sentar-se na sala de visitas, onde as numerosas bugigangas de madeira envernizada assumiam feições muito definidas caso se olhasse para elas por bastante tempo. Sua noiva notou que a aparência de Lujin piorava a cada dia no decorrer do torneio: um círculo roxo em

torno dos olhos, as grossas pálpebras inflamadas. Estava tão pálido que sempre parecia mal barbeado, embora, graças à insistência de sua noiva, se escanhoasse todas as manhãs. Ela aguardava o final do torneio com grande impaciência e se condoía ao pensar nos esforços fabulosos e nocivos que ele precisava fazer para ganhar cada ponto. Pobre Lujin, misterioso Lujin... Ao longo de todos aqueles dias de outono, enquanto jogava tênis pelas manhãs com uma amiga alemã, frequentava as aulas de arte que havia muito tempo lhe causavam enfado ou folheava vários livros já surrados em seu quarto — O oceano, de Andreyev, um romance de Krasnov e um panfleto intitulado “Como tornar-se um iogue” —, tinha plena consciência de que naquele

exato instante Lujin estava imerso em cálculos enxadrísticos, lutando e sofrendo, e se afligia por não poder compartilhar dos tormentos de sua arte. Ela acreditava incondicionalmente na genialidade dele e, além disso, estava convencida de que essa genialidade não podia ser toda gasta no jogo de xadrez, por mais maravilhoso que fosse. Quando tivesse passado a febre do torneio, Lujin se acalmaria e, já descansado, forças até então desconhecidas entrariam em ação e o fariam desabrochar para exhibir seus dons também em outras esferas da vida. O pai dizia que Lujin era um fanático de visão estreita, acrescentando que sem dúvida se tratava de uma pessoa muito ingênua e muito respeitável. A mãe, por outro lado, sustentava que Lujin estava

enlouquecendo, não a cada dia mas a cada hora, e que os lunáticos eram proibidos por lei de se casarem. Escondia por isso o inconcebível noivo de todos os amigos, o que foi fácil de início, porque pensavam que ela estava com a filha na estação de águas. Muito em breve, contudo, voltaram a aparecer todos os que costumavam frequentar a casa — tais como o velho e encantador general que sempre dizia que nós, os expatriados, não sofríamos com a perda da Rússia, e sim de nossa juventude, ah, de nossa juventude; um casal de russos alemães; Oleg Sergeyevitch Smirnovski, teosofista e proprietário de uma fábrica de bebidas; vários ex-oficiais do Exército Branco; diversas jovens; a cantora Mme Vozdvichenski; o casal Alfyorov; e

também a idosa princesa Umanov, que chamavam de Dama de Espadas (por causa da célebre ópera). Foi ela a primeira a encontrar-se com Lujin, concluindo de uma apressada e ininteligível explicação da dona de casa que ele tinha alguma relação com a literatura, com revistas — que era, em suma, um escritor. “E aquele poema, o senhor o conhece?”, ela perguntou, tentando cortesmente iniciar uma conversa sobre literatura. “De Apukhtin, um desses novos poetas... ligeiramente decadente... alguma coisa sobre centáureas amarelas e vermelhas...” Smirnovski não perdeu tempo em convidá-lo para uma partida de xadrez, mas infelizmente descobriu-se que não havia na casa o equipamento necessário. Os jovens achavam que ele

era um boboca, e só o velho general o tratava com um misto de simplicidade e cordialidade, insistindo em que fosse ver a girafinha recém-nascida no zoológico. Depois que as visitas voltaram a aparecer todas as noites em diferentes combinações, Lujin não conseguia mais ficar a sós com sua noiva um único instante, e sua luta contra aquelas pessoas, seus esforços para penetrar através da barreira que formavam a fim de chegar a ela tomaram imediatamente contornos de uma partida de xadrez. Entretanto, revelou-se impossível superá-los, mais e mais inimigos surgiam—e ele pôs na cabeça que eram eles, aqueles numerosos visitantes anônimos, que o cercavam e o oprimiam durante as partidas do torneio.

Uma explicação sobre tudo o que



estava acontecendo lhe ocorreu certa manhã em que, sentado numa cadeira no meio do quarto de hotel, ele tentava concentrar seus pensamentos numa única coisa: no dia anterior havia ganhado o décimo ponto e agora precisava derrotar Moser. De repente, sua noiva entrou no quarto. “Igual a um deusinho”, disse ela rindo. “Plantado no meio do quarto enquanto lhe trazem as oferendas do sacrifício.” Ofereceu-lhe uma caixa de chocolates e, súbito, o riso desapareceu de seu rosto. “Lujin”, ela gritou. “Lujin, acorda! Quê que você tem?” “Você é de verdade?”, perguntou Lujin em voz baixa, com ar de suspeita. “Claro que sou de verdade. Isso lá é coisa que se faça, pôr a cadeira no meio do quarto e ficar aí sentado! Se você não se levantar agorinha

mesmo, vou embora.” Lujin saiu do transe obedientemente, movendo os ombros e a cabeça, indo sentar-se no sofá — e uma felicidade que não estava de todo segura de si, ainda instável, brilhou e nadou em seus olhos. “Me diga uma coisa, quando é que isso vai terminar?”, ela perguntou. “Quantas partidas faltam?” “Três”, respondeu Lujin. “Li hoje no jornal que você tem tudo para ganhar o torneio, que dessa vez está jogando de maneira extraordinária.” “Mas tem o Turati”, disse Lujin levantando o dedo. “Estou me sentindo enjoado”, acrescentou em tom pesaroso. “Então, nada de doces para você”, ela disse rapidamente, enfiando a caixa outra vez embaixo do braço. “Lujin, vou chamar um médico. Você simplesmente vai morrer se a coisa

continuar desse jeito.” “Não, não”, disse ele, sonolento. “Já passou. Não preciso de médico nenhum.” “Estou preocupada. Quer dizer que vai até sexta, sábado... esse inferno. E lá em casa as coisas andam bem ruinzinhas. Todo mundo concorda com mamãe em que eu não devo me casar com você. Por que você está sentindo esse enjoo? Comeu alguma coisa?” “Já passou, passou mesmo”, balbuciou Lujin deitando a cabeça no ombro dela. “Você está apenas cansadíssimo, meu querido. Vai mesmo jogar hoje?” “Às três da tarde. Contra o Moser. Em geral, venho jogando... o que é que eles disseram?” “De um modo extraordinário.” Ela sorriu. A cabeça que repousava sobre seu ombro era grande, pesada — um instrumento precioso,

dotado de um mecanismo complexo e incompreensível. Um minuto depois ela percebeu que ele adormecera e começou a pensar em como poderia transferir a cabeça para alguma almofada ou coisa do gênero. Conseguiu fazê-lo com movimentos muito cautelosos: ele estava agora deitado de lado no sofá, o corpo inconfortavelmente dobrado, a cabeça sobre o travesseiro parecendo feita de cera. Por um segundo teve a sensação horrorosa de que Lujin podia haver morrido subitamente e chegou a tomar-lhe o pulso, que estava macio e quente. Ao se pôr de pé, sentiu uma pontada de dor no ombro. “Eta cabeça pesada”, sussurrou, olhando para Lujin em pleno sono, e saiu do quarto sem fazer ruído, levando consigo o presente frustrado. Encontrando

uma camareira no corredor, pediu-lhe para acordar Lujin dentro de uma hora. Desceu silenciosamente as escadas e saiu pelas ruas ensolaradas rumo ao clube de tênis — surpreendendo-se porque ainda procurava não fazer barulho ou movimentos bruscos. A camareira não precisou acordar Lujin — ele despertou sozinho e logo fez ingentes esforços para lembrar o delicioso sonho que tivera, sabendo por experiência própria que, se não o recapturasse de imediato, mais tarde nem adiantaria tentar. Sonhara que estava sentado estranhamente no meio do quarto e que, de repente, com a absurda e bem-aventurada subitaneidade típica dos sonhos, sua noiva entrara trazendo um embrulho amarrado com fita vermelha. Ela também estava vestida no melhor

estilo onírico — roupa branca e silenciosos sapatos brancos. Queria abraçá-la, mas de uma hora para outra se sentiu enjoado, a cabeça rodando, enquanto ela contava que os jornais haviam escrito coisas extraordinárias sobre ele, embora sua mãe ainda fosse contra o casamento. Provavelmente tinha contado muito mais, porém sua memória foi incapaz de alcançar as palavras que se afastavam mais e mais. Procurando ao menos não desperdiçar aquilo que pudera arrancar do sonho, Lujin moveu-se com cuidado, ajeitou o cabelo e pediu que lhe trouxessem o almoço no quarto. Depois da refeição foi jogar, e naquele dia o universo de conceitos enxadrísticos mostrou um poder assustador. Jogou por quatro horas sem uma pausa e venceu,

mas, já sentado no táxi, esqueceu para onde ia e qual era aquele endereço do cartão-postal que dera ao chofer, esperando com interesse para ver onde o carro iria parar.

A casa, contudo, ele reconheceu, e de novo havia visitas, muitas visitas — mas Lujin verificou que simplesmente havia retornado ao sonho recente, pois sua noiva perguntou num sussurro: “E aí, como você está se sentindo, passou o enjoo?”, coisa que não poderia saber na vida real. “Estamos vivendo num lindo sonho”, ele disse baixinho. “Agora compreendo tudo.” Olhou ao redor e viu a mesa, o rosto das pessoas sentadas, seus reflexos no samovar (ganhando uma perspectiva samovariana bem especial), e acrescentou com imenso alívio: “Quer

dizer que isso também é um sonho? Essas pessoas são um sonho? Bem, bem...”.

“Quieto, quietinho, o que é que você está balbuciando aí?”, ela murmurou com olhar ansioso, e Lujin achou que ela tinha razão, não se devia espantar um sonho, melhor deixar aquelas pessoas sentadas lá por enquanto. Mas o que havia de mais notável nesse sonho era que tudo à volta pertencia evidentemente à Rússia, que ele, o sonhador, deixara havia muito tempo. Os habitantes do sonho, gente alegre bebendo chá, conversavam em russo, e o açucareiro era idêntico àquele do qual, anos e anos atrás, ele se servira na varanda, num final de tarde de verão em que o céu se tingira de escarlate. Lujin notou esse retorno à Rússia com interesse, com prazer. Era tão divertido quanto a



repetição espirituosa de determinada combinação, que ocorre, por exemplo, quando uma posição típica dos problemas de xadrez, bem conhecida na teoria, repete-se sob um admirável disfarce durante uma partida de campeonato.

O tempo todo, porém, de forma mais ou menos nítida, imagens de sua vida real como jogador de xadrez se tornavam visíveis no sonho e por fim assumiram o controle total, simplesmente era noite no hotel, pensamentos de xadrez, insônia de xadrez, meditações sobre a drástica defesa que inventara para fazer frente à abertura de Turati. Desperto de todo, sua mente trabalhava com clareza uma vez afastadas as impurezas, consciente de que, fora do xadrez, tudo mais era apenas um sonho encantador no qual, como reflexos

dourados do luar, se dissolvia a figura de uma carinhosa jovem de olhos claros e braços nus. Os raios de sua consciência, que tendiam a se dispersar ao entrar em contato com o mundo não de todo inteligível que o cercava, perdendo assim metade de sua força, tinham se tornado mais fortes e mais concentrados agora que esse mundo se derreteria numa miragem e não havia mais nenhuma razão para se preocupar com ele. A vida real, a vida do xadrez, era simples, bem-ordenada e rica em aventuras — e Lujin verificou com orgulho como lhe era fácil dominar essa vida, o modo pelo qual tudo obedecia a sua vontade e se curvava diante de seus desígnios. Algumas de suas partidas em Berlim tinham sido até consideradas imortais pelos entendidos. Vencera uma

delas após sacrificar, em sucessão, a rainha, uma torre e um cavalo; em outra, pusera um peão numa posição tão dinâmica que ele adquirira uma força monstruosa e, para desespero de seu oponente, continuara crescer e inchar como um furúnculo na parte mais vulnerável do tabuleiro; em outra ainda, graças a uma jogada aparentemente absurda que provocou murmúrios entre os espectadores, Lujin construiu uma complexa armadilha que seu adversário só percebeu tarde demais. Nessas partidas, como em todas as outras que jogou naquele torneio inesquecível, Lujin exibiu uma impressionante clareza de raciocínio, uma lógica impiedosa. Mas Turati também jogou de modo brilhante, Turati também acumulou ponto atrás de

ponto, hipnotizando de alguma forma os adversários com a ousadia de sua imaginação e confiando — talvez em demasia — na sorte enxadrística que até então nunca o abandonara. Como o encontro entre os dois decidiria o primeiro lugar, havia quem dissesse que a limpidez e a leveza do pensamento de Lujin sobrepujariam a criatividade tumultuosa de Turati, enquanto outros previam que Turati, ardente e audacioso, derrotaria o jogador russo apesar de sua grande visão estratégica. E chegara o dia desse encontro.

Lujin acordou vestido dos pés à cabeça, usando até mesmo o sobretudo. Olhou para o relógio, levantou-se rapidamente e pôs o chapéu, que fora deixado no meio do quarto. Fez uma pausa

e olhou ao redor, tentando compreender exatamente onde havia dormido. A cama estava feita e o veludo do divã sem uma dobra. Só sabia ao certo que desde sempre jogava xadrez — e, nas trevas da memória, como se dois espelhos refletissem a chama de uma vela, havia apenas uma sucessão de Lujins sentados diante de um tabuleiro, cada vez menores, e menores, um número infinito de imagens mais e mais distantes. Mas estava atrasado, bem atrasado, tinha de correr. Abriu a porta num gesto rápido e parou perplexo. De acordo com sua ideia das coisas, ali deviam estar o salão do torneio, a mesa de jogo e Turati, a sua espera. Em vez disso, viu um corredor vazio e, no fundo, uma escada. De repente, vindo da escada, apareceu um

homenzinho correndo que, ao avistar Lujin, abriu as mãos e exclamou: “Mestre, o que houve? Estão aguardando pelo senhor, todos aguardando, mestre... Telefonei três vezes e disseram que o senhor não respondeu às batidas na porta. O signor Turati já está a postos há tempos”. “Levaram tudo”, disse Lujin irritado, apontando para o corredor vazio com a bengala. “Como é que eu podia saber que iam levar tudo?” “Se o senhor não está se sentindo bem...”, começou o homenzinho, olhando com tristeza para o rosto pálido e reluzente de Lujin. “Muito bem, me leve até lá!”, disse Lujin numa voz alta e aguda, batendo com a bengala no chão. “Com prazer, com prazer”, murmurou o outro, desnordeado. Concentrando-se no pequeno sobretudo

com a gola levantada que corria à sua frente, Lujin começou a vencer o espaço incompreensível. “Vamos a pé”, disse o guia, “chegamos lá em exatamente um minuto.” Com uma sensação de alívio, Lujin reconheceu a porta giratória do restaurante e logo depois a escadaria, até ver por fim o que havia procurado no corredor do hotel. Ao entrar sentiu de imediato a plenitude da vida, a calma, a lucidez, a confiança “Vem por aí uma grande vitória”, disse em voz alta enquanto uma multidão de pessoas indistintas se afastava para deixá-lo passar. “*Tard, tard, très tard*”, grasnou Turati, surgindo de repente e sacudindo a cabeça. “Avanti”, disse Lujin, rindo. Uma mesa apareceu entre os dois e sobre ela um tabuleiro com as peças arrumadas,

prontas para a batalha. Lujin pegou um cigarro do bolso do colete e o acendeu num gesto maquinal.

Nesse momento, algo estranho aconteceu. Embora jogasse com as brancas, Turati não utilizou sua famosa abertura, e a defesa que Lujin planejara comprovou ser totalmente inútil. Seja porque tivesse previsto possíveis complicações, seja apenas porque decidira jogar com cautela diante da força tranquila que Lujin havia revelado ao longo do torneio, o fato é que Turati começou a partida da forma mais banal. Lujin por um instante lamentou-se pelo trabalho feito em vão, mas na verdade ficou feliz, porque isso lhe dava maior liberdade. Além do mais, era evidente que Turati o temia. Por outro lado, sem dúvida



havia algum truque oculto na abertura inocente e insípida proposta por Turati, e Lujin decidiu jogar com extremo cuidado. O início foi sereno, como dois violinos tocando em surdina. Os jogadores foram ocupando suas posições com cautela, avançando essa ou aquela peça de modo cortês, sem criar nenhuma ameaça — ou apenas as ameaças meramente convencionais, simples sugestão ao oponente de que ele deveria se proteger, ao que o adversário sorria, como se aquilo não passasse de uma brincadeirinha, e, após tomar a providência cabível, executava um pequeno avanço. E então, sem nenhum pré-aviso, soou um doce acorde: uma das peças de Turati ocupou uma diagonal. Mas logo depois um fiapo de melodia se

manifestou baixinho também do lado de Lujin. Por alguns instantes vibraram possibilidades misteriosas, e então tudo voltou a se aquietar: Turati recuou, fechou-se ainda mais. E, de novo, durante algum tempo, os adversários, como se não tivessem a menor intenção de atacar, ocuparam-se em fazer uma faxina em seus próprios quadrados — ajeitando, retocando, aplainando as coisas em casa — até que houve outra eclosão repentina, uma rápida combinação de sons: duas pequenas forças colidiram e foram de pronto varridas. Num movimento vivaz e magistral dos dedos, Lujin removeu e depositou a seu lado na mesa o que já não era uma força incorpórea, e sim um pesado peão amarelado; os dedos de Turati bailaram no ar e, por sua vez, foi

posto sobre a mesa um inerte peão preto com um toque de luz na cabeça. Tendo se livrado desses dois campos de força subitamente transformados em madeira, os jogadores pareceram se acalmar e esquecer a breve explosão, embora a vibração naquele setor do tabuleiro não houvesse se desvanecido de todo, algo ainda tentava tomar forma... Porém aqueles sons não conseguiram estabelecer a relação desejada — outra nota grave e cheia de presságios soou em outro lugar, e ambos os jogadores abandonaram o quadrado ainda fremente ao se interessarem pelo outro setor. Todavia, lá também tudo terminou em breve. As peças de maior peso se desafiaram várias vezes com sons de trombeta e houve outra troca, pela qual duas forças do tabuleiro foram

transformadas em figurinhas esculpidas e finamente envernizadas. Ocorreu então uma longa, longuíssima pausa para reflexão, durante a qual Lujin fez brotar de um ponto do tabuleiro várias partidas mentais em sucessão, todas elas perdidas, até que seus dedos tateantes buscaram e acharam uma combinação encantadora, frágil e cristalina, que se desintegrou com um leve tilintar ante a primeira réplica de Turati. Mas Turati tampouco foi capaz de fazer algo depois disso e, ganhando tempo (o tempo é impiedoso no universo do xadrez), os adversários repetiram duas jogadas, ameaça e defesa, ameaça e defesa — conquanto nesse ínterim ambos continuassem estudando ideias muitíssimo arditas que nada tinham a ver com aqueles movimentos maquinais. Turati por

fim decidiu-se por uma combinação — e de imediato uma espécie de tempestade musical desabou sobre o tabuleiro, enquanto Lujin procurava teimosamente pela pequena e vibrante nota de que necessitava para, por seu turno, transformá-la numa melodia tonitruante. Todo o tabuleiro agora estava de vida, tudo se concentrava numa única ideia, era mais e mais denso; por um instante o desaparecimento de duas peças aliviou a situação, logo se seguindo outro agitado. Os pensamentos de Lujin vagaram por labirintos fascinantes e terríveis, lá esbarrando por vezes nos ansiosos pensamentos de Turati, que procurava o mesmo que ele. Ambos se deram conta ao mesmo tempo de que as brancas não seriam capazes de levar adiante seu

esquema, que estavam prestes a perder o ímpeto inicial. Turati apressou-se a propor uma troca, reduzindo ainda mais o número de forças no tabuleiro. Novas possibilidades surgiram, mas ninguém podia dizer ainda qual o lado em vantagem. Lujin, preparando um ataque para o qual era antes necessário explorar um labirinto de variantes onde cada passo gerava ecos perigosos, entregou-se a um longo período de meditação: aparentemente precisava fazer um esforço derradeiro e prodigioso para descobrir a sibilina jogada que o conduziria à vitória. Súbito, algo aconteceu fora de seu corpo enxadrístico, uma dor lancinante — e ele soltou um grito, sacudindo a mão queimada pela chama do fósforo que acendera e esquecera de levar ao cigarro.

A dor passou de imediato, mas, naquele intervalo candente, ele tinha visto algo insuportavelmente terrível, todo o horror que se esconde nas profundezas abissais do xadrez. Olhou para o tabuleiro e seu cérebro definhou sob o peso de um cansaço que até então nunca sentira. Mas as peças, impiedosas, o aprisionaram, o absorveram. Horror, sim, mas também a única harmonia possível, pois o que mais existia no mundo além do xadrez? Névoas, o desconhecido, o nada... Notou que Turati se levantara e, de pé, se espreguiçava. “Partida interrompida, mestre”, alguém disse a suas costas. “Anote a próxima jogada.” “Não, não, ainda não”, disse Lujin suplicante, os olhos buscando a pessoa que havia falado. “É tudo por hoje”, insistiu a voz, outra vez

vinda de trás, um tipo de voz giratória. Lujin quis se erguer mas não pôde. Viu que tinha recuado junto com a cadeira e que diversos espectadores, qual aves de rapina, haviam se atirado sobre o tabuleiro, onde toda sua vida se concentrara até havia pouco, e discutiam em altas vozes enquanto moviam as peças agilmente para aqui e para ali. Tentou levantar-se de novo e mais uma vez não conseguiu. “Por quê? Por quê?”, perguntou numa lamúria, procurando divisar o tabuleiro em meio às costas negras e estreitas recurvadas sobre ele. As costas foram se estreitando mais e mais até desaparecer. No tabuleiro, as peças agora estavam desarrumadas, dispersas em grupos desordenados. Um fantasma passou, deteve-se e começou a



guardar rapidamente as peças num pequeno ataúde. “Tudo acabou”, disse Lujin e, gemendo com o esforço, arrancou o corpo da cadeira. Alguns poucos fantasmas ainda continuavam por ali, discutindo alguma coisa. Fazia frio e já estava bastante escuro. Os fantasmas levavam os tabuleiros e as cadeiras. Imagens de xadrez, tortuosas e transparentes, surgiam no ar para onde quer que olhasse — e Lujin, dando-se conta de que tinha se atolado, de que perdera o rumo numa das combinações recentemente arquitetadas, fez um esforço desesperado para libertar-se, para escapar em direção a algum lugar — ainda que para a não-existência. “Vamos, vamos!”, gritou alguém, sumindo ao bater uma porta com violência. Lujin estava

sozinho. Sua visão foi ficando mais e mais turva, cada qual dos vagos objetos espalhados pelo salão o punha em um xeque. Tinha de fugir. Moveu-se, seu corpo adiposo tremendo, totalmente incapaz de imaginar o que faziam as pessoas para sair de um aposento — embora devesse haver um método simples... De repente, uma sombra negra com o peito branco começou a rondar à sua volta, oferecendo-lhe o sobretudo e o chapéu. “Por que eu preciso disso?”, ele murmurou, enfiando os braços nas mangas e girando em compasso com o solícito fantasma. “Por aqui”, disse a sombra incisivamente, e Lujin caminhou até se ver fora do tenebroso salão. Avistando as escadas, começou a subir penosamente os degraus, mas mudou de ideia e desceu, já

que era mais fácil descer do que subir. Encontrou-se num local enfumaçado onde estavam sentados ruidosos fantasmas. Um ataque se desenvolvia em cada canto, mas — empurrando para o lado mesas, um balde de onde emergia um peão de vidro com o pescoço dourado e um tambor batido por um cavalo de xadrez encurvado e com uma espessa crina — ele conseguiu atingir um vidro reluzente que girava lentamente. Ali parou, sem saber para onde ir. Algumas pessoas o cercaram, querendo fazer algo com ele. “Vá embora, vá embora”, uma voz ríspida repetia. “Mas para onde?”, perguntou Lujin, chorando. “Para casa”, sussurrou outra voz, insinuante, enquanto alguém o empurrava pelo ombro. “O que é que você disse?”, ele perguntou, parando

subitamente de soluçar. “Para casa, para casa”, repetiu a voz, e o vidro reluzente, agarrando Lujin, atirou-o para fora, no friozinho do lusco-fusco. Lujin sorriu. “Casa”, disse baixinho. “Então é essa a chave da combinação.”

E era preciso andar depressa. A qualquer momento aquelas lianas enxadrísticas poderiam voltar a envolvê-lo. Por enquanto estava cercado pelo denso nevoeiro que, como uma camada de lã, aprofundava a penumbra. Perguntou a um fantasma que passava qual o caminho para a mansão. O fantasma não entendeu e seguiu em frente. “Espere”, disse Lujin, mas já era tarde demais. Então, balançando os braços curtos, apertou o passo. Uma luz pálida flutuou à sua frente e se esvaneceu num farfalhar melancólico.

Era difícil, muito difícil encontrar o caminho de casa naquele nevoeiro envolvente. Lujin achou que devia seguir para a esquerda, onde havia um grande bosque no qual ele facilmente encontraria a trilha. Outra sombra passou veloz. “Onde é o bosque, o bosque?”, Lujin insistiu; porém, como essa palavra ficou sem resposta, procurou por um sinônimo: “Floresta? *Wald*?”, murmurou. “Parque?”, acrescentou, condescendente. A sombra apontou para a esquerda e desapareceu de vista. Reprendendo-se por sua lentidão, pois antevia que a perseguição teria início a qualquer momento, Lujin enveredou na direção indicada. E, na verdade, de repente se viu cercado de árvores, samambaias crepitando sob seus pés, silêncio e umidade. Muito ofegante,

agachou-se pesadamente, o rosto coberto de lágrimas. Depois de algum tempo levantou-se, desprendeu uma folha molhada do joelho e, após vagar entre os troncos, encontrou a trilha familiar. “*Marsch, marsch*”, ficou repetindo, forçando-se a caminhar pelo terreno pegajoso. Já tinha percorrido metade da distância. Em breve surgiria o rio, a serraria e por fim a mansão da família poderia ser vista por entre os arbustos desfolhados. Ele se esconderia lá e viveria do que encontrasse nos vidros grandes e pequenos da despensa. Os misteriosos perseguidores haviam sido deixados bem para trás. Já não o pegariam. Ah, não. Se ao menos fosse mais fácil respirar, se fosse possível se livrar daquela dor nas têmporas, daquela

dor paralisante... A trilha serpenteou pelo bosque e desembocou numa estrada transversal, enquanto, mais adiante, um rio brilhava na escuridão. Viu também uma ponte e, na outra margem, um aglomerado de formas difusas. De início, por um momento, julgou avistar contra o céu negro a imagem tão conhecida do teto triangular da mansão, com seu para-raios preto. Mas logo entendeu que isso não passava de uma sutil artimanha engendrada pelos deuses do xadrez, pois o parapeito da ponte assumiu o formato de enormes mulheres, cujas figuras tremeluziam sob a chuva, enquanto curiosos reflexos dançavam na superfície do rio. Caminhou ao longo da margem, tentando encontrar outra ponte, aquela onde as pernas se afundavam na serragem

até os tornozelos. Procurou por muito tempo e, afinal, bem fora do caminho, foi bater numa pontezinha estreita e tranquila, achando que ali ao menos atravessaria sem problemas. Mas na outra margem tudo era estranho, luzes e sombras passavam velozes. Sabia que a mansão devia estar por perto, porém vinha se aproximando dela por um ângulo desconhecido, e como tudo era difícil... Suas pernas, dos quadris aos calcanhares, pareciam chumbadas, como as bases das peças de xadrez. Pouco a pouco as luzes desapareceram, os fantasmas se tornaram mais esparsos, uma onda opressiva de escuridão se abateu sobre ele. À luz de um derradeiro reflexo divisou um jardim e um par de arbustos arredondados, pensando reconhecer a casa do moleiro.



Estendeu a mão para a cerca, mas a essa altura uma dor triunfante começou a se apossar dele, comprimindo-lhe o topo da cabeça e fazendo com que seu corpo fosse ficando mais e mais achatado até desaparecer sem um único ruído.

---

<sup>1</sup> “J’adoube” é a expressão usada mundialmente por um jogador de xadrez quando toca numa peça do adversário apenas para ajustá-la dentro do quadrado onde se encontra, pois, de outro modo, estaria obrigado a tomá-la. (N. T.)

# 9

A calçada escorregou, ergueu-se até formar um ângulo reto e voltou à horizontal. Günther endireitou o corpo, respirando fundo, enquanto seu companheiro, dando-lhe apoio mas também cambaleante, repetia sem parar: “Günther, Günther, tente andar”. Günther aprumou-se ainda mais, e após uma breve pausa, que não tinha sido a primeira, ambos continuaram a caminhar pela rua deserta, que subia lentamente rumo às

estrelas e depois ia baixando outra vez. Günther, grandalhão, havia bebido mais que seu camarada, Kurt, que fazia o possível para mantê-lo de pé embora a cerveja estivesse latejando barbaramente em sua cabeça. “Onde é que... onde é que...”, Günther esforçou-se para perguntar onde estavam os outros. Minutos antes estavam todos sentados em volta de uma mesa de carvalho, uns trinta e poucos sujeitos felizes, trabalhadores e bem-comportados que celebravam o quinto aniversário de formatura, cantando e trocando sonoros tintins — enquanto agora, após se dispersarem para tomar o caminho de casa, estavam dominados pela náusea, pela escuridão, pela desesperadora instabilidade daquela calçada. “Os outros estão lá”, disse Kurt

com um gesto largo que infelizmente despertou a parede mais próxima, fazendo-a curvar-se para a frente e depois endireitar-se devagar. “Foram embora, embora”, explicou Kurt com tristeza. “Mas Karl está logo ali”, disse Günther com voz clara e pausada. Atingidos por uma rajada de vento movido a cerveja, os dois balançaram para um lado, pararam, deram um passo atrás e retomaram a caminhada. “Estou te dizendo que o Karl está lá”, repetiu Günther em tom irritado. E na verdade havia um homem sentado no meio-fio, com a cabeça baixa. Os dois calcularam mal a velocidade e passaram por ele. Quando conseguiram se aproximar, o homem estalou os lábios e virou-se devagar na direção deles. Sim, era Karl, mas que Karl! O rosto sem

expressão, os olhos vidrados... “Só estou descansando um pouco”, disse com voz apagada. “Daqui a pouquinho começo a andar outra vez.” De repente, deslizando a baixa velocidade pelo asfalto deserto, surgiu um táxi com o sinal de desocupado. “Para ele”, disse Karl. “Quero que me leve.” O carro encostou. Günther ficou esbarrando em Karl ao tentar auxiliá-lo a se levantar, enquanto Kurt puxou um dos pés, coberto por uma polaina cinza. De seu assento, o chofer encorajou-os com bom humor, e por fim desceu do carro para colaborar também. O corpo flácido e vacilante foi empurrado porta adentro e o táxi arrancou imediatamente. “Estamos quase chegando”, disse Kurt. A figura a seu lado suspirou, e Kurt, encarando-a, viu que se tratava de Karl — o que

significava que o táxi havia levado Günther por engano. “Vem, vou te dar uma ajuda”, disse, sentindo-se culpado. “Vamos.” Comum olhar vazio e infantil, Karl inclinou-se na direção dele e os dois começaram a atravessar o asfalto ondulante. “Tem outro ali”, disse Kurt. Um homem gordo e sem chapéu estava todo dobrado na calçada, junto a uma cerca de jardim. “Deve ser o Pulvermacher”, resmungou Kurt. “Você sabe, ele mudou muito nesses últimos anos.” “Não é o Pulvermacher”, respondeu Karl, sentando-se na calçada ao lado do outro. “O Pulvermacher é careca.” “Não interessa”, disse Kurt. “Ele também tem que ser levado para casa.” Tentaram erguer o homem pelos ombros e perderam o equilíbrio. “Cuidado para não

quebrar a cerca”, advertiu Karl. “Temos que levar ele”, repetiu Kurt. “Quem sabe é o irmão do Pulvermacher. Ele também estava lá.”

O homem nitidamente dormia a sono solto. Vestia um sobretudo preto com tiras de veludo nas lapelas. O rosto balofo, com o queixo maciço e as pálpebras convexas, tinha um brilho lustroso sob o lampião da rua. “Vamos esperar por um táxi”, sugeriu Kurt, seguindo o exemplo de Karl, que se acocorara no meio-fio. “Esta noite ainda vai acabar”, disse confiante e, olhando para o céu, acrescentou: “Como elas giram!”. “Estrelas”, explicou Karl — e ambos ficaram quietos, olhando fixamente para o pálido, nebuloso e deslumbrante abismo onde as estrelas formavam um arco. “Pulvermacher

também está olhando”, disse Kurt após um longo silêncio. “Não, ele está dormindo”, objetou Karl, olhando de relance para o rosto gordo e imóvel. “Dormindo”, concordou Kurt.

Uma luz deslizou sobre o asfalto e o mesmo táxi simpático, que havia levado Günther sabe-se lá para onde, parou mansamente junto ao meio-fio. “Outro?”, riu o chofer. “Podiam ter ido juntos.” “Mas para onde?”, Karl perguntou a Kurt com voz sonolenta. “Tem que ter um endereço qualquer, vamos ver nos bolsos dele...”, respondeu o outro sem muita convicção. Cambaleantes, sacudindo involuntariamente a cabeça, curvaram-se sobre o homem imóvel e, como seu sobretudo estava desabotoado, puderam fazer uma revista completa. “Colete de



veludo”, disse Kurt. “Pobre coitado, pobre coitado...” Logo no primeiro bolso acharam um cartão-postal dobrado ao meio, que se partiu em dois. A parte que continha o endereço do destinatário escorregou por entre os dedos deles e desapareceu para sempre. Na outra metade, porém, encontraram um endereço escrito de lado no cartão e sublinhado com um traço grosso. Na face oposta havia uma única linha no sentido horizontal, interrompida à esquerda; mas, mesmo se tivesse sido possível juntar essa metade com a que se perdera, o significado da frase não seria claro para eles. “*Bac bereponi*”, leu Kurt, como se as letras russas em cirílico tivessem o mesmo valor fonético que as letras latinas, o que era perfeitamente

compreensível. Comunicado o endereço ao chofer, tiveram de depositar o corpo pesado e inerte no carro, contando outra vez com a ajuda do taxista. Na porta, grandes quadrados de xadrez — o símbolo dos táxis de Berlim — eram visíveis à luz do lampião. Por fim, totalmente lotado, o carro partiu.

Karl caiu no sono durante o trajeto. A cada curva os corpos dele, do desconhecido e de Kurt, sentado no chão, se tocavam de leve, involuntariamente. Com o passar do tempo, Kurt acabou no assento, enquanto Karl e a maior parte do desconhecido terminaram no chão. Quando o carro parou e a porta foi aberta, o chofer não foi capaz de dizer quantas pessoas estavam lá dentro. Karl acordou de imediato, mas o homem sem chapéu

continuou tão imóvel quanto antes. “Estou curioso para saber o que vão fazer com o amigo de vocês agora”, disse o chofer. “Devem estar esperando por ele”, observou Kurt. O chofer, considerando que havia cumprido suas funções e transportado um número suficiente de pesos-pesados, levantou a bandeira do taxímetro e anunciou o preço da corrida. “Eu pago”, ofereceu Karl. “Não, eu pago”, disse Kurt. “Eu achei ele primeiro.” Esse argumento convenceu Karl. O carro foi esvaziado com dificuldade e seguiu caminho. Três pessoas ficaram na calçada, uma delas deitada no chão, com a cabeça apoiada num degrau de pedra.

Suspirando e balançando para um lado e para o outro, Kurt e Karl foram para o

meio da rua e, dirigindo-se à única janela iluminada do prédio, gritaram em voz rouca — e imediatamente, numa reação inesperada, a veneziana estriada de luz tremeu e foi puxada para cima. Uma jovem senhora olhou para fora. Sem saber como começar, Kurt deu uma risadinha e, controlando-se, disse sem rodeios, erguendo a voz: “Minha senhora, trouxemos o Pulvermacher”. A mulher não emitiu uma palavra, e a veneziana desceu fazendo um ruído de matraca. Podia-se ver, no entanto, que ela permanecia junto à janela. “Achamos ele na rua”, disse Karl hesitante, dirigindo-se à janela. A veneziana voltou a subir. “Colete de veludo”, Kurt considerou necessário explicar. A janela ficou vazia, mas um minuto depois a escuridão atrás da porta

da frente se desintegrou e através do vidro surgiu uma escada iluminada, de mármore até o primeiro andar, e essa escada recém-nascida não teve tempo de se materializar por completo antes que aparecesse nos degraus um ágil par de pernas femininas. Uma chave rangeu na fechadura e a porta se abriu. Na calçada, encostado ao degrau, jazia um homem corpulento vestido de preto.

Nesse meio-tempo, a escada continuou a produzir mais gente... Surgiu um senhor de pantufas, calças pretas e camisa engomada sem colarinho, seguido por uma empregada pálida e atarracada calçando chinelos nos pés nus. Todos se curvaram sobre Lujin, enquanto os dois estranhos, totalmente bêbados, tentavam explicar alguma coisa com sorrisos contritos e um

deles mostrava com insistência metade de um cartão-postal como se fosse um cartão de visitas. Os cinco carregaram Lujin escada acima, e sua noiva, segurando a pesada e preciosa cabeça, soltou um gritinho quando a minuteria da escada de repente se apagou. Em meio às trevas, tudo balançou, ouviu-se uma pancada, pés se arrastando, respirações ofegantes, alguém deu um passo atrás e invocou o nome de Deus em alemão. Quando voltou a luz, um dos estranhos estava sentado num degrau e o outro esmagado sob o corpo de Lujin, enquanto mais acima, no patamar, a mãe da noiva, no penhoar de bordados excessivamente coloridos, examinava com olhos luzidios e arregalados o corpo inerte que, grunhindo e resmungando, seu marido apoiava e a

enorme e horrível cabeça caída sobre o ombro da filha. Levaram Lujin para a sala de visitas. Tentando se apresentar a alguém, os jovens visitantes bateram os calcanhares e evitaram esbarrar nas mesinhas entulhadas de porcelanas. Eram vistos ao mesmo tempo em todos os aposentos. Sem dúvida queriam ir embora, mas não conseguiam achar o hall de entrada. Podiam ser encontrados em todos os divãs, no banheiro, no grande baú do corredor, mas não havia meio de se livrar deles. O número de estranhos era incerto — um número flutuante, nebuloso. Contudo, passado algum tempo desapareceram, e a empregada disse que tinha conduzido dois deles até a porta e os demais deviam estar esparramados em algum lugar da casa, porque a bebida é a

ruína de um homem, e o noivo da irmã dela também era um beberrão.

“Parabéns, ele está na maior água”, disse a dona da casa, olhando para Lujin estendido como um cadáver num sofá na sala de visitas, semidespido, coberto com uma manta. “Parabéns.” Curioso: o fato de Lujin estar bêbado a agradava, evocava um sentimento cálido por ele. Naquela esbórnica ela via algo de natural ou até mesmo de audacioso, um impulso humano. Esse era o tipo de situação em que se podiam encontrar pessoas boas e alegres de seu círculo de amizades. (E afinal de contas, pensava ela, nesses tempos difíceis que mexem com todo mundo, não é de surpreender que os jovens russos vez por outra apelem para a bebida...) Porém, quando se verificou que Lujin não



cheirava a vodca ou a vinho, que dormia de um modo estranho e em nada parecido com o de um bêbado, ela ficou desapontada e se repreendeu por ter concebido uma única inclinação natural em Lujin. Enquanto era examinado pelo médico, que chegara ao amanhecer, o rosto de Lujin registrou uma mudança, as pálpebras se ergueram para revelar um olhar mortiço. E só então sua noiva escapou do torpor que havia se apossado de sua alma desde que vira o corpo recostado contra os degraus da frente do prédio. Verdade que já esperava por algo terrível, mas esse horror específico estava além de sua imaginação. Na noite anterior, quando Lujin não tinha vindo ao apartamento como de costume, ela telefonara para o restaurante onde se

realizava o torneio e soubera que as partidas haviam terminado fazia muito tempo. Ligou então para o hotel e lhe disseram que Lujin não voltara. Pensando que ele talvez estivesse trancado pelo lado de fora, foi até a rua; depois telefonou mais uma vez para o hotel e perguntou a seu pai se deviam avisar à polícia. “Bobagem”, disse ele com firmeza. “Ele deve ter muitos amigos aqui na cidade. Foi a uma festa.” Mas ela sabia perfeitamente que Lujin não possuía um só amigo e que havia algo de absurdo em sua ausência.

E agora, olhando para o rosto grande e pálido de Lujin, teve um sentimento de pena tão terno e tão doloroso que lhe pareceu que, sem essa compaixão dentro de si, a vida perderia toda a razão. Era

impossível imaginar esse homem inofensivo atirado na sarjeta, seu corpo inerte manipulado por bêbados; não suportava pensar que todos tivessem confundido seu misterioso desmaio com o sono frouxo e vulgar de um farrista, esperando que um ronco indigno quebrasse seu silêncio indefeso. Quanta pena, quanta dor. E aquele colete excêntrico, fora de moda, que não se podia olhar sem sentir vontade de chorar, aquele triste cachinho nos cabelos, as dobras infantis do pescoço branco e nu... Tudo isso havia acontecido por sua causa... não tomara conta dele, não lhe dera a atenção necessária. Devia ter ficado ao lado dele o tempo todo, impedindo-o de jogar tanto... e como é que até agora ele não tinha sido

atropelado por um carro, e por que ela não desconfiara que a qualquer momento ele podia desabar, paralisado pelo cansaço que o xadrez provocava? “Lujin”, disse sorrindo, como se ele pudesse vê-la sorrir. “Lujin, está tudo bem. Lujin, está me ouvindo?”

Tão logo o levaram para o hospital, ela foi ao hotel apanhar suas coisas. De início não quiseram deixá-la entrar no quarto, o que exigiu longas explicações e uma chamada telefônica para o hospital feita por um empregado muito insolente, após o que ela teve de pagar a conta referente à semana anterior, mas, como não tinha dinheiro suficiente, isso redundou em novas explicações. Parecia-lhe que continuavam a zombar de Lujin, era difícil conter as lágrimas. Depois de

recusar a ajuda incompetente da arrumadeira, seu sentimento de dó chegou ao máximo quando ela começou a recolher os pertences de Lujin. Havia coisas que ele devia carregar de um lado para o outro fazia anos, sem reparar nelas ou jogá-las fora — coisas desnecessárias, inesperadas: um cinto de lona com uma fivela metálica em forma de S e com uma bolsinha de couro no lado; um canivete em miniatura, enfeitado de madrepérola, para pendurar na pulseira do relógio; uma coleção de cartões-postais italianos, com muito céu azul, madonas e uma névoa lilás sobre o Vesúvio. Havia também objetos sem dúvida originários de São Petersburgo: um pequeno ábaco com marcadores vermelhos e brancos; um calendário de mesa com folhas móveis de

um ano que não devia constar em nenhum calendário — 1918. Tudo isso estava amontoado numa gaveta junto com algumas camisas limpas mas amarrotadas, cujas listras coloridas e punhos engomados evocavam a imagem de tempos passados. Lá ela achou também uma cartola dobrável comprada em Londres e, dentro dela, o cartão de visitas de alguém chamado Valentinov. Os artigos de toalete estavam num estado tão lastimável que ela decidiu deixá-los para trás e comprar uma esponja de borracha para substituir aquela incrível bucha. Num embrulho em separado foram parar um jogo de xadrez, uma caixa de papelão cheia de notas e diagramas e uma pilha de revistas de xadrez: ele não precisaria de nada disso agora. Depois de encher e

fechar à chave a valise e o pequeno baú, ela deu mais uma olhada em todos os cantos e pescou debaixo da cama um par de sapatos marrons extraordinariamente velhos, rasgados e sem cadarço, que serviam de chinelos a Lujin. Empurrou-os com cuidado de volta para baixo da cama.

Do hotel seguiu para o restaurante onde se realizava o torneio, lembrando-se de que Lujin estava sem a bengala e o chapéu, provavelmente deixados lá. O salão estava apinhado de gente, e Turati, em frente ao vestiário, tirava com elegância o sobretudo. Ela se deu conta de que chegara na hora exata em que a partida devia ser recomeçada e que ninguém sabia da doença de Lujin. Não faz mal, pensou com certa satisfação maldosa. Que esperem. Encontrou a

bengala, mas não o chapéu. Lançando um olhar de ódio para a mesinha onde as peças já estavam arrumadas e para o italiano de ombros largos que esfregava as mãos e limpava ruidosamente a garganta como se fosse um cantor de ópera, abandonou depressa o restaurante, entrou de novo no táxi (a cujo teto o pequeno e melancólico baú verde e quadriculado de Lujin tinha sido amarrado) e regressou ao sanatório.

Ela não estava em casa quando os jovens da noite anterior reapareceram. Tinham ido desculpar-se pela tempestuosa incursão noturna. Bem-vestidos, ficaram batendo os calcanhares e fazendo medidas, além de perguntar como estava o cavalheiro que haviam trazido para casa na outra noite. Receberam os



agradecimentos devidos e, por razões de decoro, foi-lhes dito que ele dormira muitíssimo bem depois da festinha com que alguns amigos o haviam honrado por ocasião de seu noivado. Após dez minutos de cortesias de parte a parte, levantaram-se do sofá e partiram muito satisfeitos.

Mais ou menos na mesma hora um atônito homenzinho ligado à organização do torneio chegou ao sanatório. Não lhe deixaram ver Lujin. A jovem serena que o recebeu explicou com frieza que Lujin sofrera uma estafa e não se sabia quando poderia retomar as atividades enxadrísticas. “Isso é pavoroso, inacreditável”, o homenzinho repetiu chorosamente muitas vezes. “Uma partida inacabada! E que partida maravilhosa! Transmita ao mestre... transmita ao mestre

minha preocupação...” Fez o gesto de mão de quem não sabe mais o que dizer e caminhou com passos arrastados para a porta, balançando a cabeça.

Os jornais informaram que Lujin tivera um esgotamento nervoso antes de terminar a partida decisiva e que, segundo Turati, as pretas estavam fadadas a perder devido à fraqueza do peão em F4. E, em todos os clubes de xadrez, os entendidos fizeram longas análises da posição das peças, seguiram as possíveis continuações e perceberam a fraqueza das brancas em D3, porém ninguém foi capaz de encontrar a chave para uma vitória indiscutível.

Certa noite, não muito tempo depois, ocorreu uma cena inútil, vergonhosamente barulhenta mas inevitável, pois já vinha se formando havia tempo, com trovões à

distância, até desabar como uma tempestade de verão. Ela acabara de voltar do sanatório e, enquanto comia vorazmente um prato quente de trigo-sarraceno, contava que Lujin estava melhor. Seus pais trocaram olhares significativos e a coisa começou.

# 10

“Eu espero”, disse sua mãe num tom vibrante, “que você tenha desistido daquela ideia louca.” “Mais, por favor”, ela pediu, estendendo o prato. “Por uma questão de delicadeza”, continuou a mãe, e aqui o pai rapidamente tomou o bastão. “Isso mesmo”, prosseguiu ele, “por uma questão de delicadeza sua mãe não disse nada para você nesses últimos dias — até que a situação de seu amigo se esclarecesse. Mas agora você precisa nos

ouvir. Bem sabe que nosso único desejo, nossa preocupação, nosso objetivo e, em geral... nosso desejo é que tudo corra bem para você, que você seja feliz, etcetera e tal. Mas para isso...” “No meu tempo, os pais teriam simplesmente proibido uma coisa dessas”, interrompeu a mãe, “nada mais.” “Não, não, se trata de nenhuma proibição. Preste atenção, minha querida. Você não tem mais dezoito anos, e sim vinte e cinco, e não consigo ver nada de encantador ou de poético em tudo o que aconteceu.” “O que ela gosta mesmo é de nos aborrecer”, interrompeu a mãe outra vez. “É um pesadelo sem fim...” “De que é mesmo que vocês estão falando, hem?”, perguntou por fim a filha com um sorriso velado, descansando os cotovelos de leve sobre a mesa e olhando para um e para

outro. “Sobre o fato de que já é hora de você deixar de ser boba”, gritou a mãe. “Sobre o fato de que é uma besteira casar com um doido sem um tostão.” “*Ach*”, disse a filha, estendendo o braço sobre a mesa para apoiar a cabeça. “Olhe aqui”, recomeçou o pai. “Sugerimos que você vá visitar os lagos italianos. Vá com sua mãe para os lagos italianos. Você não pode imaginar que lugares lindos existem lá. Lembro que a primeira vez que vi a Isola Bella...” Prendendo o riso, seus ombros começaram a se contorcer até que ela levantou a cabeça, rindo baixinho e mantendo os olhos fechados. “O que é que você quer?”, perguntou a mãe batendo na mesa. “Primeiro”, respondeu, “que você pare de gritar. Segundo, que Lujin fique totalmente bom.” “Isola Bella significa

Ilha Bela”, precipitou-se o pai, tentando com uma careta convencer a mulher a que o deixasse conduzir a conversa. “Você não pode imaginar... Céu de anil, o calor, as magnólias, os hotéis soberbos de Stresa — isso sem falar no tênis, nas festas dançantes... E me lembro especialmente — como se chamam aqueles insetos luminosos...?” “E então”, perguntou a mãe com uma curiosidade insaciável. “E então, quando seu amigo... se ele não morrer...” “Vai depender dele”, disse a filha, procurando manter a calma. “Não posso abandoná-lo. E não vou fazer isso. Ponto final.” “Você vai acabar no hospício com ele — é lá que você vai acabar, menina!” “Louco ou não...”, começou a filha com um sorriso trêmulo. “Você não se sente tentada a viajar para a

Itália?”, exclamou o pai. “Essa menina é doida. Você não vai casar com esse jogador de xadrez idiota.” “Idiota é você. Se eu quiser, caso com ele. Você é uma mulher má e preconceituosa...” “Ora, ora, ora, já chega, já chega”, resmungou o pai. “Não vou deixar ele pôr os pés aqui de novo”, resfolegou a mãe, “isso é definitivo.” A filha começou a chorar em silêncio e deixou a sala de jantar, esbarrando ao passar numa ponta do aparador e deixando escapar um queixoso “diabo!”. O aparador ofendido ficou vibrando por um bom tempo.

“Você foi um pouco dura demais”, sussurrou o pai. “Não estou defendendo ela, é claro. Mas, você sabe, tudo pode acontecer. O sujeito se cansou demais e teve um ataque de nervos. Talvez depois



desse choque ele de fato mude para melhor. Olha, acho que vou ver o que ela está fazendo.” E, no dia seguinte, ele teve uma longa conversa com o famoso psiquiatra em cujo sanatório Lujin estava internado. O psiquiatra tinha uma barba preta digna de um assírio e olhos úmidos, ternos, que brilhavam lindamente enquanto ele ouvia seu interlocutor. Disse que Lujin não era epilético e não sofria de paralisia progressiva, que seu estado era consequência de um estresse prolongado e que, tão logo pudesse ter uma conversa para valer com Lujin, seria preciso fazê-lo entender que a paixão cega pelo xadrez lhe seria fatal e que teria de renunciar por muito tempo a sua profissão, adotando um estilo de vida absolutamente normal. “É um homem na

situação dele pode se casar?” “Por que não... se não for impotente?” O professor sorriu com ternura. “Além do mais, o casamento lhe faria muito bem. Nosso paciente necessita de cuidado, atenção e divertimento. Sofreu um eclipse temporário dos sentidos, que aos poucos está passando. Tanto quanto podemos avaliar, caminha para uma recuperação completa.”

As palavras do psiquiatra produziram uma pequena sensação em casa. “Quer dizer que o xadrez acabou de vez?”, observou a mãe com satisfação. “Então o que vai sobrar dele — só a loucura?” “Não, não”, disse o pai. “Não é uma questão de loucura. O sujeito vai recuperar a saúde. O diabo não é tão feio como quem o pinta. Eu disse “quem o

pinta” — entendeu, minha querida?” Mas a filha não sorriu com a piadinha, apenas suspirou. Para dizer a verdade, sentia-se exausta. Passava a maior parte do dia no sanatório, e havia algo de incrivelmente cansativo na exagerada brancura de tudo ao redor e nos brancos e silenciosos movimentos das enfermeiras. Ainda muito pálido, com a barba por fazer e vestindo uma camisa limpa, Lujin permanecia imóvel. Havia ocasiões, é fato, em que erguia um joelho sob os lençóis ou mexia de leve o braço; sombras passageiras percorriam seu rosto e às vezes uma luz quase racional aflorava aos olhos — porém tudo o que se podia dizer é que estava imóvel, numa imobilidade aflitiva, fatigante para o olhar que nele buscava uma centelha de vida consciente. E era

impossível afastar os olhos — tão grande era a vontade de penetrar aquela testa pálida e amarelada que de tempos em tempos se franzia com um obscuro movimento interno, vencer o misterioso nevoeiro que se movia com dificuldade, talvez tentando se desvencilhar, condensar-se em pensamentos humanos singulares. Sim, havia movimento, de fato havia. A névoa amorfa ansiava por ganhar contornos, por se materializar. Certa vez, tal qual uma cintilação refletida, algo rompeu as trevas e nessa débil luz Lujin entreviu um rosto com uma barba preta e encaracolada, uma imagem familiar, um habitante de seus pesadelos infantis. O rosto no espelhinho embaçado chegou mais perto e de imediato o espaço iluminado se toldou, o escuro nevoeiro

voltou a baixar, o horror dispersou-se lentamente. Passados muitos séculos de escuridão — uma única noite terrena —, a luz mais uma vez se fez presente e algo radioso explodiu, só restando das trevas uma moldura sombria e esmorecida em cujo centro surgiu uma janela azul e resplandecente. Pequenas folhas amarelas reluziam contra o fundo azul, salpicando com sombras um tronco branco que, mais abaixo, era ocultado pela escura pata verde de um pinheiro; e prontamente essa visão se encheu de vida, as folhas começaram a tremular, as manchas deslizaram no tronco e a pata verde balançou: incapaz de suportar tudo aquilo, Lujin fechou os olhos, mas a oscilação luminosa subsistiu sob suas pálpebras. “Certa vez enterrei alguma coisa debaixo

dessas árvores”, pensou com alegria. E parecia prestes a lembrar-se exatamente do que havia enterrado quando ouviu acima dele um farfalhar e duas vozes calmas. Apurou os ouvidos, tentando compreender onde se encontrava e por que havia algo frio e macio pousado em sua testa. Após alguns segundos abriu os olhos outra vez. Uma mulher gorda, de branco, mantinha a palma da mão sobre sua testa — e na janela permanecia o mesmo fulgor beatífico. Pensou no que dizer e, percebendo um pequeno relógio preso no colo dela, passou a língua nos lábios e perguntou que horas eram. De imediato houve um reboliço ao redor, mulheres cochicharam e Lujin notou com surpresa que compreendia o que elas diziam, sabia até falar aquela língua. “*Wie*

*spät ist es* — que horas são?”, repetiu. “Nove da manhã”, disse uma das mulheres. “Como você está se sentindo?” Na janela, levantando um pouco o corpo, dava para ver uma cerca também mosqueada de sombras. “Evidentemente voltei para casa”, disse Lujin, com ar pensativo, e de novo descansou a cabeça leve e vazia no travesseiro. Durante algum tempo ouviu murmúrios, o tilintar de vidros... Havia algo de prazeroso no absurdo de tudo o que estava acontecendo, era maravilhoso poder ficar lá deitado, sem se mexer. Caiu imperceptivelmente no sono e, ao acordar, viu mais uma vez o brilho azul de um outono russo. Mas algo havia mudado, alguém que não conhecia surgira ao lado de sua cama. Lujin virou a cabeça: numa

cadeira, à direita, estava sentado um homem de branco, com uma barba preta e olhos sorridentes que o observavam com grande atenção. Lujin pensou vagamente que ele se parecia com o camponês do moinho, mas a semelhança logo se desfez quando o homem falou: “*Karacho?*”, indagou em tom amistoso. “Quem é o senhor?”, retrucou Lujin em alemão. “Um amigo”, respondeu o cavalheiro, “um amigo fiel. O senhor andou doente, mas agora está bem. Ouviu? Está muito bem.” Lujin começou a refletir sobre aquelas palavras, porém o homem não o deixou terminar e disse com simpatia: “O senhor precisa repousar. Descansar. Dormir muito”.

E assim Lujin voltou de uma longa viagem, tendo perdido no caminho a



maior parte de sua bagagem. Seria muito trabalhoso reaver o que tinha perdido. Aqueles primeiros dias da recuperação foram tranquilos e amenos: mulheres de branco traziam comidas saborosas; o encantador homem barbudo vinha e dizia coisas agradáveis, fitando-o com aqueles olhos de ágata que lhe davam um banho de calor humano. Cedo Lujin começou a perceber que havia mais alguém no quarto — uma presença palpitante, imprecisa. Certa vez, ao acordar, alguém se afastou depressa, sem fazer o menor ruído; outra vez, enquanto cochilava, ouviu a seu lado a voz muito baixa e aparentemente familiar de alguém, que logo se calou. E, nas conversas com o homem barbudo, começaram a cintilar insinuações sobre algo feliz e misterioso; aquela beatitude

enigmática e fugaz estava no ar à sua volta e na beleza do outono visto pela janela, tremeluzia em algum lugar mais além da árvore. E Lujin aos poucos se deu conta de que o vácuo celestial em que flutuavam seus pensamentos transparentes estava sendo ocupado por todos os lados.

Alertado sobre a iminência de um evento maravilhoso, ficou olhando através das barras da cabeceira do leito para a porta branca na esperança de que ela se abrisse para transformar a predição em realidade. Mas a porta não se abriu. De repente, a seu lado, porém fora do campo de visão, algo se moveu. Detrás de um grande biombo, alguém ria. “Já vou, já vou, só um momento”, murmurou Lujin, puxando as pernas para fora do lençol e procurando de olhos arregalados por um

par de chinelos debaixo da cadeira que ficava ao lado da cama. “Você não vai a lugar nenhum”, disse uma voz, e um vestido cor-de-rosa instantaneamente preencheu o vazio.

O retorno foi facilitado pelo fato de que sua vida se iluminou inicialmente daquele lado. Por algum tempo ainda os poderes cruéis, os deuses de seu ser, permaneceram nas sombras. Ocorreu uma doce ilusão de óptica: ele voltava à vida vindo de uma direção diferente daquela por que saíra, e a tarefa de redistribuir suas reminiscências foi assumida pela deslumbrante felicidade que primeiro o acolheu. Quando por fim aquela área de sua vida foi completamente restaurada e, com o estrondo de um muro que desaba, Turati apareceu juntamente com o torneio

e todos os outros que o precederam, aquela felicidade foi capaz de afastar a imagem contrariada de Turati e recolocar na caixa as peças de xadrez que já começavam a se agitar. Tão logo elas tentavam ganhar vida, a tampa era batida com força mais uma vez — e a luta não durou muito. O doutor ajudou, as pedras preciosas de seus olhos coruscando e se derretendo: ele dizia que em torno deles existia um mundo livre e luminoso, que o xadrez era um passatempo frio que ressecava e corrompia o cérebro, que o enxadrista apaixonado é tão ridículo quanto um louco que inventa um *perpetuum mobile* ou conta o número de seixos numa praia deserta. “Se você não esquecer o xadrez”, dizia sua noiva, “vou parar de te amar — e, como posso ler

seus pensamentos, é melhor que você se comporte direitinho!” “Horror, sofrimento, desespero”, dizia o doutor com tranquilidade, “esse jogo exaustivo só traz essas coisas.” E mostrava a Lujin que ele próprio sabia perfeitamente disso, que era incapaz de pensar no xadrez sem sentir certa repugnância. E, de alguma forma misteriosa, derretendo-se e coruscando, vendo a tensão esvair-se lindamente, Lujin concordava com o raciocínio do doutor. No vasto e perfumado jardim do sanatório, calçando os chinelos novos de couro macio, Lujin passeava e registrava sua aprovação pelas dalias, tendo a seu lado a noiva, que, por algum motivo, pensava num livro lido na infância em que todas as dificuldades da vida de um colegial (que fugira de casa

com um cachorro salvo por ele) eram resolvidas por uma febre muito conveniente para o autor — não por causa do tifo ou da escarlatina, mas apenas “uma febre”. A jovem madrasta de quem ele não gostava cuidou dele tão bem que de repente o menino começou a gostar dela e, quando a chamava de mamãe, uma pequena lágrima quente corria por seu rosto, tudo caminhava às mil maravilhas. “Lujin está muito bem”, ela disse sorrindo ao ver seu perfil imponente (o perfil de um Napoleão mais balofo) curvar-se com ar apreensivo sobre uma flor talvez capaz de mordê-lo. “Lujin está bem. Lujin está passeando. Lujin é muito carinhoso.” “Não cheira a nada”, comentou Lujin com uma voz rouca e baixa. “Nem era para cheirar”, ela respondeu, pegando-o pelo

braço. “As dalias não têm cheiro nenhum. Mas olha lá, aquela flor branca da planta do tabaco tem um cheiro muito forte à noite. Quando eu era pequena, costumava chupar a seiva da corola dessas plantas. Agora não gosto mais.” “No nosso jardim, na Rússia...”, começou Lujin, caindo em pensamentos, os olhos quase fechados examinando os canteiros. “Tínhamos aquelas flores ali”, disse ele, “era um jardim de respeito.” “Ásteres”, ela explicou. “Não gosto delas. São grosseiras. Mas no nosso jardim...”

Em geral, conversavam bastante sobre suas infâncias. O doutor também falava sobre isso e fazia muitas perguntas a Lujin. “Seu pai era um proprietário de terras, não era?” Lujin assentiu com a cabeça. “Terras, o campo... isso é

excelente”, continuou o doutor. “Vocês provavelmente tinham cavalos e vacas, não é?” Outro aceno. “Deixe-me imaginar sua casa... cercada de velhas árvores... a casa grande e bem iluminada. Seu pai volta da caçada...” Lujin lembrou-se de que seu pai certa vez achara um filhote de pássaro gordo e agressivo numa vala. “Sim”, respondeu Lujin sem muita convicção. “Dê-me alguns detalhes”, pediu o doutor baixinho. “Por favor, é um pedido que lhe faço. Estou interessado em saber como o senhor se ocupava na infância, as brincadeiras que fazia. Sem dúvida tinha soldadinhos de chumbo...” Mas Lujin poucas vezes se animava com tais conversas. Por outro lado, constantemente estimulados por essas perguntas, seus pensamentos retornavam



sem cessar aos territórios da infância. Era impossível expressar suas reminiscências — simplesmente não existiam palavras de adultos capazes de representar suas impressões infantis — e, se por acaso relatava algo, o fazia aos solavancos e a contragosto, esboçando às pressas os contornos gerais e indicando um movimento complexo, rico em possibilidades, apenas com uma letra e um número. Sua infância antes de ir para a escola e jogar xadrez (sobre a qual jamais refletira anteriormente, descartando-a com um ligeiro dar de ombros para não confrontar os horrores adormecidos e os insultos humilhantes que lá se escondiam) revelava-se agora um local surpreendentemente seguro, onde podia fazer excursões agradáveis que vez por

outra lhe davam prazer intenso. Lujin era incapaz de compreender de onde vinha a emoção, por que a imagem da gorda preceptora francesa com três botões de osso num lado da saia, que se juntavam sempre que ela depositava o enorme traseiro numa poltrona, por que aquela imagem que antes o irritara tanto evocava agora um terno aperto no coração. Lembrou-se de que, na casa de São Petersburgo, sua obesidade asmática a levava a evitar a escada em favor do antiquado elevador hidráulico que o porteiro punha em movimento usando uma alavanca no vestíbulo. “Lá vamos nós”, dizia sempre ao fechar os batentes da porta atrás dela, e o pesado elevador, resfolegando e sacolejando, subia lentamente puxado pelo grosso cabo

forrado de veludo, enquanto, na parede descascada que se via através do vidro, desciam figuras geográficas escuras, manchas de umidade e velhice em meio às quais, como entre as nuvens no céu, predominavam as silhuetas da Austrália e do mar Negro. Às vezes o pequeno Lujin ia com ela, mas em geral ficava no térreo e escutava o elevador, oculto pela parede, lutando para atingir o segundo andar — e o menino sempre acalentava a esperança de que a cabine ficaria presa no meio do percurso. Isso ocorria com certa frequência. O barulho cessava, e de um espaço desconhecido, cercado de paredes, vinha um grito de socorro: o porteiro, após mover a alavanca com um grunhido de esforço e abrir a porta que dava para o poço escuro, olhava para

cima e perguntava em voz alta: “Andou?”. Por fim, algo estremecia e se movia, até que, algum tempo depois, o elevador descia, agora vazio. Vazio. Só Deus sabe o que havia acontecido com ela — talvez tivesse viajado para o céu e lá ficado com sua asma, suas balas de alcaçuz e seu pincenê preso por um cordão preto. A reminiscência também voltou vazia e, quem sabe pela primeira vez na vida, Lujin se perguntou para onde mesmo tudo teria ido, o que fora feito de sua infância, para onde teria flutuado a varanda, para onde, roçagando nos arbustos, as trilhas familiares teriam rastejado?

Com um movimento involuntário da alma procurou por essas trilhas no jardim do sanatório, mas os canteiros de flores tinham outro formato, as bétulas estavam

em lugares diferentes e os claros entre suas folhagens avermelhadas, cheios de um azul outonal, de nenhum modo correspondiam aos espaços lembrados nos quais tentava encaixar essas peças de quebra-cabeça azul anil. Era como se aquele mundo distante fosse irreproduzível: nele vagavam as imagens agora perfeitamente suportáveis de seus pais, suavizadas pela névoa do tempo, e o trenzinho de brinquedo — com o vagão de lata pintado a fim de parecer de madeira — que mergulhava por baixo dos babados da poltrona afetando sabe-se lá como o boneco-maquinista que, sendo grande demais para a locomotiva, era colocado no tênder.

Era essa a infância que Lujin agora visitava prazerosamente em pensamento.

Era seguida por outro período, um longo período de xadrez que tanto o doutor quanto sua noiva chamavam de anos perdidos, uma fase negra de cegueira espiritual, uma perigosa ilusão — anos e anos perdidos. Não mereciam ser lembrados. Como um espírito maligno, lá estava escondida a figura de certo modo terrível de Valentinov. Muito bem, concordamos todos, é isso mesmo... anos perdidos... fora com eles... estão esquecidos... expulsos da vida. E, uma vez excluído aquele período, a luz da infância se mesclava diretamente com o brilho do presente para formar a imagem de sua noiva. Ela exprimia toda a doçura e o encanto que podiam ser extraídos de suas memórias de infância — como se os pontinhos de luz salpicados nas aleias do

jardim da mansão houvessem agora se unificado num cálido resplendor.

“Está se sentindo feliz?”, perguntou sua mãe, amargurada, vendo o rosto animado da filha. “Vamos ter um casamento em breve?” “Vamos”, ela respondeu, atirando o chapeuzinho redondo e cinzento em cima do sofá. “De qualquer modo, ele sai do sanatório dentro de um ou dois dias.” “Isso está custando a seu pai uma pequena fortuna — uns mil marcos.” “Acabei de correr todas as livrarias”, suspirou a filha, “ele fazia questão absoluta de Jules Verne e Sherlock Holmes. E acontece que nunca leu Tolstói.” “Naturalmente, é um camponês”, resmungou a mãe, “eu sempre disse isso.” “Olha, mamãe”, propôs ela, batendo de leve com a luva contra o

pacote de livros, “vamos combinar uma coisa. De hoje em diante chega dessas gracinhas. São idiotas, degradantes para você e totalmente inúteis.” “Então não case com ele”, disse a mãe com o rosto contorcido. “Eu estou te implorando. Olha, se é o que quer, me ponho de joelhos diante de você...” E, apoiando um cotovelo na poltrona, começou a dobrar a perna com dificuldade, baixando aos poucos o corpo pesado, cujos ossos estalavam audivelmente. “Você vai acabar fazendo um buraco no chão”, disse a filha e, pegando os livros, saiu da sala.

Lujin repassou a viagem de Fogg e as memórias de Holmes em dois dias e, ao terminar, disse que não eram os livros que desejava, pois se tratava de edições incompletas. Dos outros, gostou de *Ana*



*Karenina*, em especial das páginas dedicadas às eleições do *zemstvo* e ao jantar encomendado por Oblonski. Almas mortas também lhe causou certa impressão, sobretudo a passagem que inesperadamente reconheceu ter sido um longo e penoso ditado tomado na infância. Além dos chamados clássicos, sua noiva lhe trouxe um bom número de romances franceses frívolos. Tudo o que pudesse divertir Lujin era bom, até mesmo aquelas histórias duvidosas que, embora algo envergonhado, ele lia com interesse. No entanto, a poesia (por exemplo, um pequeno volume de Rilke que lhe fora recomendado por um vendedor da livraria) o lançava num estado de grave perplexidade e angústia. Por iguais razões, o doutor impediu que fosse dada a

Lujin qualquer obra de Dostoiévski, que, a juízo dele, exercia um efeito opressivo sobre a psique do homem contemporâneo porque, como num terrível espelho...

“Ah, o senhor Lujin não se preocupa com o que lê”, ela disse alegremente. “E não entende de poesia por causa das rimas, as rimas o afligem.”

E o que era bastante estranho: embora Lujin tivesse lido ainda menos livros do que ela, nunca houvesse terminado o ginásio e só se interessasse pelo xadrez, sua noiva sentia nele uma aura de cultura que ela própria não possuía. Havia títulos de livros e nomes de personagens que, por algum motivo, eram corriqueiros para Lujin conquanto ele não tivesse lido as obras respectivas. Sua fala era canhestra e repleta de palavras ridículas, sem

propósito, porém nela por vezes ressoava uma misteriosa entonação que sugeria a existência de outra espécie de palavras, carregadas de significados sutis, mas que ele era incapaz de pronunciar. Malgrado sua ignorância, malgrado a pobreza de seu vocabulário, Lujin guardava dentro de si uma vibração quase imperceptível, o eco de sons ouvidos no passado.

A mãe dela nunca mais falou da grosseria e dos outros defeitos de Lujin após aquele dia em que, ajoelhada, com o rosto apertado contra o braço da cadeira, tinha derramado em lágrimas profusas toda a tristeza que guardava no coração. “Eu teria entendido tudo”, falou depois ao marido, “entendido e perdoado tudo, se ao menos ela o amasse de verdade. Mas essa é a parte mais horrível...” “Não, não

concordo com você”, interrompeu o marido. “Também pensei no começo que era tudo mental. Mas a atitude dela com relação à doença me convenceu do contrário. É claro que um casamento desses é perigoso e ela bem que podia ter feito uma escolha melhor... Embora ele seja de uma família antiga e nobre, sua profissão, sendo tão limitada, o marcou muito. Lembra-se da Irina, que virou atriz? Lembra como ela tinha mudado quando veio nos visitar depois? No entanto, apesar de todos esses defeitos, considero que se trata de uma boa pessoa. Você verá, ele agora vai arranjar alguma ocupação útil. Não sei o que você pensa, mas eu simplesmente não vou mais tentar dissuadi-la. Na minha opinião, devemos fazer das tripas coração e aceitar o

inevitável.”

Disse tudo o que tinha dizer em tom decidido, mantendo-se bem ereto e brincando com a tampa da cigareira.

“Só sinto uma coisa”, repetiu a mulher. “Ela não tem o menor amor por ele.”

# 11

Num paletó embrionário em que faltava uma das mangas, Lujin, que estava sendo renovado, mantinha-se de perfil diante de um espelho móvel de corpo inteiro enquanto um alfaiate calvo riscava com giz seu ombro e suas costas ou o espetava com alfinetes que retirava com espantosa habilidade da boca, onde pareciam crescer espontaneamente. De todas as amostras de tecido lindamente dispostas num álbum de acordo com a cor,

Lujin tinha escolhido um quadrado cinza-escuro, e sua noiva passou um bom tempo apalpando o rolo que o alfaiate jogou sobre o balcão com um baque surdo, desenrolou com tremenda rapidez e apertou contra a barriguinha protuberante como se quisesse cobrir sua nudez. Tendo ela chegado à conclusão de que o material tendia a se amassar com facilidade, o balcão começou a ser coberto por uma avalanche de rolos de tecido que o alfaiate, umedecendo o dedo no lábio inferior, tratava de desenrolar um após o outro. Por fim foi escolhido um tecido também cinza-escuro, porém macio, flexível e até mesmo um pouco felpudo. E agora Lujin, esquetejado pelo espelho (... temos aqui um rosto balofo e bem escanhado, ali o mesmo rosto de perfil, e

mais além algo raramente visto pelo próprio indivíduo, a parte de trás da cabeça, o cabelo cortado bem rente, dobras no pescoço e orelhas ligeiramente de abano, rosadas nas partes em que a luz atravessa a cartilagem...), olhava para si mesmo e para o tecido, incapaz de reconhecer a integridade macia, generosa e imaculada que o material antes exibia. “Acho que tem que ser um pouquinho mais apertado na frente”, disse sua noiva, e o alfaiate, dando um passo atrás e entrecerrando os olhos, ronronou com um leve sorriso cortês que o cavalheiro era bastante robusto, ocupando-se então com duas lapelas recém-nascidas, puxando aqui, espetando um alfinete ali, enquanto Lujin, com o gesto típico de todas as pessoas apanhadas nessa situação,



mantinha o braço ligeiramente afastado do corpo ou o dobrava no cotovelo para examinar o pulso, tentando acostumar-se à nova manga. De passagem, o alfaiate fez-lhe um corte em cima do coração com o giz para marcar um bolsinho e, sem piedade, arrancou a manga que parecia pronta, começando a remover velozmente os alfinetes do ventre de Lujin.

Além do belo terno de passeio, Lujin ganhou uma casaca, e o antiquado smoking encontrado no fundo de seu baú foi reformado pelo mesmo alfaiate. Temendo despertar as memórias do xadrez, sua noiva não ousou perguntar por que Lujin antes precisara de um smoking e de uma cartola, deixando assim de saber do grande jantar em Birmingham em que, por sinal, Valentinov... Ah, chega. Boa sorte

para ele.

A renovação do invólucro de Lujin não parou aí. Apareceram camisas, gravatas e meias — e Lujin as aceitou como algo natural. Mudou-se do sanatório para um pequeno quarto, forrado com um papel de parede alegre, alugado no segundo andar do prédio em que morava sua noiva. Ao se instalar, teve a mesma sensação de quando, em criança, voltava do campo para a cidade. Era sempre estranho aquele retorno. Ia-se para a cama e tudo era tão novo: no silêncio da noite, o calçamento de madeira reverberava por alguns segundos com o lento clípeti-clópeti das ferraduras de um cavalo; as janelas tinham cortinas mais pesadas e mais suntuosas do que na mansão campestre; na escuridão ligeiramente

atenuada pela linha de luz sob a porta mal fechada, os objetos pareciam expectantes, ainda não de todo aquecidos, precisando ainda retomar a antiga camaradagem após o longo intervalo do verão. E, ao acordar, havia uma discreta luminosidade cinzenta do lado de fora das janelas. O sol, mais parecendo a lua, deslizava pela névoa leitosa e, vindo de longe, de repente ouvia-se o fragor de música marcial que se aproximava em ondas alaranjadas até ser interrompido pelo rufar apressado de um tambor. Logo tudo voltava ao normal, e os sons estridentes das cornetas eram substituídos pelo patear imperturbável dos cavalos e o bulício recatado das manhãs de São Petersburgo.

“O senhor esqueceu de apagar a luz do corredor”, disse sorrindo a senhoria, uma

alemã idosa. “E esqueceu outra vez de fechar a porta de noite.” Queixava-se também com a noiva, dizendo que ele era tão distraído quanto um velho professor.

“Lujin, o quarto é confortável?”, a noiva perguntava com frequência. “Tem dormido bem, Lujin? Não, eu sei que não é confortável, mas tudo isso vai mudar logo, logo.” “Não há razão para adiar mais”, resmungou Lujin, envolvendo-a com os braços e entrelaçando os dedos em seu quadril. “Sente-se, sente-se, não há nenhuma razão para continuar a adiar. Vamos fazer isso amanhã. Amanhã. Um casamento cem por cento legal.” “Está bem, muito em breve, muito em breve”, respondeu ela, “mas isso não pode ser feito de um dia para o outro. Ainda falta uma providência, nossa fotografia vai

ficar pendurada na parede de uma repartição durante duas semanas, e aí sua mulher chega de Palermo, dá uma olhada nos nomes e diz: ‘Impossível, Lujin me pertence’.”

“Não encontro”, respondeu a mãe quando ela perguntou onde estava sua certidão de nascimento. “Guardei em algum lugar, mas não sei onde. Não sei. Não sei nada.” No entanto, o documento foi achado bem depressa. E, fosse como fosse, já era tarde demais para prevenir, para proibir, para inventar dificuldades. O casamento se aproximava implacavelmente e seu avanço não podia ser detido por alguém que parecia estar sobre uma superfície gelada, sem nenhum ponto de apoio. Ela teve de se resignar e imaginar maneiras de embelezar e exibir o

noivo da filha a fim de não passar vexame diante dos outros. Precisava criar coragem para sorrir durante a cerimônia e desempenhar o papel da mãe satisfeita, elogiando Lujin por sua honestidade e bons sentimentos. Pensava também no que já havia sido gasto com Lujin e no quanto teriam ainda de desembolsar, além de tentar repelir de sua imaginação uma imagem aterradora: Lujin nu, inflamado por um desejo simiesco, e sua filha obstinadamente submissa porém fria, fria. Enquanto isso, já estava pronta a moldura para essa imagem. Um apartamento não muito caro, mas mobiliado corretamente, foi alugado nas vizinhanças — no quinto andar, é verdade, mas isso não importava, porque o prédio tinha um elevador para poupar os pulmões de Lujin e, de todo

modo, os degraus não eram altos e havia uma cadeira em cada patamar sob uma janela de vidro colorido. Do amplo hall de entrada, convencionalmente adornado com desenhos de silhuetas em molduras pretas, uma porta à esquerda dava para o quarto de dormir e outra porta, à direita, para o escritório. Ainda à direita e mais adiante ficava a porta da sala de visitas; a sala de jantar contígua havia sido alongada em detrimento do hall de entrada, que naquele ponto se transformava de modo habilidoso num corredor — transformação pudicamente escondida por um pesado reposteiro de veludo com argolas. À esquerda no corredor ficava o banheiro, seguido do quarto de empregada e por fim da cozinha.

A futura dona da casa gostava da

disposição dos aposentos; a mobília não fazia muito seu gênero. No escritório havia algumas poltronas de veludo marrom, uma estante coroada com um Dante de feições incisivas e ombros largos com uma touca de banho na cabeça, além de uma imensa escrivaninha algo vazia cujo passado era tão desconhecido quanto o futuro. Uma lâmpada raquítica, com um pedestal preto espiralado e um quebra-luz cor de laranja, erguia-se junto ao pequeno sofá onde alguém tinha esquecido um ursinho de pelúcia loura e um cachorro de brinquedo de cara larga, com as largas solas das patas cor-de-rosa e uma mancha preta sobre um dos olhos. Acima do sofá, um *gobelin* de imitação mostrava uma dança de camponeses.

Do escritório — depois de abrir com



um leve empurrão as portas de correr —, descortinava-se um amplo panorama: o assoalho de parquê da sala de visitas e, mais ao fundo, a sala de jantar com seu aparador reduzido pela perspectiva. Na sala de visitas, cujo chão estava coalhado de pequenos tapetes, as folhas luzidias de uma palmeira emitiam um brilho esverdeado. Por fim vinha a sala de jantar, com o aparador agora de volta a seu tamanho normal e pratos pendurados nas paredes. Acima da mesa, um diabinho peludo e solitário pendia do lustre baixo. Havia uma janela de sacada da qual se podia ver, no fim da rua, um pequeno jardim público com sua fonte. Voltando à mesa de jantar, ela olhou através da sala de visitas para o distante escritório, para o gobelino agora reduzido, e cruzou em

sucessão a sala de jantar, o corredor e o hall de entrada a fim de chegar ao quarto de dormir. Lá, bem juntinhas, havia duas camas acolchoadas com grossos edredons. A lâmpada era de estilo mourisco; as cortinas eram amarelas, prometendo pelas manhãs um falso dia ensolarado; e, no espaço entre as janelas, uma gravura mostrava um menino-prodígio vestindo um camisolão que lhe chegava aos calcanhares e tocando num enorme piano, enquanto seu pai, envolto num robe cinzento e carregando um castiçal, olhava imóvel pela porta entreaberta.

Seria necessário acrescentar algumas coisas e tirar outras. O retrato do avô da proprietária foi removido da sala de visitas e o escritório rapidamente aliviado

de uma mesinha oriental com incrustações de madrepérola formando um tabuleiro de xadrez. Na janela do banheiro, em cuja parte inferior havia um vidro fosco e azulado, a vidraça transparente da parte de cima precisou ser trocada, pois tinha uma racha dura. Na cozinha e no quarto de empregada os tetos foram repintados de branco. Um fonógrafo brotou à sombra da palmeira da sala de visitas. De modo geral, contudo, ao inspecionar e ajeitar aquele apartamento “alugado às pressas por muito tempo”, como gracejava seu pai, ela não conseguia afastar a ideia de que tudo aquilo era temporário, de que sem dúvida seria necessário tirar Lujin de Berlim, distraí-lo visitando outros países. O futuro é sempre uma incógnita, mas às vezes se torna ainda mais obscuro, como

se outra força viesse em ajuda da reticência natural do destino e espalhasse uma névoa intransponível que os pensamentos não conseguem penetrar.

Mas como Lujin estava doce e gentil naqueles dias! Vestindo o terno novo e exibindo uma gravata cor de fumaça, instalava-se com todo o conforto à mesa quando o chá era servido e cortesmente, embora nem sempre no momento certo, concordava com seu interlocutor. A futura sogra disse aos conhecidos que Lujin decidira abandonar o xadrez porque tomava muito de seu tempo, mas que preferia não falar sobre o assunto — razão pela qual Oleg Sergeyevitch Smirnovski não o convidava mais para jogar, conquanto lhe revelasse com um brilho nos olhos as maquinações secretas

dos maçons e até promettesse lhe dar para ler um notável panfleto.

Nas repartições que visitavam para informar as autoridades da intenção de se casar, Lujin comportava-se como um adulto, levava ele próprio todos os documentos com a necessária reverência e consideração, preenchia cuidadosamente os formulários, traçando cada letra com perfeição. Tinha uma caligrafia miúda, redonda e extraordinariamente precisa, e gastava um bom tempo para desatarraxar a tampa da nova caneta-tinteiro, que costumava sacudir de lado com certa afetação antes de começar a escrever; terminada a função, tendo se deleitado com o deslizar da pena dourada, enfiava de volta a caneta no bolso do peito com o reluzente prendedor para fora. E era com

prazer que acompanhava a noiva nas lojas e aguardava pela surpresa interessante que teria ao conhecer o apartamento, que ela resolvera lhe mostrar só depois do casamento.

Durante as duas semanas em que seus nomes ficaram expostos ao público, várias empresas atentas enviaram-lhes ofertas, algumas para o futuro noivo, outras para a futura noiva: carros para casamentos e funerais (com o desenho de uma carruagem puxada por um par de cavalos a galope); casacas de aluguel; cartolas; móveis; vinhos; salões de festas; acessórios farmacêuticos. Lujin examinava conscienciosamente os catálogos ilustrados e os guardava em seu quarto, incapaz de compreender por que sua noiva desprezava tanto aquelas ofertas

interessantes. Houve também ofertas de outro tipo. Ocorreu aquilo que Lujin chamou de “um pequeno tête-à-tête” com seu futuro sogro, uma agradável conversa na qual foi lhe oferecida a possibilidade de ter um emprego numa firma comercial — mais tarde, é claro, não imediatamente, para que vivessem em paz por alguns meses. “A vida, meu amigo”, declarou ele, “é organizada de tal forma que cada segundo custa a um homem, de acordo com os cálculos mais conservadores, um quatrocentos e trinta e dois avos de *pfennig*, e isso para levar uma vida de mendigo. Mas o senhor tem de manter uma esposa que está acostumada a certo luxo.” “Sim, sim”, disse Lujin com um largo sorriso, tentando reproduzir mentalmente o complexo cálculo que seu interlocutor

acabara de fazer com tamanha habilidade. “Para isso o senhor vai necessitar de recursos um pouco maiores”, continuou, enquanto Lujin retinha a respiração à espera de um novo truque. “Um segundo vai lhe custar... mais caro. Repito: no começo — digamos, no primeiro ano —, estou preparado para lhe dar uma ajuda generosa, mas depois disso... Olhe, venha me ver um dia desses no escritório, vou lhe mostrar algumas coisas interessantes.” Assim, do modo mais ameno possível, as pessoas e as coisas procuraram enfeitar o vácuo na vida de Lujin. Ele se deixou ser ninado, mimado e titilado. Com a alma em estado de hibernação, aceitou os afagos existenciais que vinham de todos os lados. O futuro lhe parecia vagamente um longo e silencioso abraço numa penumbra bem-



aventurada, na qual os brinquedos deste nosso mundo passariam iluminados por um raio de luz e depois voltariam a desaparecer, rindo e balançando-se de um lado para o outro ao sair. Mas, nos momentos de inevitável solidão ao longo do noivado, tarde da noite ou bem cedo pela manhã, vinha-lhe uma estranha sensação de vazio, como se o colorido quebra-cabeça montado sobre a toalha da mesa contivesse espaços em branco de feitiços curiosos. E certa vez sonhou ver Turati sentado de costas para ele.

Apoiando-se num braço, Turati estava mergulhado em profunda reflexão, mas de trás de suas costas largas era impossível saber sobre o que ele estava curvado e qual o objeto de sua meditação. Lujin não queria saber o que era, tinha medo de

saber, mas começou a olhar cautelosamente por cima do ombro negro. E viu então que havia um prato de sopa diante de Turati e que, em vez de se apoiar no braço, ele estava apenas enfiando um guardanapo no colarinho. E, no dia de novembro que se seguiu a esse sonho, Lujin se casou.

Oleg Sergejevitch Smirnovski e certo barão báltico serviram como testemunhas quando Lujin e a noiva foram conduzidos a um salão e sentaram-se a uma longa mesa coberta com uma toalha. Um funcionário trocou o paletó por uma surrada sobrecasaca e leu o proclama. Nesse momento todos se puseram de pé. Depois disso, com um sorriso profissional e um úmido aperto de mãos, o funcionário cumprimentou os recém-casados e deu por

encerrada a cerimônia. Na saída, um porteiro gordo fez uma reverência para os dois à espera de uma gorjeta, e Lujin, muito afável, lhe estendeu a mão, que o outro tomou sem perceber de imediato que ela vinha vazia.

No mesmo dia houve o casamento religioso. Lujin tinha entrado numa igreja pela última vez muitos anos atrás, nos funerais de sua mãe. Descendo ainda mais fundo no poço da memória, lembrou-se das voltas para casa nas noites de Ramos, trazendo uma vela cuja chama, enfurecida por ter sido tirada da igreja aquecida e levada para uma escuridão assustadora, saltava para lá e para cá em suas mãos e por fim morria de ataque cardíaco na esquina ao ser atingida por uma rajada vinda do rio Neva. As confissões eram

feitas na capela da rua Potchtamtskaya: no vazio da nave sempre em penumbra, os passos ecoavam de forma especial, o arrastar das cadeiras lembrava o som de pigarros e as pessoas esperavam sentadas uma atrás da outra — e de vez em quando se ouviam sussurros vindos daquele cantinho misteriosamente protegido por uma cortina. Lembrou-se também das noites de Páscoa: o diácono lia numa voz de baixo soluçante e, soluçando ainda, fechava o enorme Evangelho com um gesto teatral... E lembrou-se também de como era etérea e penetrante, a ponto de dar um frio na barriga, a palavra grega *paskha* (bolo pascal) ao ser pronunciada pelo sacerdote macilento quando se estava de jejum. Recordou como era difícil calcular o momento em que o

incensório, em sua lenta oscilação, vinha exatamente na direção dele (e não na do vizinho) para que pudesse se abaixar no exato instante em que o turíbulo passava acima de sua cabeça. Cheiro de incenso, a inevitável gota de cera quente nos dedos, o brilho sombrio cor de mel do ícone que tinha de ser beijado. Doces lembranças, luz mortiça, cintilações intermitentes, o ar gostoso da igreja, formigamento nas pernas. E a tudo isso se somava agora uma noiva com o rosto coberto por um véu e uma coroa que, balançando no ar acima de sua cabeça, parecia poder cair a qualquer instante. Vez por outra a olhava cautelosamente de soslaio e teve a impressão de que a mão invisível que segurava a coroa era substituída de tempos em tempos por outra mão

igualmente invisível. “Sim, sim”, apressou-se a responder ao padre, querendo acrescentar como tudo era bonito, e estranho, e comovedor, mas apenas limpou a garganta sufocada pela emoção enquanto se toldavam os raios de luz em seus olhos.

Mais tarde, quando todos estavam sentados em volta da grande mesa, ele teve uma sensação idêntica à de quem volta para casa depois da missa de Páscoa para a refeição festiva, onde não faltava o carneiro com chifres dourados feito de manteiga, um presunto e uma pirâmide lisa e ainda intocada de queijo cottage que se tinha vontade de atacar imediatamente, antes mesmo do presunto com ovos. Fazia calor, todos falavam alto demais, em volta da mesa havia muita

gente que devia ter estado antes na igreja — mas não faz mal, não faz mal, que fiquem mais algum tempo... A sra. Lujin olhava para o marido, para a mecha encaracolada, o fraque bem cortado e o sorriso meio torto com que ele acolhia os pratos que chegavam da cozinha.

Generosamente emplastrada de pó de arroz e usando um vestido bem decotado que mostrava, como nos velhos tempos, a fenda estreita entre os seios empurrados para cima no estilo do século XVIII, sua mãe estava se comportando heroicamente e chegou a chamar o genro de “você”, fazendo com que Lujin de início não entendesse com quem ela estava falando. Após beber ao todo duas taças de champanhe, ondas de agradável sonolência começaram a envolvê-lo.

Foram para a rua. A noite escura e ventosa bateu-lhe de leve no peito mal protegido pelo colete incompleto do fraque. Sua esposa lhe pediu que abotoasse até em cima o sobretudo. O pai dela, que passara a noite sorrindo e erguendo a taça em silêncio de uma forma especial (até que estivesse ao nível dos olhos, maneirismo adotado de certo diplomata que costumava dizer “*sköl*” com grande elegância), continuava a rir com os olhos e, à guisa de despedida, levantou um molho de chaves que reluziam à luz do lampião. A mãe, com uma estola de arminho sobre os ombros, tentou não olhar as costas de Lujin quando ele entrou no táxi. Os convidados, todos um pouco bêbados, despediram-se entre si e de seus anfitriões e, rindo



discretamente, cercaram o carro. Quando o táxi por fim partiu, alguém gritou “hurra”, e um transeunte tardio, voltando-se para a mulher que o acompanhava, comentou em tom de aprovação: “*zemlyatchki chumyat* — nossos compatriotas comemorando”.

Lujin adormeceu de imediato no táxi. Os raios de luz esbranquiçada vindos da rua desdobravam-se como um leque, dando vida a seu rosto quando a leve sombra do nariz circulava lentamente pela bochecha e depois pelos lábios. Tudo voltava a ficar escuro até que outra luz iluminava de passagem a mão de Lujin, a qual no instante seguinte parecia enfiar-se num bolso escuro. Surgiu então uma série de luzes fortes, cada qual fazendo levantar-se uma borboleta de sombra sob

a gravata branca, e sua mulher ajeitou cuidadosamente seu grosso cachecol, pois o frio da noite de novembro penetrava até no veículo fechado. Ele acordou e apertou os olhos, sem entender de pronto onde estava, mas naquele momento o táxi parou e sua mulher disse baixinho: “Lujin, chegamos em casa”.

No elevador, ele ficou sorrindo e piscando, algo abobalhado mas nem um pouquinho bêbado, observando a fileira de botões dentre os quais um foi apertado pela mulher. “É bem alto”, comentou, olhando para o teto do elevador como se esperasse ver o fim do percurso. O elevador parou. “Upa!”, disse Lujin, desmanchando-se numa risada tranquila.

Foram recebidos no hall de entrada pela nova empregada — uma rapariga

gorducha que foi logo lhes oferecendo sua mão vermelha e desproporcionalmente grande. “Ah, por que você esperou por nós?”, disse sua mulher. Falando depressa, a empregada deu parabéns aos dois e pegou com reverência a cartola retrátil de Lujin. Com um leve sorriso, ele mostrou como a cartola podia ser achatada com um tapa certo. “Incrível”, exclamou a empregada. “Você pode ir, vá dormir”, repetiu sua mulher num tom ansioso. “Nós fechamos tudo.”

As luzes foram acesas em sucessão no escritório, na sala de visitas e na sala de jantar. “Vai se esticando como um telescópio”, balbuciou Lujin com voz sonolenta. Não olhou direito para nada, era incapaz de manter os olhos suficientemente abertos. Já estava

entrando na sala de jantar quando reparou que trazia nas mãos um grande cachorro de pelúcia com as solas das patas cor-de-rosa. Depositou-o sobre a mesa e um diabinho felpudo, pendurado no lustre, imediatamente desceu como uma aranha. As luzes nos aposentos foram apagadas como um telescópio que é fechado segmento por segmento, e Lujin se viu no corredor iluminado. “Vá dormir”, repetiu em voz alta sua mulher para alguém que, na outra extremidade do corredor, sumiu de vista após lhes desejar boa-noite. “Lá é o quarto de empregada”, disse sua mulher. “E o banheiro é aqui, à esquerda.” “Onde é a casinha?”, sussurrou Lujin. “No banheiro, é tudo no banheiro”, ela respondeu. Lujin abriu a porta com cautela e, tendo se convencido de alguma

coisa, entrou e se trancou às pressas. Sua mulher cruzou o hall de entrada para chegar ao quarto de dormir e sentou-se na poltrona, contemplando as duas camas deliciosamente acolchoadas. “Ah, como estou cansada!” Sorriu e ficou seguindo com os olhos uma mosca grande e morosa que, zumbindo desesperadamente, circulou algumas vezes em torno do lustre mourisco e desapareceu. “Por aqui, por aqui”, gritou ao ouvir os passos arrastados e titubeantes de Lujin no hall de entrada. “Quarto de dormir”, ele disse com ar de aprovação e, pondo as mãos atrás das costas, olhou ao redor por algum tempo. Ela abriu o guarda-roupa onde na véspera havia guardado as coisas deles, hesitou e voltou-se para o marido. “Vou tomar um banho. Tudo o que é seu está

aqui dentro.”

“Espere um minuto”, disse Lujin, bocejando de repente com a boca escancarada. “Espere um minuto”, repetiu baixinho, engolindo entre uma sílaba e outra os restos elásticos do bocejo. Mas, pegando o pijama e os chinelos, ela saiu rapidamente do quarto.

Num jato grosso e azulado, a água começou a encher a banheira branca, fumegando de leve e mudando o tom de seu murmúrio à medida que o nível subia. Ela contemplou o jorro reluzente e refletiu com certa ansiedade que já se aproximavam os limites de sua competência feminina e que havia uma esfera onde não lhe cabia tomar a iniciativa. Deixando-se afundar mais, notou as minúsculas bolhas que se

acumulavam em sua pele e na esponja porosa, que submergia lentamente. Deitando-se até que só o pescoço ficou de fora, olhou seu corpo magro e quase transparente através da água que o sabonete começava a turvar e, quando um joelho veio à tona, aquela ilha luzidia, redonda e rosada, surpreendeu-a por sua indisfarçável corporeidade. “Afinal de contas, não é responsabilidade minha”, disse ela, libertando um braço reluzente da água e afastando os cabelos da testa. Ligou outra vez a torneira de água quente, deleitando-se com as ondas elásticas de calor que passavam por cima de seu ventre, até que por fim, causando uma pequena tempestade na banheira, pulou para fora e começou a se enxugar sem pressa. “Beldade turca”, disse a si

própria, vestida apenas nas calças do pijama de seda diante do espelho que suava de leve. “Nada mal no conjunto”, observou após alguns instantes.

Continuando a se examinar no espelho, começou a vestir devagar o paletó do pijama. “Um pouco cheia nos quadris”, comentou. A água da banheira, que vinha escoando aos gorgolejos, de repente soltou um guincho e tudo ficou em silêncio: a banheira estava agora vazia e só restava um pequeno redemoinho de espuma em torno do ralo.

Subitamente ela compreendeu que estava se atrasando de propósito ao ficar de pijama na frente do espelho — e sentiu um aperto no coração, como quando se está folheando uma revista do ano passado sabendo que, dentro de um



segundo, não mais do que um segundo, a porta se abrirá e o dentista vai aparecer no umbral.

Caminhou para o quarto assoviando alto, mas o assovio cessou de golpe: com o edredom puxado até a cintura, o peitilho engomado já desabotoado e saltando para fora, Lujin estava deitado na cama com as mãos cruzadas atrás da nuca, ronronando tranquilamente. Colarinho equilibrando-se no pé da cama, calças atiradas no chão, suspensórios esparramados, casaco do fraque pendurado de banda num cabide e jogado no sofá com uma das abas dobrada. Sem fazer nenhum ruído, recolheu e guardou todas as peças. Antes de deitar-se, afastou a cortina para ver se a veneziana tinha sido baixada. Não tinha. Nas profundezas escuras do pátio interno

o vento da noite sacudia um arbusto e, na fraca luz vinda não se sabe de onde, algo brilhava, talvez uma poça no caminho calçado de pedras que margeava o gramado, enquanto em outro ponto a sombra de um gradil aparecia e desaparecia intermitentemente. Súbito, apagada a luz, só restou um negro abismo.

Pensou que dormiria tão logo batesse na cama, mas não foi o que aconteceu. O ronco arrulhante a seu lado, uma estranha melancolia e aquele quarto escuro e desconhecido a mantinham num estado de suspensão e a impediam de cair no sono. E, por algum motivo, as palavras gêmeas “partida” e “partido” ficaram girando em sua cabeça — “uma boa partida”, “trate de encontrar um bom partido”, “partida”, “partido”, “partida interrompida”, “já

tinha partido”. “Transmita ao mestre minha preocupação, preocupação...” “Ela podia ter encontrado um partido maravilhoso”, disse sua mãe com clareza ao deslizar nas trevas. “Façamos um brinde”, sussurrou uma voz carinhosa, e os olhos de seu pai apareceram por cima da beirada da taça, as borbulhas subindo mais e mais, e os sapatos novos estavam um pouco apertados, e fazia tanto calor na igreja...

# 12

A longa viagem ao exterior foi deixada para depois da primavera — única concessão que a sra. Lujin fez a seus pais, que queriam estar por perto ao menos durante os primeiros meses. A própria sra. Lujin tinha certo temor de que Berlim pudesse não ser um bom ambiente para o marido devido às memórias do xadrez, porém ficou comprovado que não era difícil diverti-lo até mesmo lá.

Uma longa viagem ao exterior,

conversas sobre o que fariam, projetos de itinerários. No escritório, ao qual Lujin se afeiçoara muito, encontraram um esplêndido atlas numa das estantes. O mundo era mostrado de início como uma sólida esfera firmemente cingida por uma rede de longitudes e latitudes, mas logo depois desenrolada e aplanada a fim de ser cortada em dois e servida aos pedaços. Ao longo desse processo, um lugar como a Groenlândia, que antes era um mero apêndice, de repente crescia a ponto de quase igualar-se ao continente mais próximo. Os dois polos eram marcados por manchas brancas desprovidas de vegetação. Os oceanos eram vastas e lisas extensões de azul anil. Se até mesmo naquele mapa havia água bastante para, digamos, lavar as mãos,

como não seria na realidade, tanta água, profundezas abissais, distâncias incalculáveis... Lujin mostrou a sua mulher todas as formas que o haviam atraído quando criança — o mar Báltico como uma mulher ajoelhada, a bota militar da Itália, a gota do Ceilão caindo do nariz da Índia. Pensou como era infeliz o equador, que passava quase a maior parte do tempo sobre os mares; é verdade que cruzava dois continentes, mas não tinha dado sorte com a Ásia, que se esquivara para cima a fim de ficar fora de seu caminho. Além disso, esmagava as terras pelas quais passava, umas pontas insignificantes aqui, umas ilhas mal formadas acolá. Lujin conhecia tanto o nome da montanha mais alta quanto o do menor país e, observando a posição

relativa das duas Américas, via algo de acrobático no relacionamento entre elas. “Mas, em geral, tudo isso podia ter sido arrumado de forma mais interessante”, disse ele, apontando para o mapa-múndi. “Não há um plano por trás disso, nenhum propósito.” Até ficava um pouco irritado por não encontrar um sentido para todos aqueles contornos intrincados e, como na infância, passava horas tentando achar um meio de ir do mar do Norte até o Mediterrâneo por um labirinto de rios ou buscando descobrir algum padrão racional no arranjo das cadeias de montanhas.

“E então, para onde vamos?”, perguntou sua mulher, estalando a língua de leve como costumam fazer os adultos para criarem boas expectativas antes de

brincar com uma criança. E começou a listar os lugares românticos. “Primeiro aqui embaixo, para a Riviera”, sugeriu. “Monte Carlo, Nice. Ou, quem sabe, os Alpes.” “E depois um pouquinho mais para cá”, disse Lujin. “As uvas são muito baratas na Crimeia.” “O que é que você está dizendo, Lujin, pelo amor de Deus, não podemos ir à Rússia.” “Por que não?”, perguntou Lujin. “Eles me convidaram para ir.” “Bobagem, para com isso, por favor”, disse ela, aborrecida não tanto por Lujin falar de algo impossível mas pela alusão indireta ao xadrez. “Olha aqui”, ela disse, e Lujin obedientemente transferiu o olhar para outro ponto no mapa. “Aqui, por exemplo, é o Egito, as pirâmides. E aqui a Espanha, onde fazem coisas horríveis com os touros...”



Sabendo que Lujin provavelmente já tinha estado mais de uma vez em muitas das grandes cidades que poderiam visitar, ela não as citou, a fim de evitar quaisquer recordações nocivas. Cuidado supérfluo. O mundo em que Lujin viajara nos velhos tempos não estava representado em nenhum atlas e, se ela houvesse falado em Roma ou Londres, o som desses nomes em seus lábios e o círculo de bom tamanho no mapa o fariam imaginar algo completamente novo, jamais visto, e de modo algum o vago clube de xadrez ou restaurante que era sempre o mesmo, quer se situasse em Roma, Londres ou até mesmo naquela inocente Nice mencionada com tamanha confiança. E quando ela trouxe inúmeros folhetos da estação de trens, o mundo de suas viagens

enxadrísticas tornou-se ainda mais distante, por assim dizer, daquele novo mundo onde o turista passeava de terno branco com um binóculo pendurado ao ombro. Havia palmeiras negras vistas em silhueta contra um róseo pôr-do-sol e as silhuetas invertidas das mesmas palmeiras refletidas no róseo Nilo. Havia um golfo de um azul quase indecente e um hotel branco como açúcar com uma bandeira multicolor que tremulava na direção oposta da fumaça de um vapor no horizonte.

Havia picos nevados e pontes suspensas, lagoas com gôndolas e um número infinito de igrejas antigas, uma ruela calçada com paralelepípedos, um burrico carregando dois imensos fardos... Tudo era atraente, tudo era divertido, tudo inspirava no autor das brochuras elogios arrebatados... Os

nomes melodiosos, os milhões de santos, as águas que curavam todas as enfermidades, as muralhas seculares das cidades, hotéis de primeira, segunda e terceira categorias — tudo isso reluzia diante dos olhos, tudo era excelente, Lujin era aguardado em toda parte, chamavam-no com vozes tonitruantes movidos por um impulso irreprimível de hospitalidade e, sem pedir licença ao dono, ofereciam o sol gratuitamente.

Foi durante esses primeiros dias de casado que Lujin visitou o escritório do sogro. Ele ditava alguma coisa, mas a máquina de escrever aferrava-se a sua própria versão, repetindo a palavra “tote” num rápido metralhar que soava mais ou menos assim: *tote tote hotentote tote tote sem capote*, até que algo se movia com

estrondo. O sogro mostrou-lhe pilhas de formulários, livros de contabilidade com linhas em forma de z nas páginas, pastas com pequenas aberturas nas lombadas, os volumes monstruosamente grossos das leis de comércio alemãs e uma máquina de calcular muito inteligente e bem domesticada. No entanto, Lujin gostou mesmo foi do *tote-tote*, as palavras se espalhando rapidamente no papel, a maravilhosa regularidade das linhas lilás — além das várias cópias tiradas ao mesmo tempo. “Pensei que se eu pudesse tomar... É preciso aprender...”, disse ele. Seu sogro aprovou com a cabeça e a máquina de escrever apareceu no escritório de Lujin. Foi-lhe proposto que um empregado da firma explicasse como usá-la, porém ele recusou, respondendo

que aprenderia por conta própria. E assim foi: bem depressa entendeu a estrutura da coisa, aprendeu a pôr a fita e enfiar o papel no rolo, fez amizade com todas as pequenas alavancas. Como foi mais difícil gravar a disposição das letras, a datilografia avançou de modo lento, sem nada daquele rápido *tote-tote*. E, por alguma razão, desde o primeiro dia o ponto de exclamação o atormentou, aparecendo de súbito nos lugares menos esperados. Começou por copiar meia coluna de um jornal alemão, passando depois a fazer suas próprias composições. A seguinte nota se materializou: “A senhora está sendo procurada sob a acusação de ser uma assassina. Hoje é 27 de novembro. Assassinato e incêndio criminoso. Bom dia, minha senhora.

Agora que você se faz necessária, querida, ponto de exclamação, por onde anda? O corpo foi achado. Querida senhora! A polícia virá hoje!!!”. Lujin releu o texto algumas vezes, repôs o papel e, catando as letras, datilografou sem muita habilidade a assinatura: “Frei Busoni”. Nessa altura começou a ficar entediado, a coisa era muito lenta, mas tinha de arranjar algum uso para a carta que escrevera. Folheando o catálogo de telefone, encontrou uma *frau* Louisa Altman, anotou o endereço à mão e enviou-lhe o texto que havia redigido.

O fonógrafo também proporcionou uma boa dose de distração. O aparelho cor de chocolate sob a palmeira costumava cantar com voz aveludada, e Lujin, passando o braço pelo ombro da

mulher, ficava ouvindo sentado no sofá e pensava que em breve cairia a noite. Ao trocar o disco, ela o trazia para perto da luz, fazendo com que um dos lados ganhasse um brilho tão sedoso como o do luar sobre o oceano. E de novo a música subia do aparelho, de novo sua mulher sentava-se a seu lado e, apoiando o queixo nas mãos entrelaçadas, ficava ouvindo e pestanejando. Lujin lembrava-se das árias e até tentava cantá-las. Havia danças folclóricas com lamentos ululantes e sapateados dinâmicos, além de um americano de voz suave, que cantava em sussurros, e uma ópera inteira em quinze discos — *Bóris Godunov* — com sinos de igreja bimbalhando em certa passagem e pausas sinistras.

Os pais de sua mulher visitavam-nos

com frequência e tinha ficado acertado que o casal Lujin jantaria na casa deles três vezes por semana. A mãe tentou várias vezes extrair da filha um ou outro detalhe do casamento e costumava perguntar: “Você está grávida? Tenho certeza de que você vai ter um filho em breve”. “Bobagem”, retrucava a filha, “acabei de ter gêmeos.” Ela mantinha sua calma habitual, sorria ainda do mesmo modo, com os olhos baixos, e se dirigia a Lujin pelo sobrenome. “Meu pobre Lujin”, dizia, franzindo carinhosamente os lábios, “pobrezinho.” E Lujin roçava o rosto em seu ombro, e de maneira vaga ela pensava que talvez existissem alegrias maiores do que as derivadas apenas da compaixão, mas isso não a incomodava. Sua única preocupação na vida era o



esforço incessante para despertar a curiosidade de Lujin pelas coisas mais diversas, a fim de manter sua cabeça acima das águas lodosas, a fim de permitir que ele respirasse melhor. Pelas manhãs perguntava-lhe o que tinha sonhado, estimulava seu apetite matinal com uma costeleta ou uma geleia inglesa, levava-o a passear, demorava-se com ele diante das vitrines, lia Guerra e paz em voz alta após o jantar, desafiava-o com curiosidades geográficas, ditava frases para que as datilografasse. Várias vezes o levou a museus e lhe mostrou seus quadros preferidos, explicando que em Flandres, onde eram comuns a chuva e o nevoeiro, os pintores utilizavam cores vivas, enquanto na Espanha, país ensolarado, havia nascido o mais lúgubre

dos mestres. Dizia que os holandeses tinham predileção por objetos de vidro, enquanto este outro gostava de lírios e de ternos rostos ligeiramente congestionados por algum resfriado que só poderiam ter apanhado no paraíso, chamando a atenção dele para dois cachorros que, muito à vontade, procuravam migalhas debaixo da estreita e frugalmente servida mesa da Santa ceia. Lujin concordava com um aceno de cabeça e semicerrava os olhos de forma conscienciosa, tendo examinado por longo tempo um enorme quadro em que o artista representara todos os tormentos dos pecadores no inferno — curiosamente, em grande detalhe. Também iam ao teatro, ao zoológico e ao cinema (no caso de Lujin, como se verificou, pela primeira vez). No brilho esbranquiçado

em que se desenrolava a película, após muitas aventuras a moça — agora uma atriz famosa — por fim voltou à casa paterna e parou no umbral da porta, enquanto na sala, sem vê-la ainda, seu pai, de cabelos grisalhos, jogava xadrez com o doutor, velho e fiel amigo da família, que não mudara nem um pouquinho com o passar dos anos. No escuro ouviu-se o riso repentino de Lujin. “A posição das peças é totalmente absurda”, disse ele, mas nesse ponto, para alívio da mulher, tudo mudou. O pai, aumentando de tamanho, caminhou em direção aos espectadores e pôs à mostra toda sua virtude cênica: os olhos se arregalaram, o corpo tremeu ligeiramente, houve um rápido pestanejar, novo estremecimento e aos poucos as rugas ficaram menos

marcadas, o rosto assumiu uma expressão mais bondosa, um lento sorriso de infinita ternura aflorou a seus lábios, embora o rosto ainda tremelicasse — e, senhores, ele próprio havia amaldiçoado a filha tempos atrás... O doutor — pobre doutor — ficou humildemente de lado, mas Lujin se recordava de que, bem no começo do filme, ela ainda mocinha, lhe havia jogado flores por cima da cerca quando ele, deitado na grama, lia um livro; levantando os olhos do livro, ele só vira a cerca, mas de repente surgiu do outro lado a cabeça de uma moçoila com os cabelos partidos no meio e logo a seguir dois olhos cada vez maiores — ah, que ar travesso, brincalhão! Vamos doutor, pule a cerca — lá vai ela, a doce ninfa, escondeu-se atrás daquelas árvores —, trate de pegá-la,

doutor, vamos! Agora, porém, tudo isso acabara.

Cabeça baixa, as mãos pendendo junto ao corpo (embora uma delas segurasse um chapéu), lá está a famosa atriz — infelizmente, uma mulher perdida! E o pai, tremelicando ainda, abre os braços devagar e ela se põe de joelhos diante dele. Lujin começou a assoar o nariz. Quando saíram do cinema seus olhos estavam vermelhos e teve de limpar a garganta, mas negou que houvesse chorado. No dia seguinte, durante o café da manhã, apoiou um cotovelo na mesa e disse com ar pensativo: “Muito, muito bom aquele filme”. Pensou um pouco mais e acrescentou: “Mas ainda têm muito a aprender.” “Que é isso, aprender o quê?”, perguntou sua mulher, surpresa. “São

atores de primeira!” Lujin olhou-a de soslaio e imediatamente afastou o rosto, num gesto que a desagradou. De repente ela compreendeu do que se tratava e começou a se perguntar o que devia fazer para Lujin esquecer aquele desgraçado jogo de xadrez usado pelo idiota do diretor para dar “cor local” à cena. Mas o próprio Lujin evidentemente esqueceu de tudo naquele mesmo momento, pois se dedicou por inteiro a um genuíno pão russo mandado pela sogra, e seus olhos voltaram a ficar límpidos.

Assim se passou um mês, outro mais. O inverno daquele ano foi de muita neve, digno de São Petersburgo. Encomendou-se um sobretudo acolchoado para Lujin. Os refugiados russos indigentes receberam algumas coisas velhas dele,

inclusive um cachecol de lã verde de procedência suíça. As bolinhas de naftalina emitiam um cheiro penetrante e também melancólico. No hall de entrada estava pendurado um paletó condenado. “Mas era tão confortável”, implorou Lujin, “tão confortável.” “Deixa isso aí”, disse sua mulher, do quarto. “Ainda não olhei direito. Deve estar cheio de traças.” Lujin tirou o paletó do smoking que estava experimentando para ver se tinha engordado muito durante o último mês (o pior é que tinha mesmo, e no dia seguinte haveria um grande baile russo, uma festa de caridade) e enfiou os braços carinhosamente nas mangas do paletó condenado. Uma beleza de paletó, sem o menor sinal de traças. Havia um furinho no bolso, mas não atravessando de um

lado a outro como às vezes acontecia. “Maravilhoso”, disse em voz alta. Sua mulher, trazendo uma meia, deu uma olhada no hall. “Tira isso, Lujin. Está rasgado e coberto de poeira, só Deus sabe quanto tempo ficou guardado.” “Não, não”, disse Lujin. Ela inspecionou o paletó por todos os lados; Lujin permaneceu de pé e, ao bater com as mãos nos quadris, sentiu que havia algo no bolso; enfiou a mão no bolso e não encontrou nada, só um buraco. “Está velhíssimo”, disse sua mulher, franzindo a testa, “mas talvez, como roupa de trabalho...” “Ah, por favor”, pediu Lujin. “Está bem, como queira, mas depois entregue para a empregada, está precisando de uma boa escovada.” “Não, está limpo”, disse Lujin com seus botões,



decidindo pendurá-lo em algum lugar do escritório, num cantinho qualquer, para poder despi-lo e pendurá-lo a seu bel-prazer como fazem os funcionários públicos. Ao tirar o paletó, achou-o outra vez mais pesado no lado esquerdo, porém se lembrou de que os bolsos estavam vazios e não investigou a causa daquela impressão. Quanto ao smoking, parecia um pouco justo... para não dizer mesmo bem apertado. “Um baile”, disse Lujin, imaginando um grande número de casais rodopiando pelo salão.

O baile foi realizado num dos melhores hotéis de Berlim. Muita gente se amontoava nas proximidades do vestiário e os atendentes que recebiam os casacos e os penduravam nos cabides pareciam crianças sonâmbulas. Lujin recebeu um

simpático disco de metal numerado. Perdeu-se de sua mulher, mas logo a reencontrou: ela estava postada à frente de um espelho. Ele encostou o disco no vale macio de suas costas lisas e empoadas. “Brrr, isso está frio”, ela exclamou, encolhendo os ombros. “De braços dados, de braços dados”, disse Lujin, “temos que entrar de braços dados.” E foi assim que entraram. A primeira coisa que Lujin viu foi a sogra, parecendo bem mais moça, rosada, usando um cintilante e magnífico ornato de cabeça, o tradicional *kokochnik* das senhoras russas. Vendia ponche, e um inglês idoso (que simplesmente descera do quarto) tratava de se embebedar o mais rápido possível, o cotovelo fincado na mesa dela. Em outra mesa, perto de um

pinheirinho enfeitado com luzes coloridas, havia uma pilha de prêmios da tómbola: um sisudo samovar com reflexos vermelhos e azuis no lado que dava para o pinheirinho. bonecas vestidas com *sarafans*, um fonógrafo e garrafas de bebida (doadas por Smirnovski). Numa terceira mesa havia sanduíches, salada italiana, caviar — e uma bonita senhora loura gritava para alguém: “Marya Vasilyevna, Marya Vasilyevna, por que levaram lá para dentro outra vez? Eu tinha pedido...”. “Uma boa noite para a senhora”, disse uma voz bem perto, e a sra. Lujin ergueu a mão dobrada como um pescoço de cisne. Mais adiante, no outro salão, havia música e os pares dançavam em meio às mesas; as costas de alguém se chocaram violentamente contra Lujin, que

grunhiu e recuou um passo. Sua mulher tinha desaparecido e, procurando-a com os olhos, ele retornou ao primeiro salão. Ali a tômbola voltou a atrair sua atenção. Desembolsando um marco a cada vez, enfiava a mão numa caixa para pescar um minúsculo cilindro de papel enrolado. Fungando e esticando o beijo para a frente, levava um tempão para desenrolar o papel e, não encontrando lá dentro nenhum número, olhava para ver se não estava na parte de fora — um procedimento inútil mas perfeitamente normal. Por fim ganhou um livro infantil, O gatinho que ronronava, ou coisa parecida, e, sem saber o que fazer com ele, deixou-o sobre a mesa onde duas taças cheias esperavam o retorno de um par de dançarinos. O aperto, a agitação e

as explosões orquestrais lhe deram nos nervos, e não havia onde se esconder, pois todo mundo provavelmente estava olhando para ele e se perguntando por que não dançava. Nos intervalos entre as danças, sua mulher buscava por ele no outro salão, mas a cada passo era detida por conhecidos. Muita gente tinha ido ao baile — lá estavam um cônsul estrangeiro, obtido com grande dificuldade, um famoso cantor russo e duas artistas de cinema. Alguém lhe mostrou a mesa delas: as atrizes exibiam sorrisos artificiais, e seus acompanhantes — três homens bem nutridos do tipo produtor-homem de negócios — não paravam de estalar a língua e os dedos para desancar o pálido e suarento garçom, criticando-o por sua lentidão e ineficiência. Um deles lhe

pareceu particularmente antipático: tinha dentes muito alvos e olhos castanhos luzidios; havendo dispensado o garçom, começou a contar algo em voz alta, pontilhando seu russo com expressões vulgares em alemão. De repente se sentiu deprimida pelo fato de que todos olhavam para aquela gente de cinema, para o cantor e para o cônsul sem saber que um gênio do xadrez estava presente no baile, um homem cujo nome aparecera um milhão de vezes nos jornais e cujas partidas já tinham sido consideradas imortais. “É fácilimo dançar com você. A pista de dança aqui é ótima. Me desculpe. Está mesmo apinhado de gente. A renda vai ser excelente. Aquele homem ali é da embaixada francesa. É tão fácil dançar com você!” Em geral, a conversa acabava

assim, eles gostavam de dançar com ela, mas não sabiam exatamente sobre o que falar. Uma jovem senhora muito bonita mas bem chatinha. E aquele casamento estranho com um músico fracassado ou coisa parecida. “O que é que você disse — um ex-socialista? Um o quê? Jogador? De cartas? Você costuma visitá-los, Oleg Sergejevitch?”

Nesse meio-tempo, Lujin encontrara uma poltrona funda não muito longe da escadaria e olhava a multidão por trás de uma coluna, fumando seu décimo terceiro cigarro. Um senhor de pele bronzeada e bigodinho ocupou a poltrona ao lado depois de certificar-se de que não estava ocupada. As pessoas continuavam a passar e Lujin foi ficando assustado. Como não podia voltar-se para lugar

nenhum sem esbarrar em olhares inquisitivos, a maldita necessidade de fixar a vista em alguma coisa fez com que se concentrasse no bigode do vizinho, que evidentemente também estava chocado e perplexo com toda aquela confusão e barulheira desnecessárias. Sentindo que Lujin o fitava sem parar, o indivíduo encarou-o. “Faz muito tempo que não vou a um baile”, disse em tom amistoso, sorrindo exageradamente e balançando a cabeça. “O mais importante é não olhar”, retrucou Lujin numa voz cavernosa, usando as mãos como antolhos. “Venho de muito longe”, explicou o homem. “Um amigo me arrastou para cá. Para dizer a verdade, estou cansado.” “Cansaço e uma sensação de peso”, concordou Lujin.

“Qual o significado de tudo isso? Está



além de minha compreensão. Sobretudo quando se trabalha numa grande fazenda no Brasil”, disse o cavalheiro. “Grande fazenda”, repetiu Lujin, fazendo eco. “Vocês levam uma vida estranha aqui”, continuou o desconhecido. “O mundo todo aí fora e essa gente aqui dançando charleston num pedacinho mínimo de chão.” “Também estou de partida”, disse Lujin. “Já tenho os folhetos de viagem.” “Não há nada como a liberdade”, exclamou o estranho. “Nenhum compromisso e bons ventos soprando a nosso favor. E que países maravilhosos... Encontrei um botânico alemão nas florestas do rio Negro e vivi com a mulher de um engenheiro francês em Madagascar.” “Tenho que conseguir folhetos sobre esses lugares também”,

disse Lujin. “Coisas muitos atraentes, esses folhetos. Tudo bem explicadinho.”

“Lujin, então foi aqui que você se meteu!”, exclamou de repente sua mulher, que passava às pressas de braço dado com o pai. “Volto num minuto, só vou arranjar uma mesa para nós”, continuou, olhando por cima do ombro. “Seu nome é Lujin?”, perguntou o cavalheiro com ar de curiosidade. “Sim, é”, admitiu Lujin, “mas isso não tem a menor importância.”

“Conheci um Lujin”, disse o estranho, semicerrando os olhos (pois a memória é míope). “Conheci um. O senhor por acaso frequentou a escola Balachevski?” “Acho que sim”, respondeu Lujin e, tomado por uma desagradável suspeita, começou a examinar com mais atenção o rosto do vizinho de poltrona. “Nesse caso fomos

colegas de turma!”, exclamou o outro. “Meu nome é Petrichtchev. Lembra-se de mim? Ah, claro que se lembra! Que coincidência. Nunca o teria reconhecido só pelo rosto. Diga, Lujin... Seu primeiro nome e patronímico? Ah, acho que me lembro — Tony... Anton... Que mais?” “Você está enganado, muito enganado”, disse Lujin com um sobressalto. “É, minha memória não é boa”, prosseguiu Petrichtchev. “Esqueci muitos nomes. Por exemplo, lembra-se daquele garoto comportado da nossa turma? Depois ele perdeu um braço lutando sob o comando de Wrangel, pouco antes da evacuação. Encontrei com ele numa igreja, em Paris. Hum, como é mesmo que ele se chama?” “Por que tudo isso é necessário?”, perguntou Lujin. “Por que falar tanto

sobre isso?” “Não, não me lembro”, suspirou Petrichtchev, afastando a palma da mão da testa num gesto brusco. “Mas, por exemplo, tinha o Gromov: também vive agora em Paris, parece que se ajeitou muito bem. Mas onde andam os outros? Onde é que todos foram parar? Dispersos, desapareceram como num passe de mágica. É estranho pensar nisso. Muito bem, e você, Lujin, como vai, como andam as coisas para seu lado, meu amigo?” “Tudo bem”, disse Lujin desviando os olhos do extrovertido Petrichtchev ao ver seu rosto como era antigamente: pequeno, rosado, com uma insuportável expressão de zombaria. “Bons tempos aqueles”, exclamou Petrichtchev. “Lembra-se de nosso professor de geografia, Lujin? Como

entrava na sala de aula igual a um furacão, trazendo um mapa do mundo? E aquele velhinho — ah, esqueci o nome outra vez — que tremia todo e dizia: ‘Ei, menino, preste atenção, seu cabeça de vento!’.

Bons tempos! E como costumávamos disparar escada abaixo para chegar ao pátio, você se lembra? E como descobrimos na festa da escola que o Arbuzov sabia tocar piano? Lembra-se como as experiências dele sempre davam errado? E como o apelidamos de Bubuzinho?” “... é só não reagir”, Lujin se disse depressa. “E tudo isso desapareceu”, continuou Petrichtchev. “Aqui estamos num baile... Ah, aliás, acho que me lembro... quando saiu da escola você foi ser... O que mesmo? Ah, claro, jogador de xadrez!” “Não, não”, disse

Lujin, “por que cargas d’água você...”  
“Ah, me desculpe”, disse Petrichtchev em tom afável. “Então estou fazendo alguma confusão. Sim, sim, é isso... O baile a toda e nós sentados aqui, falando sobre o passado. Você sabe, viajei pelo mundo todo... Que mulheres lá em Cuba! Ou, por exemplo, uma vez na selva...”

“É tudo mentira”, disse uma voz arrastada vinda de trás deles. “Ele nunca esteve em selva nenhuma...”

“Ora, ora, e por que é que você tem de estragar tudo?”, disse Petrichtchev alongando as sílabas e voltando a cabeça. “Não ouça o que ele diz”, continuou um indivíduo magro e calvo, o dono da voz pachorrenta. “Vive na França desde a Revolução e saiu de Paris pela primeira vez anteontem.” “Lujin, deixe-me

apresentá-lo...”, começou Petrichtchev com uma risada. Mas Lujin enfiou a cabeça entre os ombros e saiu às pressas, fazendo estranhos ziguezagues, andando tão rápido que seu corpo todo tremia.

“Foi embora”, disse Petrichtchev surpreso, acrescentando em tom pensativo: “Afinal de contas, vai ver o confundi com outra pessoa”.

Esbarrando nas pessoas e exclamando com voz lamurienta “*pardon, pardon*”, mas mesmo assim se chocando contra todo mundo e tentando não ver os rostos, Lujin procurou pela mulher e, quando por fim a viu, agarrou seu cotovelo por trás, dando-lhe um susto e fazendo-a voltar-se de um golpe. Mas de início ele não conseguiu dizer nada, estava ofegante demais. “O que é que houve?”, ela

perguntou, ansiosa. “Vamos embora, vamos embora”, ele balbuciou, segurando-a ainda pelo cotovelo. “Calma, Lujin, por favor, não precisa ficar assim”, disse ela, empurrando-o de leve para o lado a fim de que os circundantes não os ouvissem. “Por que você quer ir embora?” “Tem um homem lá”, disse Lujin, a respiração entrecortada, “com uma conversa muito desagradável.” “... que você já conhecia de muito tempo atrás?”, ela perguntou baixinho. “Sim, é isso mesmo”, confirmou Lujin com um aceno de cabeça. “Vamos, estou lhe pedindo para irmos embora.”

Entrecerrando os olhos para que Petrichtchev não reparasse nele, Lujin forçou passagem até o vestíbulo, começou a remexer nos bolsos à procura do



número, encontrou-o após longuíssimos segundos de confusão e desespero, ficou arrastando os pés impacientemente para lá e para cá enquanto o atendente do vestiário, qual um sonâmbulo, ia apanhar suas coisas... Foi o primeiro a se vestir e o primeiro a chegar à calçada, seguido de perto pela mulher, que ainda abotoava o casaco de pele de toupeira ao atravessar a porta do hotel. Só no carro Lujin começou a respirar com facilidade, sua expressão de mau humor e atordoamento dando lugar a um meio sorriso contrito. “Meu Lujin querido encontrou-se com uma pessoa ruim”, disse a mulher, acariciando-lhe a mão. “Um colega de escola, mau caráter”, explicou Lujin. “Mas agora meu querido Lujin está bem”, sussurrou a mulher, beijando a mão macia. “Tudo já passou”,

disse Lujin.

Mas não foi bem assim. Alguma coisa permaneceu — um enigma, um estilhaço. Durante as noites ele se perguntava por que aquele encontro lhe causara tamanha ansiedade. Claro que havia uma série de elementos desagradáveis — o fato de que Petrichtchev o atormentara na escola e agora tinha feito uma alusão indireta a um livro destroçado que contava a história do pequeno Tony, além de que todo um mundo cheio de tentações exóticas comprovara ser pura invencionice de um fanfarrão, tornando impossível confiar futuramente nos folhetos de viagem. No entanto, não era o encontro em si que o havia assustado, e sim algo mais — o significado secreto do encontro que lhe cabia decifrar. Começou a pensar nisso

com grande intensidade durante as noites, tal como Sherlock gostava de fazer enquanto ia se acumulando a cinza dos charutos. Aos poucos começou a lhe parecer que a combinação era ainda mais complexa do que pensara de início, que o encontro com Petrichtchev era apenas a continuação de alguma coisa, e que era necessário olhar mais fundo, voltar atrás e refazer todas as jogadas de sua vida desde que ficara doente até o baile.

# 13

Onde no verão ficavam as quadras de tênis, gente das redondezas deslizava cautelosamente num rinkê cinza-azul polvilhado de neve, e, quando o casal Lujin passou por lá em sua caminhada matutina, o mais ousado patinador, um rapaz de suéter, iniciou uma elegante manobra e caiu de traseiro no gelo. Mais adiante, num pequeno jardim público, um garotinho de três anos, todo de vermelho, caminhou vacilante sobre as pernas

envoltas em lã até uma pedra em que antigamente se amarravam os cavalos e, com a mão protegida por uma luva sem dedos, colheu um pouco da neve que formava um apetitoso montinho e a levou a boca, sendo imediatamente agarrado por trás para tomar umas boas palmadas. “Ah, coitadinho”, disse a sra. Lujin, olhando por cima do ombro. Passou um ônibus deixando duas grossas listras negras no asfalto esbranquiçado. De uma loja de aparelhos de som vinha uma música débil, e alguém fechou a porta para que a melodia não pegasse um resfriado. Com um casaquinho feito de retalhos azuis e orelhas que balançavam junto ao chão, um bassê parou para cheirar a neve e a sra. Lujin mal teve tempo de lhe fazer um afago. Algo leve, fino e branco fustigava

seus rostos e, quando olhavam para o céu vazio, pontinhos brilhantes revolteavam no ar. A sra. Lujin escorregou e lançou um olhar de reprimenda para suas botas de neve cinzentas. Encontraram o casal Alfyorov diante da mercearia russa. “Mas que onda de frio, hem?”, exclamou Alfyorov sacudindo a barba amarela. “Não beije a luva, ela está suja”, disse a sra. Lujin e, olhando sorridente para o rosto simpático e sempre animado da sra. Alfyorov, perguntou por que ela nunca ia visitá-los. “E o senhor está ganhando uns quilinhos”, rosnou Alfyorov olhando com ar brincalhão para a barriga de Lujin, incrementada pelo sobretudo acolchoado. Lujin deu uma olhadela suplicante para sua mulher. “Lembre-se, vocês são sempre bem-vindos”, disse ela,

confirmando suas palavras com um aceno de cabeça. “Espere, Machenka, você sabe o telefone deles?”, perguntou Alfyorov.

“Sabe? Muito bem. Então, até já — como dizem na Rússia soviética. Meus sinceros respeitos à senhora sua mãe.”

“O Alfyorov tem alguma coisa de ruim e é um pouco patético”, disse a sra. Lujin tomando o braço do marido e acertando o passo com o dele. “Mas a Machenka... que simpatia, que olhos... Não ande tão depressa, meu querido, a calçada está escorregadia.”

A neve fina parou de cair, um pedaço de céu brilhou palidamente e o disco exangue do sol saiu deslizando de trás das nuvens. “Sabe de uma coisa? Vamos hoje para a direita”, sugeriu a sra. Lujin. “Acho que nunca fomos nessa direção.”

“Olha, laranjas”, disse Lujin com prazer, lembrando-se como seu pai costumava afirmar que quando se pronuncia “*leemon*” (limão) em russo a pessoa involuntariamente faz uma cara triste, mas quando diz “apelsin” (laranja) o rosto se abre num largo sorriso. A vendedora alargou habilmente a boca do saco de papel e foi enfiando as bolas frias e rugosas. Lujin começou a descascar uma laranja enquanto caminhava, franzindo a testa na expectativa de que o sumo esguichasse em seus olhos. Guardou as cascas no bolso porque ficariam visíveis demais se jogadas na neve e, talvez, porque serviriam para fazer geleia. “Está boa?”, perguntou sua mulher. Lujin estalou os beiços ao comer o último gomo e, com um sorriso de contentamento, estava



prestes a tomar outra vez o braço dela quando parou de repente e olhou ao redor. Tendo refletido por alguns instantes, retornou à esquina e conferiu o nome da rua. Rapidamente voltou para junto da mulher e apontou com a bengala para a casa mais próxima, uma casa comum de pedra cinzenta separada da rua por um pequeno jardim com uma grade de ferro. “Meu pai morou aqui”, disse Lujin. “35A.” “35A”, repetiu a mulher, sem saber o que dizer e olhando para as janelas. Lujin deu alguns passos, afastando a neve da grade com a bengala. Mais adiante parou de chofre diante de uma papelaria onde um manequim com dois rostos — um triste e outro alegre — abria o paletó alternadamente para a esquerda e para a direita: a caneta-tinteiro

enfiada no bolso esquerdo do colete tinha manchado de tinta o tecido branco, enquanto no bolso direito estava a caneta que nunca vazava. Lujin caiu de amores pelo homem bifacial e até pensou em comprá-lo. “Escuta, Lujin”, disse sua mulher quando ele se fartou de contemplar a vitrine. “Há muito tempo venho querendo perguntar isto... não sobrou nada depois da morte de seu pai? Onde estão as coisas dele?” Lujin deu de ombros. “Tinha um homem chamado Khruchtchenko”, balbuciou depois de alguns segundos. “Não entendo”, disse sua mulher com ar inquisitivo. “Ele escreveu para mim em Paris”, explicou Lujin, relutante, “sobre a morte, o funeral e tudo mais, e que havia preservado as coisas deixadas por meu falecido pai.” “Ah,

Lujin”, ela suspirou, “lá isso é maneira de falar?” Pensou por um momento e acrescentou: “A mim não importa, mas só acho que seria bom para você ter essas coisas, objetos que pertenceram a seu pai”. Lujin continuou em silêncio. Ela imaginou aquelas coisas desprezadas — talvez a pena com que o velho Lujin escrevera seus livros, um ou outro documento, fotografias — e, entristecida, criticou mentalmente o marido pela frieza. “Mas uma coisa temos que fazer sem falta”, disse em tom decidido. “Temos que ir ao cemitério visitar o túmulo dele, ver se está sendo cuidado ou não.” “Frio e longe”, disse Lujin. “Vamos em um ou dois dias”, ela fechou questão. “Esse tempo tem que melhorar. Cuidado, por favor, vem um carro aí.”

O tempo piorou, e Lujin, lembrando-se daquele terreno baldio deprimente e do vento no cemitério, implorou que ela adiasse a ida para a semana seguinte. Aliás, a onda de frio era realmente excepcional. Fecharam o ringue de patinação, que não dava mesmo sorte: no inverno anterior houve um degelo atrás do outro e o lugar mais parecia uma piscina, e agora o frio era tão intenso que desanimava até os patinadores mais jovens. Nos parques, passarinhos de peito estufado jaziam na neve de pernas para o ar. Sob a influência da frente ártica, as indefesas colunas de mercúrio não paravam de cair. E até os ursos polares acharam que a administração do zoológico estava exagerando.

O apartamento do casal Lujin

comprovou ser um daqueles lugares bem-aventurados em que, graças a um heroico sistema de aquecimento central, as pessoas não precisavam viver embrulhadas em casacos de pele e cobertores. Os pais de sua mulher, enlouquecidos com o frio, revelaram uma forte propensão a desfrutar do aquecimento central. Lujin, vestindo o velho paletó que fora salvo da destruição, estava sentado à escrivaninha reproduzindo com grande afinco um cubo branco que tinha diante de si. O sogro caminhava de um lado para o outro no escritório contando anedotas tão longas quanto absolutamente pudicas, ou se sentava no sofá com um jornal, vez por outra tomando um grande sorvo de ar e pigarreando. A sogra e sua mulher

ficavam em volta da mesa em que fora servido o chá, e do escritório podia-se ver, através da sala de visitas às escuras, o brilhante quebra-luz amarelo na sala de jantar e o perfil iluminado de sua mulher contra o fundo marrom do aparador; com os cotovelos pousados bem à frente na mesa, ela dobrava os braços nus para entrelaçar os dedos sobre o ombro, ou de repente esticava devagar o braço para tocar algum objeto reluzente sobre a toalha. Lujin pôs o cubo de lado, pegou uma folha virgem, preparou o estojo de lata com as rodelinhas de guache e apressou-se a capturar aquele panorama, mas, enquanto traçava zelosamente as linhas de perspectiva com a ajuda de uma régua, algo mudou na extremidade oposta, sua mulher desapareceu do vivido

retângulo da sala de jantar, a luz se apagou e foi acesa mais perto, na sala de visitas, eliminando de um golpe a perspectiva. Em geral, só raramente ele recorria às cores, preferindo o lápis. A umidade das aquarelas fazia o papel se encrespar de um modo desagradável e as cores líquidas tendiam a se misturar; vez por outra, era impossível livrar-se de algum azul-da-prússia excepcionalmente teimoso — tão logo se punha uma gota na pontinha do pincel, a tinta se espalhava no interior esmaltado do estojo, devorando a tonalidade que estava sendo preparada e colorindo a água do copo com um azul maligno. Havia grossos tubos de nanquim e alvaiade, mas as tampas sempre se perdiam, o material secava e, ao ser pressionado com muita força, o tubo se

rompia no fundo, de onde escapava rastejando e se contorcendo uma gorda lombriga de massa viscosa. Suas tentativas eram infrutíferas, até as coisas mais simples — um jarro com flores ou um pôr-do-sol copiado de um folheto turístico da Riviera — ficavam borradas e tinham um aspecto doentio, simplesmente horrível. Mas desenhar era gostoso. Retratou a sogra, que se sentiu ofendida; retratou sua mulher de perfil, que lhe disse que, se fosse mesmo parecida com aquilo, ele não deveria ter se casado com ela; por outro lado, o colarinho alto e engomado do sogro saiu muito bem. Lujin extraía uma satisfação imensa em apontar os lápis e medir as coisas à sua frente fechando um olho e erguendo o lápis com o polegar apertado contra ele. Passava a



borracha no papel com cautela, apertando a folha com a palma da mão, pois sabia, por experiência própria, que de outro modo ouviria um forte estalido e o papel ficaria todo franzido. Soprava os resíduos da borracha com muita delicadeza, temendo manchar o desenho caso o tocasse com a mão. Acima de tudo gostava daquilo que sua mulher o aconselhara a fazer de início, voltando sempre aos cubos brancos, pirâmides, cilindros e um pedaço de enfeite de gesso que o fazia lembrar das aulas de desenho — única matéria aceitável na escola.

Acalmavam-no as finas linhas que traçava e retraçava centenas de vezes, alcançando um máximo de precisão e pureza. E era incrivelmente prazeroso fazer o sombreado com carinho e regularidade,

sem aplicar muita pressão a cada passagem do lápis.

“Pronto”, disse ele, mantendo a folha a certa distância e olhando a reprodução do cubo através dos cílios. O sogro ajustou o pincenê e o examinou por um bom tempo, balançando a cabeça em sinal de aprovação. A sogra e sua mulher vieram da sala de visitas para ver também o desenho. “Tem até uma pequena sombra”, disse sua mulher. “Um cubo muito, muito simpático.” “Está bem-feito, o senhor é um verdadeiro cubista”, disse a sogra. Lujin, sorrindo pelo canto da boca, pegou a folha e passou os olhos pelas paredes do escritório. Perto da porta já estava pendurado um de seus trabalhos: um trem sobre uma ponte que vencia enorme precipício. Havia algo também na

sala de visitas: um crânio em cima de um catálogo telefônico. Na sala de jantar estavam algumas laranjas extremamente redondas que, por alguma razão, todos pensavam ser tomates. E o quarto de dormir estava enfeitado com um baixo-relevo a carvão e uma conversa confidencial entre um cone e uma pirâmide. Saiu do escritório, os olhos passeando pelas paredes, e sua mulher disse com um suspiro: “Vejamos onde meu querido Lujin vai pendurar esse aí”.

“Você ainda não se dignou me contar”, começou a mãe, apontando com o queixo para os vistosos folhetos turísticos empilhados sobre a escrivaninha. “Mas se nem eu sei”, disse a sra. Lujin. “É muito difícil decidir, todos os lugares são lindos. Acho que vamos começar por

Nice.” “Eu aconselho os lagos italianos”, disse o pai e, dobrando o jornal e tirando o pincenê, começou a contar como os lagos eram bonitos. “Infelizmente, acho que ele acabou se cansando dessas conversas sobre nossa viagem”, disse a sra. Lujin. “Um belo dia vamos simplesmente pegar um trem e sair por aí.” “Mas não antes de abril”, pediu a mãe em tom suplicante. “Você me prometeu, sabe...”

Lujin voltou ao escritório. “Tinha uma caixa de tachinhas em algum lugar”, disse ele, olhando para a escrivaninha e batendo nos bolsos (quando, pela terceira ou quarta vez, sentiu que havia algo no bolso esquerdo — não a caixa —, mas agora não tinha tempo para investigar). As tachinhas foram encontradas na

escrivaninha. Lujin pegou-as e saiu apressado.

“Ah, esqueci inteiramente de te dizer. Imagina só que ontem de manhã...”, e começou a contar para a filha que havia recebido o telefonema de uma mulher que chegara da Rússia de surpresa. A mulher costumava visitá-los com frequência quando jovem, em São Petersburgo. Na conversa, ficou sabendo que alguns anos antes ela tinha se casado com um homem de negócios ou funcionário de governo soviético — fora impossível entender exatamente — e, a caminho de uma estação de águas onde o marido iria recuperar as energias, havia resolvido passar uma ou duas semanas em Berlim. “Me sinto um pouco sem jeito, sabe, de receber uma cidadã soviética em nossa

casa, mas ela é tão insistente. Fico boba de que não tenha medo de me telefonar. Puxa, se eles descobrem em Moscou que ela me ligou...” “Ah, mamãe, provavelmente é uma mulher muito infeliz, conseguiu um pouquinho de liberdade e tem vontade de ver alguém.” “Bom, então vou dizer a ela que te procure”, disse a mãe com alívio, “sobretudo porque tua casa é mais quente.”

E dias depois, ao meio-dia, a senhora apareceu. Lujin ainda estava na cama, tendo dormido mal durante a noite: acordou duas vezes com gritos abafados, sufocado por um pesadelo, e agora, por alguma razão, a sra. Lujin não estava com vontade de receber ninguém. No entanto, a visitante provou ser uma senhora esbelta, animada, bem maquiada e bem penteada,

além de vestir-se, como a sra. Lujin, com uma simplicidade que não saía barato. Falando alto, interrompendo-se uma à outra, assegurando-se mutuamente de que não tinham mudado nem um tiquinho, exceto talvez por terem ficado mais bonitas, foram se instalar no escritório, mais aconchegante que a sala de visitas. A recém-chegada disse consigo mesma que a sra. Lujin dez ou doze anos antes fora uma mocinha muito graciosa e divertida, mas agora tinha ficado mais gorducha, mais pálida e mais calada, enquanto a sra. Lujin achou que a jovem modesta e sossegada que costumava visitá-los e estava apaixonada por um estudante, mais tarde fuzilado pelos vermelhos, transformara-se numa mulher muito interessante e segura de si. “Quer dizer

que essa é a sua Berlim... muito obrigada. Quase morri de frio. Lá em casa, em Leningrado, está mais quente, bem mais quente.” “Como está São Petersburgo? Mudou muito?”, perguntou a sra. Lujin. “Ah, claro que mudou”, retrucou com vivacidade a recém-chegada. “E uma vida terrivelmente difícil”, disse a sra. Lujin, balançando a cabeça com ar pensativo. “Ora, que absurdo! Nada disso. Lá se trabalha, se constrói. Até meu menino... Não sabia que tenho um filho? Pois bem, tenho sim, um garotão lindo... Bem, até ele diz que lá em Leningrado ‘todo mundo trabalha, em Berlim os bugueses não fazem nada’. E, em geral, ele acha Berlim muito pior do que lá em casa, nem quer olhar as coisas. Ele é tão observador, você sabe, tão sensível... Não, falando sério, o



menino tem razão. Eu mesmo acho que ultrapassamos a Europa. Veja nosso teatro. Ora, na Europa vocês não têm um teatro digno do nome, simplesmente não existe. Não estou nem um pouco interessada, você entende, nem um pouquinho interessada em elogiar os comunistas. Mas uma coisa a gente tem que admitir: eles olham para a frente, eles constroem. Construção intensiva.” “Eu não entendo nada de política”, disse a sra. Lujin lentamente, em tom queixoso. “Mas acho que...” “Só estou dizendo que a gente tem que manter a mente aberta”, continuou a visitante sem se deixar interromper. “Veja isto, por exemplo. Mal chegamos comprei um jornal de emigrados. Claro que meu marido disse — brincando, você entende: Amorzinho, por que é que você

vai gastar dinheiro com uma porcaria dessas?’. Usou uma palavra bem pior, mas fiquemos com essa por razões de decência. E eu respondi: ‘Não, temos que examinar tudo, ver tudo com imparcialidade’. E, imagina, abri o jornal, comecei a ler e lá só tinha calúnias, mentiras, tudo tão simplório.” “Raramente leio os jornais russos”, disse a sra. Lujin. “Mãe, por exemplo, recebe um jornal russo da Sérvia, acho eu...” “É uma conspiração”, continuou a senhora. “Só ofensas, e ninguém tem coragem de soltar um pio em nosso favor.” “Realmente, vamos falar de outra coisa qualquer”, disse a sra. Lujin, perturbada. “Não sei como me expressar, tenho muita dificuldade em falar sobre essas coisas, mas acho que você está errada. Agora, se

quiser conversar com meus pais sobre isso um dia desses...” (E, dizendo isso, a sra. Lujin imaginou, não sem certo prazer, os olhos esbugalhados e os gritos estridentes de sua mãe.) “Muito bem, você ainda é jovem”, disse a senhora com um sorriso indulgente. “Diga-me o que você anda fazendo, que faz o seu marido, quem é ele?” “Costumava jogar xadrez”, respondeu a sra. Lujin, “era um jogador famoso. Mas sofreu uma estafa e agora está em repouso; e, por favor, não fale com ele sobre xadrez.” “Sim, sim, sei que ele é um jogador de xadrez”, disse a recém-chegada. “Mas o quê que ele é? Reacionário? Um Russo Branco?” “Na verdade não sei”, sorriu a sra. Lujin. “Já ouvi falar dele”, continuou a visitante. “Quando sua *maman* me contou que você

tinha se casado com um Lujin, pensei imediatamente que se tratava dele.

Tempos atrás uma conhecida em Leningrado me contou — com um orgulho dos mais ingênuos, sabe — como tinha ensinado o sobrinho, ainda menino, a jogar xadrez e como depois ele se tornou um famoso...”

Nesse ponto ouviu-se um barulho estranho no aposento vizinho, como se alguém tivesse esbarrado em alguma coisa e soltado um grito. “Um segundo”, disse a sra. Lujin, pulando do sofá. Prestes a abrir a porta de correr que dava para a sala de visitas, mudou de ideia e foi pelo hall de entrada. Lá encontrou um Lujin totalmente insólito, de penhoar e chinelos, segurando numa das mãos um pedaço de pão branco. Mas, claro, não era isso o surpreendente,

e sim a extrema agitação que distorcia seu rosto, os olhos arregalados e brilhantes, a testa que parecia ter ficado mais abaulada, a veia inchada. Ao ver sua mulher, não lhe deu de início nenhuma atenção, continuando a olhar de boca aberta na direção do escritório. Um instante depois ficou patente que sua excitação era fruto da alegria. Bateu os dentes jocosamente na direção de sua mulher, fez uma reviravolta pouco graciosa em que quase derrubou a palmeira. Ao girar, perdeu um chinelo que, como um ser vivo, rastejou rumo à sala de jantar (onde fumegava uma xícara de chocolate), perseguido celeremente por Lujin.

“Nada, nada”, disse Lujin com ar matreiro e, como quem se compraz com o

fato de ter descoberto algo secreto, deu uma palmada nos joelhos e, fechando os olhos, começou a balançar a cabeça.

“Essa senhora veio da Rússia”, disse sua mulher, testando o terreno. “Conhece uma tia sua que — bem, uma de suas tias.”

“Excelente, excelente”, disse Lujin, quase sufocando com uma súbita risada. Estou com medo de quê?, ela se perguntou, ele está simplesmente alegre, acordou de bom humor e quem sabe quis... “Está rindo de alguma piada que só você conhece, Lujin?” “É, isso mesmo”, disse Lujin e, achando uma escapatória, “ia me apresentar a ela de penhoar.” “Quer dizer que você está alegre, isso é bom”, disse ela sorrindo. “Coma alguma coisa e depois vá se vestir. Parece que hoje está um pouco mais quente.” E, deixando o

marido na sala de jantar, rapidamente voltou ao escritório. A visitante estava sentada no divã e olhava paisagens suíças numa brochura turística. “Escuta”, disse ela, quando a sra. Lujin entrou. “Vou explorar você. Preciso comprar umas coisinhas e não tenho a menor ideia de onde ficam as melhores lojas. Ontem passei uma hora inteirinha na frente de uma vitrine, pensando se não haveria lojas ainda melhores. Além disso, meu alemão não dá nem para o gasto...”

Lujin permaneceu sentado na sala de jantar e de vez em quando ainda dava palmadas nos joelhos. Havia mesmo algo a celebrar. A combinação que vinha se esforçando para discernir desde a noite do baile de repente se revelara por inteiro graças a uma frase fortuita que chegara

voando da sala vizinha. Durante aqueles primeiros minutos só tivera tempo de sentir o intenso prazer, e orgulho, e alívio de ser um jogador de xadrez, juntamente com a sensação fisiológica de harmonia tão bem conhecida dos artistas. Fez ainda muitos outros pequenos gestos antes de se dar conta da verdadeira natureza de sua descoberta invulgar: bebeu todo o chocolate, barbeou-se, transferiu as abotoaduras para uma camisa limpa. E de súbito a alegria se evaporou e ele foi tomado por outras sensações. Assim como determinadas combinações presentes em problemas enxadrísticos podem ser repetidas de forma difusa durante uma partida, ele começou a notar a reiteração de certos padrões em seu dia a dia. E, tão pronto se esgotou o prazer inicial de



perceber a realidade daquela repetição, tão pronto começou a reexaminar cuidadosamente sua descoberta, Lujin sentiu um calafrio. Com vaga admiração e vago horror, observou como as imagens de sua infância (casa de campo, cidade, escola, tia...) tinham se repetido de forma tão assustadora, elegante e flexível, jogada após jogada, embora não compreendesse inteiramente ainda por que essa repetição combinatória lhe inspirava tamanho terror. Uma coisa ele sentia intensamente: certa humilhação por ter levado tanto tempo para atinar com a astuta sequência de jogadas; e agora, recordando algum detalhe — e tinham sido tantos, às vezes apresentados com tamanha habilidade que a repetição quase permanecia oculta —, Lujin se indignava

com si próprio por não ter refletido, não ter tomado a iniciativa, permitindo que, graças a uma confiança cega, a combinação se desenvolvesse. Decidiu então ser mais prudente, ficar atento para a evolução daquelas jogadas — e, óbvio, manter o mais absoluto segredo sobre sua descoberta, mostrando-se sempre alegre, extraordinariamente alegre. Mas a partir daquele dia não teve mais descanso — era essencial, se possível, inventar uma defesa contra aquela combinação traiçoeira, livrar-se dela. Para isso precisava deslindar seu propósito último, sua direção fatal, o que não parecia ainda factível. E a ideia de que a repetição provavelmente prosseguida era tão amedrontadora que ele se sentia tentado a parar o relógio da vida, a suspender a

partida de uma vez por todas, a congelar o tempo. Ao mesmo tempo, dava-se conta de que ele próprio continuava a existir, de que estava em curso algum tipo de estratégia, um rastejar contínuo, e que ele não tinha forças para fazer cessar aquele avanço.

Talvez sua mulher teria notado mais cedo a mudança em Lujin, a alegria artificial entrecortada por intervalos de melancolia, caso passasse mais tempo com ele naqueles dias. Mas foi justamente então que, tal como prometido, a importuna senhora chegada da Rússia se aproveitou dela, forçando-a a passar horas indo de loja em loja para experimentar sem pressa chapéus, vestidos e sapatos, após o que a visitante se alongava em conversas no apartamento

do casal. Sustentava ainda que o teatro na Europa tinha acabado e se referia a Leningrado (em vez de Petersburgo) como se fosse a coisa mais normal no mundo. Por alguma razão, a sra. Lujin se compadeceu dela e, além de acompanhá-la nos cafés e restaurantes, comprava para seu filho (um menino gordo e tristonho privado do dom da palavra na presença de estranhos) presentes recebidos com temor, a contragosto, obrigando a mãe a explicar que não havia nada em Berlim de que ele gostasse e que só pensava em voltar para rever seus colegas dos Pequenos Pioneiros. Ela também se encontrou com os pais da sra. Lujin, mas infelizmente não conversaram sobre política; trocaram reminiscências sobre velhos conhecidos, enquanto Lujin,

silenciosa e concentradamente, entupia o pequeno Ivan com bombons de chocolate, e Ivan, silenciosa e concentradamente, os comia até que ficou vermelho como um camarão e teve de ser levado às pressas para fora da sala. Durante aqueles dias o tempo melhorou e a sra. Lujin disse ao marido uma ou duas vezes que, tão logo fosse embora a infeliz senhora com seu filho infeliz e o marido inapresentável, eles iriam sem falta, no primeiro dia, visitar o cemitério, ao que Lujin assentiu com um aceno de cabeça e um riso atencioso. A máquina de escrever, a geografia e o desenho foram abandonados, pois ele agora sabia que tudo isso fazia parte da combinação, era uma complexa repetição de todas as jogadas anotadas durante sua infância. Dias ridículos: a sra.

Lujin achava que não estava dando suficiente atenção ao estado de espírito do marido, que algo estava aos poucos escapando a seu controle, e ainda assim continuava a ouvir educadamente a conversa fiada da visitante e a traduzir seus pedidos para os vendedores nas lojas. Houve mesmo um incidente muito desagradável, quando ela decidiu que uns sapatos já usados uma vez estavam apertados e, voltando à loja, roxa de indignação, vociferou em russo e exigiu que os sapatos fossem trocados, obrigando a sra. Lujin a acalmá-la e a abrandar consideravelmente suas cáusticas expressões na versão para o alemão. Na noite anterior à partida, ela foi se despedir levando o filho. Deixou Ivan no escritório enquanto a sra. Lujin a

conduziu ao quarto para mostrar seus vestidos pela centésima vez. Ivan ficou sentado no divã, coçando o joelho e tentando não olhar para Lujin, que também não sabia para onde olhar e pensava sobre o que fazer a fim de ocupar o menino balofo. “Telefone!”, exclamou Lujin finalmente e, apontando para o aparelho, começou a rir com fingida surpresa. Mas Ivan, após seguir com ar mal-humorado a direção apontada pelo dedo de Lujin, afastou o rosto fazendo beijo. “Trem e precipício!”, tentou Lujin outra vez, apontando com a outra mão para seu próprio desenho pendurado na parede. Uma gota luzidia surgiu na narina esquerda de Ivan, que fungou, olhando para a frente com ar abobalhado. “Autor de uma certa divina comédia!”, urrou

Lujin, indicando o busto de Dante. Silêncio, leve fungada. Cansado de seus exercícios de ginástica, Lujin também ficou imóvel. Perguntou-se se havia balas na sala de jantar ou se devia ligar o fonógrafo na sala de visitas, mas o garoto no divã o hipnotizava com sua mera presença e o impedia de sair do escritório. “Um brinquedo seria a solução”, disse a si próprio, mas, olhando para a escrivaninha, decidiu que a espátula não seria capaz de excitar a curiosidade do menino. Em desespero, começou a remexer nos bolsos e, como em outras ocasiões, sentiu que o bolso esquerdo, embora vazio, abrigava misteriosamente algum objeto intangível. Imaginou que tal fenômeno poderia suscitar o interesse do pequeno Ivan.



Sentou-se ao lado dele na beirada do divã e piscou o olho com uma expressão astuta. “Truque de mágica”, disse, mostrando que o bolso estava vazio. “Este buraco não tem nada a ver com o truque”, explicou. Ivan acompanhou seus gestos com um misto de indiferença e hostilidade. “Mas, mesmo assim, existe algo aqui”, continuou Lujin com voz animada, piscando o olho de novo. “Está no forro”, bufou Ivan, dando de ombros e virando o corpo. “Certo!”, exclamou Lujin, fingindo satisfação. Enfiou uma das mãos pelo buraco enquanto a outra sustentava a parte de baixo do paletó. De início apareceu um cantinho vermelho e depois todo o objeto — algo no formato de um caderninho de notas de couro. Lujin contemplou-o com as sobrancelhas erguidas, passou de uma

mão para a outra, puxou uma lingueta e abriu a coisa com cautela. Não era um caderno de notas, e sim um pequeno tabuleiro de xadrez dobrável, feito de marroquim. Imediatamente lembrou-se de que aquilo lhe fora dado num clube de Paris — aliás, todos os participantes do torneio tinham recebido o brinde como propaganda de alguma empresa e não por generosidade do clube. Compartimentos laterais em ambas as folhas do tabuleiro de bolso continham pequenas peças de plástico que pareciam unhas e exibiam as imagens das peças de xadrez. Eram fixadas ao tabuleiro enfiando-se a extremidade em forma de ponta numa minúscula fresta na parte inferior de cada casa, de tal modo que a parte arredondada da peça (onde, por exemplo, constava o

desenho do rei ou da rainha) ficava deitada sobre a superfície do tabuleiro. O resultado final era muito elegante e eficaz — impossível não admirar o pequeno tabuleiro com quadrados vermelhos e brancos, as unhas lisas de plástico, as letras douradas impressas ao longo da borda horizontal do tabuleiro e os números dourados ao longo da vertical. Boquiaberto de prazer, Lujin começou a inserir as pecinhas, de início apenas os peões na segunda fila, porém mudou de ideia e, retirando com a ponta dos dedos as peças de plástico de seus compartimentos, reproduziu as posições ocupadas no momento em que a partida com Turati tinha sido interrompida. A arrumação foi feita de modo quase instantâneo e logo o aspecto material da

coisa se dissipou: o pequeno tabuleiro aberto na palma de sua mão tornou-se incorpóreo, sem peso, o marroquim desfez-se numa névoa rosa e creme, tudo desapareceu exceto a própria posição das peças, complexa, torturante, prenhe de extraordinárias possibilidades. Lujin, um dedo espetado na têmpora, estava tão imerso em pensamentos que não reparou que Ivan, sem ter o que fazer, descera aos trambolhões do divã e estava balançando o suporte preto da lâmpada de pé, que terminou por cair e se apagar. Lujin saiu do transe em plena escuridão e, no primeiro momento, não se deu conta de onde se encontrava e do que acontecia à sua volta. Uma criatura invisível mexia em alguma coisa e grunhia perto dele, e de repente a cúpula laranja se iluminou de

novo com uma luz transparente, e um menino pálido de cabelo raspado estava ajoelhado esticando o fio. Lujin assustou-se e fechou de golpe o tabuleiro. Seu terrível duplo em tamanho menor, o pequeno Lujin para quem as peças tinham sido arrumadas, engatinhava pelo tapete... Tudo isso já havia acontecido... E outra vez ele fora surpreendido, não compreendera exatamente como a repetição do tema familiar ocorreria na prática. No instante seguinte, tudo voltou a equilibrar-se: Ivan, fungando, trepou de novo no divã; fora do raio da luz alaranjada, o escritório balançava ligeiramente na semiobscuridade; o caderninho de marroquim vermelho jazia inocente no tapete — mas Lujin sabia que tudo não passava de uma artimanha, a

combinação ainda não se havia desenvolvido por inteiro, e logo, logo uma nova e fatal repetição se manifestaria. Curvando-se depressa, apanhou do chão e enfiou no bolso o símbolo material daquilo que voltara a dominar sua imaginação de forma tão voluptuosa quanto horripilante, e se perguntou qual o lugar mais seguro para escondê-lo. Naquele exato momento, porém, ouviram-se vozes, sua mulher entrou acompanhada pela visitante e ambas flutuaram na direção dele como se envoltas numa nuvem de fumaça de cigarro. “Ivan, levante-se, chegou a hora de ir embora. Sim, sim, minha querida, ainda tenho muitas malas para arrumar”, disse a senhora, aproximando-se de Lujin para despedir-se. “Muito prazer em

conhecê-lo”, disse, enquanto mais uma vez lhe passava pela cabeça que se tratava mesmo de um bobalhão, de uma figura das mais estranhas. “Realmente um imenso prazer. Agora posso contar para sua tia que estive com seu pequeno jogador de xadrez, hoje em dia grande e famoso...” “Não deixe de nos visitar no caminho de volta”, interrompeu a sra. Lujin em voz alta, olhando pela primeira vez com ódio para os lábios sorridentes e excessivamente pintados da mulher, para seus olhos implacavelmente imbecis. “Mas é claro, nem precisa dizer. Ivan, levante-se e diga adeus!” Ivan obedeceu com certa relutância e todos seguiram para o hall de entrada. “É sempre uma confusão para as pessoas saírem aqui em Berlim”, disse ela em tom irônico ao ver

a sra. Lujin pegar as chaves em cima do aparador. “Não, nós temos elevador”, respondeu a sra. Lujin sem atinar com o sentido da observação da visitante e desejando com fervor que ela partisse. Fez sinal com as sobrancelhas para que Lujin entregasse à senhora seu casaco de pele de foca. Em vez disso, ele pegou o sobretudo do menino... mas por sorte a empregada apareceu naquele instante. “Adeus, adeus”, disse a sra. Lujin da soleira da porta, enquanto os visitantes, acompanhados pela empregada, se acomodavam no elevador. Por cima do ombro de sua mulher, Lujin viu o menino trepar no banquinho, mas logo depois as portas se fecharam e a gaiola de ferro do elevador iniciou a descida. A sra. Lujin correu para o escritório e se jogou de



bruços no divã. Ele sentou-se a seu lado e, preparando-se para o momento em que ela o encarasse, começou com dificuldade, lá no fundo da alma, a produzir, a colar os pedaços, a costurar os retalhos de um sorriso. Sua mulher se voltou para ele. O sorriso se fez presente com pleno sucesso. “Ufa”, suspirou a sra. Lujin, “até que enfim nos livramos deles.” E, abraçando o marido, começou a beijá-lo — no olho direito, no queixo, na orelha esquerda, obedecendo a uma rígida sequência por ele aprovada anteriormente. “Vamos, sorria, sorria”, ela repetiu. “Essa mulher agora se foi de vez, desapareceu.” “Desapareceu”, disse Lujin com docilidade, beijando com um suspiro a mão que acariciava seu pescoço. “Que carinhoso”, murmurou sua mulher, “ah,

que carinho gostoso...”

Como era hora de dormir, ela foi tirar a roupa, e Lujin andou pelos três aposentos à procura de um lugar onde pudesse esconder o jogo de xadrez de bolso. Eram todos perigosos. Os lugares mais inesperados eram invadidos de manhã pelo focinho daquele insaciável aspirador de pó. É difícil, muito difícil esconder alguma coisa, porque as outras coisas ficam enciumadas e hostis, querendo preservar seus domínios e não oferecendo nem um cantinho a um objeto orfanado que tenta escapar dos perseguidores. Por isso, não tendo conseguido ocultar o caderninho de marroquim naquela noite, decidiu mais tarde que, em vez de escondê-lo, simplesmente se livraria dele. No entanto,

isso também comprovou ser bem difícil, de modo que continuou no forro do paletó e só depois de muitos meses, quando todo o perigo já tinha passado havia muito tempo, o jogo de xadrez de bolso voltou a ser encontrado, embora sua origem fosse então de todo obscura.

# 14

No íntimo a sra. Lujin admitia que a visita de três semanas da mulher vinda da Rússia não passara em brancas nuvens. Suas opiniões eram falsas e idiotas, mas como provar isso? Ficou horrorizada ao reconhecer que nos últimos anos se havia interessado tão pouco pela ciência do exílio, aceitando passivamente as ideias maquiadas e embelezadas de seus pais, não prestando atenção nos discursos que ouvia nas reuniões políticas de emigrados

às quais anteriormente era quase obrigatório estar presente. Ocorreu-lhe que também Lujin poderia gostar de assuntos políticos, quem sabe adoraria se aprofundar em tais questões como milhões de outras pessoas inteligentes. E era essencial encontrar uma nova ocupação para ele. Lujin se tornara estranho, a rabugice familiar reaparecera, com frequência seu olhar tinha algo de escorregadio, como se escondesse alguma coisa dela. Estava preocupada por Lujin ainda não ter descoberto um passatempo que o absorvesse por completo e se censurava por sua própria limitação cultural, que a impedia de encontrar o campo, a ideia, o objeto capaz de oferecer escoadouro para os talentos inutilizados de seu marido. Sabia que tinha de se

apressar, que cada minuto vago na vida de Lujin oferecia uma oportunidade de acesso aos fantasmas. Antes de partirem rumo a terras pitorescas, era essencial achar um divertimento interessante para Lujin, e só depois recorrer ao bálsamo das viagens, remédio de última instância usado pelos milionários românticos para combater a melancolia.

Começou pelos órgãos de imprensa. Fez assinatura dos jornais *Znamya* (*A Bandeira*), *Rossianin* (*O Russo*), *Zambejny Golos* (*A Voz do Exílio*), *Obyedinyenie* (*União*) e *Klitcb* (*O Clarim*), comprou os últimos números das revistas de emigrados e — para fins de comparação — vários jornais e revistas soviéticos. Ficou decidido que todos os dias após o jantar eles leriam um para o

outro. Reparando que alguns jornais publicavam seções de xadrez, ela de início pensou em cortá-las e destruí-las, mas temeu ofender Lujin. Vez por outra, como exemplos de partidas interessantes, os velhos feitos de Lujin eram reproduzidos. Isso era desagradável e perigoso, mas ela não podia esconder os exemplares com seções de xadrez porque Lujin colecionava todos os jornais a fim de encaderná-los em grandes volumes. Sempre que ele abria um jornal contendo um diagrama de xadrez meio borrado, ela observava a expressão em seu rosto, porém, sabendo disso, Lujin simplesmente virava a página. E ela não sabia com que pecaminosa impaciência ele esperava pelas segundas e quintas-feiras, quando saíam as seções de xadrez, como também

não sabia com que curiosidade examinava, na ausência dela, as partidas publicadas. Quanto aos problemas, olhava de soslaio o diagrama e, retendo a disposição das peças, memorizava-os instantaneamente e os resolvia de cabeça enquanto sua mulher lia para ele o editorial. “Tudo o que vem sendo feito consiste numa transformação e ampliação fundamentais com o propósito de assegurar...”, continuava sua mulher numa voz monótona. (Posição interessante, pensou Lujin, a rainha preta está inteiramente livre.) “... estabelece uma clara distinção entre seus interesses vitais, conquanto não seria supérfluo observar que o calcanhar de aquiles dessa mão punitiva...” (As pretas têm uma defesa óbvia contra a ameaça em H7, pensou



Lujin, rindo mecanicamente quando sua mulher interrompeu a leitura por um momento e de repente disse baixinho: “Não entendo o que ele quer dizer”.) “Se, a esse respeito, não houver respeito por nada...” (Ah, esplêndido!, exclamou Lujin mentalmente ao descobrir a solução do problema — um sacrifício de uma elegância fascinante.) o desastre não estará longe”, sua mulher concluiu a leitura com um suspiro. O fato é que, quanto mais atentamente lia os jornais, maior era seu enfado, pois um nevoeiro de palavras, metáforas, suposições e argumentos era usado para obscurecer a mais nítida verdade, que ela sempre intuía sem jamais conseguir expressar. No entanto, quando se voltava para os jornais do outro mundo, para os jornais

soviéticos, seu tédio chegava às raias do infinito. Eles transmitiam apenas a frigidez sepulcral dos departamentos de contabilidade e a aridez dos escritórios bolorentos, fazendo-a lembrar-se, sabe-se lá por quê, das feições inexpressivas do pequeno burocrata numa repartição que frequentara durante os dias em que ela e Lujin eram mandados de um lugar para outro em busca de algum documento irrelevante. O funcionário, fisicamente acabado, tinha um ar irascível e comia um pão para diabéticos. Talvez ganhasse um salário miserável, era casado e o filho tinha o corpo coberto de erupções cutâneas. O documento que lhes faltava possuía para ele uma importância cósmica, o universo todo dependia daquele pedaço de papel e se

transformaria inapelavelmente em pó caso não estivesse disponível com a maior urgência. E isso não era tudo: ficou claro que o casal só poderia obtê-lo após uma monstruosa espera, milênios de desespero e vazio, e que qualquer alívio àquela agonia, àquele Weltschmerz, exigiria a formulação de incontáveis requerimentos. Reprendido com rispidez pelo homenzinho por fumar na sala de trabalho, o pobre Lujin teve um sobressalto e enfiou a guimba no bolso. Pela janela viam-se os andaimes de um prédio em construção sob uma chuva oblíqua. No canto da sala estava pendurado um pequeno paletó preto que o funcionário trocava durante as horas de trabalho por um de percalina; sua escrivaninha tinha uma aura de tinta roxa e daquela mesma desesperança

transcendental. Saíram de mãos abanando e ela teve a sensação de que lutara contra uma eternidade cega e cinzenta que de fato a havia vencido após rechaçar com desdém seu tímido e simplório suborno de três charutos. Em outra repartição receberam o documento de imediato. Mais tarde a sra. Lujin pensou com horror que o pequeno burocrata que os havia enxotado provavelmente imaginava que eles ficariam vagando num limbo onde circulavam outros fantasmas inconsoláveis e aguardava que voltassem submissos, em prantos. Não sabia bem por que precisamente essa imagem lhe ocorria sempre que pegava para ler um jornal de Moscou. Talvez o mesmo sentimento de enfado e comiseração, mas isso não lhe bastava, não satisfazia sua

mente — e súbito se deu conta de que estava procurando também uma fórmula, a corporificação oficial de um sentimento, o que não vinha ao caso de modo algum. Seu intelecto era incapaz de apreender o complicado combate que se escondia sob a névoa das opiniões manifestadas pelos diferentes jornais de emigrados. Foi essa diversidade de posturas que a chocou em especial, acostumada que estava a supor, de forma apática, que todos que não pensavam como seus pais tinham de pensar como aquele divertido sujeito coxo que falara sobre sociologia para um grupo de moçoilas prontas a se desmanchar em risadinhas. Verificou que havia nuances muito sutis de opinião e uma hostilidade viperina; e, se tudo isso era complexo demais para sua mente, existia algo que o

coração começou a entender com toda a clareza: tanto lá quanto na Rússia havia quem torturasse ou desejasse torturar outras pessoas, mas na Rússia a tortura e o desejo de torturar eram cem vezes maiores do que onde ela vivia — e, portanto, lá era melhor.

Quando chegava a vez de Lujin ler em voz alta, ela escolhia um artigo humorístico ou um breve relato sentimental. Ele lia com um gaguejar engraçado, pronunciando certas palavras de forma estranha e às vezes passando sem parar pelo ponto final ou não chegando a ele, além de subir ou descer o tom da voz sem nenhuma razão lógica. Não foi difícil para ela entender que os jornais em nada o interessavam. Sempre que iniciava uma conversa sobre um

artigo que tinham acabado de ler, ele concordava às pressas com todas as conclusões dela e, se para testá-lo, ela dizia deliberadamente que todos os jornais de emigrados estavam mentindo, Lujin também concordava sem pestanejar.

Os jornais eram uma coisa, as pessoas outra: seria interessante ouvir essas pessoas. Ela imaginou que poderia reunir no apartamento deles gente de tendências diversas — “um punhado de intelectuais”, como dizia sua mãe — e que Lujin, ouvindo debates e conversas animados sobre novos temas, iria desabrochar intelectualmente, ou ao menos encontrar uma distração passageira. De todos os conhecidos da casa, o tido como mais culto e até mesmo “esquerdista”, segundo afirmava sua mãe com ar afetado, era

Oleg Sergeyevitch Smirnovski. Mas quando a sra. Lujin lhe pediu que trouxesse à casa dela algumas pessoas interessantes, de espírito aberto, que lessem não apenas o jornal *Znamya* mas também o *Obyedinyenie* e o *Zarubejny Golos*, Smirnovski respondeu que, como ela sem dúvida compreenderia, ele não se movia naqueles círculos e, tendo criticado tais movimentações, apressou-se a explicar que orbitava em outros círculos nos quais a movimentação era essencial — com o que a cabeça da sra. Lujin começou a girar como ocorria quando ela andava no disco giratório do parque de diversões. Após esse fracasso, ela começou a extrair de vários pequenos compartimentos de sua memória o nome de pessoas que conhecera casualmente e



que agora poderiam lhe ser úteis. Recordou-se de uma moça russa que costumava sentar a seu lado na escola de artes aplicadas de Berlim, filha de um prócer do grupo democrático; de Alfyorov, que andava por toda a parte e gostava de contar como um velho poeta morrera em seus braços; de um parente pouco apreciado que trabalhava na redação de um diário russo de tendências liberais cujo nome era pronunciado todas as tardes com gorjeios guturais pela gorda jornaleira da esquina. Escolheu mais uma ou duas pessoas. Também lhe ocorreu que muitos intelectuais provavelmente lembravam-se do Lujin escritor ou tinham ouvido falar do Lujin enxadrista, estando assim prontos a visitá-los com prazer.

E o que achava Lujin de tudo isso? A

única coisa que de fato o interessava era a complexa e astuciosa partida em que de algum modo se envolvera. Desamparado e tristonho, procurava os sinais da repetição de jogadas sem saber ainda aonde o levariam. No entanto, também era impossível ficar sempre alerta, manter constantemente a atenção no ponto máximo: durante breves intervalos alguma coisa arrefecia dentro dele, deixava-se absorver por alguma partida publicada no jornal—e logo, logo notava com desespero que voltara a baixar a guarda e que uma jogada sutil acabara de ser feita em sua vida, dando sequência sem piedade à combinação fatal. Nesses momentos decidia redobrar a vigilância e acompanhar o que acontecia a cada segundo, pois podia haver armadilhas em

qualquer lugar. Mais do que tudo o oprimia a impossibilidade de inventar uma defesa racional, já que permanecia oculto o objetivo de seu oponente.

Corpulento e balofo demais para sua idade, ele caminhava de um lado para o outro em meio às pessoas convidadas por sua mulher e tentava achar um cantinho tranquilo, sempre atento para ver ou ouvir algum indício da próxima jogada na partida que, embora não a houvesse iniciado, vinha sendo conduzida contra ele com aterradora força. Os indícios de fato surgiam, algo se movia, mas não se tornava nem um pouco mais claro o sentido geral da combinação. E era difícil encontrar o cantinho tranquilo — as pessoas lhe dirigiam perguntas que ele tinha de repetir várias vezes a si próprio

antes de compreender seu significado banal e descobrir uma resposta igualmente banal. Os três aposentos (nessa noite desencaixados, como os segmentos de um telescópio em uso) estavam profusamente iluminados — nenhum deles a salvo das lâmpadas —, e as pessoas se sentavam por toda parte, na sala de jantar, em cadeiras incômodas na sala de visitas, no divã do escritório. Um homem que usava calças claras de flanela tentou várias vezes se empoleirar na escrivaninha, afastando para maior conforto a caixa de tintas e uma pilha de jornais ainda fechados. Um melífluo ator já idoso, cujo rosto refletia todos os papéis que desempenhara e cuja voz era extraordinariamente maviosa (e que em suas melhores exposições decerto usara

chinelos de feltro e caprichara nos grunhidos, gemidos, caretas de decepção e expressões sentimentaloides), estava sentado no divã ao lado de uma senhora adiposa de olhos negros, esposa do jornalista Bars e atriz aposentada, os dois relembrando o tempo em que tinham atuado juntos numa cidade do Volga no melodrama Sonho de amor. “Você se lembra daquela confusão com a cartola e de como eu consegui me safar do problema?”, perguntou o ator com voz maviosa. “Ovações intermináveis”, disse a senhora de olhos negros, “recebi ovações que nunca esquecerei...” Interrompendo-se a cada instante, cada qual cuidou de suas próprias reminiscências, enquanto o homem de calças claras pediu pela terceira vez “um

cigarrinho” ao pensativo Lujin. Poeta iniciante, recitava seus versos com fervor, numa cadência monótona, sacudindo de leve a cabeça, o olhar perdido no espaço. Normalmente mantinha a cabeça bem alta, motivo pelo qual seu grande pomo-de-adão, dotado de notável mobilidade, era muito visível. Ele não chegou a receber o cigarro solicitado porque Lujin se encaminhou distraidamente para a sala de visitas, e o poeta, contemplando com reverência sua nuca gorda, pensou que ali estava um maravilhoso enxadrista e que algum dia poderia conversar com um Lujin descansado e recuperado sobre xadrez, do qual ele próprio era grande entusiasta. Logo depois, avistando a esposa de Lujin no outro aposento, ficou na dúvida se devia ou não tentar fazer-lhe

a corte. A sra. Lujin ouvia sorridente o que estava sendo dito pelo jornalista Bars, homem alto e de rosto marcado pela varíola, enquanto imaginava como seria difícil sentar todos os convidados em volta de uma mesa de chá e se, no futuro, não seria melhor simplesmente servi-los onde quer que estivessem sentados. Bars falava muito rápido, como se estivesse sempre obrigado a expressar no menor espaço de tempo possível uma ideia tortuosa com todos os seus corolários e escorregadios apêndices, dando forma e reajustando cada argumento; se por acaso o ouvinte estivesse prestando atenção, pouco a pouco começaria a perceber que aquele labirinto de palavras velozes ganhava uma harmonia surpreendente e que o discurso em si, malgrado o jargão

jornalístico e as ênfases por vezes incorretas, de repente se transformava, como se adquirisse seu encanto e sua nobreza da ideia exposta. A sra. Lujin, avistando o marido, entregou-lhe um prato com uma laranja lindamente descascada e seguiu para o escritório. “E, note bem”, disse um homem de aparência insignificante, que ouvira do começo ao fim as ideias do jornalista e as apreciara, “a noite no poema de Tyutchev é fria e as estrelas são redondas, úmidas e brilhantes, e não apenas pontos luminosos.” Nada mais disse porque em geral falava pouco, aparentemente não tanto por modéstia e sim pelo medo de deixar escapular alguma coisa preciosa que não pertencia a ele mas cuja guarda lhe havia sido confiada. A sra. Lujin,



aliás, gostava muito dele precisamente por não ser bonito, pela neutralidade de suas feições, como se fosse um vaso cheio de algo tão raro e sagrado que seria um sacrilégio pintar a superfície de cerâmica. Chamava-se Petrov, nada nele era digno de nota, não escrevera uma única linha e vivia como um mendigo, porém jamais falava sobre isso com ninguém. Sua função na vida resumia-se em transportar, com todo o cuidado e veneração, aquilo que lhe havia sido dado para guardar, algo que competia preservar por inteiro a todo custo e com toda a pureza, razão pela qual até andava com passinhos cautelosos, evitando esbarrar nas pessoas, e só muito em raro, apenas quando reconhecia uma solicitude fraterna na pessoa com quem conversava, é que se dispunha a revelar

por um instante — de toda aquela imensa carga que misteriosamente trazia dentro de si — algum fragmento delicado e valioso, um verso de Puchkin ou o nome dado pelos camponeses a uma flor silvestre. “Lembro-me do pai de nosso anfitrião”, disse o jornalista quando as costas de Lujin sumiram na sala de jantar. “Não se parece com ele, mas há algo de semelhante no jeito dos ombros. Era uma boa alma, um sujeito simpático, mas como escritor... O quê? O senhor acha mesmo que aquelas historinhas tacanhas para jovens...” “Por favor, por favor, vamos para a sala de jantar”, disse a sra. Lujin voltando do escritório com os três convivas que encontrara lá. “O chá está sendo servido. Vamos, por favor.” Algumas pessoas já haviam ocupado uma

extremidade da mesa, enquanto, na outra, um Lujin solitário, cabisbaixo e macambúzio, mastigava um gomo de laranja e mexia o chá no copo. Lá estavam Alfyorov e sua mulher; uma moça de pele morena e vistosa maquiagem que desenhava belíssimos papa-figos; um jovem calvo que dizia brincando ser um operário da imprensa mas que secretamente aspirava ser um líder político; e duas esposas de advogados. Também sentado à mesa estava o encantador Vasiliy Vasilievitch, tímido, digno, puro de coração, com uma barba loura e usando sapatos de lã grossa próprios de um velho. Durante o regime tsarista, fora exilado para a Sibéria e depois para o exterior, de onde havia voltado em 1917 para ter um breve

vislumbre da Revolução antes de ser exilado de novo, dessa vez pelos bolcheviques. Falava animadamente sobre suas atividades clandestinas, sobre Kautsky e Genebra, e era incapaz de olhar para a sra. Lujin sem se emocionar, porque nela enxergava uma grande semelhança com as donzelas lúcidas e idealistas que outrora haviam batalhado com ele pelo bem do povo.

Como costuma acontecer nesse tipo de encontro, quando todos os convidados tinham sido reunidos e estavam sentados em torno da mesa, fez-se um silêncio total em que dava até para ouvir claramente a respiração da empregada servindo o chá. A sra. Lujin precisou se controlar para não perguntar à empregada por que ela respirava tão alto e lhe pedir que baixasse

o volume. Em geral, a rapariga atarracada não era muito eficiente — no telefone, em especial, se revelara um desastre.

Ouvindo sua respiração, a sra. Lujin lembrou-se de como a empregada alguns dias antes a tinha informado com um risinho: “Um senhor Fa... Felt... Felty... Olha aqui, tomei nota do número”. A sra. Lujin chamou o tal número, mas uma voz grosseira respondeu que era do escritório de uma empresa cinematográfica e que lá não trabalhava nenhum sr. Felty. Uma confusão dos demônios. Ela estava prestes a criticar as empregadas alemãs a fim de romper o silêncio, quando reparou que a conversa já tivera início, que se discutia um novo romance. Bars afirmava que tinha sido escrito num estilo refinado e sutil, que cada palavra denunciava uma

noite em claro. Uma voz de mulher disse: “Ah, não, é tão fácil de ler!”, ao que Petrov se inclinou na direção da sra. Lujin e sussurrou uma citação de Jukovsky: “Escreve-se com dor o que é lido com prazer”. E o poeta, interrompendo alguém no meio de uma palavra, exclamou em tom teatral que Jukovsky era um papagaio desmiolado, ao que Vasiliy Vasilievitch, que não tinha lido o romance, balançou a cabeça num gesto de censura. Só quando já estavam no hall de entrada, em meio às múltiplas despedidas (talvez como um ensaio geral, pois voltariam a se despedir na calçada, embora devessem todos seguir na mesma direção), só então o ator de rosto bem manipulado de repente bateu com a mão na testa: “Querida, quase esqueci”, disse à sra. Lujin, apertando-lhe

a mão a cada palavra. “Outro dia um homem de cinema me pediu o número de seu telefone...”. Fez então uma cara de surpresa e soltou a mão da sra. Lujin. “O quê, então não sabia que eu agora estou fazendo filmes? Ah, sim, estou mesmo. Papéis importantes, com muitos *closes*.” Nesse ponto foi afastado com os ombros pelo poeta, e a sra. Lujin não descobriu a quem o ator se referia.

Os convidados se foram. Lujin estava sentado de lado diante da mesa sobre a qual jaziam, congelados em diferentes poses como os personagens da peça de Gogol *O inspetor-geral*, os restos da refeição, copos vazios ou pela metade. Uma de suas mãos, com os dedos bem abertos, apoiava-se pesadamente sobre a toalha. De sob as pálpebras entrecerradas

e mais uma vez inchadas, olhava a cabeça preta de um fósforo, que se contorcia de dor após apagar-se entre seus dedos. Seu rosto grande, com dobras carnudas em volta do nariz e da boca, estava ligeiramente lustroso e, dourados sob a luz do lustre, já ressurgiam nas bochechas os pelos que cortara horas antes. O terno cinza-escuro, felpudo ao toque, o apertava mais do que nunca, embora tivesse sido planejado com amplas sobras. Assim ficou Lujin, imóvel, enquanto reluziam os pratos de cristal cheios de bombons, enquanto uma colherzinha repousava sobre a toalha longe de qualquer prato ou copo, enquanto por alguma razão permanecia intocada uma bomba de creme que não tinha um aspecto muito convidativo mas que era de fato



gostosíssima. “O que há com ele?”, pensou a sra. Lujin olhando para o marido, “Deus, o que será?” E teve uma dolorosa sensação de impotência e desesperança, como se houvesse empreendido uma tarefa superior a suas forças. Tudo era inútil — de nada adiantava se esforçar, inventar novas distrações, convidar gente interessante. Tentou imaginar como levar para a Riviera esse Lujin, mais uma vez desligado e soturno, e só conseguia visualizá-lo sentado num quarto e olhando fixo para o chão. Com o desagradável sentimento de estar espionando pelo buraco da fechadura do destino, inclinou-se para contemplar o futuro — dez, vinte, trinta anos —, e era tudo igual, sem nenhuma mudança, o mesmo Lujin

macambúzio e cabisbaixo, o silêncio, o desespero. Pensamentos maus, pensamentos indignos! Sua alma de pronto se reergueu, ao redor dela estavam as imagens e preocupações familiares: hora de ir para a cama, melhor não comprar aquele bolo recheado com frutas na próxima vez, como Petrov era simpático, amanhã de manhã teriam de cuidar dos passaportes, a visita ao cemitério estava sendo adiada mais uma vez.

Aparentemente, nada podia ser mais simples do que tomar um táxi e ir ao subúrbio onde estava situado o pequeno cemitério russo no meio do nada. Mas sempre acontecia algo para impedi-los de ir, Lujin sentia dor de dentes, precisavam providenciar os passaportes ou alguma outra coisa — obstáculos irrisórios,

imperceptíveis. E tantas outras preocupações... Lujin tinha mesmo de ser levado ao dentista. “Está doendo de novo?”, ela perguntou segurando a mão de Lujin. “Está doendo, sim”, ele respondeu e, fazendo uma careta, chupou a bochecha produzindo um estalido. Lujin pretextara a dor de dentes alguns dias antes para explicar seu abatimento, seu mutismo. “Amanhã vou telefonar sem falta para o dentista”, ela disse com voz decidida. “Não precisa”, resmungou Lujin, “por favor, não é necessário.” Seus lábios tremiam. Sentiu que ia cair no choro, tudo agora ficara tão assustador. “O que não é necessário?”, ela perguntou com carinho, acompanhando a pergunta com um som de “hum” feito com os lábios fechados. Ele balançou a cabeça e, por via das dúvidas,

chupou o dente outra vez. “Não é necessário ir ao dentista? Nada disso, Lujin vai ter mesmo que ir ao dentista. Não se pode deixar isso sem tratar.” Lujin levantou-se da cadeira e, com a mão sobre a bochecha, foi para o quarto de dormir. “Vou dar a ele uma pílula”, disse ela, “é o que vou fazer.”

A pílula não funcionou. Lujin ficou acordado por muito tempo depois que a mulher adormeceu. Para dizer a verdade, as horas noturnas, as horas de insônia no quarto fechado e seguro, eram as únicas em que ele podia pensar em paz, sem medo de deixar escapar alguma nova jogada na monstruosa combinação. À noite, sobretudo se ficasse deitado sem se mover e de olhos fechados, nada podia acontecer. Com todo o cuidado e tentando

manter o máximo de serenidade, Lujin recapitulava todas as jogadas já feitas contra ele, porém, tão logo começava a imaginar que forma poderiam tomar as futuras repetições dos eventos que haviam marcado sua vida, ficava confuso e assustado diante da catástrofe inevitável e impensável que se aproximava com impiedosa precisão. Naquela noite, mais do que nunca se sentiu impotente perante o ataque lento e refinado, procurando não dormir um só minuto para prolongar tanto quanto possível a pacífica escuridão, fazendo o tempo parar à meia-noite. Sua mulher dormia sem fazer um único ruído, era como se nem estivesse no quarto. Apenas o tiquetaque do pequeno despertador na mesinha de cabeceira comprovava que o tempo continuava a

existir. Lujin ficou ouvindo aquelas pequenas batidas do coração e de novo se perdeu em pensamentos até perceber, com um sobressalto, que cessara o tiquetaquear. Para ele, era como se a noite houvesse parado para sempre, nenhum som agora garantia sua passagem, o tempo morrera, tudo estava bem, silêncio de veludo. O sono imperceptivelmente aproveitou-se desse misto de felicidade e alívio, porém depois, já dormindo, Lujin não conseguiu descansar nem um pouco, pois o sono consistia de sessenta e quatro quadrados, um gigantesco tabuleiro no meio do qual, tremendo e inteiramente nu, estava postado um Lujin do tamanho de um peão que tentava entender as obscuras posições de imensas peças macrocéfalas com coroas ou crinas.

Acordou quando sua mulher, já vestida, curvou-se sobre ele e o beijou na testa. “Bom dia, meu querido”, disse ela. “Já são dez horas. O que é que vamos fazer hoje — o dentista ou nossos vistos?” Lujin ergueu para ela os olhos brilhantes mas sem foco, voltando logo a fechá-los. “E quem esqueceu de dar corda no despertador?”, continuou ela, rindo, beliscando de leve a carne branca e fofa de seu pescoço. “Desse jeito você vai passar o resto da vida dormindo.” Ela voltou a cabeça para o lado e contemplou o perfil do marido cercado pelas dobras do travesseiro. Notando que ele voltara a dormir, sorriu e deixou o quarto. No escritório, postou-se diante da janela e olhou para o céu hibernai de um azul esverdeado, sem nuvens, pensando que

provavelmente estaria bem frio lá fora e que Lujin teria de usar o cardigã. O telefonou tocou sobre a escrivaninha, sem dúvida sua mãe querendo saber se iriam jantar na casa dela. “Alô?”, disse a sra. Lujin, aboletando-se na beirada de uma cadeira. “Alô, alô”, gritou uma voz que ela não conhecia, claramente excitada e irritada. “Sim, sim, estou ouvindo”, disse a sra. Lujin, passando para uma poltrona. “Quem está falando?”, perguntou alguém, aborrecido, em alemão com sotaque russo. “E quem está chamando?”, perguntou a sra. Lujin. “O senhor Lujin está?”, retrucou a voz em russo. “*Xto govorit*, quem fala?”, repetiu a sra. Lujin sorrindo. Silêncio. A voz parecia debater consigo própria se devia identificar-se ou não. “Quero falar com o senhor Lujin”,



começou de novo, retornando ao alemão. “Um assunto muito urgente e importante.” “Um momento”, disse a sra. Lujin. Deu alguns passos pelo escritório. Não, não valia a pena acordar Lujin. Voltou ao telefone. “Ele ainda está dormindo. Mas se quiser deixar algum recado...” “Ah, isso é muito ruim”, comentou a voz, decidindo-se por fim pelo russo. “É a segunda vez que ligo. Deixei meu número de telefone na outra vez. É uma questão extremamente importante para ele, não pode ser adiada.” “Sou a esposa dele”, disse a sra. Lujin, “se o senhor precisa de alguma coisa...” “Muito prazer em conhecê-la”, interrompeu a voz num tom apressado. “Meu nome é Valentinov. Seu marido certamente já lhe falou sobre mim. A questão é a seguinte: logo que acordar,

diga a ele que pegue um táxi e venha me ver. Empresa cinematográfica Veritas, Rabenstrasse 82. É muito urgente e importantíssimo para ele”, continuou a voz, retornando ao alemão devido à importância do assunto ou porque o endereço em alemão o trouxera de volta ao idioma correspondente. A sra. Lujin fingiu que tomava nota do endereço e então disse: “Talvez o senhor possa me dizer do que se trata”. A voz assumiu um tom desagradavelmente agitado. “Sou um velho amigo de seu marido. Cada segundo é precioso. Eu o espero hoje ao meio-dia em ponto. Diga isso a ele, por favor. Cada segundo...” “Muito bem”, disse a sra. Lujin. “Vou dizer a ele, só não sei... hoje talvez não seja conveniente para ele.” “Diga apenas no ouvido dele: ‘Valentinov

está à sua espera'”, disse a voz com uma risada antes de cantarolar um “adeus” em alemão e desaparecer com um clique da porta de seu alçapão. A sra. Lujin continuou sentada, refletindo, e se achou uma idiota. Devia ter explicado antes de tudo que Lujin não jogava mais xadrez. Valentinov... Só então se lembrou do cartão de visita encontrado na cartola. Valentinov, é claro, se dava com Lujin por causa do xadrez. Lujin não tinha conhecidos, nunca mencionara um único velho amigo. O tom de voz daquele homem era absolutamente insuportável. Devia tê-lo obrigado a explicar do que se tratava. Tinha feito mesmo papel de boba. O que fazer agora? Perguntar a Lujin? Não. Quem era Valentinov? Velho amigo. Graalski tinha dito que alguém... Aha,

muito simples. Entrou no quarto, assegurou-se de que Lujin ainda dormia — costumava dormir como uma pedra pela manhã — e voltou ao telefone. Por sorte o ator estava em casa e imediatamente se lançou num longo relato de todos os atos frívolos e perversos cometidos ao longo dos anos pela senhora com quem havia conversado durante a reunião. Ouvindo tudo aquilo com impaciência, a sra. Lujin por fim perguntou quem era Valentinov. O ator disse: “Ah, sim!”, e continuou: “Veja como sou esquecido, a vida fica impossível sem um ponto para lembrar minhas falas”. Após contar em detalhes seu relacionamento com Valentinov, mencionou de passagem que ele dizia ter sido o “pai enxadrístico” de Lujin, que

por sua causa Lujin havia se transformado num grande jogador. Depois disso o ator voltou a falar da atriz da noite anterior e, tendo contado sua mais recente baixeza, despediu-se da sra. Lujin com expressões rebuscadas, terminando por dizer: “Beijo a palma de sua delicada mão”.

“Quer dizer que é assim”, disse a sra. Lujin desligando o telefone. “Muito bem.” Nesse momento lembrou-se de que tinha mencionado uma ou duas vezes o nome de Valentinov na conversa e que seu marido poderia tê-lo ouvido por acaso se entrasse no hall vindo do quarto de dormir. Sentiu um aperto no coração e correu para verificar se ele continuava dormindo. Já tinha acordado e fumava na cama. “Não vamos a lugar nenhum hoje de manhã”, disse ela. “Já está mesmo muito tarde e

vamos jantar na casa de mamãe. Fica na cama mais um pouco, te faz bem, você está gordo.” Fechando com firmeza a porta do quarto e depois a do escritório, procurou às pressas o número da Veritas no catálogo telefônico, apurou os ouvidos para saber se Lujin estava por perto e por fim discou. Não era tão fácil chegar a Valentinov. Uma após outra, três pessoas vieram ao telefone e disseram que ele já vinha num segundo, até que a telefonista interrompeu a chamada e ela teve de começar tudo de novo. Embora falasse o mais baixo possível, precisava repetir as coisas, o que era muito desagradável. Por fim, uma vizinha gasta e amarelada informou-a de que infelizmente Valentinov havia saído, mas estaria de volta sem falta às doze e trinta. Ela pediu que lhe fosse

dito que Lujin não iria porque se encontrava doente, e que continuaria doente por muito tempo, e pedia encarecidamente que não o incomodassem mais. Repondo o fone no gancho, apurou de novo os ouvidos e, escutando apenas as batidas de seu coração, suspirou e soltou um “ufa” de alívio total. Valentinov era um assunto resolvido. Graças a Deus fizera a chamada sozinha. Agora estava tudo acabado. E em breve os dois estariam de partida. Ainda precisava telefonar para a mãe e para o dentista. Mas Valentinov já tinha sido despachado. Que nome asqueroso! Ficou pensativa e, como às vezes acontece, no curso de um único minuto conseguiu fazer uma longa e demorada viagem: começou no passado de Lujin, arrastando Valentinov consigo,

visualizando-o, com base em sua voz, com óculos de aros de chifre e pernas compridas; caminhando através do nevoeiro, procurou um lugar onde pudesse jogar fora aquele Valentinov escorregadio que se contorcia de forma repugnante, mas não conseguiu por não saber quase nada sobre a juventude de Lujin. Mergulhando ainda mais fundo, passou por uma estação de águas fantasmagórica com seu fantasmagórico hotel no qual vivera o menino-prodígio de catorze anos e se viu na infância de Lujin, onde o ar era de certo modo mais límpido — embora também ali não tivesse conseguido encaixar Valentinov. Retornou então com seu fardo cada vez mais detestável e descobriu algumas ilhas na brumosa juventude de Lujin: sua ida ao exterior



para jogar xadrez, a compra de cartões-postais em Palermo, um cartão de visita que lhe foi entregue com um nome misterioso... Teve de voltar para casa com um Valentinov esbaforido mas triunfante, enviando-o para a tal empresa Veritas como se fosse um pacote registrado que se remete a um endereço ignorado. Que ficasse por lá, desconhecido porém sem dúvida nocivo, com seu terrível cognome de “pai enxadrístico”.

A caminho da casa de seus pais, de braços dados com Lujin na ma ensolarada onde ainda brilhavam resquícios da geada, ela disse que no máximo dentro uma semana estariam de partida e que, por isso, precisavam visitar o túmulo abandonado antes de ir embora. Resumiu então as providências da semana:

passaportes, dentista, compras, uma festa de despedida e, na sexta-feira, a ida ao cemitério. Fazia frio no apartamento de sua mãe, não tanto quanto um mês antes, mas de qualquer modo frio suficiente para que a mãe ficasse se enrolando num xale admirável, com desenhos de peônias em meio a folhagens, tremelicando os ombros com um arrepio ao fazê-lo. O pai chegou durante o jantar e pediu um cálice de vodca, esfregando as mãos com um farfalhar de folhas secas. E pela primeira vez a sra. Lujin reparou como tudo era triste e vazio naqueles aposentos cheios de ecos, como a jovialidade de seu pai era tão forçada quanto o sorriso de sua mãe, como ambos estavam velhos e solitários, como não gostavam do pobre Lujin e tentavam evitar qualquer

referência à partida iminente do casal. Lembrou todas as coisas horríveis que tinham sido ditas sobre seu noivo, as advertências sinistras, e aquela frase gritada pela mãe: “Ele vai te cortar em pedacinhos, vai te queimar no forno...”. E o resultado final tinha sido algo muito pacífico e melancólico, e todos sorriam sorrisos sem vida: as camponesas falsamente joviais nos quadros a óleo, os espelhos ovais, o samovar berlinense, as quatro pessoas à mesa.

Uma calma, pensou Lujin naquele dia. Sim, uma calma, mas com preparativos ocultos. Quer me pegar distraído. Atenção, atenção, concentre-se e fique alerta.

Ultimamente, todos os seus pensamentos tinham a ver com o xadrez,

porém ele ainda mantinha o controle — proibira-se de voltar a refletir sobre a partida interrompida com Turati e não abria os desejados exemplares de jornal — e mesmo assim só conseguia pensar utilizando imagens de xadrez, seu cérebro funcionava como se estivesse diante de um tabuleiro. Às vezes, em sonhos, jurava para o doutor com olhos de ágata que não estava jogando xadrez, que só numa ocasião tinha arrumado as peças num tabuleiro de bolso e passado os olhos em duas ou três partidas reproduzidas nos jornais — e isso apenas por falta do que fazer. E até mesmo tais lapsos não tinham sido culpa dele, representando, isto sim, uma série de jogadas na combinação geral que habilmente repetia um tema enigmático. Era difícil, difícil demais,

prever a próxima repetição, mas dentro em pouco tudo ficaria claro e talvez se pudesse encontrar uma defesa...

No entanto, a jogada seguinte foi preparada muito devagar. A calma continuou por dois ou três dias. Lujin foi fotografado para o passaporte, e o fotógrafo, pegando-o pelo queixo, virou sua cabeça ligeiramente para o lado, pediu que abrisse bem a boca e aplicou a broca em seu dente com um zumbido tenso. O zumbido cessou, o dentista procurou algo numa estante de vidro, achou, carimbou o passaporte e fez anotações com movimentos velocíssimos da caneta. “Aqui está”, disse, passando-lhe um papel com o desenho de duas fileiras de dentes, dois dos quais assinalados com uma cruzinha feita à tinta.

Nada havia de suspeito em todos esses atos, e a ardilosa calma prosseguiu até quinta-feira. Nesse dia, Lujin entendeu tudo.

Já no dia anterior pensara num recurso interessante, um artifício com o qual quem sabe poderia frustrar os planos de seu misterioso adversário. O recurso consistia em cometer de propósito algum ato absurdo e inesperado, totalmente fora do padrão de sua vida cotidiana, confundindo assim a sequência de jogadas arquitetada por seu oponente. Era uma defesa experimental, uma defesa, por assim dizer, baseada no acaso, porém Lujin, aterrorizado com a inevitabilidade do próximo lance, não fora capaz de encontrar nada melhor. Desse modo, na tarde de quinta-feira, ao fazer compras

com sua mulher e sua sogra, de repente parou e exclamou: “O dentista. Esqueci do dentista”. “Ora, Lujin, que bobagem”, observou sua mulher. “Ele disse ontem que tinha terminado o trabalho.” “Está incomodando”, insistiu Lujin, erguendo um dedo. “Se a obturação incomodar... Ele explicou que se a obturação incomodasse eu devia voltar às quatro em ponto. Está incomodando. São dez para as quatro.” “Acho que você se enganou”, sorriu sua mulher, “mas, se está doendo, é claro que deve ir. E depois vá para casa. Chego por volta das seis.” “Venham jantar conosco”, convidou a mãe dela em tom de súplica. “Não, temos convidados esta noite”, disse a sra. Lujin, “gente de que você não gosta.” Lujin agitou a bengala em sinal de despedida e tomou um táxi,

tendo de se curvar muito para entrar no carro. “Uma pequena manobra”, pensou com um risinho vitorioso e, sentindo calor, desabotoou o sobretudo. Dobrada a primeira esquina, mandou o táxi parar, pagou a corrida e seguiu para casa com passos lentos. De repente, teve a impressão de que já havia feito tudo isso antes e, muito assustado, entrou na primeira loja que encontrou, decidido a tapear seu oponente com uma nova surpresa. Era um salão de cabeleireiro, e ainda por cima para mulheres. Parou para olhar ao redor e uma senhora sorridente perguntou o que desejava. “Quero comprar...”, disse Lujin, continuando a olhar em volta. Reparou então num busto de cera e o indicou com a bengala (jogada inesperada, magnífica). “Não está à



venda”, disse a mulher. “Vinte marcos”, retrucou Lujin, tirando o talão de cheques. “O senhor quer comprar aquele manequim?”, perguntou a mulher, incrédula, enquanto outra pessoa se aproximava. “Quero”, disse Lujin, examinando o rosto de cera. “Cuidado”, sussurrou para si mesmo, “posso estar caindo numa armadilha!” O olhar da mulher de cera, suas narinas rosadas — isso também já tinha acontecido antes. “Era só uma brincadeira”, disse Lujin, saindo às pressas do cabeleireiro. Sentindo um terrível incômodo, apertou o passo embora não tivesse a menor pressa. “Para casa, para casa”, murmurou, “lá vou encontrar a saída certa.” Ao se aproximar do prédio onde morava, notou uma grande e reluzente limusine preta parada na porta.

Um senhor usando um chapéu-coco perguntava algo ao porteiro, que, ao avistar Lujin, o indicou com o dedo e falou em voz alta: “Lá está ele!”. O senhor deu meia-volta.

Com a pele um pouco mais bronzeada, o que realçava o branco de seus olhos, com a elegância de sempre, vestindo um sobretudo com gola de pele preta e um enorme cachecol de seda branca, Valentinov caminhou na direção de Lujin com um sorriso encantador, iluminando-o como se fosse um holofote. Banhado pela própria luz que projetava, Valentinov viu o rosto pálido e balofo de Lujin, as pálpebras pestanejando — e, no momento seguinte, o rosto pálido perdeu toda a expressão e a mão que Valentinov apertou entre as suas era completamente flácida.

“Meu garotão”, disse um radiante Valentinov, “estou muito feliz em vê-lo. Disseram que você estava de cama, doente, meu querido. Mas deve ter sido alguma confusão...” E, enfatizando a última sílaba, franziu os lábios úmidos e vermelhos e semicerrou os olhos num trejeito carinhoso. “Mas vamos deixar as cortesias para depois”, disse, interrompendo a si próprio e pondo o chapéu-coco na cabeça com um estalido seco. “Vamos. É um assunto de excepcional importância, qualquer atraso poder ser... fatal”, concluiu, abrindo de um golpe a porta do carro. Passou os braços pelas costas de Lujin e pareceu erguê-lo do chão para depois o depositar no assento macio, desabando a seu lado. No banco dobrável à frente deles estava

sentado de banda um homenzinho de nariz afilado e tez amarelada, com a gola do sobretudo levantada. Tão logo Valentinov se acomodou e cruzou as pernas, a conversa com o homenzinho foi retomada, conversa essa que fora interrompida numa vírgula e ganhou impulso à medida que o carro acelerava. Ele continuava a repreender o sujeitinho de forma cáustica e circunstanciada, sem dar a menor atenção a Lujin, que se mantinha sentado como se fosse uma estátua apoiada com cuidado em algum suporte. Totalmente paralisado, Lujin ouvia o matraquear longínquo e abafado de Valentinov como se através de uma grossa cortina. Para o indivíduo de nariz afilado, não se tratava de um matraquear, e sim de uma torrente de palavras extremamente mordazes e

insultuosas. Todavia, como o poder estava do lado de Valentinov, o alvo dos insultos apenas suspirava, fazia cara de infeliz e esfregava uma mancha de gordura em seu ralo sobretudo preto; vez por outra, ao ouvir alguma palavra especialmente cortante, erguia os supercílios e encarava Valentinov, mas, incapaz de sustentar seu olhar escaldante, fechava de imediato os olhos bem fechados e balançava a cabeça devagar. O destampatório continuou até o fim da viagem e, quando Valentinov empurrou Lujin delicadamente para fora do carro e saiu batendo a porta, o arrasado homenzinho lá ficou e, embora houvesse lugar de sobra quando o carro partiu, continuou recurvado no banco dobrável. Enquanto isso, Lujin tinha fixado seu olhar apagado na placa de um

branco fosco onde estava inscrita em letras pretas a palavra “Veritas”, mas Valentinov imediatamente o arrastou para dentro e o plantou numa poltrona de couro ainda mais funda e envolvente que o assento do carro. Nesse momento alguém o chamou num tom agitado e, após empurrar para dentro do campo visual de Lujin uma caixa de charutos aberta, Valentinov desculpou-se e desapareceu. Sua voz continuou a reverberar na sala e, para Lujin, que pouco a pouco saía de seu estupor, ela foi se transformando, de forma gradual, insidiosamente, numa imagem fascinante. Ao som daquela voz, ouvindo a música que acompanhava a sedução diabólica dos tabuleiros, Lujin recordou, com a melancolia penetrante e lacrimosa que caracteriza as

reminiscências amorosas, os milhares de partidas que jogara no passado. Não sabia qual delas escolher para saborear, chorando, até a última gota: todas exigiam e acalentavam sua imaginação, ele voava de uma partida a outra, instantaneamente recapitulando essa ou aquela dilacerante sequência de jogadas. Havia combinações, puras e harmoniosas, em que o pensamento galgava escadarias de mármore rumo à vitória; em outras, leves tremores num canto do tabuleiro conduziam a uma explosão apaixonada quando as fanfarras anunciavam que a rainha partia para o sacrifício... Tudo era maravilhoso, todas as nuances do amor, todos os meandros e sendeiros misteriosos outrora palmilhados... E esse amor era fatal.

A chave havia sido encontrada. O objetivo do ataque era óbvio. Mediante uma repetição implacável de jogadas, ele estava sendo levado de novo à mesma paixão que destruiria o sonho da vida. Devastação, horror, loucura.

“Ah, não!”, disse Lujin em voz alta, procurando levantar-se. Mas estava fraco e gordo, a envolvente poltrona não o soltava. E, de qualquer modo, que podia tentar agora? Sua defesa se comprovara errada. O erro fora previsto por seu adversário e a jogada implacável, preparada com grande antecedência, agora tinha sido executada. Lujin gemeu e limpou a garganta, olhando ao redor sem um propósito claro. Diante dele havia uma mesa redonda com álbuns, revistas, folhas soltas, fotografias de mulheres assustadas



e homens com esgares ferozes. Numa das fotos aparecia um homem de rosto pálido e inexpressivo, usando grandes óculos de aros redondos, que se agarrava à platibanda do último andar de um arranha-céu, prestes a cair no vazio. E mais uma vez lhe veio o som daquela voz insuportavelmente familiar: para não perder tempo, Valentinov tinha começado a falar com Lujin ainda do outro lado da porta e, quando ela se abriu, continuou a frase: rodar um novo filme. Escrevi o roteiro. Imagine, meu rapaz, uma moça, bonita e apaixonada, no compartimento de um trem expresso. Numa das estações embarca um jovem. De boa família. Cai a noite. Ela adormece e, em seu sono, abre as pernas. Uma criatura magnífica. O rapaz — você conhece o tipo, muito viril

mas cem por cento virgem — começa literalmente a perder a cabeça. Numa espécie de transe, lança-se sobre ela”. (E Valentinov, levantando-se de um salto, fingiu que respirava de modo ofegante e ia se atirar sobre alguém.) “O perfume que ela exala, a roupa de baixo rendada, o corpo jovem e glorioso... Ela acorda, o afasta, começa a gritar” (Valentinov aperta a mão contra a boca, esbugalha os olhos), “correm em socorro dela o cobrador do trem e alguns passageiros. O rapaz é julgado e condenado a trabalhos forçados. A mãe idosa implora à moça que salve seu filho. O drama da moça. A questão é que desde o primeiro momento — lá, no trem expresso — ela se apaixonou por ele, está ardendo de paixão, e ele, por causa dela — você

entende, é aí que reside o conflito — está sendo condenado a trabalhos forçados.”

Valentinov tomou um grande sorvo de ar e continuou, mais calmo: “Aí ele foge. Vive muitas aventuras. Muda de nome e se torna um jogador de xadrez famoso, e é precisamente aqui, meu caro, que preciso de sua ajuda. Tive uma ideia brilhante. Quero filmar uma espécie de torneio de verdade, onde jogadores conhecidos enfrentariam meu herói. Turati já concordou, Moser também. Agora precisamos do grande mestre Lujin...”

“Suponho”, continuou Valentinov após ligeira pausa em que contemplou o rosto totalmente impassível de Lujin, “presumo que ele vai concordar. Tem uma grande dívida para comigo. Receberá certa soma por sua breve aparição. Vai se lembrar

então de que, quando seu pai o abandonou à própria sorte, fui bastante generoso com meus recursos. Naquela época pensei que não fazia mal — éramos amigos e acertaríamos as contas mais tarde. E continuo a achar isso.”

Nesse instante, a porta se abriu de chofre e um senhor de cabelo encaracolado e em mangas de camisa exclamou em alemão, em tom ansioso e suplicante: “Ah, por favor, doutor Valentinov, só um minutinho!”. “Com licença, rapaz”, disse Valentinov a caminho da porta, mas antes de alcançá-la deu uma meia-volta brusca, remexeu na carteira de notas e jogou um pedaço de papel na mesa diante de Lujin. “Compus isso outro dia”, disse. “Você pode resolvê-lo enquanto espera. Volto em dez

minutos.”

Desapareceu. Lujin ergueu as pálpebras com cautela e apanhou maquinalmente o pedaço de papel. Recorte de uma revista de xadrez, o diagrama de um problema. Mate em três. Composto pelo dr. Valentinov. O problema era frio, astucioso, mas, conhecendo Valentinov, Lujin encontrou de imediato a solução. Naquele problema sutil estava espelhada claramente toda a perfídia de seu autor. Das palavras obscuras que Valentinov acabara de pronunciar com tamanha volubilidade, uma coisa ele compreendeu: não havia filme nenhum, o filme era apenas um pretexto... uma armadilha, um ardil... ele seria seduzido a jogar xadrez e então seguia-se uma jogada óbvia. Mas essa

jogada não seria executada.

Lujin fez um esforço repentino e, arreganhando os dentes numa careta de dor, levantou-se da poltrona. Dominava-o a ânsia de mover-se. Brincando com a bengala e estalando os dedos da mão livre, foi para o corredor e caminhou a esmo até alcançar um pátio interno e dali sair à rua. Um bonde com um número familiar parou diante dele. Embarcou e tomou um assento, mas imediatamente voltou a levantar-se e, movendo os ombros de modo exagerado, agarrando-se às alças de couro, passou para outro assento junto à janela. O bonde estava vazio. Deu um marco ao cobrador e balançou energicamente a cabeça, recusando o troco. Era impossível ficar imóvel. Ergueu-se outra vez de um salto,

quase caindo quando o bonde deu uma guinada, e foi sentar-se mais perto da porta. Mas ali também não se manteve quieto — e, de repente, quando o carro se encheu com um bando de colegiais, uma dúzia de velhas senhoras e cinquenta homens obesos, Lujin continuou a andar de um lugar para outro, pisando no pé das pessoas, até que, aos empurrões, foi parar no estribo. Avistando o prédio onde morava, pulou do bonde em movimento: o asfalto deslizou velozmente sob o salto de seu sapato esquerdo e depois, dando uma volta, o atingiu nas costas, enquanto a bengala, após enroscar-se em suas pernas, voou pelo ar tal qual uma mola liberada e aterrissou a seu lado. Duas mulheres vieram correndo e o ajudaram a levantar-se. Começou a sacudir a poeira do

sobretudo com a palma da mão, repôs o chapéu na cabeça e, sem olhar para trás, caminhou para casa. O elevador estava enguiçado, porém Lujin não se queixou. Sua sede de movimento não fora ainda saciada. Começou a subir as escadas e, como morava num andar alto, a ascensão continuou por um bom tempo, como se ele estivesse de fato galgando um arranha-céu. Por fim venceu o último lance de escadas, respirou fundo, enfiou a chave desajeitadamente na fechadura e entrou no hall. Sua mulher saiu do escritório para recebê-lo. O rosto dela estava muito vermelho, seus olhos brilhavam. “Lujin”, disse ela, “onde é que você andou?” Ele tirou o sobretudo, pendurou-o, transferiu-o para outro gancho e tentou ganhar mais tempo por ali, porém a mulher se



aproximou dele, quase o tocando. Contornando-a, Lujin passou para o escritório, seguido de perto por ela. “Quero que você me diga onde esteve. Por que suas mãos estão nesse estado? Lujin!” Ele caminhou pelo escritório, pigarreou e, atravessando o hall de entrada, foi para o quarto de dormir, onde começou a lavar as mãos cuidadosamente numa grande bacia de porcelana verde e branca com uma faixa de hera em relevo. “Lujin!”, gritou a mulher, sem entender o que se passava. “Sei que você não foi ao dentista. Acabo de telefonar para lá. Vamos, diga alguma coisa!” Enxugando as mãos numa toalha e continuando a olhar fixo à frente, ele perambulou pelo quarto e terminou por voltar ao escritório. Ela o agarrou pelos ombros, mas, em vez de

parar, ele foi até a janela, abriu a cortina, viu as muitas luzes que deslizavam no abismo azul do anoitecer e, mexendo os lábios como se mastigasse, saiu andando de novo. Começou então uma estranha caminhada, Lujin indo e vindo ao longo dos três aposentos contíguos, parecendo ter um objetivo definido. Sua mulher ora o acompanhava, ora ficava sentada em qualquer lugar, olhando-o com ansiedade. Lujin às vezes ia para o corredor e dava uma olhada nos aposentos cujas janelas se abriam para o pátio interno, voltando depois ao escritório. Durante alguns minutos ela imaginou que podia se tratar de uma daquelas brincadeiras sem graça de Lujin, mas o rosto dele tinha uma expressão que nunca vira antes, uma expressão... solene, talvez... difícil definir

em palavras, porém, ao examinar aquele rosto era assaltada por uma onda de terror inexplicável. E, limpando a garganta, ofegante, ele continuava a caminhar pelos aposentos com passos regulares. “Pelo amor de Deus, Lujin, vem se sentar”, ela disse em voz baixa, sem tirar os olhos dele. “Vem, vamos conversar sobre alguma coisa, Lujin! Comprei para você um estojo de toalete. Ah, por favor, senta! Você vai morrer se ficar andando tanto assim! Amanhã vamos ao cemitério. Ainda temos muita coisa para fazer amanhã. Um estojo de toalete de couro de crocodilo. Lujin, por favor!”

Mas ele não se detinha e apenas, ao passar diante de uma janela, andava mais devagar, erguia a mão, pensava por alguns instantes e retomava a marcha. A mesa

tinha sido posta para oito pessoas. Ela se lembrou de que os convidados já estavam para chegar — tarde demais para cancelar o jantar — e ali... aquele horror. “Lujin”, gritou, “as pessoas vão chegar a qualquer momento. Não sei o que fazer... Me diz alguma coisa. Será que você teve algum acidente, será que encontrou um conhecido desagradável? Me conta. Por favor, eu te suplico, não sei como pedir...”

E de repente Lujin parou. Era como se o mundo inteiro houvesse parado.

Aconteceu na sala de visitas, perto do fonógrafo.

“Ponto final”, ela disse baixinho, caindo no choro. Lujin começou a tirar coisas dos bolsos — primeiro uma caneta-tinteiro, depois um lenço amarrotado, outro lenço muito bem

dobrado que ela lhe entregara de manhã; apareceu depois uma cigarreira com o desenho de uma troica na tampa (presente da sogra), um maço de cigarros vermelho vazio, dois cigarros ligeiramente amassados; a carteira de notas e um relógio de ouro (presente do sogro) foram tirados com especial cuidado. Ao final surgiu também um grande caroço de pêssigo. Tendo posto todos os objetos em cima do fonógrafo, verificou se não tinha esquecido nada.

“Acho que é tudo”, disse ele, abotoando o paletó. Sua mulher ergueu o rosto coberto de lágrimas e olhou com assombro para a pequena coleção de objetos que ele arrumara.

Lujin foi até ela e fez uma pequena reverência.

Ela transferiu o olhar para seu rosto, com a vaga esperança de ver aquele sorriso torto que lhe era tão familiar — e tinha razão, Lujin sorria.

“A única saída”, disse ele. “Tenho que abandonar a partida.”

“Partida? Nós vamos jogar?”, ela perguntou carinhosamente, ao mesmo tempo que pensava que tinha de se arrumar, os convidados estavam para chegar.

Lujin estendeu a mão. Ela deixou cair o lenço no colo e lhe deu às pressas seus dedos.

“Foi bom”, disse Lujin, beijando-lhe uma mão e depois a outra, como ela ensinara.

“O que é isso, Lujin? Você parece que está dizendo adeus.”

“É, é”, disse ele, fingendo-se de distraído. Deu meia-volta e foi para o corredor. Nesse momento soou a campainha da porta — o ingênuo som de um conviva pontual. Ela alcançou o marido no corredor e o pegou pela manga. Lujin voltou-se para trás e, sem saber o que dizer, olhou para as pernas dela. A empregada veio correndo dos fundos e, como o corredor era bem estreito, ocorreu uma breve e ligeira colisão: Lujin deu um pequeno passo para trás e logo depois voltou à posição original; sua mulher também se moveu para trás e para a frente, ajeitando maquinalmente o cabelo; e a criada, resmungando alguma coisa e curvando a cabeça, tentou achar uma brecha por onde passar. Quando conseguiu e desapareceu por trás do

reposteiro que separava o corredor do hall de entrada, Lujin repetiu a pequena reverência e depressa abriu a porta diante da qual se encontrava. Sua mulher agarrou a maçaneta da porta, que ele já fechava atrás de si; Lujin empurrou e ela fez mais força, rindo convulsivamente e tentando enfiar o joelho no vão ainda bastante largo. Nesse momento, porém, Lujin apoiou-se com todo seu peso e a porta se fechou. O ferrolho foi passado e a chave girou duas vezes na fechadura. Enquanto isso, o hall se encheu de vozes, alguém estava bufando, duas pessoas se cumprimentavam.

A primeira coisa que Lujin fez após trancar a porta foi acender a luz. Com seu branco reluzente, uma banheira esmaltada surgiu junto à parede do lado esquerdo.



Na parede à direita estava pendurado o desenho a lápis de um cubo e sua sombra. No fundo, debaixo da janela, havia uma pequena arca. A parte inferior da janela era opaca, feita com um vidro azul muito brilhante porém fosco. Na parte superior resplandecia um negro retângulo de noite, como se espelhado. Lujin fez força contra o puxador da parte de baixo, mas o caixilho não se moveu, parecia preso ou emperrado. Refletiu por um momento e depois pegou pelo espaldar uma robusta cadeira branca que ficava junto à banheira, olhando então para a sólida extensão fosca da janela. Decidindo-se por fim, levantou a cadeira pelas pernas e, usando a borda como um aríete, bateu contra o vidro. Algo se quebrou, ele golpeou mais uma vez e de repente um

buraco negro em forma de estrela surgiu no vidro sem brilho. Houve um momento de silêncio expectante. Então, lá embaixo, alguma coisa se desintegrou com um delicado tilintar. Tentando alargar o buraco, ele golpeou de novo e um grande fragmento de vidro partiu-se a seus pés. Vozes se elevaram atrás da porta. Alguém bateu. Alguém o chamou em voz alta pelo nome e patronômico. Fez-se silêncio, e sua mulher disse com absoluta nitidez: “Meu querido Lujin, abra, por favor”. Controlando a respiração arquejante, Lujin pôs a cadeira no chão e tentou enfiar-se pelo buraco. Grandes lascas de vidro ainda se projetavam do caixilho. Algo picou seu pescoço e ele rapidamente puxou a cabeça para dentro de novo — não, não dava para passar. Uma forte

pancada fez tremer a porta. Dois homens discutiam, e os sussurros de sua mulher tiveram de se esgueirar por entre as vozes estentóreas. Lujin decidiu não quebrar mais vidro nenhum, fazia barulho demais. Levantou os olhos. A parte superior. Mas como chegar lá? Procurando não fazer nenhum ruído nem quebrar nada, começou a tirar as coisas de cima da arca: um espelho, uma garrafa qualquer, um copo. Fez tudo devagar, com cuidado, não adiantava a algazarra por trás da porta querer apressá-lo daquele jeito. Tendo tirado também o paninho de crochê, tentou trepar na arca, que lhe chegava à cintura, mas não conseguiu na primeira tentativa. Sentindo calor, tirou o paletó e reparou que suas mãos estavam ensanguentadas, que havia manchas vermelhas no peito da

camisa. Por fim se viu em cima da arca, que rangeu sob seu peso. Rapidamente alcançou a parte superior da janela, sentindo-se agora tangido pelos golpes na porta e pela balbúrdia, sabendo que só lhe restava apressar-se. Levantando uma das mãos, empurrou com força o caixilho, que se abriu por completo. Céu negro. Da gélida escuridão chegou a voz de sua mulher, dizendo baixinho: “Lujin, Lujin”. Lembrou-se de que mais à esquerda ficava a janela do quarto: de lá viera aquele sussurro. Enquanto isso, as vozes e as pancadas atrás da porta tinham aumentado de volume, devia haver umas vinte pessoas lá fora — Valentinov, Turati, o velhinho com o buquê de flores... Resfolegavam e grunhiam, outros chegavam, todos batiam juntos com

alguma coisa contra a porta que tremia. A noite retangular, porém, ainda estava alta demais. Dobrando um joelho, Lujin puxou a cadeira para cima da arca. A cadeira mostrou-se instável, era difícil manter o equilíbrio, mas mesmo assim Lujin trepou nela. Agora, sim, podia fincar os cotovelos na borda inferior da noite negra. Arfava tanto e tão alto que os gritos vindo de trás da porta ficaram muito, muito longínquos, mas em compensação a voz vinda da janela do quarto era mais clara, soava agora com uma força penetrante. Após grandes esforços, encontrou-se numa posição estranha e mortificante: uma perna pendia para fora, a outra ele desconhecia onde estava, enquanto o corpo não se deixava espremer mais. A camisa rasgada no ombro, o rosto

banhado de suor. Agarrando com uma das mãos alguma coisa no alto, passou de lado pela janela. Agora as duas pernas pendiam para fora, bastava largar o que quer que sua mão ainda segurava — e estaria salvo. Antes de se soltar, olhou para baixo. Alguns preparativos apressados estavam em curso: os reflexos das janelas se fundiram, nivelando-se, todo o abismo dividiu-se em quadrados claros e escuros, e no instante mesmo em que abriu os dedos, no momento em que o ar gélido penetrou em sua boca, Lujin viu com exatidão que espécie de eternidade — acolhedora, inexorável — se abria diante dele.

A porta foi arrombada. “Aleksandr Ivanovitch, Aleksandr Ivanovitch”, rugiram muitas vozes.

Mas lá não havia nenhum Aleksandr Ivanovitch.

**FIM**

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA  
SPRESS EM GARAMOND E  
IMPRESSA EM OFSETE PELA  
GRAFICA BARTIRA SOBRE PAPEL  
PÓLEN SOFT DA SUZANO PAPEL E  
CELULOSE PARA A EDITORA  
SCHWARCZ EM JANEIRO DE 2008



Digitalização: Elias Jr.